

**S A N D R A
B R O W N**

L E T A L



ROCCO J. HALL



SANDRA
BROWN

LETAL

Tradução
Sergio Moraes Rego

ROCCO 

Sumário



Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Epílogo

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Capítulo 1

— M_{amãe}?

— Sim?

— Mamãe?

— Sim?

— Tem um homem no jardim.

— O quê?

A menina de 4 anos parou perto do canto da mesa da cozinha e olhou, gulosa, para a cobertura de glacê que a mãe aplicava no bolo.

— Posso pegar um pouco, mamãe?

— *Por favor*, posso pegar um pouco. Quando eu terminar, você pode lambar a tigela.

— Você fez de chocolate.

— Porque chocolate é o sabor que você prefere, e você é minha filhinha favorita — disse ela, dando uma piscadela para a criança. — E — acrescentou, demorando-se na pronúncia da palavra —, vou acrescentar confeitos logo que terminar a cobertura.

Emily sorriu, e depois seu rosto se franziu, mostrando preocupação.

— Ele está doente.

— Quem está doente?

— O homem.

— Que homem?

— No jardim.

As declarações de Emily finalmente penetraram naquela inata parte da mente materna que filtra falas não importantes. Honor colocou o bolo com cobertura na travessa, a espátula na tigela de glacê e enxugou distraidamente as mãos num pano de prato, enquanto contornava a criança.

— Há mesmo um homem lá fora?

— Ele está deitado porque está doente.

Emily seguiu a mãe da cozinha até a sala de estar. Honor olhou pela janela da frente, virando a cabeça de um lado para o outro, mas tudo o que viu foi o tapete de grama em declive suave até o embarcadouro.

Além das tábuas do embarcadouro castigadas pelas intempéries, o braço de rio deslizava indolentemente, uma libélula tocando aqui e ali a superfície, causando pequenas ondulações ocasionais. O gato sem dono, que se recusava a levar Honor a sério quando ela lhe dizia que aquela não era sua casa, tocaiava uma presa invisível no canteiro de zínias de cores vivas.

– Em, não há...

– Na moita com flores brancas – disse Emily, teimosa. – Eu vi que ele estava ali pela janela do meu quarto.

Honor foi até a porta, destrancou-a, fez deslizar o ferrolho, e saiu para a entradinha coberta, olhando na direção da roseira.

E lá estava ele, deitado de bruços, parcialmente virado para o lado esquerdo, o rosto na direção oposta em relação a ela, o braço esquerdo esticado por cima da cabeça. Não se mexia. Honor nem mesmo identificou nele qualquer movimento do peito que indicasse que respirava.

Ela se virou rapidamente e empurrou Emily de volta pela porta, para dentro de casa.

– Meu bem, vá para o quarto da mamãe. Meu telefone está na mesinha de cabeceira. Traz para mim, por favor.

Não querendo amedrontar a filha, ela manteve a voz o mais calma possível, mas desceu apressadamente os degraus da entradinha e correu pelo gramado úmido na direção da figura deitada.

Quando chegou mais perto, ela viu que a roupa do homem estava suja, rasgada em alguns lugares e manchada de sangue. Havia manchas de sangue também na pele exposta do braço esticado e da mão. Um coágulo empapava um torvelinho de cabelo preto no alto da cabeça.

Honor se ajoelhou e tocou o ombro do homem. Quando ele gemeu, ela exalou um suspiro de alívio.

– Senhor? Pode me ouvir? Está ferido. Vou chamar socorro.

Ele saltou de pé tão rapidamente que ela nem teve tempo de recuar, muito menos de se defender. Atacou-a com tremenda velocidade e precisão. A mão esquerda avançou e fechou-se em torno da nuca de Honor, enquanto a direita encostava o cano curto e rombudo de uma arma na pequena depressão onde as costelas se encontram.

Ele apontou-a para cima e para a esquerda, diretamente na linha do coração dela, que disparara de medo.

– Quem mais está aqui?

As cordas vocais de Honor estavam paralisadas de medo, e ela não conseguia falar.

O homem apertou-lhe a nuca e repetiu, com ênfase sinistra:

– *Quem mais está aqui?*

Foram necessárias diversas tentativas, antes de ela poder balbuciar.

– Minha... minha fi...

– Alguém mais além da criança?

Ela balançou a cabeça. Ou tentou. Ele mantinha um aperto mortal na nuca. Ela podia sentir a pressão de cada dedo.

Os olhos azuis dele dardejavam como raios laser.

– Se você estiver mentindo para mim...

Ele não chegou sequer a completar a ameaça para extrair um gemido dela.

– Não estou mentindo. Juro. Estamos sozinhas. Não nos machuque. Minha filha... ela tem só 4 anos. Não me machuque. Eu faço tudo o que você disser, apenas não...

– Mamãe?

O coração de Honor se apertou, e ela fez um som esganiçado, como o de um animal desesperado preso numa armadilha. Como não podia virar a cabeça, ela moveu apenas os olhos na direção de Emily. A menina estava a diversos metros de distância, na sua desengonçada postura “joelho de pato”, cachos louros emoldurando o rosto suave, os dedões dos pés se projetando por baixo das pétalas de flores de seda cor-de-rosa que enfeitavam suas sandálias. Segurava o telefone celular, a expressão apreensiva.

Honor foi engolfada por um sentimento de amor. Ficou pensando se aquela seria a última vez que veria Emily sadia e inteira, intocada. O pensamento era tão horrível que rapidamente o descartou.

Honor não percebeu que seus dentes batiam uns contra os outros até que tentou falar. Seus olhos voltaram-se para o rosto do homem que estava apenas a um gatilho de distância de explodir seu coração em mil pedaços. Emily ficaria sozinha e aterrorizada, à mercê do intruso. Ela conseguiu dizer: – Está tudo bem, querida.

Por favor. Os olhos de Honor imploraram ao homem. Depois ela sussurrou: – Eu lhe peço.

Aqueles olhos duros, frios magnetizavam os dela, enquanto ele gradualmente afastava a pistola, abaixando-a até o solo, colocando-a atrás da coxa onde Emily não podia ver. Mas a ameaça permanecia implícita.

Ele retirou a mão da nuca de Honor e virou a cabeça na direção de Emily.

– Oi.

O homem não sorriu ao se dirigir à menina. Linhas tênues formaram parênteses de cada lado de sua boca, mas Honor não achou que significavam um sorriso.

Emily olhou para ele desconfiada e enterrou a ponta da sandália na grama espessa.

– Oi.

Ele estendeu a mão.

– Me dê o telefone.

Ela não se mexeu, e quando ele estalou os dedos da mão estendida, ela balbuciou:

– Você não disse “por favor”.

Por favor parecia ser um conceito estranho àquele homem. Mas, depois de um momento, ele disse:

– Por favor.

Emily deu um passo na direção dele e depois parou e olhou para Honor, pedindo permissão. Embora seus lábios tremessem quase incontrolavelmente, a mãe conseguiu esboçar uma espécie de sorriso.

– Está bem, querida. Dê o telefone para ele.

Timidamente, Emily diminuiu a distância entre ela e o homem. Quando chegou à distância de tocá-lo, ela se inclinou para a frente e deixou cair o telefone na palma da mão dele.

A mão manchada de sangue se fechou em torno do aparelho.

– Obrigado.

– Não há de quê. Você vai telefonar para o vovô?

Os olhos deles se voltaram para Honor.

– Vovô?

Feliz, Emily anunciou:

– Ele vem jantar conosco hoje à noite.

Encarando Honor, o homem disse, com sotaque arrastado:

– É isso mesmo?

– Você gosta de pizza?

– Pizza? – Ele olhou de novo para Emily. – Gosto. Gosto sim.

– Mamãe disse que eu posso comer pizza no jantar, porque vai ter festa.

– Hum. – Ele meteu o telefone celular no bolso da frente da calça jeans suja, e depois envolveu o bíceps de Honor com a mão livre e puxou-a na sua direção. – Parece que cheguei aqui bem na hora. Vamos entrar. Você pode me contar tudo sobre a festa de hoje à noite.

Mantendo o braço dela apertado, ele a empurrou na direção da casa. As pernas de Honor tremiam tanto que quase não a conseguiam suportar quando ela deu os primeiros passos vacilantes. Emily voltou sua atenção para o gato. Correu atrás dele, chamando:

– Aqui, aqui, gatinho – enquanto o bicho escapulia para uma sebe na extremidade do jardim.

Logo que a menina ficou fora do alcance da voz, Honor disse:

– Eu tenho um pouco de dinheiro. Não muito, talvez uns duzentos dólares. Algumas joias. Você pode levar tudo que tenho. Apenas, por favor, não machuque minha filha.

E, durante todo o tempo em que balbuciava essas palavras, ela esquadrihava o jardim, procurando freneticamente algo que pudesse usar como arma. A mangueira enrolada no carretel na borda do piso de tábuas? O vaso de gerânios no degrau mais baixo? Um dos tijolos dispostos no chão, delineando o canteiro de flores?

Ela não conseguiria alcançar nenhum daqueles objetos a tempo, mesmo que pudesse se livrar da mão do homem, coisa que sabia ser difícil, se não impossível pela força do aperto. E, na luta, ele simplesmente lhe daria um tiro. Então, ele ficaria livre para fazer com Emily o que quisesse. Pensamentos assim fizeram com que um gosto de bile chegasse a sua garganta.

– Onde está o seu barco?

Ela virou a cabeça e olhou para ele, sem compreender.

Com o queixo, o homem mostrou impacientemente o embarcadouro vazio.

– Quem saiu com o barco?

– Eu não tenho barco.

– Não brinque comigo.

– Eu vendi o barco quando... há uns anos.

Ele pareceu avaliar a sinceridade dela, e depois perguntou:

– Onde está o seu carro?

– Estacionado na frente.

– A chave está nele?

Ela hesitou, mas quando ele aumentou a pressão da mão, ela indicou com a cabeça.

– Lá dentro de casa. No gancho da parede, perto da porta da cozinha.

Ele começou a subir os degraus da entradinha da casa, empurrando-a na frente dele. Ela sentiu a pistola encostada na espinha. Virou a cabeça, pronta para chamar Emily, mas ele disse:

– Deixe ela lá, por enquanto.

– O que é que você vai fazer?

– Bem, primeiro... – disse ele, abrindo a porta e empurrando-a na frente dele. – ... Vou me certificar de que você não está mentindo para mim sobre não haver ninguém aqui. E depois... veremos.

Ela podia sentir a tensão no homem enquanto ele a empurrava da sala de estar, pelo curto corredor, na direção dos quartos de dormir.

– Não há ninguém aqui, exceto Emily e eu.

Ele deu um empurrão na porta do quarto de Emily com o cano da pistola. A porta se abriu para um panorama cor-de-rosa. Ninguém o esperava. Ainda desconfiado, ele cruzou o aposento em duas passadas largas e abriu com força a porta do closet. Satisfeito em ver que ninguém estava escondido ali, empurrou novamente Honor para o corredor, e seguiu na direção do segundo quarto.

Ele hesitou, como que dando a ela uma oportunidade de mudar sua afirmação de que estava sozinha, mas, quando ela permaneceu em silêncio, ele chutou a porta com o bico da bota para abri-la, fazendo com que batesse na parede adjacente. Ao se aproximarem da porta, ele rosnou no ouvido dela:

– Se houver alguém aqui, eu atiro em você primeiro. Percebeu?

Ironicamente, quase como um gracejo, o quarto de dormir parecia tranquilo. A luz do sol entrava pela persiana, pintando listras no chão de madeira de lei, no edredom branco, nas paredes cinza-claro. O ventilador de teto fazia partículas de poeira dançarem nos raios de luz oblíquos.

Ele a impeliu na direção do closet e mandou que ela abrisse a porta, e só relaxou um pouco quando olhou para o banheiro e viu que estava vazio.

Olhou direto para Honor.

– Onde está sua arma?

– Arma?

– Você tem uma arma em algum lugar.

– Não, não tenho.

Os olhos dele se estreitaram.

– Juro – disse ela.

– De que lado da cama você dorme?

– O quê? Por quê?

Ele não repetiu a pergunta; apenas continuou a encará-la, até que ela apontou. – O direito.

Afastando-se dela para trás, ele foi até a mesinha de cabeceira do lado direito da cama e examinou a gaveta. Dentro, havia uma lanterna elétrica e um romance, mas

nenhuma arma letal. Depois, para espanto dela, ele arrancou o colchão, lençóis e tudo o mais da cama para bem longe dele, o bastante para procurar debaixo do móvel, não encontrando nada, a não ser o suporte de molas do colchão.

O homem fez sinal para que ela o guiasse para fora do quarto. Voltaram para a sala de estar e de lá ele entrou na cozinha, onde seus olhos saltaram de ponto para ponto, verificando tudo. Seu rosto se iluminou quando viu o gancho na parede com as chaves do carro penduradas.

Quando percebeu que ele vira as chaves, ela disse:

– Pegue o carro e vá embora.

Ignorando o que ela disse, ele perguntou:

– O que há ali dentro?

– A lavanderia.

Ele foi até a porta e abriu-a. Lavadora e secadora de roupas. Tábua de passar dobrada, num recesso da parede. Um varal, no qual ela secava as roupas mais finas, algumas das quais penduradas, no momento. Um conjunto de renda, cor pastel. Um sutiã preto.

Quando voltou, aqueles olhos nórdicos a envolveram de uma maneira que fez o rosto dela ficar quente, mesmo que seu peito estivesse frio e suarento de medo.

Ele deu um passo na direção dela; ela recuou também um passo, uma reação normal a um perigo mortal, que era o que o homem representava para ela. Não se iludia, pensando de outra maneira.

O aspecto dele era ameaçador, começando pelo olhar gelado e a pronunciada estrutura óssea do rosto. Era alto e magro, mas a pele dos braços se esticava sobre músculos que pareciam retesados como um chicote. As costas das mãos eram marcadas por veias bem saltadas. As roupas e o cabelo estavam cheios de restos de vegetação – gravetos, pedaços de musgo, folhas pequenas. Ele parecia indiferente a tudo aquilo, assim como à lama seca grudada nas botas e nas pernas da calça jeans. Fedia a pântano, suor e perigo.

No silêncio, ela podia ouvir a respiração dele. E podia ouvir as batidas de seu próprio coração. Ela era o único foco de atenção dele, e isso a aterrorizava.

Dominá-lo seria impossível, especialmente porque um pequeno movimento de seu dedo indicador dispararia uma bala direto nela. Ele estava de pé entre ela e a gaveta onde ficavam as facas de trincar. No balcão, a cafeteira pela metade com o café feito de manhã, ainda quente o suficiente para escaldá-lo. Mas para alcançar a cafeteira ou as facas, ela precisava passar por ele, e isso não parecia uma coisa fácil. Duvidava se

conseguiria correr mais do que ele, mas, mesmo se ultrapassasse a porta e escapasse, não poderia deixar Emily para trás.

Razão ou persuasão pareciam as suas únicas opções disponíveis.

– Eu respondi a todas as suas perguntas com sinceridade, não foi? – disse ela, a voz baixa e trêmula. – Ofereci a você meu dinheiro e qualquer coisa de valor...

– Não quero seu dinheiro.

Ela apontou para os arranhões sanguinolentos nos braços dele.

– Você está ferido. Sua cabeça está sangrando. Eu quero... quero ajudar.

– Primeiros socorros? – Ele fez um som de zombaria. – Acho que não.

– Então, o que... o que é que você quer?

– A sua cooperação.

– Com o quê?

– Ponha as mãos atrás das costas.

– Por quê?

Ele deu alguns passos na direção dela.

Ela recuou.

– Ouça. – Ela passou a língua nos lábios. – Você não quer fazer isso.

– Ponha as mãos atrás das costas – repetiu ele, a voz baixa, mas com ênfase em cada palavra.

– Por favor. – A palavra foi dita com um soluço. – Minha filhinha...

Ele deu outro passo, aproximando-se dela.

– Não vou pedir de novo.

Ela recuou e encostou na parede atrás de si.

Um último passo trouxe-o a centímetros dela.

– Faça o que estou mandando.

Seu instinto era lutar com ele, arranhá-lo com as unhas e dar pontapés, num esforço para evitar, ou pelo menos retardar, o que parecia inevitável. Mas, como temia pela sorte de Emily se não lhe obedecesse, ela fez o que ele mandava e juntou as mãos atrás das costas, apertando-as entre seu corpo e a parede.

Ele se inclinou e aproximou-se mais. Ela virou a cabeça para o lado, mas ele colocou a mão debaixo do queixo dela e fez com que ela girasse o corpo.

Sussurrando, ele disse:

– Você percebe como seria fácil para mim fazer mal a você?

Ela fitou os olhos dele e assentiu, entorpecida.

– Bem, eu não *vou fazer mal* a você. Prometo isso, e também a sua filha. Mas você precisa fazer tudo o que eu disser. Está bem? Estamos de acordo?

Ela poderia ter encontrado certo nível de conforto nessa promessa, mesmo que não acreditasse nela. Mas, subitamente, percebeu quem ele era, e isso fez com que um dardo de terror percorresse seu corpo.

Sem fôlego, ela disse, a voz rascante:

– Você é... você é o homem que matou a tiros todas aquelas pessoas, noite passada.

Capítulo 2

— Coburn. C-o-b-u-r-n. Primeiro nome, Lee, não se conhece a inicial do nome do meio.

O sargento Fred Hawkins, do Departamento de Polícia de Tambour, tirou o quepe e enxugou o suor da testa. Ele já estava pegajoso com aquele calor, e ainda não eram nove horas. Praguejou mentalmente contra o forte calor do litoral da Louisiana. Morara ali toda a sua vida, mas ninguém se acostumava com aquele calor opressivo e, quanto mais velho, mais aquilo o afetava.

Conversava ao telefone celular com o xerife da vizinha Terrebonne Parish, fazendo um relato dos assassinatos em massa da véspera.

— Talvez esse seja um pseudônimo, mas é o nome que consta dos registros dele como empregado, e é tudo o que temos no momento. Tiramos as impressões digitais do carro dele... Sim, essa é a coisa mais estranha. Você poderia achar que ele sairia voando da cena do crime, mas o carro dele ainda está no estacionamento dos empregados. Talvez tenha pensado que seria localizado com grande facilidade. Mas eu acho que, se você vai lá e mata sete pessoas a sangue-frio, você não está pensando logicamente. E melhor ainda: ele fugiu da cena do crime a pé.

Fred parou para tomar fôlego.

— Já coloquei as digitais dele em rede nacional. Aposto que vai surgir alguma coisa disso. Um cara como ele tem que ter antecedentes. Qualquer informação que tenhamos dele será divulgada, mas não estou esperando mais informações, portanto também não espere. Comece a procurar por ele o mais cedo possível. Você recebeu meu e-mail?... Bom. Encaminhe para seus subordinados e peça que divulguem.

Enquanto o xerife assegurava a Fred que seu departamento tinha capacidade de encontrar fugitivos, Fred cumprimentava com a cabeça seu irmão gêmeo, Doral, que se juntou a ele do lado de fora da viatura de polícia.

O veículo estava estacionado no acostamento de uma rodovia estadual de duas pistas, numa réstia de sombra lançada por um cartaz que anunciava um clube masculino localizado perto do aeroporto de Nova Orleans. Noventa e seis quilômetros até a saída. As bebidas mais geladas. As mulheres mais quentes. Totalmente nuas.

Tudo isso parecia muito bom para Fred, mas ele previu que decorreria algum tempo até que pudesse procurar diversão. Não antes que Lee Coburn fosse preso.

– Você ouviu certo, xerife. A cena de crime mais sangrenta que eu já tive a infelicidade de investigar. Execução em larga escala. Sam Marset foi baleado na nuca à queima-roupa.

O xerife expressou sua contrariedade em relação à crueldade do crime e depois desligou com a promessa de entrar em contato com Fred se a presença do assassino psicótico fosse detectada na sua jurisdição.

Doral passou ao irmão um copo de papel.

– Você parece estar precisando de um café.

– Não tenho tempo.

– Crie tempo.

Fred tirou a tampa do copo impacientemente e tomou um gole. Jogou a cabeça para trás, com força, surpreso.

Doral riu. – Achei que você estava precisando de uma “acelerada”, também.

– Não é à toa que somos gêmeos. Obrigado.

Enquanto tomava o café prodigamente “batizado”, ele esquadrinhou a fileira de viaturas de polícia estacionadas à beira da estrada. Dezenas de policiais uniformizados, de diversos órgãos de segurança, perambulavam pelas cercanias, alguns falando nos celulares, outros examinando mapas, a maioria aturdida e intimidada com a tarefa que tinha à mão.

– Que confusão – disse Doral, em voz baixa.

– Diga para mim alguma coisa que eu não saiba.

– Como secretário municipal, vim oferecer qualquer ajuda que eu ou a cidade de Tambour possa dar.

– Como investigador-chefe do caso, eu agradeço o apoio da cidade – disse Fred, em tom zombeteiro. – Agora, que nos livramos da besteirada oficial, diga para onde você acha que ele fugiu.

– Você é o policial, não eu.

– Mas você é o melhor rastreador em quilômetros à volta.

– Talvez, desde que Eddie morreu.

– Bem, Eddie não está aqui, portanto você é o melhor. Você é parte detetive, também. Consegue achar uma mosca num mictório.

– É, mas moscas não são tão manhosas como esse cara.

Doral chegara vestido não como funcionário municipal, mas como caçador, na grande expectativa de que o irmão gêmeo o recrutaria para se juntar à caçada humana. Tirou o boné de mestre de obras e abanou o rosto com ele, enquanto olhava para a borda do mato onde os envolvidos na busca estavam se reunindo.

– Essa astúcia dele está me preocupando. – Fred admitia isso apenas para o irmão.
– Nós temos que pegar esse filho da puta, Doral.

Fred entornou o restante de seu café batizado com uísque e atirou o copo vazio no banco do motorista de seu veículo.

– Você está pronto?

– Se está esperando por mim, a hora é essa!

Os dois se juntaram ao restante do grupo de busca. Como organizador escolhido, Fred deu o comando. Os policiais se posicionaram em leque e começaram a abrir caminho através da relva alta, em direção à linha de árvores que demarcavam a densa floresta. Os adestradores soltaram os cães de busca.

Começaram a busca ali porque um motorista que trocava um pneu ao lado da estrada, tarde da noite, vira um homem correndo para dentro da mata. Ele não dera importância ao caso até que a carnificina no armazém da Royale Trucking Company aparecera no noticiário local, na manhã seguinte. A hora estimada para o tiroteio correspondia aproximadamente à hora em que ele vira o indivíduo – que ele não conseguia descrever porque o homem estava muito longe – desaparecendo apressadamente no mato, a pé. Ele telefonara para o Departamento de Polícia de Tambour.

Não era muito coisa para que Fred e os outros iniciassem uma busca, mas, visto que não tinham outras pistas, ali estavam eles, tentando descobrir um rastro que os levasse ao suposto assassino em massa, um tal de Lee Coburn.

Doral mantinha a cabeça baixa, estudando o terreno.

– Coburn conhece essa região?

– Não sei. Talvez conheça como a palma da mão, ou talvez não tenha sequer visto um pântano na vida.

– Vamos confiar.

– O pedido de emprego do sujeito dizia que sua residência, antes de Tambour, era Orange, Texas. Mas eu verifiquei o endereço, e é falso.

– Então ninguém sabe com certeza de onde ele veio.

– Não há ninguém a quem perguntar – falou Fred secamente. – Seus colegas de trabalho na seção de carregamento estão mortos.

– Mas ele está em Tambour há treze meses. Deve conhecer alguém.

– Ninguém se apresentou.

– Mas ninguém iria fazer isso, não é?

– Acho que não. Depois daquela noite, quem iria alegar ser amigo dele?

– Balconista do bar? Garçonete? Alguém com quem ele fez algum negócio?

– Os policiais estão investigando. Um empregado da mercearia Rouse, que o atendeu algumas vezes, disse que ele era bastante amável, mas não do tipo amistoso, em absoluto. Disse que sempre pagava em dinheiro. Nós examinamos o número do Seguro Social. Não tem cartão de crédito, nem dívidas. Nenhuma conta bancária em qualquer cidade. Descontava seus cheques de pagamento em um desses lugares que fazem isso cobrando uma comissão.

– O homem não queria deixar nenhuma pista documentada.

– E não deixou.

Doral perguntou se os vizinhos de Coburn tinham sido entrevistados.

– Por mim, pessoalmente – disse Fred. – Todos no condomínio conheciam o cara de vista. As mulheres o achavam atraente, de certo modo.

– De que modo?

– Desejavam trepar com ele, mas achavam que o homem podia lhes trazer problemas.

– Isso é “*de certo modo*”?

– É claro que é “*de certo modo*”.

– Quem contou isso a você?

– É apenas algo que eu sei. – Ele deu uma pequena cotovelada nas costelas do irmão gêmeo. – É claro que compreendo as mulheres mais do que você.

– Conta outra.

Eles riram juntos, e depois Fred ficou sério de novo.

– Os homens com quem falei disseram que achavam melhor não se meter com Coburn, o que não era problema, porque ele ia e vinha sem cumprimentar os vizinhos.

– Namoradas?

– Nenhuma que alguém conhecesse.

– Namorados?

– Nenhum que alguém conhecesse.

– Você revistou o apartamento dele?

– De alto a baixo. É um imóvel funcional, de um cômodo só, na parte leste da cidade, e não havia lá uma única coisa que nos desse uma pista. Roupas de trabalho no closet. Empadões de galinha no freezer. O homem vivia que nem um monge. Uma cópia manuseada do *Sports Illustrated*, na mesinha de centro. Uma TV, mas sem canais por assinatura. Nada de pessoal, na porra do lugar todo. Nenhum bloco de notas, calendário, caderno de endereços. Nadinha.

– Computador?

– Não.

– E o telefone dele?

Fred encontrara um telefone celular na cena do crime, e verificara que o aparelho não pertencia a nenhum dos corpos crivados de balas.

– Telefonemas recentes, um para aquele pé-sujo de comida chinesa que faz entregas em domicílio na cidade, e um que chegou a ele de uma empresa de telemarketing.

– Só isso? Duas chamadas?

– Em trinta e seis horas.

Doral matou uma mosca-varejeira.

– Bem, que merda.

– Estamos checando as outras chamadas no registro. Vendo a quem pertencem os números. Mas, no momento, não sabemos nada sobre Lee Coburn, exceto que está escondido por aí, em algum lugar, e que vamos entrar numa fria se não acharmos o homem. – Abaixando a voz, Fred acrescentou: – Para mim, tanto faz trazer o cara num saco para cadáveres como algemado. A melhor coisa para nós? Encontrar seu corpo sem vida, boiando em um braço de rio.

– Quem mora na cidade não vai lamentar. Marset era muito bem considerado. Ele é, praticamente, o príncipe esquisito de Tambour.

Sam Marset fora o dono da Royale Trucking Company, presidente do Rotary Club, membro sênior da Igreja Católica St. Boniface, escoteiro graduado, maçom. Fizera parte de diversas juntas diretoras, e era geralmente a figura mais importante no desfile do Carnaval. Era um esteio na comunidade que as pessoas admiravam e de quem gostavam.

Agora, era um cadáver com um buraco de bala na cabeça, e, como se isso não bastasse para matá-lo, um outro fora disparado no peito, como medida de segurança. As outras seis vítimas baleadas provavelmente não seriam muito pranteadas, mas o assassinato de Marset ganhara uma entrevista coletiva para a imprensa, televisionada,

logo pela manhã. O evento fora coberto por numerosos jornais da comunidade do litoral do estado, e todos os principais canais de televisão se fizeram representar.

Fred presidira a entrevista coletiva, flanqueado nos microfones por funcionários da municipalidade, inclusive seu irmão gêmeo. O Departamento de Polícia de Nova Orleans emprestara a Tambour um retratista, que fizera o retrato falado de Coburn, baseado em descrições fornecidas pelos vizinhos: homem branco, com cerca de 1,90 de altura, peso médio, estrutura atlética, cabelos pretos, olhos azuis, trinta e quatro anos de idade, de acordo com o registro de empregados.

Fred fechara a entrevista coletiva para a imprensa enchendo as telas de televisão com o retrato falado, e prevenindo os habitantes da cidade de que acreditava-se que Coburn ainda estivesse na área, armado, e que deveria ser considerado perigoso.

– Você carregou nas tintas – dizia Doral agora, referindo-se às observações finais de Fred. – Não importa quão astucioso Lee Coburn seja, todo mundo vai querer ir atrás dele. Acho que ele não tem meios de fugir da região.

Fred olhou para o irmão e levantou uma sobrancelha.

– Você está falando isso com sinceridade, ou expressou apenas um desejo?

Antes que Doral pudesse responder, o celular de Fred tocou. Ele viu quem o chamava e sorriu para o irmão.

– Tom VanAllen. O FBI vem em nosso socorro.

Capítulo 3

Coburn afastou-se gradualmente da mulher, mas mesmo assim era evidente o medo dela em relação a ele. Bom. Ele precisava que ela ficasse com medo. Inspiraria cooperação. – Você está sendo caçado – disse ela.

- Atrás de cada árvore.
- Polícia da cidade, polícia estadual, voluntários. Cães.
- Eu ouvi os cães ganindo hoje de manhã.
- Eles vão encontrá-lo.
- Ainda não encontraram.
- Você devia continuar fugindo.
- Gostaria disso, não é, sra. Gillette?

A expressão dela ficou ainda mais tensa de medo, de modo que ela deixou perceber a importância do fato de ele conhecer seu nome. Ele não escolhera ao acaso a casa dela para se refugiar. Tanto a casa como ela haviam sido selecionadas.

- Mamãe, o gatinho entrou nos arbustos e não quer sair.

As costas de Coburn estavam voltadas para a porta, mas ele ouviu a menininha entrar, vindo do quintal, as solas das sandálias batendo contra o soalho de tábuas, quando ela se aproximou da cozinha. Mas não se virou para ela. Seu olhar permanecia fixado na mãe da criança.

O rosto de Honor ficara branco como giz. Os lábios não tinham mais sangue, praticamente, enquanto o olhar se alternava entre ele e a criança. Mas Coburn gostou de ela manter a voz calma e alegre. – É isso que os gatinhos fazem, Em. Eles se escondem.

- Como assim?
- Ele não sabe quem você é, de modo que talvez esteja com medo.
- Que bobagem.

– É, sim. Uma grande bobagem. – Ela desviou o olhar para Coburn e acrescentou, enfaticamente: – Ele devia saber que você não faria mal a ele.

Certo, ele não era burro. Captou a mensagem. E prosseguiu, com voz calma.

– Se você fizer alguma maldade com ele – acrescentou – ele vai arranhar você, e isso vai doer. – Sustentando o olhar apavorado dela, ele meteu a pistola na cintura da calça jeans e cobriu-a com a bainha da camiseta, virando-se depois. A criança olhava para ele com evidente curiosidade.

– A sua cuca está doendo?

– Minha o quê?

Ela apontou para a cabeça dele. Ele levantou a mão e tocou o sangue coagulado.

– Não, não está.

Ele contornou Emily, enquanto ia para a mesa. Desde que entrara na cozinha, Coburn tinha a boca cheia d'água com o aroma do bolo recentemente assado. Ele arrancou o copinho de papel de um cupcake e mordeu metade do conteúdo, e depois, faminto, enfiou o restante na boca, estendendo a mão para pegar outro bolinho. Não comera desde o meio-dia da véspera, e estivera se arrastando pelo pântano toda a noite. Morria de fome.

– Você não lavou as mãos – disse a menina.

Ele engoliu o bolinho praticamente inteiro.

– O quê?

– Você devia lavar as mãos antes de comer.

Ele arrancou o copinho de papel de um segundo bolo e deu uma grande mordida.

A menina afirmou, solenemente.

– É a regra.

Ele lançou um olhar para a mulher, que se adiantara para trás da filha e lhe colocara as mãos protetoras nos ombros. Mantendo um olho nelas, ele foi até a geladeira, abriu-a e tirou um frasco plástico com leite. Com o polegar, arrancou a tampa e inclinou a garrafa na direção da boca, bebendo em grandes goles.

– Eu nem sempre sigo as regras – disse ele.

– Mamãe, ele está bebendo da...

– Eu sei, querida. Mas está tudo bem, apenas dessa vez. Ele está com muita sede.

A menina ficou olhando, fascinada, enquanto ele bebia pelo menos um terço do leite, antes de parar para respirar. Ele enxugou a boca com as costas da mão e recolocou a garrafa na geladeira.

A menina franziu o nariz.

– Suas roupas estão sujas e fedorentas.

– Eu caí no riacho.

Os olhos dela se arregalaram.

– Foi um acidente?

– Espécie de acidente.

– Você tem asas?

– Asas?

– Você sabe boiar de frente?

Sem entender, ele olhou para a mãe.

– Ela aprendeu a boiar de frente na aula de natação – ela disse.

– Eu ainda tenho de usar minhas asas – disse a garotinha –, mas ganhei uma medalha de ouro em uma competição.

Nervosamente, a mãe girou a filha e lhe indicou o caminho da porta para a sala de estar.

– Acho que é hora de Dora. Por que você não vai assistir, enquanto eu falo com... com nossa visita?

A criança bateu pé.

– Você disse que eu podia lamber a tigela.

A mãe hesitou, depois pegou uma espátula de borracha na tigela da cobertura do bolo e entregou-a à filha. A menina pegou a espátula com alegria e disse para Coburn, antes de escapulir da cozinha:

– Não coma mais esses cupcakes. Eles são para a festa de aniversário.

A mulher se voltou para ele, mas ficou calada até eles ouvirem a voz vinda da TV. Então ela disse:

– Como é que você sabe meu nome?

– Você é a viúva de Eddie Gillette, não é?

Ela só ficou olhando para ele. Ele insistiu:

– Essa não é uma pergunta difícil. Sim ou não?

– Sim.

– Então, a menos que você tenha casado de novo...

Ela balançou a cabeça.

– Então faz sentido que seu nome seja sra. Gillette. Qual é seu primeiro nome?

– Honor.

Honor? Ele nunca conhecera ninguém com esse nome. Mas, eles estavam em Louisiana. As pessoas tinham nomes estranhos, o primeiro e o último.

– Bem, Honor. Eu não preciso me apresentar, não é?

– Eles disseram que seu nome é Lee Collier.

– Coburn. Prazer em conhecê-la. – Ele mostrou uma cadeira junto à mesa da cozinha. – Sente-se.

Ela hesitou, depois puxou a cadeira e, vagarosamente, sentou-se nela.

Ele tirou um telefone celular do bolso dianteiro da calça jeans e digitou um número, depois arrastou uma perna da cadeira com a ponta da bota e sentou-se à mesa, diante dela. Ficou olhando para ela, enquanto ouvia o telefone tocar na outra ponta da linha.

Ela se remexeu na cadeira. Juntou as mãos no colo e desviou o olhar, e então, quase que desafiadoramente, voltou a olhar para Coburn. Estava morta de medo, mas tentando não demonstrar. A mulher era dura na queda, e isso era bom para ele. Ele preferia lidar com um pouco de audácia a ter de encarar gritaria e súplicas.

Quando a chamada foi atendida por uma secretária eletrônica, ele praguejou baixinho, então esperou pelo sinal e disse: – Você sabe quem está falando. A coisa está fervendo.

Logo que ele desligou, ela disse:

– Você tem um cúmplice?

– Pode-se dizer que sim.

– Ele estava lá durante o... tiroteio?

Ele apenas olhou para ela.

Ela molhou os lábios, metendo o lábio inferior entre os dentes.

– O noticiário deu que foram mortas sete pessoas.

– Foi quanto eu contei.

Ela cruzou os braços no meio do corpo e acariciou os cotovelos.

– Por que você matou aquelas pessoas?

– O que é que estão dizendo na TV?

– Que você era um empregado descontente.

Ele deu de ombros.

– Você pode me chamar de descontente.

– Você não gostava da empresa de transportes?

– Não. Especialmente do dono.

– Sam Marset. Mas os outros eram apenas trabalhadores, como você. Era necessário matar esses colegas, também?

– Era.

– Por quê?

– Eles eram testemunhas.

A franqueza dele pareceu espantá-la e criar aversão. Ele notou um estremecimento percorrer o corpo dela. Durante algum tempo ela permaneceu em silêncio, apenas olhando para o tampo da mesa.

Então, ela levantou a cabeça lentamente e olhou para ele.

– Como é que você conheceu meu marido?

– Na verdade eu nunca tive o prazer. Mas ouvi falar nele.

– Da parte de quem?

– Na Royale Trucking, o nome dele aparecia a toda hora.

– Ele nasceu e foi criado em Tambour. Todo mundo conhecia e amava Eddie.

– Você tem certeza disso?

Espantada, ela disse:

– Tenho certeza, sim.

– Entre outras coisas, ele era policial, não é?

– O que é que você quer dizer com “entre outras coisas”?

– Seu marido, o falecido, grande Eddie, o policial, possuía uma coisa muito valiosa.

Eu vim aqui pegar essa coisa.

Antes que ela pudesse responder, o telefone celular, ainda no bolso dele, tocou, sobressaltando os dois. Coburn tirou o aparelho do bolso.

– Quem é Stanley?

– Meu sogro.

– Avô – disse ele, lembrando-se do que a menina dissera no quintal.

– Se eu não atender...

– Esqueça. – Ele esperou até que o telefone parasse de tocar, e depois fez sinal para os cupcakes. – De quem é o aniversário?

– De Stan. Ele está vindo para jantar, para celebrarmos.

– A que horas? E aconselho você a não mentir para mim.

– Cinco e meia.

Ele olhou para o relógio na parede. Quase oito horas para a chegada do avô. Ele esperava conseguir aquilo que buscava, e estar a quilômetros de distância àquela hora. Muito dependia da viúva de Eddie Gillette, e de quanto ela sabia sobre as atividades extracurriculares de seu falecido marido.

Coburn percebia que o medo que impunha a ela era verdadeiro. Mas esse medo poderia se basear em diversas razões, uma delas que ela queria proteger o que tinha e estava temerosa de que ele se apossasse dessa coisa.

Ou ela poderia ser inteiramente inocente, e estar com medo apenas do perigo que ele representava para ela e sua filha.

Aparentemente, elas moravam sozinhas ali naquela roça. Não havia vestígio de um homem na casa. De modo que, quando um estranho cheio de manchas de sangue apareceu e ameaçou a viúva isolada com uma pistola, era natural que ela ficasse amedrontada.

Embora morar sozinha não significasse, necessariamente, uma virtude, pensou Coburn, lembrando-se de que ele próprio morava sozinho.

Além disso, as aparências podem enganar. Ela parecia bastante inocente, especialmente no traje que usava. A camiseta branca, o short de jeans e os tênis brancos modelo antigo eram tão caseiros quanto os cupcakes. O cabelo louro estava amarrado num rabo de cavalo frouxo. Os olhos eram castanhos, com veios de um verde-escuro. Ela tinha a aparência perfeita da clássica moça americana, de alto a baixo, que mora na casa ao lado, embora Coburn nunca tivesse tido vizinhos que parecessem tão bons quanto ela.

Ver as peças de roupa de baixo modestas que secavam no cabide da lavanderia fez com que ele percebesse quanto tempo decorreria desde que transara com uma mulher. Olhando para as suaves saliências sob a camiseta branca de Honor Gillette e suas pernas compridas e lisas, fez com que ele se conscientizasse de quanto gostaria de terminar aquele intervalo de abstinência.

Ela deve ter percebido o rumo dos pensamentos de Coburn, porque quando ele levantou o olhar do peito para os olhos dela, notou que o fitavam, amedrontados. Rapidamente, ela disse:

– Você está muito encrocado, e apenas perdendo tempo aqui. Eu não posso ajudar. Eddie não possuía nada de muito valioso. – Ela levantou as mãos para o lado do corpo. – Você pode ver por você mesmo como nossa vida é simples. Quando Eddie morreu, eu precisei vender o barco de pesca dele só para pagar as contas, até que eu voltasse a dar aulas.

– Dar aulas?

– Na escola pública. Ensino médio. A única coisa que Eddie me deixou foi uma modesta apólice de seguro que mal cobriu os custos do enterro dele. Ele trabalhou no Departamento de Polícia apenas oito anos, de modo que a pensão que eu recebo por mês vai diretamente para a poupança da universidade de Emily. Nós vivemos com meu salário, e sobra pouco para despesas extras.

Ela fez uma pausa para recuperar o fôlego.

– Está mal informado, sr. Coburn. Ou então você chegou a uma conclusão apressada, baseada em boatos. Eddie não tinha nada valioso, nem eu. Se tivesse, eu

entregaria de bom grado a você a fim de proteger Emily. Dou mais valor à vida dela do que a qualquer coisa que possuo.

Ele olhou para ela, pensativamente, por vários momentos.

– Muito bem explicado, mas não estou convencido. – Levantou-se e estendeu a mão para ela, segurando no seu bíceps de novo e fazendo-a levantar da cadeira. – Vamos começar pelo quarto de dormir.

Capítulo 4

O nome que ele tinha na rua era Diego.

Era só assim que o chamavam, e, até onde ele sabia, era o único nome que tinha. Suas memórias mais antigas eram de uma negra magricela pedindo para ele pegar seus cigarros, ou sua seringa, e depois insultando-o aos gritos, se ele demorasse muito na tarefa.

Ele não sabia se ela era sua mãe ou não. Ela não alegava ser, mas não negou quando, certa vez, ele perguntou. Ele não era negro, não inteiramente. Seu nome era hispânico, mas isso não significava, necessariamente, sua descendência. Numa cidade de mestiços, onde o entrecruzamento de linhagens era histórico e comum, ele era um vira-lata.

A mulher de quem ele se lembrava era dona de um salão de beleza. O negócio só ficava aberto quando ela estava com vontade, coisa que raramente acontecia. Se ela precisasse urgentemente de dinheiro, fazia boquetes na sala dos fundos. Quando Diego já crescera o bastante, ela o mandava para a rua, para arranjar clientes. Ele atraía mulheres com a promessa de que elas conseguiriam as tranças mais apertadas de Nova Orleans. Para homens, ele insinuava outros prazeres que podiam ser encontrados atrás da cortina de contas de vidro que separava o salão da calçada arenosa.

Um dia, ele entrou depois de filar alguma coisa para comer, e encontrou a mulher morta no chão do banheiro imundo. Permaneceu lá até que o fedor exalado pelo cadáver ficou forte demais, até mesmo para ele, e depois abandonou o lugar, deixando o corpo inchado como um problema para uma outra pessoa. Daquele dia em diante, ele se virara sozinho. Sua praia era a área de Nova Orleans, onde até mesmo anjos tinham medo de caminhar.

Tinha dezessete anos e era mais esperto do que outros de sua idade.

Seus olhos mostravam isso, quando ele viu quem o chamava no telefone celular, que vibrava. *Chamada particular*. Que significava O Contador.

– Sim? – ele respondeu com rispidez.

– Você parece perturbado, Diego.

Puto da vida, seria mais apropriado. – Você devia ter me usado para cuidar de Marset. Mas não fez isso. Agora veja a merda que temos.

– Então você ouviu sobre o armazém e Lee Coburn?

– Eu tenho uma TV. Tela plana.

– Graças a mim.

Diego deixou a observação passar sem comentários. O Contador não precisava saber que suas relações de trabalho não eram exclusivas. Ocasionalmente, ele realizava serviços para outros clientes.

– Armas – disse ele, com desprezo. – São barulhentas. Por que o tiroteio no lugar? Eu teria tirado Marset de lá em silêncio, e você não estaria vendo o circo pegar fogo lá em Tambour.

– Eu precisava mandar um recado.

Não brinque comigo, ou veja o que acontece. Esse foi o recado. Diego supunha que qualquer um que enganasse O Contador e tivesse escutado o noticiário sobre o assassinato em massa estaria com a pulga atrás da orelha naquela manhã. A despeito do modo amadorístico da execução de Marset, não havia dúvida de que aquilo fora uma chamada para as pessoas prestarem atenção.

– Eles ainda não encontraram Lee Coburn – disse Diego, quase como uma chacota.

– Não. Estou acompanhando de perto a caçada. Espero que eles encontrem Coburn morto, mas, se isso não acontecer, ele terá que ser eliminado. Como também qualquer pessoa que tenha tido contato com ele, desde que ele fugiu do armazém.

– Foi por isso que você telefonou para mim.

– Será complicado chegar junto de alguém sob a custódia da polícia.

– Eu sou especialista em casos complicados. Posso chegar perto. Sempre consigo.

– Por isso você é o homem para esse serviço, se for necessário. Suas habilidades seriam desperdiçadas em Marset. Eu precisava fazer barulho e deixar lá um bocado de sangue. Mas agora que está feito, não quero deixar pontas soltas.

Nada de pontas soltas. Nada de misericórdia. O mantra do Contador. Qualquer um que recuasse do trabalho sujo geralmente tornava-se a próxima vítima.

Poucas semanas antes, um garoto mexicano escapara de um caminhão repleto de gente que tentava entrar clandestinamente nos Estados Unidos. Ele e uma dúzia de

outros estavam destinados ao trabalho escravo de um tipo ou de outro. O garoto deve ter sabido que futuro o esperava. Durante uma parada para reabastecer, enquanto o motorista do caminhão pagava pela gasolina, o garoto fugiu.

Por sorte, um policial rodoviário que estava na folha de pagamento do Contador encontrou-o pedindo carona na pista para oeste da rodovia interestadual. O policial o escondeu e recebeu ordem de resolver o problema. Mas ficou sensibilizado com a sorte do garoto.

O Contador contratara Diego para encontrar o garoto e fazer o trabalho sujo para ele. Então, uma semana depois que Diego matou o garoto, o Contador contratou-o para cuidar do motorista, cuja negligência permitira que o garoto escapasse, juntamente com o policial rodoviário, que se mostrara ganancioso, mas frouxo.

Nada de pontas soltas. Nada de misericórdia. A política sem contemplação do Contador instilava o medo e inspirava obediência.

Mas Diego não tinha medo de ninguém. De modo que, quando o Contador perguntou-lhe, agora: – Você encontrou a garota que fugiu da casa de massagem? – ele respondeu de modo petulante. – Ontem à noite.

– Ela não é mais problema?

– Apenas para os anjos. Ou o diabo.

– O corpo?

– Não sou idiota.

– Diego, a única coisa que me aborrece mais que um idiota é um cara metido a espertinho.

Diego levantou o dedo médio para o telefone.

– Tenho outra chamada, preciso desligar. Esteja pronto.

Diego deslizou a mão para dentro do bolso da calça e acariciou a navalha reta, pela qual ele era famoso. Embora O Contador já tivesse desligado, Diego disse:

– Fico pronto.

Capítulo 5

Absorta em seu programa, Emily não prestou atenção a Honor e Coburn, quando eles passaram por ela na sala de estar.

Ao chegarem ao quarto de Honor, ela arrancou seu braço do aperto dele e esfregou o bíceps dolorido.

– Eu não quero levar um tiro, e com certeza não vou arriscar a vida de Emily e fugir, deixando a menina para trás. Não é necessária essa violência.

– Isso sou eu que decido. – Com a cabeça, ele indicou o computador na escrivaninha. – Aquele era o computador de seu marido?

– Nós dois usávamos o mesmo computador.

– Ligue-o.

– Não há nada nele, exceto meus e-mails pessoais, registros escolares de meus alunos e planos de aula para cada mês.

Ele ficou simplesmente parado ali, o olhar sombrio e perigoso, até que ela foi até a escrivaninha e sentou-se. Pareceu ter decorrido uma eternidade até o computador inicializar. Ela olhava fixamente para o monitor, vendo o reflexo indistinto de si própria, mas todo o tempo consciente da presença dele, parado ali perto, emanando um cheiro de pântano, calor do corpo e uma patente ameaça de violência.

Com o canto dos olhos, ela olhou para a mão de Coburn. Estava relaxada, apoiada na própria coxa. Mesmo assim ela sabia que ele podia lhe tirar a vida se a pusesse em torno de sua garganta. O pensamento dessa mão apertando o pescoço delicado e macio de Emily lhe deu náuseas.

– Obrigado, sr. Coburn – sussurrou ela.

Passaram-se diversos segundos antes que ele perguntasse:

– Obrigado, por quê?

– Por não ter machucado Emily.

Ele ficou calado.

– E por manter a pistola fora das vistas dela. Eu agradeço por isso.

Mais alguns segundos se escoaram.

– Nada a ganhar, assustando a criança.

O computador pediu uma senha. Rapidamente, Honor digitou a sua, que apareceu como pontos negros, na janela correspondente.

– Espere – disse ele, antes que ela pressionasse Enter. – Volte e digite a senha de novo. Devagar, dessa vez.

Ela digitou as letras novamente.

– O *r* representa o quê?

– Rosemary.

– H,*r*, Gillette. Não é uma senha muito original. Fácil de se descobrir.

– Eu não tenho nada a esconder.

– Vamos ver.

Ele ficou por trás dela e começou a movimentar o mouse. Navegou pelos e-mails dela, mesmo aqueles excluídos, e por todos os seus documentos, que não continham nada que pudesse interessá-lo, a menos que ele estivesse cursando a segunda série.

A certa altura, ela perguntou, educadamente: – Você não gostaria de se sentar?

– Estou bem assim.

Ele podia estar, mas ela não. Ele estava inclinado sobre ela, ocasionalmente fazendo contato com suas costas e o ombro, o braço dele roçando no dela, ao mexer com o mouse.

Finalmente ele ficou satisfeito ao ver que os arquivos que abrira não tinham qualquer valor para ele.

– Eddie tinha uma senha?

– Nós usávamos a mesma, bem como o mesmo endereço eletrônico.

– Eu não vi nenhum e-mail para ele ou dele para outros.

– Todos foram deletados.

– Por quê?

– Tomavam espaço no computador.

Ele não comentou, mas ela sentiu um puxão no seu rabo de cavalo e percebeu que Coburn o enrolava no punho. Quando sentiu que segurava firme, ele virou a cabeça dela em sua direção. Ela fechou os olhos, mas podia sentir a pressão do olhar dele no alto da cabeça.

– Abra os olhos.

Como ainda tinha em mente a força das mãos dele, ela fez o que ele ordenava porque tinha medo de não obedecer. Seus olhos estavam na altura da cintura dele. A

proximidade de seu rosto em relação ao corpo do homem, e a intimidade que isso sugeria, era algo desconcertante, como ela supôs que fosse o objetivo dele. Com isso, ele queria eliminar qualquer dúvida a respeito de quem estava no comando da situação.

Mas talvez ela pudesse transformar isso numa vantagem a seu favor. Seu nariz estava a centímetros do contorno da pistola, oculta pela camiseta dele. Suas mãos estavam livres. Será que ela poderia...

Não. Mesmo antes de concluir o pensamento, ela o descartou. Eddie a ensinara a atirar, mas ela nunca se sentira confortável em manusear qualquer tipo de arma. Não conseguiria agarrar a pistola e dispará-la antes de Coburn afastá-la para o lado e arrancá-la de sua mão. Qualquer tentativa de fazer isso só iria enfurecê-lo. E aí, o que aconteceria? Ela não se arriscava a imaginar.

Usando o rabo de cavalo preso a sua mão como alavanca, ele inclinou a cabeça dela para trás até que ela ficasse olhando para seu rosto.

- Por que você deletou os e-mails de seu marido?
- Ele já morreu há dois anos. Por que eu os conservaria?
- Eles poderiam conter informações importantes.
- Não tinham.
- É você que diz; parece ter muita certeza disso.
- Tenho mesmo. Eddie não seria tão descuidado a ponto de colocar informações importantes num e-mail.

Ele a encarou como que avaliando a força do argumento dela.

- Você faz operações bancárias usando o computador?
- Não.
- Faz pagamento de contas?

Ela balançou a cabeça, o máximo que o aperto no seu cabelo permitia.

- Nenhum de nós dois usava o computador para negócios pessoais.
- E o computador do trabalho dele?
- Pertencia ao Departamento de Polícia.
- Não o entregaram a você?
- Não. Acho que outro policial o está usando, agora.

Ele ficou estudando o rosto dela por mais um longo momento, e deve ter concluído que ela falava a verdade. Largou o cabelo de Honor e recuou. Aliviada, ela se levantou e se afastou dele, na direção da porta.

- Vou só verificar se Emily está bem.
- Fique onde está.

Seus olhos esquadrinharam o quarto e ele teve uma reação de surpresa quando alguma coisa em cima da cômoda chamou sua atenção. Foi rapidamente até o móvel e pegou o porta-retrato, lançando-o depois nas mãos dela.

– Quem são esses caras?

– O mais velho é Stan.

– O pai de Eddie? Ele está em ótima forma para um homem de sua idade.

– Ele se cuida. Esse junto dele é Eddie.

– Os outros dois? São gêmeos?

– Fred e Doral Hawkins. Os melhores amigos de Eddie. – Sorrindo com as ternas lembranças, ela correu os dedos pelo vidro que protegia a fotografia. – Eles tinham saído para uma pescaria no Golfo, com pernoite. Quando voltaram, na tarde seguinte, eles posaram no píer, com os peixes, e me pediram para tirar essa foto.

– É esse o barco que você vendeu?

– Não, esse era o barco de aluguel de Doral. Katrina ficou com ele. Agora ele é nosso secretário municipal. Fred é policial.

Ele olhou para ela atentamente, depois bateu de leve no vidro do porta-retrato.

– Esse cara é policial?

– Ele e Eddie entraram para a academia de polícia juntos, e se diplomaram na mesma turma. Ele... – Ela interrompeu a fala e desviou o olhar dele, mas ele pegou-lhe o queixo e puxou a cabeça dela na sua direção.

– O quê? – perguntou ele.

Ela viu que não havia razão para desconversar. – Fred está à frente da caçada por você.

– Como é que você sabe?

– Ele deu uma entrevista para a imprensa hoje de manhã. Ele se comprometeu com a captura e justiça rápida para o assassino de sete homens. Que supostamente seria você.

Ele absorveu a notícia e depois largou o queixo de Honor, tirando dela o porta-retrato. Para consternação dela, ele virou o objeto e começou a levantar as presilhas de metal, de modo a poder remover o forro traseiro.

– O que é que você está fazendo?

– O que é que você acha?

Ele tirou o forro, e dentro achou apenas o que ela sabia que ele ia encontrar: a fotografia, um pedaço de suporte rígido e o vidro. Ele ficou olhando fixo para a fotografia, e verificou a data impressa no verso.

– Parece realmente um quarteto de amigos.

– Os três rapazes ficaram amigos no primário. Stan praticamente criou os gêmeos Hawkins junto com Eddie. Eles nos têm dado um grande apoio depois que ele morreu. Têm sido muito atenciosos com Emily e comigo.

– Ah, é? – Ele deu uma olhadela maldosa. – Aposto que têm.

Ela teve vontade de dar-lhe uma resposta dura por aquela insinuação torpe. Mas segurou a língua, acreditando que não condizia com sua dignidade defender sua moralidade para um homem que tinha as mãos sujas com o sangue de suas vítimas. De qualquer modo, o que ela fez foi tirar-lhe das mãos a fotografia e colocá-la, juntamente com as outras partes do porta-retratos, em cima da cômoda.

– Como é que ele morreu? – perguntou ele. – Eddie. Morreu de quê?

– Acidente de carro.

– O que aconteceu?

– Achar que ele derrapou quando tentava evitar atropelar um animal, alguma coisa. Perdeu o controle e bateu de frente numa árvore.

– Ele estava sozinho?

– Estava. – De novo, ela olhou com tristeza para a fotografia, que captara com tanta fidelidade o rosto sorridente do marido. – Ele estava voltando para casa, do trabalho.

– Onde estão as coisas dele?

A pergunta arrancou-a do pungente devaneio.

– O quê?

– As coisas dele. Com certeza você guardou os pertences dele.

À luz da conversa entre eles, seu desejo de remexer nos pertences de Eddie era o cúmulo da insensibilidade, e isso ofendeu-a quase mais do que ter sido ameaçada com uma pistola. Ela enfrentou os olhos frios e insensíveis dele.

– Você é um filho da puta cruel.

Os olhos de Coburn ficaram ainda mais implacáveis. Ele deu um passo na direção dela.

– Preciso ver as coisas dele. Ou você me entrega isso ou vou destruir sua casa procurando por elas.

– Não se faça de rogado. Mas quero morrer antes de dar minha ajuda a você.

– Ah, duvido.

Percebendo a malvada implicação, o olhar dela passou por cima do ombro dele, na direção da sala de estar onde Emily ainda se divertia com um de seus shows favoritos.

– Sua filha está bem, sra. Gillette. Ela estará bem enquanto você não ficar bancando a engraçadinha comigo.

– Não estou bancando a engraçadinha.

– Então nós nos entendemos; eu também não estou para gracinhas.

Ele falou baixo, maldosamente, confirmando sua intenção. Furiosa com ele, e com ela mesma por ter de capitular sem lutar mais, ela disse, friamente:

– Ajudaria se você me dissesse o que está procurando.

– Você me ajudaria, se parasse de me embromar.

– Não estou embromando!

– Não está?

– Não! Não tenho ideia do que você quer, ou mesmo sobre o que você está falando. Barras de ouro? Certificados de ações? Pedras preciosas? Se eu tivesse algo como isso, você não acha que eu já teria vendido tudo, a essa altura?

– Dinheiro vivo?

– Eu pareço ter um monte de dinheiro vivo à minha disposição?

– Não. Não parece. Mas você não deixaria isso transparecer, porque isso seria uma imbecilidade.

– Imbecilidade, de que maneira?

– Se você ficasse de repente cheia de dinheiro, as pessoas viriam em cima de você.

– Pessoas? Que pessoas? Em cima de mim? Não compreendo.

– Acho que compreende.

Durante essa acalorada troca de palavras, ele viera se aproximando dela, de modo que agora as pontas dos pés se tocavam. Bastava sua envergadura física para que ela se sentisse numa armadilha. Era difícil não se afastar dele, mas ela recusou-se a dançar aquela dança de novo. Além disso, ela não queria dar-lhe a satisfação de saber como eram eficientes suas táticas de intimidação.

– Agora, pela última vez – disse ele –, onde estão as coisas de Eddie?

Ela desafiou-o com o olhar, a postura altiva, a pura força de vontade. Dizer para ele ir para o inferno estava na ponta da língua.

Mas Emily deu uma risadinha.

Na sua voz doce, anasalada, ela disse alguma coisa para os personagens do programa, e depois deu um guincho agudo de prazer, batendo palmas.

A bravata de Honor se evaporou. Ela abaixou o queixo desafiador e, em vez de mandá-lo para o inferno, ela disse:

– Há uma caixa debaixo da cama.

Capítulo 6

Não era uma viagem longa entre a residência de Tom VanAllen e o escritório regional do FBI, em Lafayette. Frequentemente, ele não a considerava muito longa. Era a única hora do dia na qual podia se desligar e não pensar em nada mais complicado do que permanecer na sua faixa e dirigir obedecendo ao limite de velocidade.

Ele virou para a entrada da garagem e reconheceu que sua casa parecia um pouco largada e triste, quando comparada com outras da vizinhança. Mas, quando é que ele tinha tempo para fazer consertos e pintá-la de novo, quando algo tão necessário como aparar o gramado só era feito esporadicamente?

No momento em que passava pela porta da frente, esses pensamentos autopunitivos já haviam sido postos de lado pela urgência da situação em Tambour.

Tendo ouvido ele chegar, Janice correu para a entrada, o telefone celular na mão.

– Eu ia telefonar para você nesse minuto, para perguntar a que horas você chegaria para o almoço.

– Não vim para casa para almoçar. – Tirou o paletó e pendurou-o no cabide de pé do hall. – Aquele assassinato múltiplo em Tambour...

– Está em todos os noticiários. O cara ainda não foi pego?

Ele balançou a cabeça.

– Eu mesmo vou precisar ir lá.

– Por que você? Você despachou agentes cedo, de manhã.

A Royale Trucking Company realizava transportes interestaduais. Quando a carnificina foi descoberta dentro do armazém, Tom, como chefe do escritório regional do FBI, foi notificado.

– É de boa política que eu vá examinar a situação pessoalmente. Como está Lanny hoje?

– Como ele está todos os outros dias.

Tom fingiu que não ouvira o tom amargo da voz da esposa, enquanto seguia pelo corredor central na direção do quarto dos fundos da casa, onde estava confinado seu filho de treze anos.

Na realidade, onde ele e Janice também estavam confinados. Tristemente, aquele quarto era o epicentro de suas vidas, de seu casamento, de seu futuro.

Um inusitado acidente no momento da expulsão do feto cortara o oxigênio e ocasionara severo dano ao cérebro do filho deles. Ele não falava, não andava, nem mesmo se sentava sozinho. Suas reações a quaisquer estímulos eram limitadas ao piscar de olhos, mas apenas de vez em quando, e à produção de um som gutural, cujo significado nem Tom nem Janice haviam podido jamais interpretar. Não tinham sequer meios de saber se ele os reconhecia pela visão, por sons ou pelo tato.

– Ele se sujou – disse Tom, entrando no quarto e sendo afrontado pelo cheiro.

– Eu verifiquei há cinco minutos – disse Janice, defensivamente. – Mudei os lençóis da cama hoje de manhã e...

– Isso é um trabalho para duas pessoas. Você devia ter esperado por mim, para eu ajudar.

– Bem, isso poderia demorar muito, não é?

Calmamente, Tom disse:

– Eu precisei sair mais cedo do que de costume, hoje de manhã, Janice. Não tive escolha.

Ela bufou com força.

– Eu sei. Desculpe. Mas depois de fazer sua cama, eu tive que lavar a roupa. Não chegou nem a hora do almoço, e eu já estou exausta.

Ele a fez parar, quando ela se dirigia para a cama.

– Eu me encarrego disso.

– Você está com pressa de ir embora.

– Cinco minutos não vão fazer diferença. Você me prepara um sanduíche, por favor? Eu vou comendo no caminho para Tambour.

Depois de cuidar de Lanny, ele foi até seu quarto de dormir e mudou o terno, vestindo uma roupa esportiva. Antes que o dia terminasse, ele provavelmente seria convocado para participar da caçada humana. Tinha pouco ou nada a contribuir para essa tarefa, mas poria mãos à obra de boa vontade.

Vestiu a calça jeans e uma camisa branca de mangas curtas, e calçou um tênis velho, lembrando-se de checar a mala do carro para ver se estavam lá as botas de borracha que costumava usar sempre que saía para pescar.

Ele costumava fazer uma porção de coisas que não fazia mais.

Quando entrou na cozinha, as costas de Janice estavam voltadas para ele. Ela estava ocupada em fazer o sanduíche, de modo que ele ficou estudando-a por vários segundos, antes que ela desse por sua presença.

A mulher não conservara a beleza que tinha quando se conheceram. Os treze anos desde o nascimento de Lanny tinham pesado, visivelmente. Seus movimentos não eram mais graciosos e espontâneos, mas eficientes e rápidos, como se, não se apressando em concluir a tarefa em questão, ela perdesse o embalo para fazê-la.

O esbelto corpo jovem do qual ela se orgulhava murchara, e agora ela poderia ser descrita como uma mulher magra. Trabalho e preocupações haviam desenhado sulcos em torno dos olhos, e os lábios, que sempre estavam prestes a sorrir, estavam perpetuamente contraídos numa expressão de desapontamento.

Tom não a culpava por essas mudanças na aparência. As mudanças nele também eram desagradáveis. Infelicidade e desesperança estavam estampadas indelevelmente em ambos os rostos. Pior, as mudanças não eram apenas físicas. O amor que tiveram um pelo outro se alterara drasticamente pela permanente tragédia em que se transformara sua vida em comum. Agora, o amor que ele sentia por Janice era mais baseado em compaixão do que em paixão.

Quando se casaram, eles compartilhavam um interesse por jazz, cinema e comida da Toscana. Planejavam passar um verão na Itália, tendo aulas de culinária, e bebendo os vinhos regionais, nas tardes ensolaradas.

Esse era apenas um de seus sonhos que se haviam estilhaçado.

Todo santo dia, Tom se perguntava quanto tempo eles seguiriam, na sua presente situação. Alguma coisa precisava mudar. Ele sabia disso. Imaginava que Janice também soubesse. Mas nenhum dos dois queria ser o primeiro a acenar com a bandeira branca, na sua dedicação ao filho inerte. Nenhum dos dois queria ser o primeiro a dizer “não aguento mais”, e sugerir que fizessem o que haviam jurado nunca fazer, que era colocá-lo numa instituição para pessoas necessitadas de cuidados especiais.

As boas instituições eram particulares e, portanto, caras. Mas a despesa exorbitante era apenas um dos obstáculos. Tom não tinha certeza de qual seria a reação da esposa, se ele sugerisse modificar a política original concernente aos cuidados com Lanny. Ele tinha medo de que ela descartasse a ideia. E também tinha medo de que a aceitasse.

Sentindo sua presença, ela olhou por cima do ombro.

– Presunto e queijo com mostarda escura?

– Ótimo.

Ela embrulhou o sanduíche no involúcro plástico.

- Você pretende passar a noite lá?
- Não posso deixar você sozinha com Lanny tanto tempo.
- Eu me viro.

Tom balançou a cabeça.

– Eu volto. Fred Hawkins vai compartilhar comigo todas as informações sobre o caso.

- Você quer dizer, o oráculo do Departamento de Polícia de Tambour?

O sarcasmo dela o fez sorrir. Ela conhecera os gêmeos Hawkins no seu último ano do curso secundário, quando o pai dela decidira mudar-se “para o campo”, tirara Janice da escola paroquial de New Orleans e a transferira para a escola pública, em Tambour. Embora a distância não fosse muito grande, o choque cultural levou-a a não perdoar os pais.

Janice considerava todos caipiras em Tambour, a começar por — e, em particular — Fred Hawkins e seu irmão gêmeo, Doral. Ela ficava espantada de um deles ter-se tornado policial, agente da lei, e o outro, funcionário da prefeitura. Até mesmo pelos padrões de Tambour, os gêmeos haviam excedido as expectativas que ela fazia deles.

– Todo mundo em Tambour quer ver a cabeça do assassino de Sam Marset espetada numa lança, e estão pressionando muito Fred para que ele prenda esse homem — disse-lhe Tom. — O médico-legista estima a hora da morte de todas as sete vítimas por volta de meia-noite, de modo que Fred está... — ele olhou para o relógio do micro-ondas — ... com quase doze horas de investigação, sem qualquer pista substancial.

Janice estremeceu.

– A cena do crime foi descrita como um banho de sangue.

– As fotos que meus homens me enviaram não eram nada bonitas.

– O que o dono da companhia estava fazendo no armazém, àquela hora da noite?

– Isso também intrigou Fred. A sra. Marset não pôde ajudar, porque estava fora de cidade. Fred acha que talvez Coburn tenha criado algum tipo de problema, começou a brigar com um companheiro de trabalho, alguma coisa séria o bastante para que o supervisor chamasse Marset. Eles estão checando os registros telefônicos, mas a razão de Marset estar lá, naquela hora inusitada, ainda não foi estabelecida.

– Lee Coburn costumava causar problemas?

– Seu registro de trabalho não mostrava isso. Mas ninguém diz conhecer bem o homem.

– Eu soube disso pela entrevista coletiva de Fred à imprensa. Além da descrição e do retrato falado feito por um desenhista para a polícia, eles não parecem ter muita

coisa.

- Ele deu informações falsas quando se inscreveu para trabalhar.
- Eles não checaram isso antes de contratar Coburn?
- Uma falha que, tenho certeza, a divisão de recursos humanos lamenta.
- Fico imaginando por que motivo ele mentiu ao pedir o emprego. Esconder sua ficha policial?

– É o consenso geral. Mas, até agora, suas digitais não apareceram em nenhuma prisão anterior.

Janice franziu as sobrancelhas.

– Provavelmente, ele é um desses excêntricos que escorre pelas rachaduras da sociedade, até fazer uma coisa dessas. Aí todo mundo fica sabendo. O que eu não compreendo é por que esses malucos vão atrás de gente inocente. Se ele tem algum ressentimento contra a empresa, por que, simplesmente, não destrói um dos caminhões? Por que causar essa mortandade?

Quando Tom conheceu Janice, ela era um ser humano compassivo, sensível, que frequentemente defendia os desafortunados. Com o passar dos anos, seu nível de tolerância declinara fortemente.

– Aparentemente, Coburn não tem os sinais aparentes de ser uma pessoa excêntrica – disse ele.

– Esses malucos raramente têm.

Tom concordou com a opinião dela, assentindo com a cabeça.

– Coburn fora encarregado recentemente dos manifestos de embarque. Talvez tenha endoidado com a pressão da nova responsabilidade.

– Isso é plausível. – A expressão dela indicava que sabia de alguma coisa sobre ficar maluco quando sob pressão.

Tom tirou uma lata de refrigerante da geladeira.

– É melhor eu ir. Fred está me esperando. Se você precisar de mim, telefone. Eu sempre ando com o celular.

– Nós vamos ficar bem.

– Eu virei o Lanny quando fiz a limpeza dele, de modo que você não precisa fazer isso durante algum tempo.

– Não se preocupe conosco, Tom. Vá. Faça seu trabalho. Eu cuido das coisas até você voltar para casa, seja lá quando for.

Ele hesitou, desejando pensar em alguma coisa para dizer que tornasse o dia dela mais aceitável, desejando que *houvesse* algo para dizer. Mas ele sabia que não havia,

portanto saiu da casa deixando o gramado sem aparar, sentindo o fardo de suas vidas pesar fortemente nos ombros, porque não sabia como torná-lo mais leve.

Não acreditava mais que pudesse melhorar a situação em Tambour.

Capítulo 7

Honor retirou a caixa selada, de borracha, de sob a cama.

Coburn recolocou o colchão, e depois, sem cerimônia, derramou o conteúdo da caixa no edredom imaculadamente branco, começando a remexer as coisas pessoais de Eddie.

A primeira coisa que lhe chamou a atenção foram os diplomas de Eddie do curso secundário, da Louisiana Southern University, e da academia de polícia. Retirou o primeiro da pasta de couro e passou a revistá-la. Mas quando ele rasgou o forro ondulado, Honor protestou.

- Não há necessidade de fazer isso!
- Acho que sim.
- Estou guardando esses documentos para Emily.
- Não vou fazer nada com esses documentos.
- Não há nada escondido atrás desse forro.

Ele jogou o primeiro para o lado e pegou outro, submetendo-o ao mesmo vandalismo.

- Esses aqui não têm nada.

Quando terminou a tarefa, ele examinou o relógio de pulso de Eddie.

- Relógio muito bacana.
- Eu dei esse relógio a ele como presente de Natal.
- Onde você comprou?
- Que diferença faz?
- Numa loja local?
- Comprei pela internet. É uma cópia barata de um relógio de grife.
- Quanto custou?
- Cerca de trezentos dólares.
- Não trezentos mil?

– Você quer ver a nota fiscal?

– Não, mas você está se contradizendo. Você disse que não usava o computador para negócios pessoais.

Ela suspirou, cansada.

– Eu tenho comprado algumas coisas.

– Eddie também?

– Nunca soube que ele fazia isso.

Ele a encarou firme, e depois desistiu e pegou a certidão de óbito de Eddie.

– Pescoço quebrado?

– Ele morreu instantaneamente. Pelo menos foi isso que me disseram.

Ela desejou que ele tivesse morrido imediatamente, e que não tivesse sofrido. O médico-legista contara a Stan e a ela que, mesmo se sobrevivesse à fratura do pescoço, ele provavelmente teria morrido por causa dos extensos ferimentos internos, antes de chegar ao hospital.

Depois de examinar a certidão de óbito, Coburn folheou o livro de registro das pessoas presentes à cerimônia do enterro.

– O que quer que você esteja procurando não está aí.

Ela estava de coração partido ao ver coisas que eram preciosas apenas para ela serem manuseadas por um homem com sangue nas mãos, literal e figurativamente.

Honor sentiu-se especialmente ultrajada quando ele apanhou a aliança de casamento de Eddie. A joia estivera no dedo do marido desde o dia em que eles se postaram no altar e trocaram seus votos, até que Honor fora chamada ao necrotério para identificar o corpo.

Segurando a aliança bem perto de si, Coburn leu a inscrição dentro dela.

– O que é isso?

– A data do casamento e nossas iniciais.

Ele leu a gravação de novo, depois jogou a aliança na palma da mão e ficou olhando para o objeto, pensativamente. Em seguida, levantou o olhar para Honor e, depois de um momento, estendeu a mão. Ela apresentou a mão, a palma para cima. Ele deixou cair a aliança na palma da mão de Honor, e os dedos dela se fecharam em torno do objeto.

– Obrigada.

– Não preciso mais disso. Já memorizei a gravação.

Ele esquadrinhou a carteira de dinheiro de Eddie diversas vezes, e depois virou o couro realmente do avesso. Não havia nada ali, exceto cartões de crédito com o prazo de validade vencido, a carteira de motorista – examinou a cobertura laminada, para

certificar-se de que estava selada em todo o contorno – e o cartão da previdência social. Havia fotografias dela e de Emily que haviam sido recortadas para caber nos compartimentos plásticos transparentes.

Ele pegou uma argola sem as chaves e balançou-a diante do rosto dela. – Uma argola para chaves, sem chaves?

– Eu retirei a chave da casa e escondi lá fora, no caso de não poder entrar. As chaves da viatura policial e do armário de Eddie na delegacia foram devolvidas ao departamento de polícia.

– Você tem um cofre em casa?

– Não.

– Você me diria, se tivesse?

– Se isso garantisse a segurança de Emily, eu levaria você de carro até o banco. Mas não tenho cofre em casa.

Ele continuou a examinar e fazer perguntas sobre cada objeto espalhado no edredom, que ele sujara com suas roupas enlameadas. Mas foi um exercício fútil, como ela sabia que seria.

– Você está perdendo tempo, sr. Coburn. O que quer que o senhor esteja procurando não está aqui.

– Está aqui. Eu apenas não consegui encontrar. E você pode deixar de lado o “senhor”. Basta um simples Coburn.

Ele se levantou da cama, pôs as mãos nos quadris e moveu-se num círculo apertado, enquanto esquadrinhava o quarto. Ela teve a esperança de que ele rapidamente achasse o que quer que fosse que procurava, e depois fosse embora sem machucá-la, nem a Emily. Mas sua busca sem resultados começava a frustrá-lo, e isso não era um bom presságio. Honor tinha medo de que ela e Emily se tornassem o bode expiatório para essa crescente frustração.

– Extratos bancários, declarações de imposto de renda. Onde está tudo isso?

Com medo de não cooperar, ela apontou para cima. – Caixas no sótão.

– Onde é o acesso para lá?

– No hall.

Ele a foi puxando atrás de si, ao sair do quarto. Estendendo a mão bem acima da cabeça, para alcançar a corda fina, ele puxou o alçapão, e depois desdobrou a escada articulada e fez um sinal para ela.

– Suba.

– Eu?

– Não vou deixar você aqui embaixo, sozinha com sua filha.

– Não vou fugir.

– Está bem. Vou providenciar para que isso não aconteça.

Seria inútil contrariar a lógica do sujeito, de modo que ela começou a subir a escada, bem consciente da exposição de suas pernas e da vista que Coburn tinha de seu traseiro. Subiu o mais rápido possível e ficou realmente contente de entrar no sótão, um lugar que ela preferiria evitar. Associava o local a teias de aranha e roedores. E sótãos eram lugares tristes, depósitos escuros, onde itens descartados da vida de uma pessoa eram deixados para mofar.

Ela puxou a correntinha que acendia a lâmpada solitária do teto. As caixas de guardados, tipo arquivo, estavam bem onde ela sabia que estariam. Pegou a primeira, pelas fendas abertas nas laterais. Coburn esperou na estreita abertura para pegar a caixa e levá-la para baixo. Eles repetiram o procedimento até tudo ser retirado do sótão.

– Isso não faz sentido – disse ela, espanando as mãos da poeira e levando a mão à correntinha para apagar a luz.

– Espere um minuto. E aquelas ali? – Ele enfiara a cabeça na abertura e dera uma olhada em torno, vendo as caixas que Honor esperava que ele não notasse. Eram caixas de armazenagem padronizadas, fechadas com fita adesiva. – Que caixas são essas?

– Decoração de Natal.

– Hou, hou, hou.

– Não há nada nelas que você pediu para ver.

– Põe para baixo.

Ela não obedeceu imediatamente. Baixando o olhar para ele, ela ficou imaginando se poderia chutar a cara dele a ponto de quebrar-lhe o nariz. Possivelmente. Mas, se falhasse, ele poderia trancá-la ali no sótão, e ficar sozinho com Emily. Por mais mortificante que fosse bancar a covarde, a segurança de Emily o exigia.

Uma por uma, ela passou as três caixas para as mãos dele.

Quando ela acabou de descer pela escada e levantou a tampa do alçapão ao nível do teto, ele estava tirando a fita de uma das caixas. Ao levantar as abas da caixa, o que surgiu não foram enfeites de Natal, mas uma camisa de homem.

Ele ergueu o olhar para ela, a questão óbvia nos olhos.

Ela ficou teimosamente em silêncio.

Finalmente ele perguntou:

– Ele morreu há quanto tempo?

A implicação calou fundo, porque ela se perguntara muitas vezes por quanto tempo iria guardar roupas completamente boas em caixas no sótão, quando gente necessitada poderia usá-las.

– Eu dei a maioria das roupas dele – disse ela, defensivamente. – Stan perguntou se podia ficar com os uniformes de Eddie, e eu deixei que ele levasse. Algumas coisas, eu simplesmente não pude dar...

Ela deixou a frase inacabada, recusando-se a explicar a um criminoso que algumas peças de roupa do marido lhe traziam lembranças extremamente felizes. Dar essas peças seria equivalente a deixar ir as próprias lembranças. Do jeito que estava, essas lembranças iam ficando inexoravelmente menos nítidas, sem que ela colaborasse no processo.

O tempo passa, e as lembranças, não importa quão caras nos sejam, vão se obscurecendo gradativamente. Agora, ela podia passar um dia inteiro, ou mesmo diversos dias, sem pensar em Eddie no contexto de uma lembrança específica.

A morte dele deixara um buraco em sua vida que parecia sem fundo. Aos poucos, esse vazio era preenchido com a tarefa de criar uma criança, com a própria agitação da vida, até que, com o tempo, ela aprendera a apreciar a vida sem ele.

Mas o prazer de viver veio com uma grande dose de culpa. Ela não conseguia fugir do sentimento de que mesmo o menor grão de felicidade era uma enorme traição. Como podia ter coragem de apreciar qualquer coisa de novo, quando Eddie estava morto e enterrado?

Assim, ela guardara peças de roupa dele que conservavam lembranças especiais para ela, e, guardando-as, mantinha a distância sua culpa de sobrevivente.

Mas Honor não estava disposta a discutir nada dessa psicologia com Coburn. E foi poupada de dizer qualquer coisa, quando Emily apareceu.

– Terminou o programa de Dora, e de Barney também. Estou com fome. Podemos almoçar?

A pergunta da menina fez Coburn se lembrar de que ele não comera nada nas últimas 24 horas, exceto os dois gostosos cupcakes. O exame das caixas trazidas do sótão levaria tempo. Ele comeria antes de começar a tarefa. Fez sinal para que a viúva entrasse na cozinha.

Depois de retirar os cupcakes e a tigela com a cobertura da mesa, ela preparou um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia para a criança. Coburn pediu um, e ficou observando-a preparar, com medo de que Honor pusesse alguma coisa nele. Pílulas para dormir moídas, veneno de rato. Ele era muito desconfiado.

– Você precisa lavar as mãos dessa vez.

A menina colocou um banquinho com degraus com seu nome pintado junto à pia da cozinha e subiu nele. Mesmo na ponta dos pés, ela quase não alcançava as torneiras, mas deu um jeito de abri-las.

– Você pode usar meu sabonete Elmo.

Ela pegou uma garrafa plástica com uma figura vermelha, de olhos arregalados e rindo, no rótulo. Espirrou um pouco de sabão líquido na palma e depois entregou a garrafa a Coburn. Ele olhou para Honor e viu que ela os observava com apreensão. Ele calculou que, enquanto estivesse nervosa com o fato de ele estar próximo à menina, ela não iria tentar nada estúpido.

Ele e a menina lavaram as mãos e depois estenderam-nas debaixo da torneira para enxaguar.

Ela virou a cabeça para trás e levantou o olhar para ele.

– Você usa sabonete Elmo?

Ele balançou as mãos para tirar a água e pegou a toalha que a menina lhe estendia.

– Não, não tenho... sabonete Elmo.

– Com quem você dorme?

Involuntariamente, o olhar dele se voltou para Honor, e fez uma conexão quase audível, como o clique de dois ímãs.

– Com ninguém.

– Você não dorme com um amigo?

– Não. Ultimamente.

– Como é que pode?

– Eu simplesmente durmo sozinho.

– Onde é a sua cama? A sua mãe lê histórias para você antes de você dormir?

Ele desviou a atenção de Honor e voltou-a para a criança.

– Histórias? Não, minha mamãe, ela... se foi.

– Meu pai também. Ele mora no céu. – Os olhos dela brilharam. – Talvez ele conheça sua mãe, lá no céu?

Coburn deixou escapar uma risada.

– Duvido.

– Você tem medo do escuro?

– Emily – interrompeu Honor. – Pare de fazer tantas perguntas. Isso não é educado. Venha sentar e comer seu sanduíche.

Eles se sentaram em torno da mesa. A viúva parecia pronta para saltar, sobressaltada, caso ele apenas dissesse *uuuuu*... Ela não comeu. Para dizer a verdade, ele

estava tão constrangido quanto ela, com aquela cena doméstica. Desde que era criança, ele nunca conversara com nenhuma outra criança. Era muito estranho manter conversa com uma pessoa tão pequena.

Ele engoliu o sanduíche, depois pegou uma maçã de uma cesta de frutas na mesa. A menina comia sem vontade.

– Emily, você disse que estava com fome – advertiu a mãe. – Coma seu sanduíche.

Mas Coburn a distraía. Não tirava os olhos de cima dele. Estudava tudo que ele fazia. Quando ele deu, ruidosamente, a primeira mordida na maçã, ela disse: – Eu não gosto da casca.

Ele deu de ombros e disse, a boca cheia:

– Eu não me importo com ela.

– Também não gosto de maçãs verdes. Só das vermelhas.

– As verdes são boas.

– Adivinhe o quê?

– O quê?

– Meu avô consegue descascar uma maçã de cima a baixo sem quebrar a casca. Ele diz que gosta de fazer um cacho comprido com a casca, exatamente como meu cabelo. E adivinha mais o quê.

– O quê?

– Mamãe não consegue fazer isso porque ela é mulher, e vovô diz que homens fazem isso melhor. E mamãe não tem uma faca mágica especial, como vovô.

– Não diga. – Ele lançou um olhar para Honor, que rolou os lábios para dentro. – Que tipo de faca mágica especial seu avô tem?

– Grande. Ele carrega a faca amarrada em volta do tornozelo, mas eu não posso tocar nela porque é afiada e eu posso me machucar.

– Hum.

Honor arrastou a cadeira para trás e levantou-se depressa.

– É hora da sua soneca, Em.

O rosto da menina assumiu uma expressão de revolta.

– Não estou com sono.

– É hora de descanso. Vamos.

O tom de voz dela não permitia discussão. A expressão da criança ainda era de revolta, mas ela desceu da cadeira e foi saindo da cozinha. Coburn deixou o restante da maçã no prato e foi atrás delas.

No enfeitado quarto cor-de-rosa, a menina subiu na cama e estendeu os pés por cima da borda. A mãe tirou as sandálias e colocou-as no chão, dizendo:

– Deite. Hora de dormir.

A meninazinha deitou a cabeça no travesseiro e pegou uma colcha de algodão tão usada e esfiapada que parecia estar deslocada naquele quarto. Ela meteu a colcha debaixo do queixo e dirigiu a pergunta para Coburn.

– Você pode pegar meu boneco Elmo para mim, por favor?

Ele acompanhou a direção do olhar dela e viu um brinquedo vermelho estofado caído no chão perto das botas sujas de lama dele. Ele reconheceu a cara sorridente do invólucro de sabonete na cozinha. Inclinou-se e pegou o boneco. A coisa começou a cantar, espantando-o. Rapidamente ele entregou o brinquedo à menina.

– Obrigada. – Ela acolheu o boneco junto ao peito e suspirou, feliz.

Ocorreu a Coburn o pensamento de que ele não se lembrava de uma ocasião em sua vida em que houvesse experimentado esse tipo de contentamento. Ficou imaginando como seria adormecer sem se preocupar se acordaria ou não.

Honor inclinou-se e beijou a testa da filha. Os olhos da menina já estavam fechados. Coburn observou que as pálpebras eram quase transparentes. Minúsculas veias arroxeadas cruzavam-nas, em todas as direções. Ele nunca observara as pálpebras de ninguém antes, a menos que fosse nos segundos antes que puxassem uma arma para ele. Depois, aquela pessoa geralmente morria com aquele olhar malevolente semicerrado, intacto.

Ao deixarem o quarto, o brinquedo ainda cantava um cançãozinha idiota sobre amigos. Honor fechou a porta atrás deles. Ele olhou para as caixas alinhadas ao longo da parede, depois tirou o telefone celular do bolso da calça jeans e entregou-o a ela. Honor olhou para ele, curiosa.

– Telefone para seu sogro. Sabe, aquele que se mantém em forma. Aquele com a grande faca mágica amarrada ao tornozelo. Diga a ele que a festa foi cancelada.

Capítulo 8

O armazém da Royale Trucking Company estava isolado com a fita própria para cenas do crime. A área imediatamente fora dessa barreira estava coalhada de veículos oficiais e de passantes que convergiam ao local, à falta do que fazer. Essas pessoas estavam reunidas em grupos, trocando os boatos mais recentes relativos ao assassinato em massa e ao homem que o cometera.

Que supostamente o cometera, lembrou para si mesmo Stan Gillette, ao estacionar seu carro e desembarcar.

Antes de sair de casa, ele examinara a própria imagem, com olho crítico, no espelho de corpo inteiro do banheiro. Batera de leve no estômago reto, passara a mão no cabelo cortado rente, ajustara o colarinho engomado, examinara o vinco nas pernas da calça, o brilho dos sapatos, e determinara que a disciplina que adquirira na carreira militar o servira muito bem na vida civil.

Ele nunca reclamara dos padrões do Corpo de Fuzileiros Navais, quase impossíveis de se alcançar. Na verdade, desejava que eles fossem ainda mais exigentes. Se fosse fácil ser fuzileiro naval, todo mundo iria querer ser um, certo? Ele nascera para ser um dos poucos, os orgulhosos.

Tinha consciência do respeito que sua figura impunha, enquanto abria caminho no meio da multidão. As pessoas se afastavam para ele passar. Um ar de comando era uma coisa natural para ele. Por isso ele decidira visitar a cena do crime da noite anterior, e porque ninguém o impedira enquanto caminhava para a faixa amarela.

Dentro da área cercada, e a diversos metros de distância, Fred Hawkins estava entretido numa conversa com um punhado de outros homens, Doral entre eles. Stan captou o olhar de Doral, e, parecendo agradecer a interrupção, ele se aproximou.

– Uma bagunça, isso aqui, Doral – disse Stan.

– Uma boa multidão. – Doral pegou um cigarro no maço do bolso da camisa e levou um isqueiro a ele. Notando a careta desaprovadora de Stan, ele disse: – Diabo,

eu sei, mas essa situação... e eu já estou sem fumar há duas semanas.

– Faço 65 anos hoje e corro mais de oito quilômetros antes de amanhecer – gabou-se Stan.

– Grande coisa. Você corre mais de oito quilômetros antes do amanhecer, todo dia.

– A menos que esteja havendo um furacão.

Doral revirou os olhos. – Aí você só corre quatro.

Era uma velha piada que os dois compartilhavam.

Doral expirou a fumaça para longe de Stan, olhando de soslaio.

– Acho que os cavalos selvagens não o podem manter longe muito tempo.

Stan ficou observando Fred, que gesticulava muito enquanto falava com os homens a seu redor.

– Bem, eu lhe agradeço por ter retornado meus telefonemas e me manter informado das últimas notícias, mas não há nada como estar no centro da coisa.

Acompanhando a direção do olhar de Stan, Doral mostrou, com um movimento de cabeça, um homem alto, magro, que dava a Fred atenção particular.

– Tom VanAllen acabou de chegar. Fred o está pondo a par da situação.

– O que é que você acha dele?

– É dos melhores do FBI. Não é muito inteligente. Nem muito ambicioso.

Stan deu uma risadinha.

– Então, se essa investigação entrar pelo cano...

– Ele leva a culpa. De qualquer maneira, a maior parte dela. Se os federais não conseguirem desvendar a coisa, como, diabo, esperar que o Departamento de Polícia consiga?

– Isso faz sentido.

– É essa a ideia. Tirar a pressão de Fred e passar para os federais. É claro que nós continuaremos a acompanhar de perto tudo que eles fizerem.

– Passe para mim os detalhes dos bastidores do crime.

Doral falou durante vários minutos, mas não contou a Stan muito que ele já não soubesse ou tivesse intuído. Quando Doral terminou, Stan perguntou:

– Não há testemunhas oculares?

– Nenhuma.

– Então, como é que o crime está sendo imputado a esse tal de Coburn?

– Noite passada, somente sete empregados bateram o ponto. Considerando a chegada de Sam, significa que oito pessoas estavam aqui à meia-noite, quando o tiroteio começou. Coburn é o único desaparecido. No mínimo, ele é uma pessoa de interesse.

- Que motivo ele teria?
- Ele andou brigando com o patrão.
- Fato ou conjectura?

Doral deu de ombros.

- Fato. Até que alguém diga o contrário.
- O que é que vocês sabem sobre o homem?

– Bem, sabemos que ele ainda não foi capturado – falou Doral, irritado. – Homens e cães estiveram por toda a área para onde se acredita que ele tenha corrido, entre as árvores, mas não se conseguiu nada. Uma mulher que mora nas cercanias do local diz que seu barco a remo desapareceu, mas ela suspeita que os filhos do vizinho pegaram a embarcação e não a trouxeram de volta. Os policiais estão checando essa pista. Vamos ver.

- Por que vocês não estão lá, na busca? Se alguém encontrar o homem...

– Fred queria acompanhar VanAllen até lá, assegurar-se de que ele aparecesse na TV, mostrar que os federais estavam no caso. Como representante da prefeitura, eu, pessoalmente, apreciei a entrada de VanAllen no esquema.

Stan processou tudo aquilo, então perguntou:

- E quanto à arma do crime?

– O legista diz que uma pistola de grande calibre matou Sam. Os outros foram mortos com um fuzil automático.

- E?

Doral virou-se para seu mestre.

- Não foi encontrada nenhuma arma de fogo no local do crime.

- O que nos leva a presumir que Coburn está fortemente armado.

– E ele não tem nada a perder, o que faz dele um homem perigoso. Inimigo público número um. – Doral viu que o irmão acenava para eles. Jogou o cigarro no chão e apagou-o com o pé. – Essa é a dica para que eu vá em seu socorro.

Stan disse:

- Diga a Fred que eu vou me juntar aos voluntários mais tarde, hoje à noite.

- Por que não agora?

- Honor está preparando um jantar de aniversário.

– Lá na casa dela? É bem longe daqui. Quando é que você vai persuadir Honor a se mudar para a cidade?

– Estou fazendo progresso – mentiu Stan, sabendo que Doral caçoava dele devido às suas frequentes discussões com a nora.

Stan queria que ela se mudasse para a cidade. Ela o contestava. Ele compreendia o desejo dela de permanecer na casa para onde ela e Eddie tinham se mudado, quando se casaram. Eles deram muito de si para transformá-la num lar, passando a maior parte dos fins de semana trabalhando duro até que o imóvel ficasse do jeito que queriam. Naturalmente, ela sentia uma forte ligação com o lugar.

Mas seria mais fácil para ele cuidar dela e de Emily se elas morassem mais próximo dele, e ele não pretendia desistir, até que Honor concordasse com a mudança.

– Eu me junto ao grupo, depois da festa – disse a Doral. – Mas não vou chegar tarde.

– Espero que a essa hora já tenhamos capturado Coburn. Se isso não acontecer, pergunte por aí, se você não vir Fred ou eu, imediatamente. Nós vamos precisar de você.

– É um desafio?

– Não para mim e Fred.

Coburn imaginou que Honor Gillette aproveitaria a oportunidade de falar com o sogro, mas ela levantou uma objeção.

– Ele não deve chegar senão às cinco e meia. A essa altura, você já terá ido embora.

Ele também contava com isso. Mas não queria que o velho aparecesse cedo. Fez sinal com a cabeça para o telefone na sua mão.

– Invente alguma coisa. Convença o velho a não vir.

Ela usou a chamada rápida, para telefonar.

– Não tente nenhum truque – avisou Coburn. – Coloca no viva-voz.

Ela fez o que Coburn pedia, de modo que ele ouviu a vivacidade na voz do homem, quando ele atendeu.

– Honor? Tentei ligar para você mais cedo.

– Desculpe. Não pude alcançar o telefone.

Imediatamente ele perguntou:

– Alguma coisa errada?

– Acho que a festa vai ter de ser adiada. Em e eu estamos adoentadas. Uma virose estomacal. Ouvi dizer que está se espalhando por aí. Duas das crianças na Escola Bíblica das Férias...

– Estou a caminho.

Coburn balançou a cabeça com violência.

– Não, Stan – disse ela, rapidamente. – Isso vai expor você ao vírus, e não faz sentido você também cair doente.

– Eu nunca pego essas coisas.
– Bem, eu vou me sentir péssima se você pegar. Além disso, nós estamos bem.
– Eu posso levar Gatorade e cream cracker para vocês.
– Já tenho tudo isso. E o pior já passou. Emily conseguiu tomar Sprite. Ela está dormindo. Estamos nos sentindo um pouco cansadas, mas tenho certeza que é uma dessas coisas que acaba em vinte e quatro horas. Nós fazemos sua festa amanhã, à noitinha.

– Eu detesto ter que adiar a festa por causa da Emily. Ela vai adorar o presente. Ela deu um sorriso frouxo. – O aniversário é seu.
– O que me autoriza a estragar minha neta, se eu quiser.
O ruído no fundo, que era alto durante a conversa, transformou-se numa algazarra.

– Que barulho todo é esse aí? Onde é que você está? – perguntou Honor.
– Acabei de sair do armazém da Royale. Se você tem estado adoentada, talvez não tenha ouvido falar do que aconteceu aqui na noite passada. – Ele fez um resumo do que acontecera. – Fred está chefiando o grupo de busca. Doral me contou o que houve.

Com os olhos em Coburn, ela disse:
– Parece que esse homem é perigoso.
– Ele deve estar apavorado. Sem se importar com o feriado, todos os policiais de cinco municípios estão à procura dele. Vão pegar esse assassino logo e, quando isso acontecer, ele terá sorte se não o pendurarem na primeira árvore. Todo mundo está com os nervos à flor da pele e quer vingar Sam Marset.

– Alguma pista nova?
– O barco de uma mulher foi roubado durante a noite. Estão checando isso agora. E o FBI está no caso.

Honor fez um murmúrio conveniente, que poderia ser interpretado de diversas maneiras. Stan Gillette deve ter entendido como se ela estivesse cansada.

– Descanse enquanto puder. Telefonarei mais tarde para ver como vocês duas estão indo, mas, nesse meio-tempo, se precisar de alguma coisa...
– Prometo que telefonarei.

Despediram-se e Stan Gillette desligou. Coburn estendeu a mão e, com relutância, Honor deixou cair o celular na mão dele. Nesse ínterim, ele usava o próprio telefone para chamar novamente o número para o qual telefonara antes. Só conseguiu a mesma mensagem gravada.

– Que feriado é hoje?
– Ontem foi o Quatro de Julho. Como caiu num domingo...

– Hoje é feriado nacional. Merda. Não tinha pensado nisso.

Ele meteu no bolso ambos os telefones, depois ficou de pé ali, estudando as caixas que pretendia investigar.

– Por quanto tempo a menina dorme?

– Uma hora. Às vezes um pouco mais.

– Muito bem, vamos para o quarto.

Ele empurrou o cotovelo dela, mas ela resistiu.

– Por quê? Achei que você ia examinar os arquivos.

– Vou examinar. Depois.

A expressão dela desabou. – Depois?

– Depois.

Capítulo 9

Ele a foi empurrando na direção do quarto. O coração de Honor disparou, e, quando entraram no quarto, ela olhou freneticamente em torno, à procura de uma arma.

– Sente na cama.

Não havia nada que ela pudesse pegar e usar antes que ele lhe desse um tiro, mas o mínimo que podia fazer era resistir. Ela virou o rosto para ele e, desafiadoramente, perguntou:

– Por quê?

Coburn retirara a arma da cintura da calça jeans. Não a apontava para ela, mas, mesmo mantendo-a baixa a seu lado e batendo de leve com o cano na coxa, já constituía uma ameaça e tanto.

– Sente-se na ponta da cama.

Ela fez o que era mandado, mas mantendo a postura altiva.

Ele recuou, passando pela porta, e entrou no corredor. Mantendo os olhos nela, usou o pé para empurrar a caixa de roupas, aberta, do corredor para dentro do quarto, fazendo-a deslizar pelo assoalho de tábuas, até que ficasse ao alcance dela.

– Pegue umas roupas que eu possa usar. Para mim, não faz diferença quais sejam, mas pode fazer para você. Não quero profanar alguma peça sagrada.

Ela levou um momento para compreender que não estava prestes a ser estuprada, e que tudo o que ele queria dela era uma muda de roupas. Mas não eram roupas quaisquer. Eram roupas que Eddie usara.

Ela ia começar a dizer a ele que podia apodrecer nas suas roupas manchadas de sangue, que ela não se importava. Mas ele mesmo pegaria da caixa algumas peças, então, de que adiantaria isso?

Honor se ajoelhou ao lado da caixa e remexeu no conteúdo, escolhendo uma calça jeans e uma camiseta. Levantou as peças para que ele as examinasse.

– Roupas de baixo? Meias?

- Não guardei nenhuma.
- Está bem, traga as roupas com você para o banheiro.
- No banheiro? Para quê?
- Uma chuveirada. Estou enjoado com o meu próprio fedor.

Ela olhou para o banheiro, pela porta de ligação, depois, de novo para ele.

- Deixe a porta aberta. Você pode me ver de lá.

- Não é uma opção. – Ele agitou o cano da pistola, apontando o banheiro.

Vagarosamente, ela se levantou e foi na direção do banheiro. Ele fez sinal para ela sentar na tampa abaixada do vaso sanitário, e ela obedeceu, observando, amedrontada, ele fechar e trancar a porta.

Ele abriu a divisória do box do chuveiro e também a água. E então, depois de colocar a pistola numa prateleira decorativa bem a seu alcance, ele arrancou as botas de caubói, uma de cada vez. Em seguida fez o mesmo com as meias. Tirou a camiseta e jogou-a no chão.

Ela olhava fixamente para as linhas intermediárias de argamassa no chão de azulejos, mas, dentro de sua visão periférica, podia observar um tórax esguio, com um pouco de pelo nos músculos peitorais. Nos bíceps, ele ostentava uma tatuagem com uma faixa de arame farpado.

Ela teve a esperança de que ele fosse esquecer os telefones celulares nos bolsos da calça jeans, mas o viu tirar os aparelhos e colocá-los na prateleira, ao lado da pistola. Também tirou dos bolsos um maço de dinheiro e um pedaço de papel, dobrado num retângulo achatado, do tamanho de uma carta de baralho. Isso tudo, também, ele colocou na prateleira.

Depois, suas mãos se movimentaram até a barguilha da calça e com destreza ele tirou os colchetes dos orifícios já gastos. Sem o menor constrangimento, ele empurrou a calça para baixo das pernas e largou-a, chutando-a para o lado. Por último, saiu a cueca.

O coração de Honor batia tão forte que ela sentia cada pulsação nos ouvidos. Já esquecera, ou melhor, não se permitira lembrar, a essência particular de um homem nu, a forma do corpo masculino, as intrigantes texturas.

Talvez porque tivesse medo de Coburn, porque ele representava uma ameaça física, ela ficou extremamente consciente de sua nudez, enquanto ele ficava ali parado, apenas alguns centímetros dela, emanando uma masculinidade muito real, dominadora, primitiva.

Debaixo das roupas de Eddie que estavam no seu colo, suas mãos se crispavam, cerrando os punhos. A despeito da determinação de não se acovardar, ela mantinha os

olhos abertos. Mas agora, eles pareciam se fechar com força, por sua própria vontade.

Depois do que pareceu uma eternidade, ela sentiu Coburn se afastando dela e entrando no box do chuveiro. Ele não fechou a porta. Quando o jato d'água o atingiu, ele suspirou de prazer.

Era esse instante pelo qual ela vinha esperando. Pôs-se de pé de repente, jogando as peças de roupa no chão, e, com as mãos estendidas, atirou-se para a prateleira.

Apenas para encontrá-la vazia.

– Eu imaginei que você fosse tentar.

Raivosamente, ela virou na direção do box. Ele estava, despreocupadamente, fazendo espuma com um sabonete entre as mãos, a água jorrando pelo corpo. Com um sorriso presunçoso, ele inclinou a cabeça na direção da alta e estreita janela do box. Na prateleira de azulejos, em segurança e secos, a pistola, os telefones celulares, o dinheiro e o pedaço de papel dobrado.

Com um grito estrangulado de desespero, Honor se lançou na direção da porta e abriu o fecho. Conseguiu abrir a porta antes que uma mão ensaboada passasse velozmente por cima de seu ombro e batesse a porta com força, permanecendo com a palma aberta sobre a madeira. Ele colocou a outra mão no quadril dela, a parte de trás pressionando o osso, enquanto a palma e os dedos se encaixavam firmemente na curva da barriga de Honor.

O contato úmido de sua mão era muito intenso e queimava tanto quanto um ferro em brasa, enquanto ele se encostava nela por trás, apertando-a entre seu próprio corpo e a porta. Com o canto dos olhos ela teve uma visão a curta distância da tatuagem de arame farpado, que parecia tão resistente quanto o músculo duro que circundava.

Honor ficou gelada de medo. Ele também não se moveu, exceto pelo rápido subir e descer de seu peito contra as costas dela. A roupa de Honor funcionou como uma esponja na pele molhada de Coburn. Pingava água dele e caía em gotas sobre a parte posterior das pernas nuas de Honor. Bolhas de sabão dissolviam-se em líquido na mão que ele mantinha espalmada contra a porta.

A respiração dele era rápida e quente, contra o pescoço dela. Ele inclinou a cabeça para baixo, na direção do ombro dela, enquanto seus quadris se elevavam. Era um ajustamento muito sutil de duas partes do corpo, perfeitamente sincronizadas e correspondentes. Mas era o bastante para fazer com que Honor parasse de respirar.

– Jesus. – A palavra foi dita em um gemido quase inaudível que saiu do fundo do peito dele, e não era, absolutamente, de inspiração religiosa.

Honor não ousava mudar de posição, não ousava nem mesmo respirar, com medo do que o menor movimento seu poderia provocar.

Passou-se lentamente meio minuto. Gradualmente, a tensão de seu corpo foi se esvaindo, e ele relaxou o aperto, mas apenas superficialmente. Numa voz grave, ele disse:

- Nós tínhamos um acordo. Você coopera, eu não a machuco.
- Eu não confiava que você cumprisse o acordo.
- Então, estamos quites, moça. Você acabou de perder todos os privilégios de confiança. – Ele soltou-a e recuou. – Sente-se e fique aí, ou que Deus me ajude...

A ordem foi dada de maneira tão enfática que ele nem mesmo se preocupou em trancar a porta do banheiro de novo. Os joelhos dela arriaram no momento em que ela chegava ao vaso. Ela sentou-se ali, o corpo pesado, agradecida por aquele suporte.

Ele voltou para o box, e, embora ela não olhasse naquela direção, sentiu quando ele pegou o saboete no chão, e depois, lavando-se e enxaguando-se em ciclos, a fim de tirar a sujeira do corpo.

Ela sentiu o cheiro do próprio xampu quando ele abriu o invólucro plástico. Sabendo que ele teria que meter a cabeça debaixo do jato d'água, a fim de enxaguá-la, ela ficou imaginando se podia tentar novamente fugir pela porta. Mas não confiava nas próprias pernas para sustentá-la, tampouco no que ele faria se ela tentasse e fracassasse de novo.

O banheiro ficara enevoadado e quente de vapor quando ele fechou as torneiras. Ela sentiu quando ele estendeu a mão através da porta aberta e retirou uma toalha da prateleira. Uns poucos momentos depois, ele pegou a velha calça jeans de Eddie e vestiu-a, e, em seguida, a camiseta roxa desbotada.

- Minha cabeça está sangrando de novo.

Quando ela levantou o olhar, ele ainda pelejava, com uma das mãos, para vestir a camiseta sobre o tórax molhado, e, com a outra, tentava estancar o sangramento no couro cabeludo. Sangue vermelho vivo escorria por entre seus dedos.

- Mantenha a toalha contra o ferimento. Aperte com força. – Ela se levantou e abriu o armário de remédios em cima da pia. – É melhor você passar água oxigenada nisso.

Ela passou o pequeno frasco para ele. Ele o destampou e fez como ela sugeria, derramando a água oxigenada diretamente sobre o ferimento. Ela se encolheu. – É profundo? Talvez você precise dar uns pontos aí.

- Isso serve, por enquanto.
- Como aconteceu?
- Eu estava correndo com a cabeça abaixada, tentando ver o chão. Bati num galho de árvore baixo. – Ele jogou a toalha ensanguentada no chão. – Que interessa isso a

você?

Ela não respondeu, mas não acreditava que ele realmente esperasse que ela respondesse. Ele pegou os objetos que estavam na prateleira de azulejos, no box do banheiro. Meteu a pistola na cintura da calça de Eddie. Honor notou que a peça estava um pouco curta, e a cintura um pouco larga. Os telefones celulares, o dinheiro e o estranho pedaço de papel foram parar nos bolsos da frente. Depois, pegando as meias e as botas, ele disse:

– Pode abrir a porta agora.

Ao deixarem o banheiro, Honor disse:

– Enquanto estávamos trancados ali, alguém poderia ter aparecido procurando por você. Você estaria encurralado.

– Isso me ocorreu, mas não fiquei muito preocupado. Graças a seu sogro, eu sei onde eles estão concentrando a busca.

– Onde você roubou o barco?

– Fica a quilômetros daqui. Vão levar algum tempo para achar minha pista de novo.

– Vocês têm *cirteza*? – A sra. Arleeta Thibadoux estreitou os olhos, duvidando. – Porque eles são malucos, crianças malvadas, sempre causando problemas de um tipo ou outro. Suspeito que usem drogas.

Tom VanAllen cederia o lugar a Fred Hawkins, deixando o policial entrevistar a proprietária do pequeno barco que desaparecera na área próxima ao local onde Lee Coburn fora visto pela última vez. Ou presumia-se que fora visto pela última vez. Que ele era o homem que o motorista com pneu furado avistara correndo pela mata também não pôde ser confirmado, mas era tudo o que tinham, portanto estavam seguindo nessa direção, como se fosse uma boa pista.

Os três garotos de duvidosa reputação, que moravam a uns quatrocentos metros da sra. Thibadoux, haviam sido interrogados e a suspeita de que haviam roubado o barco fora descartada. Na véspera, eles tinham estado em Nova Orleans com diversos amigos, perambulando pelo bairro francês. Tinha dormido fora, ou, mais precisamente desmaiado, na van que pertencia a um deles, e acabado de se arrastar para casa, de ressaca e com os olhos vermelhos, no momento em que a polícia de Tambour chegava para interrogá-los.

Isso foi explicado à sra. Thibadoux, que não estava propensa a descartá-los como culpados.

– Eu tive que gritar com eles há poucos dias. Vi esses garotos ali no embarcadouro, mexendo no meu barco.

– Os amigos deles podem testemunhar onde estavam desde oito horas da noite de ontem – afirmou Fred para a senhora.

– Hum, bem. – Ela fungou. – De qualquer modo, o barco não valia muito. Eu não saía com ele desde que meu marido morreu. Pensei muitas vezes em vender, mas nunca fiz isso. – Ela sorriu, revelando um espaço onde deveria estar um dente importante. – Vai valer mais dinheiro agora, se aquele assassino fugiu com ele. Se você encontrar meu barco, não deixe que ninguém faça nada nele.

– Não, madame, não deixaremos.

Fred levou a mão ao chapéu, à guisa de cumprimento, e passou pelos cães de caça esparramados na entradinha da casa. Quando desceu os degraus, ele abriu uma goma de mascar e ofereceu o pacote a Tom.

– Não, obrigado. – Tom enxugou um pouco do suor da testa e abanou a mão para afugentar o enxame de mosquitos que pareciam ter gostado dele. – Você acha que Coburn pegou o barco?

– Pode ser que ele simplesmente tenha se soltado do embarcadouro e seguido com a corrente – sugeriu Fred. – Mas ela jura que o barco estava seguro. De qualquer modo, temos que presumir que tenha sido Coburn e tentar localizar o barco.

A frustração fez com que a resposta de Fred soasse tensa, até mesmo obrigatória. Tom podia ver que a paciência do policial estava se esgotando. Quanto mais tempo Coburn estivesse solto, maiores suas chances de escapar. Fred começava a sentir a pressão. Estava mascando a goma com força.

– Minha agência telefonou enquanto você falava com a sra.Thibadoux – disse Tom. – A busca por caminhões não resultou em nada.

A primeira coisa que ele fizera na noite anterior, depois de ser alertado sobre o assassinato múltiplo, foi ordenar que todos os caminhões da frota da Royale fossem parados nas duas rotas, e inteiramente revistados.

– Eu não esperava outra coisa – disse Fred. – Se Coburn tivesse um cúmplice que o afastasse para longe dali dentro de um caminhão da companhia, ou um amigo que providenciasse sua fuga, ele poderia ser deixado em qualquer lugar.

– Estou ciente disso – disse Tom, irritado. – Mas mesmo assim, os motoristas estão sendo interrogados. E, usando os manifestos de embarque da companhia, nós estamos checando qualquer um que esteve no armazém no último mês. Coburn pode ter feito uma aliança com alguém que trabalhava para qualquer das empresas com as quais a Royale realizava transações. Talvez mais do que um.

– Não desapareceu nada do armazém.

– Isso nós sabemos – enfatizou Tom. – Coburn podia estar furtando há algum tempo, um pouco de cada vez, e simplesmente não fora apanhado, ainda. Talvez seu desfalque não tenha vindo à luz, senão ontem, e quando Sam o apertou, ele enlouqueceu. De qualquer modo, eu tenho agentes avaliando esse aspecto da questão.

Fred deu de ombros como se dizendo que eram o tempo e a mão de obra do governo federal que estavam sendo desperdiçados. Ironicamente, disse:

– Você pode interrogar Coburn sobre isso quando nós pegarmos o cara.

– Se formos nós.

– Seremos nós – rosnou Fred, decidido. – Ele ainda está na área, ou eu não sou três quartos descendente de franceses.

– O que o faz tão certo disso?

– Eu posso sentir isso, como os pelos da minha nuca se eriçando.

Tom não discutiu. Alguns agentes da lei tinham habilidades inatas para solucionar crimes, as quais inspiraram a escolha da carreira. Tom não era um desses. Ele sempre quisera ser agente do FBI, para trabalhar naquele ambiente, mas não se iludira em acreditar que possuísse poderes extraordinários para detecção ou dedução. Ele se apoiava estritamente no treinamento e nos procedimentos regulamentares.

Sabia que não inspirava a imagem sexy, glamorosa, de um agente do FBI que Hollywood retratava – homens de olhos de aço, maxilares de ferro, desafiando balas de metralhadora enquanto perseguiam gângsteres em carros velozes.

Os perigos com que Tom se defrontava eram de um tipo completamente diferente.

Limpou a garganta para afastar aquele pensamento perturbador.

– Então você acha que Coburn está por aí, em algum lugar. – Ele protegeu os olhos do sol, que ainda não se escondera atrás da linha de árvores. Podia ouvir o helicóptero de busca, voando não muito longe, mas não podia avistá-lo, devido à ofuscação. – O helicóptero talvez aviste o barco.

– Talvez. Mas provavelmente não fará isso.

– Não?

Fred recolocou sua goma de mascar no outro lado da boca. – Ele está voando há duas horas. Estou achando que Coburn é esperto demais para ser descoberto tão facilmente. Não é provável que ele aviste o assassino. Nesse meio-tempo, os barcos da polícia já esquadrinharam quilômetros...

Um apito agudo chamou a atenção deles para o embarcadouro caindo aos pedaços, a uns cinquenta metros da casa da sra. Thibadoux. Doral Hawkins acenava com os braços no alto da cabeça. VanAllen e Fred seguiram numa corrida curta pelo declive

gramado repleto de coisas descartadas, relíquias de ferro-velho e de brechós, que tinham sido compradas e depois abandonadas à mercê do ar salino.

Eles se juntaram a Doral e diversos policiais uniformizados, agrupados em torno de uma área na margem do braço de rio. – O que você encontrou, irmão? – perguntou Fred.

– Uma pegada parcial. Uma coisa até melhor, sangue. – Doral apontou, orgulhoso, para o que eram, obviamente, manchas de sangue perto de uma nítida depressão na lama fria.

– Que coisa! – Fred agachou-se para examinar melhor a primeira pista real que eles haviam encontrado.

– Não fique muito entusiasmado – disse Doral. – Parece o calcanhar de uma bota de caubói. Pode pertencer a um desses adolescentes idiotas dos quais a velha estava reclamando.

– Ela disse que eles estiveram aqui, no embarcadouro dela, apenas há uns poucos dias – observou Tom.

– Vamos checar os calçados deles – disse Fred. – Mas uma das mulheres que trabalham nos escritórios da Royale parece que tinha uma queda por Coburn. Descreveu o cara em detalhes. Até as botas. – Ele sorriu para os outros dois homens. – Ela disse que nunca viu o cara usando outro calçado, a não ser as botas de caubói.

– E o que se deduz do sangue? – perguntou Tom.

– São apenas umas gotas, não uma poça, de modo que ele pode não estar muito ferido. – Fred bateu com a palma das mãos nas próprias coxas ao se levantar, e falou para um dos outros policiais: – Chame os rapazes do laboratório da unidade do xerife daqui.

Deu a outro par de policiais a tarefa de isolar a área.

– Sete metros de largura. Desde a casa até a água. E diga à sra. Thibadoux para manter a porra de seus cachorros longe desse ponto.

– Eles podiam captar o cheiro dele – disse Tom, esperançoso.

Fred zombou.

– Não esses cachorros vagabundos. Onde eles estavam quando Coburn estava furtando o barco?

Boa pergunta. Estranhos perambulavam pela propriedade e nenhum dos cães sequer rosnou.

Doral, que estivera olhando para a água preguiçosa do rio, usou o polegar para empurrar o boné mais para trás da cabeça.

– Detesto ser estraga-prazeres nessa questão, mas se Coburn fugiu por esse rio aqui...

– Estamos fodidos – disse Fred, captando o que seu irmão gêmeo queria dizer.

– Era o que eu estava pensando – disse Doral, com tristeza.

Tom odiava mostrar sua ignorância, mas precisava perguntar.

– O que é que você estava pensando?

Doral apontou para os afluentes que convergiam para o braço mais largo do rio, atrás da casa da sra. Thibadoux.

– Bem, partindo daqui Coburn pode ter ido em qualquer uma de cinco direções.

– Todos esses cinco canais se dividem em outros, que também se ramificam em outros. É uma rede. Isso nos deixa com quilômetros de vias aquáticas e pântanos para cobrir. – A alegria de Fred se dissipou rapidamente. Lançando o olhar para o rio, ele colocou as mãos nos quadris. – Merda. Já deveríamos ter prendido esse filho da puta, a essa hora.

– Não vou discutir esse ponto com você – disse Doral.

– Ele esteve no embarcadouro, pelo amor de Deus – resmungou Fred. – Até que ponto vai a esperteza dele?

Tom evitou mostrar o óbvio, mas resolveu dizer:

– Parece que ele escolheu esse ponto de propósito, não é? Como se soubesse que esses riachos convergiam para cá.

– Como é que ele poderia saber, se ele não é daqui? – perguntou Doral.

Fred tirou a goma de mascar da boca e atirou-a às águas escuras, densas, do rio.

– Significa que ele tinha uma rota de fuga toda planejada.

O celular de Tom vibrou. Ele tirou o aparelho do bolso.

– Minha mulher – disse ele aos dois homens.

– É melhor atender – disse Fred.

Tom não falava com ninguém sobre as circunstâncias que cercavam sua vida doméstica, mas tinha certeza que as pessoas comentavam o assunto pelas suas costas. Nunca mencionavam Lanny, mas todos que conheciam os VanAllen, até mesmo por nome, sabiam da situação do filho deles. Alguém tão incapacitado quanto Lanny suscitava pena e curiosidade, motivo pelo qual Tom e Janice nunca saíam com ele de casa. Queriam poupar, não apenas a si próprios, mas seu indefeso filho da humilhação de ver as pessoas se espantarem.

Até mesmo seus amigos, isto é, ex-amigos, tinham mostrado uma curiosidade mórbida, que ficara tão insuportável que ele e Janice romperam todas as relações. Não mantinham mais relações sociais com ninguém. Além disso, seus amigos criavam

crianças normais, sadias. Era doloroso ouvi-los conversar sobre jogos na escola, festas de aniversário e futebol.

Ele se virou de costas e respondeu à chamada.

– Está tudo bem?

– Tudo – replicou ela. – Estou ligando só pra ver como você está. Como vão as coisas?

– Na verdade, conseguimos um bom avanço. – Ele relatou a descoberta recente. – Boa notícia, é provável que tenhamos uma pista. Má notícia, essa pista termina num braço de rio. É uma imensidão de área pantanosa para cobrir.

– Quanto tempo você vai ficar aí?

– Estou quase indo embora. Mas não me espere para o jantar. Preciso parar no escritório antes de voltar para casa. Como está Lanny?

– Você sempre pergunta isso.

– Sempre quero saber.

Ela suspirou.

– Ele está bem.

Tom estava a ponto de agradecer a ela pela informação, quando engoliu as palavras. Aquilo o ofendia, esse sentimento de que deveria agradecer a ela por ter respondido a uma pergunta sobre o bem-estar do filho.

– Vejo você logo, logo – disse ele, e imediatamente desligou.

O encontro da pegada e do sangue reanimara os policiais ociosos engajados na caçada humana. Cães de busca descansados tinham sido requisitados. A sra. Thibadoux gritava da entrada dos fundos de sua casa que alguém teria de pagar por qualquer dano que fosse feito ao seu terreno ou ao embarcadouro. Fred e Doral a ignoraram, enquanto reorganizavam e dividiam as responsabilidades entre os diversos órgãos.

Tom achou que aquela era uma boa hora para escapulir. Sua partida não seria notada, e ele não faria falta.

Capítulo 10

A escuridão impediria a busca por Coburn.

O que fez o Contador infeliz ao ver que o sol estava se pondo.

A execução de Sam Marset exigira uma semana inteira de reflexão e planejamento, e o Contador se preparara para suas repercussões. Era esperado um alarido, até mesmo desejado, porque, quanto maior o espanto da comunidade com o sangrento episódio, mais forte o impacto naqueles que precisavam de uma lição.

O caso em questão, o policial rodoviário. O cortejo do funeral se estendera por quilômetros. Policiais uniformizados de diversos estados apareceram para o cerimonial, pouco sabendo, ou talvez sem se importar, que ele era um canalha amoral que recebia propina para olhar para o outro lado sempre que caminhões transportando drogas, armas ou mesmo seres humanos percorriam o trecho da Rodovia Interestadual 10 que ele patrulhava.

O Contador também soubera que, ocasionalmente, o policial se aproveitava de uma das moças, antes de devolvê-la à infernal carroceria do veículo que a transportava. Dizia-se que ele preferia virgens, e que não a devolvia na condição em que a encontrara.

Quando seu corpo foi descoberto atrás da roda traseira esquerda do seu carro de patrulha, a cabeça decepada, os editorialistas dos jornais e os sabichões da televisão condenaram a violência, e exigiram que o assassino do condecorado policial fosse capturado e condenado à pena máxima pelo brutal assassinato. Mas, dentro de dias, a indignação pública se voltara para as notícias de última hora, anunciando que uma jovem estrela de Hollywood se desligara prematuramente de um programa de reabilitação pelo uso de drogas.

Tal era a decadência moral da moderna sociedade. Se você não podia vencer uma coisa, você podia muito bem chafurdar nela. Tendo chegado a essa conclusão há muitos anos, o Contador partiu para construir um império. Não um império

industrial ou artístico, nem financeiro ou imobiliário, mas de corrupção. Era essa a matéria-prima do Contador. Lidando unicamente com esse artigo, seu negócio florescera.

A fim de ter sucesso em qualquer empreendimento, não se pode ser frouxo. É preciso agir com ousadia e determinação, não deixando nada incompleto, sem piedade por competidores ou traidores. A última pessoa a aprender a política do Contador da maneira mais difícil fora Sam Marset. Mas Marset era o filho favorito da comunidade de Tambour.

Assim, quando o sol se escondeu atrás do horizonte e a escuridão desceu, o Contador reconheceu que as pequenas ondulações para matá-lo haviam tomado as proporções de um tsunâmi.

Tudo por causa de Lee Coburn.

Que *precisava* ser encontrado. Silenciado. Exterminado.

O Contador estava confiante de que isso iria acontecer. Não importa quão esperto o homem acreditasse ser, ele não podia escapar da ampla e inescapável rede do Contador. Era provável que ele fosse morto por seus ansiosos, mas inábeis, perseguidores. Se isso não acontecesse, se ele fosse preso, então Diego seria chamado para eliminar o problema. Diego era excelente em ações furtivas. Ele acharia um meio de chegar até Coburn num momento em que este não estivesse sob guarda. Ele usaria a navalha com destreza, e sentiria o jorrar quente do sangue de Coburn nas mãos.

O Contador o invejava por isso.

Ao pôr do sol a casa de Honor parecia ter sido atingida por uma tempestade.

Emily acordara de sua sesta no horário. Uma caixa de suco, biscoitos com forma de ursinho e TV à vontade a haviam mantido quieta. Mas até mesmo seu DVD favorito, com desenhos animados da Disney, não conseguia desviar inteiramente sua atenção do visitante.

Ela tentou manter um diálogo constante com Coburn, importunando-o com perguntas, até que Honor a fez calar-se com rispidez, incomum nela. Tinha medo de que a tagarelice da filha, para não falar da cantoria do boneco Elmo, o irritasse a ponto de ele tomar medidas drásticas para fazer a menina parar com aquilo.

– Deixe-o em paz, Emily.

Enquanto ele folheava cada livro na estante da sala de estar, Honor disse a Emily que ele estava à procura de um tesouro, e que não queria ser perturbado. Emily pareceu duvidar da explicação, mas voltou para seu desenho animado sem discutir.

A tarde foi passando. Foi a mais longa na vida de Honor, mais longa até mesmo do que os dias imediatamente seguintes à morte de Eddie, que pareciam um terrível pesadelo do qual ela não conseguia acordar. O tempo deixou de ser relevante. Uma hora se esvaía na outra. Enquanto permanecia num estado de torpor, os dias passaram sem que ela percebesse.

Mas hoje o tempo era extremamente relevante. Cada segundo contava. Porque, no fim, eles terminariam.

E aí, ele as mataria.

Durante todo o dia, ela recusara aceitar esse fato como resultado, temerosa de que o reconhecimento disso se tornasse uma certeza. Mas, conforme o dia se aproximava do fim, ela não podia mais se iludir. O tempo estava se esgotando para ela e para Emily.

Enquanto Coburn revirava os móveis para procurar nos forros, ela se agarrava a um único raio de esperança. Ele não as matara imediatamente, o que teria sido mais prático do que lidar com elas. Ela supunha que tivessem sido poupadas de uma morte súbita apenas porque ele achava que ela poderia ser útil em sua busca. Mas se ele ficasse convencido de que ela não sabia nada, e que sua utilidade estava esgotada, então, o que aconteceria?

O lusco-fusco engoliu o resto da luz solar, e a esperança de Honor desapareceu com ela.

Coburn acendeu um abajur de mesa e deu uma olhada na bagunça que fizera na casa dela, tão arrumada. Quando seus olhos pousaram nela, Honor notou que estavam sanguinolentos, fazendo com que as íris azuis parecessem quase ferozes, como se rebrilhassem de órbitas profundamente encovadas. Ele era um homem em fuga, um homem com uma missão que não conseguira terminar, um homem cuja frustração atingira o ponto de ruptura.

– Venha até aqui.

O coração de Honor começou a bater dolorosamente forte e rápido. Será que ela deveria se lançar sobre Emily, numa tentativa de protegê-la, atacá-lo ou implorar misericórdia?

– Venha até aqui.

Mantendo uma expressão impassível, ela se aproximou dele.

– Agora vou começar a arrebentar as paredes, o teto, arrancar as tábuas do chão. É isso que você quer?

Ela quase desmaiou de alívio. Ele ainda não terminara. Emily e ela ainda tinham algum tempo. Ainda havia esperança de serem salvas.

Negar que sua casa escondia um tesouro não abalara nem um pouco a firme intenção dele, de modo que ela escolheu outro caminho.

– Isso levaria um tempo enorme. Agora que está escuro, você podia ir embora.

– Não, até que eu ache aquilo para que eu vim.

– Isso é tão importante?

– Eu não teria tido todo esse trabalho se não fosse.

– Seja o que for, você passou horas preciosas procurando isso no lugar errado.

– Acho que não.

– Eu *sei* que sim. Isso não está aqui. Então, por que você não nos deixa agora, enquanto ainda tem chance de escapar?

– Está preocupada com o meu bem-estar?

– Você não está?

– O que é o pior que pode acontecer?

– Você pode morrer.

Ele levantou um ombro.

– Então eu estaria morto, e ninguém se importaria comigo. Mas, neste momento, estou vivo e isso importa muito.

Honor ficou imaginando se ele era realmente indiferente quanto a sua própria mortalidade, mas, antes que pudesse falar sobre isso, Emily falou:

– Mamãe, quando é que vovô vai chegar?

O DVD terminara, e tudo que restava na tela da TV eram fogos de artifício explodindo. Emily estava de pé a seu lado. Elmo seguro na dobra do cotovelo. Honor ajoelhou-se e esfregou a mão nas costas da filha.

– Vovô não virá essa noite, afinal, querida. Vamos fazer a festa amanhã. O que será ainda melhor – disse ela, rapidamente, a fim de evitar o protesto que previu estar se formando nos lábios de Emily. – Porque, que bobagem minha, eu esqueci os chapéus da festa. Não podemos fazer a festa de vovô sem chapéus. Eu vi um que parece uma tiara.

– Como os de Belle? – perguntou ela, referindo-se ao personagem do DVD.

– Igualzinho aos de Belle. Com centelhas. – Abaixando a voz, falando num sussurro excitado, ela disse: – E vovô me disse que tem um presente surpresa para você.

– O que é?

– Não sei. Se ele me contasse, não seria uma surpresa, não é?

Agora os olhos de Emily brilhavam.

– Ainda podemos comer uma pizza, no jantar?

– Claro. Mais um cupcake.

Honor se levantou e virou-se para Coburn.

– Já passou a hora do jantar dela.

Ele puxou o lábio inferior entre os dentes, olhou na direção da cozinha e movimentou o queixo naquela direção.

– Faça isso depressa.

O que não seria problema, porque no momento em que elas entraram na cozinha, Emily já havia tirado a pizza do congelador. – Quero a de peperoni.

Honor preparou a pequena pizza no micro-ondas. Quando sentou defronte de Emily, Coburn perguntou:

– Você tem mais disso aí?

Ela aqueceu uma pizza para Coburn e, quando o serviu, ele comeu com a avidez que mostrara no almoço.

– O que é que você vai comer, mamãe?

– Não estou com fome.

Coburn olhou para ela e levantou as sobrancelhas.

– Virose estomacal?

– Apetite estragado.

Ele deu de ombros, indiferente, foi até o freezer e serviu-se de outra pizza.

Quando chegou a hora do bolinho de Emily, ela insistiu para que Honor comesse um.

– Então, isso é uma festa de verdade – exclamou ela.

Honor colocou os bolinhos nas travessas de papel “Dora Explorer”, para agradar a Emily, e serviu os dois cerimoniosamente.

– Não esqueça os borrifos.

Honor pegou o vidro no balcão e passou-o a Emily. Coburn estava prestes a dar uma mordida no seu bolinho, quando Emily bateu de leve na sua mão, que descansava na mesa. Ele retirou-a rapidamente, como se tivesse sido picado por uma cobra.

– Primeiro o visitante. Você precisa salpicar os confeitos.

Ele baixou o olhar para o vidro de confeitos apresentado, como se fosse uma pedra trazida da lua, e depois disse um obrigado mal-humorado, pegou o vidro da mão de Emily e sacudiu os confeitos sobre o bolinho, antes de devolver o vidro à menina.

Ele estava com os nervos à flor da pele, expostos pela exaustão, cujos sinais se tornavam patentes. A luz do teto acima da mesa de jantar lançava sombras sobre suas proeminentes maçãs do rosto, fazendo com que a metade inferior da face parecesse

ainda mais magra e tensa. A postura dos ombros e sua respiração pesada evidenciavam o cansaço. Honor surpreendeu-o diversas vezes piscando rapidamente, como que tentando afastar o sono.

Calculando que a fadiga tornaria as reações dele mais lentas e entorpeceriam seus sentidos, Honor decidiu ficar observando e esperar uma oportunidade de fazer sua jogada. Ela precisava apenas um nanossegundo de fraqueza, um piscar de olhos quando sua guarda baixasse.

O problema era que ela também estava exausta. As emoções, do terror à raiva, tinham acumulado uma supercarga durante todo o dia, deixando-a completamente sem energia. A hora de dormir de Emily chegou como um alívio. Honor ajudou-a a mudar o pijama.

Enquanto a filha usava o banheiro, Honor disse a Coburn:

- Ela pode dormir na minha cama.
- Ela pode dormir na cama dela.
- Mas se ela ficar comigo, você pode nos vigiar, a ambas, ao mesmo tempo.

Com um enérgico balançar de cabeça, ele fez uma negativa. Seria inútil discutir. Ela não deixaria a casa sem Emily, e ele sabia disso. Separando-as, ele garantiria que Honor não tentaria escapar.

Enquanto Honor lia a história obrigatória da hora de dormir, Coburn revistou o closet de Emily, empurrando os cabides para o lado e batendo de leve na parede do fundo. Retirou os sapatos do chão e bateu nas tábuas com o calcanhar da bota de caubói, para ver se não tinha nenhum lugar oco.

Apertou cada um dos brinquedos estofados da coleção de Emily, o que fez com que a menina desse uma risadinha.

– Não esqueça de dar um abraço no Elmo – disse ela, e confiantemente estendeu-lhe o brinquedo.

Ele revirou o objeto e abriu o velcro na costura traseira.

– Não! – gritou Honor.

Ele lançou-lhe um olhar cheio de suspeita.

– Isso só dá acesso à bateria – disse Honor, sabendo que Emily ficaria traumatizada vendo Elmo ser estripado. – Por favor.

Ele examinou o interior do brinquedo, depois retirou as baterias e examinou o fundo do compartimento, mas, por fim, satisfeito com o fato de o brinquedo não esconder nada, fechou-o e devolveu-o a Emily.

Honor continuou lendo. A história chegou ao final e-assim-viveram-felizes-para-sempre. Ela ouviu a oração de Emily, beijou-a em ambos os lados do rosto e depois

deu-lhe um forte abraço, prolongando-o porque temia que essa noite fosse a última vez que ela poderia se despedir da filha dessa forma.

Tentou preservar o momento, guardá-lo firmemente no coração e na mente, memorizar o cheiro e contato do doce corpinho de Emily, que se mostrava incrivelmente pequeno, frágil e vulnerável. O amor maternal despedaçava seu coração.

Mas, por fim, ela teve de deixá-la. Fez Emily repousar a cabeça no travesseiro e forçou-se a sair do quarto. Coburn estava à sua espreita, no corredor, logo depois da porta. Ao fechá-la, Honor levantou o olhar para a máscara insensível dele.

– Se você fizer alguma coisa comigo, por favor não deixe que ela veja. Ela não é nenhuma ameaça para você. Não tem por que machucar minha filha. Ela...

Um telefone celular tocou.

Vendo que era o dela, ele tirou-o do bolso, deu uma olhada no nome de quem chamava e passou-o para ela.

– O mesmo que antes. Ponha no viva-voz. Descubra o que puder sobre a caçada que me fazem, mas de maneira não muito óbvia.

Ela atendeu.

– Oi, Stan.

– Como você está se sentindo? Emily está bem?

– Você sabe como são as crianças. Elas saem dessas coisas mais rapidamente do que os adultos.

– Então, a festa vai ser amanhã à noite?

– Claro. – Olhando para os olhos injetados de sangue de Coburn, ela perguntou: – Alguma notícia sobre o fugitivo?

– Ele ainda está foragido, mas é apenas uma questão de tempo. Agora, já faz 24 horas que está à solta. Ou ele já está morto, ou enfraquecido ao ponto de se tornar uma presa fácil.

Ele contou a ela sobre o barco furtado e o lugar onde Coburn embarcara.

– Dezenas de embarcações estão dando busca nos braços do rio, e continuarão assim durante a noite. Toda a área está coalhada de agentes da lei.

– Mas se ele tem um barco...

– Não é um barco muito confiável, pelo que entendi. Ninguém acha que a embarcação levará esse homem muito longe.

– Ele talvez já tenha afundado – aventurou Honor.

– Então, a menos que ele mesmo tenha afundado o barco, eles acharão sua pista. Têm excelentes rastreadores e cães percorrendo terra firme.

Ele insistiu para que ela descansasse, depois disse boa noite e desligou. Quando Coburn pegou o telefone de novo, ela sentiu-se desanimada. As notícias dadas por Stan não eram boas para ela e Emily. Enquanto as chances de Coburn escapar diminuía, também acontecia o mesmo com as delas.

Mas, em vez de mostrar o desespero que sentia, ela jogou com a falta de esperança da situação dele.

– Em vez de arrebentar com as paredes da minha casa, por que você não cai fora da área enquanto pode? Pegue meu carro. Entre agora e o nascer do sol, você pode dirigir...

As palavras de Honor foram repentinamente interrompidas quando ela ouviu o ruído surdo de um pequeno motor, chegando mais perto, ficando mais forte. Ela afastou-se de Coburn e correu pela sala de estar.

Mas, se os reflexos de Coburn estavam embotados pela exaustão, viram-se estimulados pelo som do motor do barco. Antes que Honor atravessasse metade do cômodo, ele já estava em cima dela. Um braço se fechou na cintura, como uma pinça, e levantou-a contra seu corpo, enquanto a outra mão se colocava firme sobre a boca da prisioneira.

– Não vá bancar a idiota pra cima de mim, Honor – ele sussurrou no ouvido dela. – Saia antes que eles cheguem à entradinha da casa. Fale alto o bastante para eu ouvir. Se eu perceber que você está tentando fazer algum sinal para eles, não hesitarei em agir. Lembre-se de que para eles eu sou uma “presa”, de modo que não tenho nada a perder. Antes de bancar a espertinha, pense em mim ao lado da cama de sua filha.

O motor do barco entrara agora em ponto morto. Ela viu luzes dançando nas árvores, ouviu vozes masculinas.

– Entendeu bem? – repetiu ele, dando-lhe uma leve sacudidela.

Ela assentiu.

Gradualmente, ele a foi soltando, e retirou a mão que tapava a boca de Honor. Ela se virou para ele, arquejando:

– Eu imploro a você, não machuque minha filha.

– Depende de você.

Ele virou o corpo de Honor e empurrou-a com a pistola encostada na espinha.

– Vá.

Com as pernas tremendo, ela segurou a maçaneta da porta e respirou fundo diversas vezes, abrindo então a porta e saindo para a entradinha da casa.

Dois homens subiam o caminho que vinha do embarcadouro, esquadrinhando o terreno com as lanternas, os feixes luminosos penetrando nos arbustos. Tinham

emblemas na camisa do uniforme e cinturões com armas na cintura. Um deles levantou a mão, cumprimentando Honor.

– Sra. Gillette?

– Sim.

– Não se assuste, senhora. Somos da equipe do xerife.

Lembrando-se das instruções de Coburn, ela desceu os degraus até o nível do solo. Sabia que ele estaria vigiando da janela do quarto de dormir de Emily. Aquele aviso ecoou em sua mente, dando-lhe um nó no estômago.

Tentando disfarçar o medo como curiosidade, ela perguntou: – Alguma coisa errada? Em que posso ajudar vocês?

Eles se apresentaram pelo nome, e mostraram suas identidades.

– Estamos procurando o suspeito do assassinato em massa de ontem à noite, em Tambour.

– Eu ouvi falar do caso. Foi terrível.

– Foi sim, senhora. Temos motivos para supor que o suspeito ainda esteja na área.

– Ah.

O policial diminuiu o espaço entre eles de maneira a tranquilizá-la. – Ele pode estar a quilômetros daqui, mas estamos visitando as casas ao longo desse braço de rio, na esperança de que alguém nos forneça alguma informação útil. – Fez uma descrição física básica do homem escondido na casa. Honor imaginou-o de pé, junto a Emily, com uma pistola na mão.

Então, quando o policial perguntou: – A senhora viu alguém que se enquadrasse nessa descrição?, ela replicou imediatamente.

– Não.

– Alguém passando por aqui, hoje, num pequeno barco?

Ela balançou a cabeça.

– Mas eu não estava prestando uma atenção particular. Minha filha e eu estivemos adoentadas, com um vírus estomacal.

– Que pena.

Honor agradeceu com um movimento de cabeça.

– A senhora está sozinha aqui?

– Só eu e minha filha.

– Por favor, fique alerta, sra. Gillette, e se a senhora vir alguma coisa incomum, chame imediatamente o 911.

– É claro.

– Também é melhor manter portas e janelas trancadas.

– Sempre faço isso.

Um dos policiais já estava levando a mão ao quepe, como despedida. O outro recuou um passo.

Eles estavam prestes a partir! O que ela poderia fazer? Precisava fazer alguma coisa. Um sinal com a mão?

Para eles eu sou uma “presa”, de modo que não tenho nada a perder.

– Não vamos incomodar mais a senhora. Boa noite.

Eles se viraram e começaram a se afastar.

Ela não podia deixá-los ir! *Pelo amor de Deus, faça alguma coisa, Honor!* Mas o que poderia fazer, sem pôr em perigo a vida de Emily?

Depende de você.

Sim, dependia dela. Dependia dela salvar a vida da filha. *Como?*

De repente, um dos policiais fez meia-volta.

– Ah, sra. Gillette?

Ela conteve a respiração.

– Eu conheci seu marido. Era um excelente policial.

O coração dela afundou, assim como sua esperança de alertá-lo para o iminente perigo em que se encontrava. Ela murmurou:

– Obrigada.

Então, ele fez um cumprimento, levando a mão ao quepe, virou-se e foi descendo na direção do embarcadouro.

Ela se virou, subiu os degraus e entrou novamente na casa. Coburn estava de pé entre a sala de estar e o corredor, entre ela e Emily.

– Acenda a luz da entradinha. Fique numa posição em que eles possam saber onde você está, e acene adeus para eles.

Ela seguiu as instruções, duvidando que os policiais estivessem olhando na sua direção, mas, mesmo que estivessem, era muito improvável que pudessem ver as lágrimas escorrendo por seu rosto.

Os policiais subiram a bordo da embarcação, acionaram o motor e fizeram uma lenta volta em U, no braço de rio. Em segundos, estavam fora de vista. O ruído do motor foi diminuindo até desaparecer.

Honor fechou a porta. Encostou o corpo nela e comprimiu a testa contra a madeira macia. Sentiu Coburn se aproximando por trás dela.

– Boa moça. Emily está sã e salva, e dormindo como um bebê.

Sua presunçosa inflexão de voz foi a gota d'água. As emoções que vinham se acumulando dentro dela o dia inteiro atingiram um ponto explosivo. Sem pensar no

que fazia, ou parar para considerar as consequências, ela se virou e olhou ferozmente para ele.

– Estou cheia de você e de suas ameaças. Não sei por que veio até aqui e o que quer, mas eu não vou mais continuar com isso. Se você vai me matar, de qualquer maneira, eu queria que fizesse isso agora. Se não... – Estendendo a mão para trás, ela torceu a maçaneta e abriu a porta. – Se não, cale a boca e saia da minha casa!

Ele estendeu a mão para fechar a porta. Aproveitando a oportunidade, Honor arrancou a pistola da cintura da calça dele, mas se atrapalhou com o peso inesperado. Ele deu um forte golpe no pulso dela. Ela gritou de dor enquanto a pistola caía de sua mão e deslizava pelo assoalho de tábuas encerado.

Ambos saltaram sobre a arma imediatamente. Honor caiu no chão ao mesmo tempo em que ele chutava a pistola para fora do alcance dela. Ela saiu rastejando pelo chão em busca da arma. Tudo que precisava era pegá-la, tempo suficiente para puxar o gatilho uma vez. Os policiais ouviriam o tiro.

Seus joelhos e cotovelos batiam dolorosamente contra o chão de madeira, enquanto ela rastejava sobre a barriga na direção da pistola. Tocou o metal frio, mas, em vez de agarrar a arma, seus dedos a empurraram para mais longe, alguns centímetros.

Coburn se lançara sobre o corpo dela e também rastejava, estendendo a mão além dela e tentando pegar a pistola antes que ela o fizesse.

Estirando cada músculo, ela esticou todo o corpo. A mão se fechou sobre o cano da arma.

Mas antes que ela pudesse recolher o braço e se apossar inteiramente dela, ele prendeu-lhe o pulso contra o chão, com dedos que pareciam feitos de aço.

– Largue a arma.

– Vá para o inferno.

Tentando se livrar, ela se contorcia debaixo do corpo dele. Coburn apenas aumentou a pressão para baixo, deixando-a sem ar.

– Largue a arma.

Em vez disso, ela puxou a mão com força, livrando-a do aperto dele.

Ele praguejou muito, enquanto ela colocava a pistola debaixo do próprio corpo, segurando-a firmemente contra o peito.

Então, eles começaram a lutar.

Honor achatou o corpo o mais possível, mas ele puxou as mãos dela do espaço entre ela e o chão e tentou arrancar a arma da mão dela. Tornou-se uma luta de vida ou morte para a posse da pistola, e ele venceu. Ela arquejava, sem ar, no momento em que ele pegou a pistola e arrancou-a dos dedos enfraquecidos dela.

Coburn puxou a arma com força de sob o corpo de Honor. Gemendo com a derrota, ela ficou ali, inerte, e começou a chorar.

Ele virou-a para cima. Estava ajoelhado, ainda estatelado em cima dela. As mãos dele, uma delas segurando a pistola, estavam plantadas nas próprias coxas. Ofegava e seu rosto estava contorcido de fúria.

E ela pensou. *Terminou. Esse é o momento em que eu morro.*

Mas, para seu espanto, ele jogou a pistola para o lado e depois colocou as mãos nos ombros dela, apoiando-se nela pesadamente.

– Por que você fez isso, *porra...*? A pistola podia ter disparado e aberto um buraco em você. Que coisa estúpida, idiota, você fez, moça. Não sabe o que... – Aparentemente não encontrando as palavras certas, ele deu uma boa sacudidela nos ombros dela. – Por que você fez isso?

O motivo para fazer aquilo devia parecer óbvio. Ela estava lutando pela própria vida. Por que ele fazia uma pergunta tão idiota?

Ainda arquejando, ela disse:

– Apenas me diga... e por favor diga a verdade... você vai nos matar?

– Não. – Seu olhar perfurou o dela, e, numa voz mais áspera, ele repetiu: – *Não!*

Ela queria desesperadamente acreditar nele, o que talvez fosse o motivo de ela estar tão perto de fazer isso. – Então, por que eu devo prestar atenção a suas ameaças? Por que tenho de fazer tudo que você diz?

– Porque você tem um interesse oculto.

– Eu? Eu nem mesmo sei o que você está procurando. Seja lá o que for, essa *coisa* que você busca...

– É a *coisa* que causou a morte de seu marido.

Capítulo 11

Já passava bastante da hora do jantar, quando Tom chegou de volta a sua casa. Ele encontrou Janice no quarto de Lanny, dando-lhe um banho de esponja, coisa que eles faziam toda noite, antes de vesti-lo com o pijama. De manhã, eles o trocavam por um abrigo de ginástica. É claro que não fazia diferença o que usava, mas mudar as roupas do filho era uma ação extremamente necessária para mantê-los na normalidade.

Tom colocou a maleta no chão e começou a enrolar as mangas.

– Querida, por que não esperou por mim?

– Eu não sabia quando você voltaria para casa, e eu queria que ele ficasse pronto para a noite, por isso me adiantei.

– Desculpe. Eu quis deixar a papelada pronta em Tambour antes de amanhã, porque amanhã vai ser uma loucura. Sempre é, depois de um feriado. E agora, com essa crise, a coisa vai ficar pior.

Quando chegou à cama, ele empurrou-a para o lado, com o cotovelo.

– Vá sentar. Eu termino isso. – Antes de mergulhar a esponja na bacia de água quente, Tom se inclinou sobre o filho e beijou-lhe a testa. – Oi, Lanny.

Os olhos do garoto permaneceram fixos. A ausência de reação encheu Tom de um desespero familiar. Ele mergulhou a esponja na água e, depois de espremer o excesso, passou-a no braço do filho.

– Como é que vai a coisa? – perguntou Janice.

– O quê?

– A crise em Tambour.

O braço de Lanny era um peso morto quando Tom o levantou para lavar a axila.

– O suspeito ainda está foragido. Acho que ele seria idiota se aparecesse por aqui. A mim, parece que arranjou uma carona com um amigo motorista e se mandou o mais possível para o sul de Louisiana.

Ela se acomodara numa cadeira reclinável, os pés debaixo do corpo. A cadeira era grande e servia de cama para um deles, se Lanny estivesse tendo uma noite ruim.

– Será que há alguém que se possa chamar de amigo, entre os motoristas? – perguntou ela.

– Ainda não foi identificado nenhum, mas estamos checando com empresas que fazem negócio com a Royale. Fred Hawkins acha que é perda de tempo. Ele acha que Coburn ainda está nessa região. – Ele sorriu para ela. – Ele acha isso porque os pelos de sua nuca estão eriçados.

– Meu Deus – zombou ela. – O que teremos a seguir? Ler as entranhas de uma galinha? Espero que ele não esteja se apoiando no seu sexto sentido para encontrar um assassino em massa.

– Vai precisar de gente esperta.

– E Fred Hawkins está à altura da missão?

Tom começou a lavar as pernas e os pés de Lanny.

– Ele está motivado, isso é fato. A sra. Marset fez um apelo pessoal ao superintendente da polícia, pressionando-o, e a pressão se estendeu por todos os escalões. A igreja de Marset está realizando uma vigília de preces hoje à noite. O calor está vindo de Deus e do governo, e Fred está começando a sentir a coisa esquentar.

– Ele me pareceu um bocado confiante, há pouco.

Ela apontou para a TV, sobre uma cômoda do lado oposto do quarto, que mantinha ligada permanentemente, na esperança de que algum programa estimulasse uma reação no filho. A imagem aparecia, mas o som estava na posição “mudo”.

– Fred respondeu as perguntas dos repórteres, ao vivo, hoje no noticiário da noite – disse Janice. – Ele parecia convencido de que a pegada e as manchas de sangue encontradas essa tarde eram um grande avanço.

Tom ficou tão contente, por sua esposa parecer bem impressionada com sua contribuição, que exagerou um pouco.

– Eu contei a você sobre a sra. Arleeta Thibadoux?

Aproveitando-se da atenção dela, ele expandiu a história. Sua narrativa sobre a pitoresca e semidesdentada mulher fez realmente com que Janice risse. Ele percebeu ali um vestígio da mulher por quem se apaixonara e que pedira em casamento.

Tom se lembrava daquele dia como um dos mais felizes de sua vida, rivalizando até mesmo, na sua memória, com o dia do casamento. Depois que ele pusera o anel com um solitário no dedo dela, eles fizeram amor na cama arriada de seu apartamento quente, atulhado de móveis. Foi uma coisa ardente, suada e atlética, e depois, eles celebraram as núpcias dividindo uma garrafa de cerveja.

Desejou poder voltar o relógio àquela tarde, e ver novamente Janice excitada, os lábios macios e sorridentes, os olhos plenos de saciedade e felicidade.

Mas, se ele recuasse o relógio para aquele dia, eles não teriam tido Lanny.

Esse último pensamento, que passou por sua mente como um relâmpago, foi involuntário e traiçoeiro, e ele ficou momentaneamente envergonhado do que pensara.

Deixou cair a esponja na vasilha de plástico e levantou o olhar para Janice. A julgar pela expressão, os pensamentos dela seguiam o mesmo caminho, ou bastante próximos, para que ela se sentisse igualmente culpada.

Ela se levantou da cadeira como que tentando ultrapassar seus próprios pensamentos.

– Vou preparar o jantar enquanto você termina isso. Omelete, está bem?

Sem esperar que ele respondesse, ela saiu do quarto como se estivesse sendo perseguida pelo diabo.

Dez minutos depois, eles se sentaram para jantar e comeram em virtual silêncio, trocando apenas pequenos fragmentos de uma conversa forçada. Tom se lembrou do tempo em que eles não conseguiam falar tudo, quando conversavam sem parar, um atropelando a fala do outro, enquanto relatavam os acontecimentos do dia.

Quando acabou de comer, ele levou seu prato para a pia e deixou correr água sobre ele; então, se recompôs mentalmente e virou-se para a esposa.

– Janice, vamos conversar.

Ela descansou o garfo no prato e colocou as mãos no colo.

– Sobre o quê?

– Lanny.

– Especificamente?

– Já é hora de reformularmos nosso pensamento sobre como cuidar dele.

Bem, ali estava, ele dissera a coisa.

O relâmpago não o perturbou, nem sua declaração acendeu qualquer reação nela. Janice simplesmente olhou para ele com uma expressão tão fechada quanto uma janela protegida do furacão. – Acho que devíamos rever a possibilidade – apenas a possibilidade – de colocá-lo numa instituição.

Ela afastou o olhar dele e rolou os lábios para dentro. Dando a ela um momento, ele acabou de tirar o restante dos pratos e talheres da mesa e levou-os para a pia.

Finalmente, ela quebrou o tenso silêncio.

– Nós fizemos promessas a ele, e a cada um de nós, Tom.

– Fizemos – disse ele, sombriamente. – Mas quando prometemos manter Lanny sempre conosco, eu acho que acalentávamos um resquício de esperança de que ele se

desenvolveria um pouco, adquiriria algumas capacidades. Não é verdade?

Ela não negou nem admitiu ter mantido tal frágil esperança.

– Acho que isso não vai jamais acontecer.

Isso era algo que ambos sabiam, mas nunca haviam reconhecido abertamente. Dizer isso fez com que a voz de Tom falhasse com a emoção.

Os lábios cerrados, Janice disse:

– Mais uma razão por que ele precisa do melhor cuidado possível.

– Exatamente. Eu não sei se estamos lhe dando isso.

Ela tomou a fala imediatamente como uma ofensa, mas ele falou antes que ela pudesse.

– Não é uma crítica a você. Sua paciência e resistência me espantam. De verdade. Mas cuidar dele está matando você.

– Você está exagerando.

– Estou? Está arrebatando com você, de corpo e alma. Vejo as evidências disso diariamente.

– Você pode ver dentro da minha alma?

O sarcasmo dela foi mais eficaz do que teria sido uma reprimenda. Ele esfregou os olhos, as atividades do dia se fazendo sentir, e mais ainda.

– Por favor, não torne esse assunto ainda mais difícil do que ele já é. A mim, me dói até mesmo sugerir levar Lanny para uma instituição. Você não sabe disso?

– Então por que sugerir isso?

– Porque um de nós tinha de fazer isso. Estamos nos desgastando como seres humanos, Janice. E não estou só pensando em nós. Estou pensando em Lanny. Como saber se o que estamos fazendo é o melhor para ele?

– Somos os pais dele.

– Pais amorosos, sim, mas não treinados para cuidar dele. Há especialistas para pacientes como Lanny.

Ela se levantou e ficou andando pela cozinha como que procurando um meio de escapar.

– Essa conversa não faz sentido. Mesmo se concordássemos que seria o melhor, não podemos pagar uma instituição particular. Quanto à moderna Bedlam, gerida pelo Estado, esqueça. Eu nunca colocaria meu filho num lugar como aquele.

A sugestão implícita era de que aquilo o aborreceria, mas ele não se deixou levar pelo argumento e se concentrou no cerne da questão.

– Nós devemos isso a nós mesmos e a ele, visitar os melhores lugares e ver como são. – Ele hesitou e depois perguntou: – Você concordaria em fazer isso se não

houvesse a questão financeira?

– Mas esse lado conta.

– Se não contasse – disse ele, insistindo.

– Você está planejando acertar na loteria?

De novo, ele sentiu a pontada do sarcasmo dela, mas deixou passar. Já dissera o bastante para uma noite. Dera a ela matéria em que pensar. Sabia que trazer à tona esse assunto o tornaria, automaticamente, o bandido, mas um deles tinha de ser, e não seria Janice.

Ela fora a oradora da turma na formatura do segundo grau, graduara-se com menção honrosa na Universidade Vanderbilt, tinha sido uma estrela em ascensão numa firma de investimentos. Então, o destino interrompera cruelmente não apenas sua promissora carreira, mas a totalidade de sua vida.

Ela tivera que sacrificar tudo por Lanny, o que tornou a admissão da derrota algo insuportável para ela. Na mente dela, colocar Lanny numa instituição era rendição total, equivalente a, pela segunda vez, negar-lhe a oportunidade de terminar algo que começara.

Ele suspirou.

– É melhor eu ir para a cama e dormir, enquanto posso. Não ficarei surpreso se receber um telefonema durante a noite.

– Para quê?

– Os agentes que deixei em Tambour têm ordens de me chamar se surgirem fatos novos. – Ele parou na porta. – Você também parece exausta. Vem?

– Ainda não. Estou cansada, mas não estou com sono. Acho que vou ficar acordada ainda algum tempo.

– Jogando seu joguinho de palavras no telefone celular com sua amiga no Japão?

– Cingapura.

Ele sorriu. Os joguinhos eram para ela uma forma de divertimento, e se tornaram quase um vício.

– Espero que ganhe.

– Estou com uma vantagem de quarenta e três pontos, mas tem um *j* que está me desafiando.

– Você vai achar uma palavra para ele – disse ele, confiante. – Mas não fique acordada até muito tarde.

Duas horas depois, Tom ainda estava sozinho na cama. Ele se levantou e seguiu descalço pelo corredor. Depois de dar uma olhada em Lanny, ele encontrou Janice em seu refúgio, olhando deslumbrada para a tela do celular, totalmente absorvida no

passatempo que, aparentemente, era muito mais divertido para ela do que dormir com ele.

Sem que ela nem mesmo percebesse que ele a ficara observando, Tom se virou e refez seus passos até o quarto.

Capítulo 12

Gradualmente, Coburn foi tirando as mãos dos ombros de Honor. Separou-se dela e pegou novamente a pistola, metendo-a de volta na cintura. Ela continuou deitada ali, olhando para ele.

– O que você fez foi a porra de uma coisa muito muito estúpida – disse ele. – Se você tivesse acidentalmente puxado o gatilho, um de nós poderia estar morto, e se isso acontecesse com você, eu ficaria aqui preso com sua filha.

Era uma coisa dura de dizer, por isso ele disse. A filha era o botão a apertar quando ele queria obter algo de Honor, e, no momento, ele queria que ela parasse de arquejar como um peixe fora d'água.

Ele sabia que Honor o ouvira, porque ela piscou. Mas Honor permaneceu completamente imóvel e, por um instante de pânico, ele imaginou se ela teria se machucado seriamente durante a luta.

Ficou pensando por que motivo isso era importante para ele.

– Você está bem?

Ela assentiu.

Livre daquela preocupação, ele se virou e olhou para a bagunça que fizera na casa dela. Quando ele chegara, de manhã, tudo estava em seu lugar. Com gente morando, mas arrumada e limpa. Ambiente doméstico. Cheirando a bolo recém-feito.

Agora, o lugar estava todo revirado, e ele não tinha nada para mostrar como justificativa para sua revista.

Um beco sem saída.

Isso resumia, mais ou menos, a vida e os tempos de Lee Coburn, que deixaria o mundo com sete assassinatos brutais como seu único legado. Sete vítimas a quem não tinha sido dada sequer uma oportunidade, que teriam morrido antes de saber o que as atingira.

Praguejando baixo, ele esfregou as têmporas. Estava cansado. Aliás, mais do que cansado. Farto. Farto de carregar e descarregar aqueles malditos caminhões. Farto do apartamento triste, de um único cômodo, no qual vinha morando nos últimos treze meses. Farto da vida em geral, e de sua vida em particular. Como ele contara à viúva Gillette, se ele morresse – o que provavelmente aconteceria logo – estaria morto, e ninguém se importaria com isso.

Mas, diabo, isso não importava, *agora*. Ao tirar as mãos das têmporas, ele percebeu que não estava pronto para deixar que o diabo o levasse.

– Levante.

Ela se mexeu, rolou para o lado e se colocou na posição sentada. Ele estendeu a mão. Ela examinou a mão dele por alguns segundos, e depois segurou-a, e ele a puxou, colocando-a de pé.

– O que você quer dizer com isso?

A voz de Honor era baixa e trêmula, mas ele sabia a que ela se referia. Em vez de responder, ele a empurrou na direção do corredor, e, depois, para o quarto de dormir, onde soltou-lhe a mão. Indo até a cama, ela retirou o edredom, que estivera imaculado, mas que agora estava manchado e sujo por causa dele.

– Preciso deitar, o que significa que você tem que deitar.

Ela ficou parada onde estava, olhando para ele como se não entendesse a língua.

– Deite – repetiu ele.

Ela se adiantou para a cama, mas ficou de pé do outro lado, olhando fixo para ele, como se ele fosse um animal exótico que ela nunca vira antes. Ela não estava agindo certo. Durante todo o dia, ele estivera estudando suas reações a coisas que ele dizia e fazia, de modo que saberia onde estavam as fraquezas e os medos sobre os quais ele poderia agir a fim de manipulá-la.

Ele já vira Honor aterrorizada, suplicante, desesperada e até mesmo furiosa. Mas aquela era uma expressão nova, e ele não sabia como interpretá-la. Talvez ela tivesse batido a cabeça no chão quando lutava pela posse da pistola.

– O que é que você disse sobre Eddie... – Ela fez uma pausa, para engolir. – O que queria dizer?

– O que eu disse? Não me lembro.

– Você disse que a coisa que você procura é que ocasionou a morte dele.

– Eu nunca disse isso.

– Foi exatamente o que você disse.

– Você deve ter me entendido mal.

– Não entendi mal!

Bom, bom. Ela estava agindo normalmente de novo, não como se um zumbi tivesse se apossado de seu corpo. O corpo dela, compacto, bem-feito, que ele gostara muito de ter contra o seu próprio.

– A morte de Eddie foi um acidente – declarou ela.

– Se você diz isso... – Ele se virou de costas e começou a remexer no monte de roupas que retirara das gavetas da cômoda, mais cedo, quando as procurara.

Ele sentiu que ela se aproximava, apenas um segundo antes de ela o agarrar pelo braço e o fazer defrontá-la. Ela não pararia com aquilo até que obtivesse uma explicação. Não, a menos que ele a amordaçasse, e ele realmente não queria fazer isso, a não ser que fosse forçado.

– O que é que você veio procurar aqui?

– Não sei.

– Diga.

– Não sei.

– Diga, porra!

– *Não sei.*

Ele largou o braço dela e inclinou-se para pegar um par de meias compridas. Meias elegantes, pretas. Quando se virou, ela lhe dirigiu um olhar penetrante.

– Honestamente, você não sabe? – perguntou ela.

– Que parte de “não sei” você não entende?

Ele estendeu a mão e começou a enrolar a meia em torno do pulso dela. Ela não resistiu. Na verdade, parecia não se importar com o que ele estava fazendo.

– Se há alguma coisa sobre Eddie, ou como ele morreu, que você possa me contar... Por favor – disse ela. – Certamente você pode compreender por que eu quero saber.

– Na verdade, eu não sei. Ele continuará morto. Então que diferença faz?

– Faz uma enorme diferença. Se a morte dele não foi um acidente, como você dá a entender, eu gostaria de saber por que ele morreu e quem foi o responsável. – Ela colocou a mão sobre a dele e ele parou de enrolar a meia em torno do pulso dela. – Por favor.

Os olhos dela tinham vários tons de verde que mudavam constantemente. Ele notara isso logo no começo, quando estavam lá fora, no quintal, e encostara o cano da pistola na barriga dela. Depois, os olhos dela se arregalaram de medo. Ele os vira faiscar de raiva. Agora, eles brilhavam com lágrimas contidas. E, sempre, os tons cambiantes.

Ele baixou o olhar para as mãos de ambos, juntas. Ela retirou a mão, mas não interrompeu o contato ocular. – Você acha que o desastre com o carro de Eddie não foi

um acidente?

Ele hesitou, e depois abanou a cabeça. Ela respirou fundo, entre os lábios.

– Você acha que alguém causou o desastre e fez com que parecesse um acidente?

Ele ficou calado.

Honor passou a língua pelos dentes.

– Ele foi morto por causa de alguma coisa que tinha?

Ele assentiu com a cabeça.

– Que alguém mais queria.

– Alguma coisa valiosa?

– As pessoas que queriam achavam que sim.

Ele ficou observando o jogo de emoções no rosto de Honor, enquanto ela processava aquela declaração. Depois, o olhar dela voltou a focar Coburn.

– Valiosa para você?

Ele assentiu, com um movimento brusco de cabeça.

– Como dinheiro vivo?

– É possível. Mas eu acho que não. Mais como a combinação para um dispositivo de segurança. Um número de conta num banco das ilhas Caimã. Alguma coisa desse tipo.

Ela abanou a cabeça, perplexa.

– Eddie não se envolveria em nada desse tipo. A menos que estivesse guardando alguma coisa como prova.

– Ou...?

Ela finalmente percebeu a insinuação e se encolheu.

– Eddie não participava de nenhuma atividade criminosa. Certamente não é isso que você está sugerindo.

Ele conteve uma risada.

– Não, é claro que não.

– Eddie era tão honesto quanto o dia é comprido.

– Talvez. Talvez não. Mas ele cruzou com a pessoa errada.

– Quem?

– O Contador.

– Quem?

– Eddie conhecia Sam Marset?

– Sim, é claro – retrucou ela.

– Por que “é claro”?

– Antes de casarmos, Eddie trabalhou como guarda de segurança para o sr. Marset.

– No armazém?
– No complexo todo.
– Durante quanto tempo?
– Vários meses. Tinha havido alguns arrombamentos, pequenos vandalismos, então o sr. Marset contratou Eddie para patrulhar o local à noite. Os arrombamentos cessaram. Porém, o sr. Marset gostou da paz de espírito que dava ter um guarda contratado. Mas Eddie recusou a oferta de um emprego fixo. – Ela deu um sorriso fraco. – Ele queria ser policial.

– Até que ponto você conhecia o dono da Royale?
– Sam Marset? Apenas casualmente. Ele era um membro sênior da nossa igreja. Ele e eu trabalhamos um período juntos na Sociedade Histórica de Preservação.

– Membro sênior, sociedade histórica, porra nenhuma – zombou ele. – Ele era um filho da puta ganancioso, inescrupuloso.

– Que mereceu ser morto com um tiro na cabeça.

Ele levantou um ombro.

– Rápido e indolor.

A declaração e seu tom indiferente pareceram desgostá-la. Ela tentou se afastar dele e apenas então percebeu que seu pulso estava amarrado.

A cabeça de Honor começou a rodar enquanto ela metia as unhas na meia em torno de seu pulso.

– Tira isso de mim. *Tira!*

Ele agarrou a mão que, freneticamente, tentava desenrolar a meia, e começou a amarrar a outra meia em torno do pulso. Ela bateu nas mãos dele, e depois no rosto com a mão livre.

Ele se esquivou da mão que ela agitava. Praguejando, empurrou-a de novo para cima da cama e, num segundo, estava sobre ela. Seu joelho mantinha baixo o braço esquerdo de Honor, enquanto, rapidamente, ele atava a mão direita dela à cabeceira de ferro.

Apenas o medo de acordar Emily evitou que ela gritasse desvairadamente:

– Deixe-me sair daqui!

Ele não deixou. Puxou-lhe a mão esquerda para cima, enrolando a ponta solta da meia em uma das ferragens, e, sem mostrar piedade, deu um nó no pulso. Ela puxava freneticamente os tirantes. O pânico a fez começar a arquejar.

– Por favor, eu tenho claustrofobia.

Ele saiu da cama e ficou de pé olhando para ela, respirando forte por causa do esforço.

– Não dou a mínima pra isso.

– Me solte!

Ele não só ignorou o pedido como também saiu do quarto.

Ela mordeu com força o lábio inferior para evitar gritar. Ele deixara uma folga de uns vinte centímetros em cada mão, permitindo que as costas das mãos descansassem no travesseiro, ao lado da cabeça, mas essa folga não diminuiu seu sentimento de estar aprisionada. Oprimida pelo pânico, ela renovou seus esforços para se libertar.

Mas logo ficou patente que suas tentativas eram inúteis, e que ela estava apenas exaurindo suas forças. Forçou-se a parar de lutar e a respirar profunda e calmamente. Mas a razão nunca conseguira que ela se livrasse da claustrofobia, e tampouco naquele momento. Apenas melhorava a sensação, o bastante para diminuir o batimento cardíaco e a respiração a níveis que não ameaçassem sua vida.

Ela podia ouvir Coburn se movimentando pela casa. Supôs que ele estivesse examinando as trancas das portas e janelas. A ironia daquilo provocou-lhe um riso histérico, que escapou dela antes que pudesse evitar.

A luz do corredor se apagou. Coburn entrou de novo no quarto.

Ela resolveu ficar imóvel e falar com a voz mais calma possível.

– Eu vou ficar maluca. É verdade, vou ficar. Não aguento mais.

– Você não tem escolha. Além disso, você não pode se queixar a ninguém, senão a si própria.

– Apenas me solte e eu prometo...

– Não. Preciso dormir. Você tem que ficar deitada a meu lado.

– Vou ficar.

Ele lançou-lhe um olhar cético.

– Juro.

– Nós tínhamos um acordo. Você descumpriu nosso acordo. Duas vezes. E quase dá um tiro em um de nós dois, ao fazer isso.

– Fico deitada aqui e não me movo. Prometo que não faço nada. Está bem?

A recente confusão reabriu o ferimento na cabeça dele. Um pequeno filete de sangue escorria pela têmpora. Ele limpou o sangue, depois olhou para as listras vermelhas nos dedos antes de limpá-los na calça jeans. Calça de Eddie.

– Você me ouviu?

– Não sou surdo.

– Não vou tentar fugir. Juro. Apenas solte minhas mãos.

– Desculpe, moça. Você acabou com a confiança que eu tinha em você, e agora não tenho mais nenhuma, pra começar. Agora, você vai ficar aí deitada, quieta, ou eu meto alguma coisa na sua boca e então você vai ver realmente o que é ser claustrofóbica.

Ele pôs a pistola na mesinha de cabeceira e apagou a luz.

– Temos que manter uma luz acesa – disse ela, mantendo a voz baixa. O pensamento de uma mordalha a aterrorizava. – Emily tem medo do escuro. Se ela acordar e a luz não estiver acesa, ela vai ficar com medo e vai começar a chorar. Vai procurar por mim. Por favor, não quero que ela me veja desse modo.

Ele hesitou, depois se afastou. Os olhos dela seguiram o vulto escuro quando ele entrou no corredor e acendeu a luz do teto. Sua silhueta parecia grande e ameaçadora quando ele voltou para o quarto.

Ele pareceu ainda mais ameaçador quando se deitou de costas, a centímetros de distância dela. Ela não estivera deitada numa cama com ninguém desde Eddie. Apenas Emily, é claro. Mas os 29 quilos da filha quase não marcavam o colchão. Ela não balançava a cama quando deitava, nem criava uma depressão, o que fez com que Honor se esforçasse para se manter no seu lado em vez de rolar para cima dele.

Os movimentos e sons dele se ajeitando a seu lado trouxeram-lhe algo familiar, embora estranho. Esse homem deitado tão perto dela não era Eddie. Sua respiração era diferente. Sua própria presença era diferente da de Eddie.

E de certo modo, *não* se tocarem parecia mais íntimo do que se isso acontecesse.

Uma vez instalado confortavelmente, ele não se mexeu. Com o canto do olho, ela tentou ver se ele fechara os olhos. Seus dedos estavam cruzados frouxamente e descansavam no abdome.

Ela ficou deitada, reta, quieta, dura como uma tábua, tentando afastar de si a sensação de um total ataque de pânico. Estava amarrada, sem poder se libertar, é verdade. Mas, disse a si mesma, com seriedade, que não estava em perigo mortal. Ela contou os batimentos cardíacos a fim de manter a cadência sob controle. Respirava profunda e pausadamente.

Mas esses exercícios não funcionaram melhor do que a razão.

Sua ansiedade continuou a aumentar até que ela começou a puxar os tirantes, esticando-os com a máxima força que podia.

– Você só está fazendo com que fiquem mais apertados – disse ele.

– Tire essa meia.

– Durma.

Ela deu um soluço e começou a dar puxões nos tirantes até que a cabeceira ficasse batendo na parede de maneira rítmica.

– Pare com isso!

– Não consigo. Eu disse a você que não podia aguentar, e *não posso*.

Ela começou a puxar com tanta força as meias que o recuo fez com que as costas das mãos raspassem dolorosamente contra a cabeceira de ferro. A dor fez aumentar seu sentimento de pânico até ela puxar como uma demente. Suas pernas faziam movimento de bicicleta, como que tentando sobrepujar a sensação de sufocação. Os calcanhares batiam forte no colchão. A cabeça balançava de um lado para o outro do travesseiro.

– Pssss, psss. Acalme-se. Você está bem. *Psiiu*.

A percepção chegou a ela gradualmente. Coburn estava inclinado sobre ela. Segurava suas mãos, os polegares apoiados fortemente nas palmas de Honor. A voz dele era um sussurro tranquilizador.

– Psiiu. – Os polegares dele começaram a massagear, fazendo pequenos círculos nas palmas dela. – Respire fundo. Você vai ficar bem.

Mas ela não respirou fundo. Em seguida a uma exalação entrecortada, ela parou de respirar. E quando ele virou a cabeça dela para olhar seu rosto, ele também parou de respirar.

O rosto dele estava próximo ao dela, próximo o bastante para que ela pudesse ver os olhos dele quando fitavam sua boca, e depois seu peito, fazendo-a dolorosamente consciente de seus seios. Nem mesmo a semiescuridão podia atenuar a intensidade azul dos olhos de Coburn, quando ele voltou a fitá-la.

A fim de parar as convulsões de Honor, ele colocou a perna entre as coxas dela. O quadril dele comprimia o dela. A excitação dele era inegável. E Honor sabia que sua completa imobilidade era uma oferta involuntária para que ela o sentisse.

Aquele momento em que estavam ali deitados pareceu uma eternidade, imóveis naquela posição, mas provavelmente foram só uns poucos segundos. Depois ele praguejou com força, soltando as mãos dela e saindo de cima dela. Ficou deitado de costas, como antes, perto, mas sem tocá-la. Só então, ele cruzou um braço sobre os olhos.

– Não tente outra gracinha como essa.

Não tinha sido fingimento, mas ela não o refutou. Ele não especificara que punição ela receberia se entrasse em frenesi de novo. Mas a aspereza da voz dele preveniu-a de que não deveria testá-lo.

Capítulo 13

Uma hora antes do nascer do sol o barco de Arleeta Thibadoux foi descoberto. Parecia ter sido arrastado para uma touceira de ciprestes, a fim de ser escondido.

Dois subordinados do xerife estavam abrindo caminho no pântano quando um deles, usando uma lanterna de alta potência, avistou o barco. Ele e seu parceiro usaram os telefones celulares para espalhar a notícia e, transcorrida meia hora da descoberta, duas dezenas de exaustos, mas animados, agentes da lei convergiram para o local.

Fred Hawkins, que estava na delegacia no centro de Tambour quando recebeu a informação, conseguiu chegar bem perto do lugar da descoberta usando o helicóptero emprestado pela polícia de Nova Orleans. Logo que a aeronave pousou ele foi apanhado por uma pequena lancha com outros policiais que o conduziram pelo restante do caminho. Doral já estava lá quando ele chegou.

– Está cheio d’água – disse-lhe Doral, indo direto ao assunto. Dirigiu a lanterna para o casco parcialmente submerso. – Pelo menos, temos um ponto de partida.

– Não sabemos com certeza se foi Coburn.

– Ou é ele, ou é uma coincidência estranha. – Doral usou o facho da lanterna para mostrar manchas de sangue no remo. – Ainda sangrando por algum lugar. O diabo é que...

Ele não terminou, mas usou a lanterna para fazer um giro pela paisagem em torno. Era um ermo monótono, cinza, desolado, com nada para distinguir um metro quadrado do outro, exceto por qualquer forma de vida selvagem mortal que poderia estar espreitando dentro daquela enganadora placidez.

– É mesmo – suspirou Fred, percebendo onde o irmão queria chegar. – Mas, como você disse, isso nos dá um novo ponto de partida.

– É melhor convocar o pessoal.

– Certo. – Fred fez a chamada.

Na meia hora seguinte, mais policiais chegaram, receberam as informações e depois foram liberados para cobrir o novo território. Os agentes do FBI do escritório de Tom VanAllen foram alertados.

– Avise ao Tom – disse Fred a eles. – Ele precisa saber sobre isso imediatamente. Eu talvez precise chamar os federais, como reforço. Eles têm mais recursos do que nós.

Enquanto acendia um cigarro, Doral puxou Fred para o lado.

– E quanto a Stan? Será que devo chamá-lo para que ele reúna alguns dos voluntários de ontem para ajudar?

Fred consultou o horizonte a leste, ou o que podia enxergar dele através da densa mata de ciprestes.

– Vamos esperar até o nascer do sol. Stan sabe mais sobre rastrear do que eu e você, que já esquecemos. Mas alguns desses outros caras criariam mais problemas do que ajudariam.

Doral exalou uma nuvem de fumaça.

– Não venha com mentira para cima de um mentiroso, irmão. Você não quer um bando de voluntários nesse grupo de caçada mais do que quer todas essas promoções. Ou os federais. Você não quer ninguém para pegar Lee Coburn a não ser você mesmo.

Fred sorriu.

– Você sempre conseguiu me ler como um livro aberto.

– Porque nós pensamos do mesmo modo.

Eles foram se juntar aos outros. consultaram mapas. Selecionaram canais fluviais que formavam circuitos intrincados, para serem explorados.

– Coburn vai precisar de água para beber – lembrou Fred ao grupo. Desde o vazamento de petróleo, ninguém, em sã consciência, beberia água de qualquer um desses canais. – Alguém conhece cabanas de pesca, acampamentos, alpendres, telheiros, qualquer coisa como isso na vizinhança? Qualquer lugar onde ele pudesse encontrar água potável?

Diversas possibilidades foram mencionadas. Enviaram homens para checar todos esses lugares.

– Aproximem-se com cuidado – alertou Fred aos policiais, quando partiram nos pequenos barcos com que vinham patrulhando toda a noite. – Cortem os motores antes de chegar perto.

Doral se apresentou como voluntário para tomar o caminho menos frequentado, e Fred deixou o irmão fazer o que queria.

– Se alguém pode percorrer essa área sem se perder, essa pessoa é você. Mantenha o telefone à mão, e eu farei o mesmo. Se avistar alguma coisa, telefone primeiro para

mim.

– Você não precisa me pedir duas vezes. Nesse ínterim, você vai voltar para a delegacia?

– O quê? E ficar com os repórteres no meu pé? – Fred balançou a cabeça. – Olhe aqui. – O mapa deles fora aberto numa área de solo relativamente seco. Os gêmeos se inclinaram sobre o mapa, e Fred correu o dedo ao longo de uma tênue linha azul, indicando um canal longo, estreito. – Veja até onde esse canal leva.

– À casa de Eddie.

Os gêmeos se entreolharam durante bastante tempo, encarando-se. Fred falou primeiro:

– Isso me aborrece.

– Você leu meu pensamento – disse Doral. – Stan devia ter ido lá ontem à noite para um jantar de aniversário, mas ele me disse, mais tarde, que Honor cancelou a reunião porque ela e Emily estavam doentes, com alguma coisa no estômago. Não faria mal checar o que acontece por lá.

Fred dobrou novamente o mapa e enfiou-o no bolso de trás da calça do uniforme.

– Eu me sentirei melhor se fizer isso. Além disso, alguém tem de dar uma busca naquele braço de rio. Pode muito bem ser eu.

Quando Honor acordou, o que a surpreendeu mais não foi o fato de que suas mãos estavam livres da cabeceira da cama, mas sim, que ela não acordara por isso. Ela não esperara adormecer, e ficou espantada de ter caído no sono. A luz lá fora estava rosada com o anúncio do nascer do sol.

Estava sozinha na cama.

Pulou da cama e correu para o quarto de Emily. A porta estava entreaberta, exatamente como ela a deixara na véspera. Emily dormia serenamente, um novelo de cachos cor de manteiga no travesseiro, o rosto enterrado no cobertor, a mão gorducha segurando Elmo.

Honor deixou-a lá e atravessou correndo a sala de estar, entrando na cozinha. Os aposentos estavam vazios, na semiobscuridade, e silenciosos. Suas chaves tinham desaparecido do gancho ao lado da porta dos fundos e, quando olhou pela janela, viu que seu carro não estava estacionado na frente da casa.

Coburn desaparecera.

Talvez o ruído da partida do motor fora o que a acordara. Mas a casa ostentava uma atmosfera parada, indicativa de que a partida de Coburn devia ter sido mais cedo do que ela supunha.

– Obrigado, meu Deus, obrigado, meu Deus – sussurrou ela, enquanto esfregava as mãos sobre a parte superior dos braços gelados. Eles estavam arrepiados, mas isso era prova de que estava viva. Ela não acreditara que Coburn partiria, deixando incólumes ela e Emily. Mas, miraculosamente, elas haviam sobrevivido a aflitivos dia e noite, passados com um homem que cometera um assassinato em massa.

O alívio a fez enfraquecer.

Mas apenas por um momento. Precisava alertar as autoridades sobre o que acontecera. Eles poderiam seguir sua pista a partir dali. Ela telefonaria para a polícia e daria a eles o número da placa do carro. Eles...

Esse surto de pensamento foi rudemente interrompido por uma nova percepção. Como é que ela iria chamar alguém? Seu telefone celular estava, quando ela o viu por último, com Coburn, e ela não tinha mais um telefone fixo. Stan tentara dissuadi-la de mandar desligar o aparelho, mas ela argumentara que era uma despesa mensal por algo que se tornara supérfluo.

Esse argumento veio assombrá-la agora.

Percorreu rapidamente a casa de novo, procurando o telefone celular. Mas não conseguiu encontrá-lo, e também não esperava por isso. Coburn era muito esperto para deixar o aparelho para trás. Levando-o, ele retardaria a notificação às autoridades, dando-lhe um tempo crucial, com o que ele poderia ir mais longe.

Sem um telefone, carro ou barco...

Barco.

Fora isso que a acordara! Não o motor de partida do carro, mas o motor de um barco em ponto morto. Agora, já completamente acordada, Honor reconhecia a diferença, porque lidara com barcos toda a sua vida.

Correu para a porta da frente, destrancou-a e praticamente saltou pela entradinha, descendo atabalhoadamente os degraus e caindo forte no chão, o corpo lançado para a frente. Amorteceu a queda com as mãos, e depois foi descendo o declive aos trancos e barrancos, o tênis escorregando na grama úmida. Conseguiu manter-se em pé o restante do caminho até o embarcadouro.

Seus passos faziam um ruído surdo nas tábuas maltratadas pelas intempéries, fazendo alçar voo um pelicano na margem oposta do rio. Com um barulhento bater de asas, a ave se elevou no ar. Ela protegeu os olhos do sol que se erguia no horizonte, enquanto olhava em ambas as direções do braço de rio, procurando sinais de um barco.

– Honor!

Seu coração deu um salto e ela girou o corpo na direção do grito. Fred Hawkins guiava um pequeno barco de pesca debaixo da espessa cobertura de um salgueiro.

– Fred! Graças a Deus!

Ele cortou o motor e alcançou o embarcadouro em segundos. Honor ficou tão contente em vê-lo que quase não alcançou a corda que Fred lhe jogara. Ela se ajoelhou e enrolou-a em torno de um gancho de metal.

Mal Fred pisou o pé no embarcadouro e Honor se jogou contra ele. Os braços dele a enlaçaram.

– Honor, meu Deus, o que é que há?

Ela abraçou com força o tórax do policial, depois largou-o e recuou. Haveria tempo depois para agradecer.

– Ele esteve aqui. O homem que você procura. Coburn.

– Filho da... Eu tive essa estranha premonição cerca de trinta minutos atrás quando achamos... Você está bem? Emily?

– Estamos bem. Bem. Ele... não nos machucou, mas ele... – Ela fez uma pausa para recuperar o fôlego. – Ele levou meu carro. Meu telefone. Foi por isso que descii correndo para o embarcadouro. Achei ter ouvido o barulho de um barco. Eu...

– Você tem certeza de que foi Coburn que roubou...

– Foi. Foi. Ele apareceu aqui ontem.

– Ele esteve aqui todo esse tempo?

Ela assentiu, com raiva.

– Todo o dia de ontem. Toda a noite. Eu acordei apenas há uns minutos. Ele tinha desaparecido. Não sei a que horas foi embora.

O peito dela doía de respirar tão forte. Colocou a mão ali e comprimiu.

Percebendo quanto Honor estava perturbada, Fred colocou a mão no ombro dela.

– Está bem, devagar, agora. Recupere o fôlego e diga tudo o que aconteceu.

Ela engoliu em seco, respirou fundo diversas vezes.

– Ontem de manhã... – Com interrupções e sobressaltos, ela descreveu a chegada de Coburn e sua própria provação durante todo o dia. – Dois auxiliares do xerife estiveram aqui ontem à noite. – Sem ar, ela relatou o que acontecera. – Talvez eu devesse ter tentado comunicar a eles que Coburn estava lá dentro, mas havia Emily. Tive medo que ele...

– Você fez a coisa certa – disse ele, apertando ligeiramente o ombro dela, para incutir-lhe confiança. – Ele está ferido? Nós encontramos sangue na trilha.

Ela falou sobre o ferimento dele, na cabeça.

– Era um corte bastante profundo, acho eu. Ele estava machucado e arranhado de caminhar no mato, mas, a não ser isso, não tinha ferimentos.

– Estava armado?

– Tinha uma pistola. Ameaçou-me com ela. Num certo momento, ontem à noite, nós lutamos pela posse dessa arma. Eu consegui pegar, mas ele a tomou de mim de novo.

Ele passou a mão pelo próprio rosto, cansado.

– Meu Deus, você podia ter sido morta.

– Eu estava com muito medo, Fred. Você não faz ideia.

– Posso imaginar. Mas o importante é que ele se abrigou aqui e depois foi embora sem machucar você e Emily.

– Ele não veio aqui para se esconder. Sabia quem eu era. Conhecia Eddie. Pelo menos sabia alguma coisa sobre Eddie. Veio aqui por um motivo.

– Que diabo? Será que ele era alguém que Eddie prendera?

Ela não conseguia controlar a gagueira, e Fred percebeu isso.

– Acho que não. Ele disse que nunca se encontrara com Eddie. Disse que... ele... ele...

– Está bem. Agora você já está bem. – Fred murmurou palavras de preocupação, literalmente pontuadas de xingamentos. Colocou um braço em torno dos ombros dela e virou-a na direção da casa. – Preciso comunicar isso. Vamos entrar.

Honor apoiou-se nele, pesadamente, aproveitando seu braço enquanto subiam a ladeira. Agora que a crise passara e ela e Emily não estavam mais em perigo, Honor começou a tremer. Com a chegada de ajuda, a coragem que ela demonstrara para se proteger e a Emily a abandonou. Como dissera seu amigo, ela poderia ter sido morta. Ela pensou que, com toda certeza, seria.

Todo o impacto de como escapara da morte por pouco desabou, então, sobre ela, e quase a fez chorar. Ela ouvira falar desse fenômeno, de pessoas agindo com incrível coragem durante a situação de crise e depois desmoronando completamente ao sobreviverem.

– Ele revistou a casa toda – disse ela a Fred, quando se aproximaram da entradinha. – Insistia em dizer que Eddie morreu de posse de alguma coisa valiosa.

Fred resfolegou, incrédulo. – Não o Eddie que eu conheci.

– Tentei dizer a ele que estava enganado. Ele não quis acreditar em mim. Arrebentou toda a minha casa para nada.

– O que ele estava procurando? Dinheiro?

– Não. Não sei. *Ele* não sabia. Ou pelo menos foi o que disse. Mas insistia que esse – o que quer que fosse – era o motivo pelo qual Eddie morreu.

– Ele morreu num acidente de carro.

Subindo na entradinha, ela levantou o olhar para ele e deu de ombros.

– Isso não convenceu Coburn.

Fred ficou espantado quando entrou na sala de estar e viu o estrago que Coburn fizera.

– Deus do céu. Você não estava brincando.

– Ele esteve a ponto de arrebentar as paredes e arrancar as tábuas do assoalho. Tinha absoluta certeza de que eu tinha alguma coisa que Eddie morrera protegendo.

– De onde ele tirou essa ideia?

Ela levou as mãos ao lado do corpo, mostrando que não sabia.

– Se você puder descobrir, talvez encontrem o motivo dele para matar aquelas sete pessoas.

Fred pegou um telefone celular do cinto e começou a digitar os números. – Preciso informar aos outros.

– Vou ver como está Emily.

Na ponta dos pés, Honor seguiu pelo corredor e abriu a porta do quarto da filha. Espreitando pela abertura, ficou aliviada de ver que Emily se virara, agora de barriga para cima, mas ainda dormia. Se estivesse acordada, ela veria a presença de Fred como uma visita social, e ficaria confusa se ele não parasse tudo para brincar com ela.

Além disso, como viúva de um policial, Honor sabia que se defrontaria com horas de interrogatório. Logo, ela telefonaria para Stan pedindo que viesse e levasse Emily pelo restante do dia. Ele podia ser superprotetor e autoritário, mas hoje ela agradeceria sua ajuda.

Ela fechou bem a porta do quarto de Emily, na esperança de que a menina dormisse um pouco mais.

Quando voltou à sala, Fred estava lá onde ela o deixara, falando ao telefone celular.

– A sra. Gillette não tem certeza da hora em que ele escapou, de modo que não sabemos quanto tempo de vantagem ele tem, ou em que direção está indo. Mas ele está no carro dela. – Ele cobriu o microfone. – Qual é o número da sua placa?

Ela lhe disse o número, e ele o repetiu ao telefone, e depois descreveu a marca e o modelo. Levantou as sobrancelhas, numa indagação silenciosa.

– Ela tem certeza do número?

Ela assentiu. Ele prosseguiu. – Distribua a descrição do veículo para todos, imediatamente. Informe o superintendente sobre o ocorrido e diga a ele – *exija* – que

eu preciso de todos os policiais disponíveis. – Ao desligar, ele sorriu para ela, desculpando-se.

– Em pouco tempo chegarão muitos policiais nesta casa, dentro e fora. Receio que talvez fique até mesmo mais revirada.

– Não importa, desde que vocês peguem o homem.

Ele recolocou o telefone no suporte do cinto.

– Ah, vamos pegar o cara. Ele não pode estar longe.

Mal ele pronunciara essas palavras, a porta da frente abriu-se de repente e Coburn entrou. Segurava a pistola com ambas as mãos, e o cano estava apontado para a nuca de Fred.

– Não se mova, porra! – gritou Coburn.

Então, um relâmpago vermelho explodiu no centro da testa de Fred Hawkins.

Capítulo 14

Honor cobriu a boca com as mãos para prender o grito, e viu, horrivelmente espantada, quando o corpo de Fred caiu, o rosto direto no chão.

Coburn passou por cima dele e foi na direção dela.

Num surto de adrenalina, Honor girou o corpo e disparou pelo corredor. Ele agarrou-lhe o braço por trás. Quando ele a fez virar-se, Honor dirigiu a mão livre contra a cabeça dele.

Praguejando muito, ele agarrou-a num abraço apertado, prendendo os braços dela ao lado do corpo, e a levantou do chão. Empurrou-a contra a parede com força suficiente para tirar-lhe o ar dos pulmões e colocou-se entre suas pernas, para tornar inúteis os perigosos pontapés dela.

– Ouça! Ouça o que eu tenho a dizer! – o hálito dele atingindo-a em sopros quentes.

Ela lutou como um gato selvagem para se livrar, mas, quando viu que eram inúteis os movimentos dos membros, tentou dar uma cabeçada na testa dele. Ele lançou a cabeça para trás justamente a tempo de evitar o golpe.

– Sou agente federal!

Ela ficou completamente imóvel e olhou espantada para ele.

– Hawkins... é esse o nome dele?

A cabeça dela balançou.

– Ele era o atirador no armazém. Ele e o irmão gêmeo. Percebeu? É ele o bandido, não eu.

Honor encarou-o cheia de incredulidade enquanto recuperava o fôlego.

– Fred é policial.

– Não é mais.

– Ele era...

– Um assassino. Eu vi quando ele baleou Maset na cabeça.

- Eu vi você matar Fred.
- Eu não tinha escolha. Ele já estava com a arma na mão para...
- Ele nem mesmo sabia que você estava aqui!
- ... matar você.

Ela engoliu ar e, depois de prender a respiração por vários segundos, exalou tudo com força. Engoliu em seco.

- Isso é impossível.
- Eu vi quando ele vinha para cá num barco. E voltei. Se eu não tivesse feito isso, você estaria morta agora, e também sua filha. Eu estaria sendo acusado de mais dois assassinatos.

- Por quê... por quê...?
- Mais tarde. Eu vou contar tudo a você. Mas, agora, apenas acredite em mim quando digo a você que ele teria matado as duas, se eu não o tivesse matado antes. Está bem?

Ela abanou a cabeça vagarosamente.

- Não acredito em você. Você não pode ser policial.
- Não sou policial.
- Agente federal?
- FBI.
- Isso é ainda menos provável.
- J. Edgar se revira na sepultura todo dia, mas é assim que as coisas são.
- Mostre sua identidade.
- Infiltrado. Infiltração profunda. Não tenho identidade. Você tem que acreditar na minha palavra.

Ela olhou firme para ele, os olhos frios, durante um bom tempo, e depois murmurou, chorosa.

- Você passou as últimas 24 horas me aterrorizando.
- Era parte da prova. Eu precisava ser convincente.
- Bem, eu estou convencida. Você é um criminoso.
- Pense sobre isso – disse ele, raivoso. – Se eu fosse um assassino em fuga, ontem, a essa hora, você já estaria morta. Fred encontraria seu corpo hoje de manhã. E o de sua filhinha também. Talvez boiando no riacho lá fora, comida de peixe. Se não fosse comida pelos jacarés antes.

Ela deu um soluço e afastou o olhar dele, num ato de repulsa. – Você é pior do que um criminoso.

– Isso já foi dito. Mas para seu futuro imediato, eu sou a única chance de você continuar viva.

Lágrimas de medo e confusão embaçaram-lhe a visão.

– Eu não compreendo o que é que eu tenho a ver com tudo isso.

Ele largou uma das mãos que a segurava e enfiou no bolso da frente da calça jeans, tirando uma folha de papel dobrada que ela já notara na véspera.

– Não você. Seu falecido marido.

– O que é isso?

– Seu marido estava, de certa forma, ligado às mortes no armazém.

– Impossível.

– Talvez você fique convencida com isso. – Ele balançou a folha de papel dobrado, abrindo-a, depois virou-a de modo que ela pudesse ler o que estava escrito. – O nome de seu marido, circulado e sublinhado, com um ponto de interrogação ao lado.

– Onde você conseguiu isso?

– No escritório de Marset. Eu entrei lá furtivamente uma noite. Encontrei essa anotação numa velha agenda.

– Isso pode não significar nada.

– Veja a data.

Ela olhou para Coburn, espantada, e depois tentou arrancar o papel dele.

– Dois dias antes da morte dele – murmurou ela.

– Hum hum. – Ele puxou rapidamente o papel para colocá-lo fora do alcance dela, e guardou de novo no bolso. – Talvez eu precise disso como prova. Juntamente com algum testemunho seu.

– Eu não sei nada.

– Falaremos disso mais tarde. No momento, temos que dar o fora daqui.

– Mas...

– Nada de mas – disse ele, balançando energicamente a cabeça, para dar ênfase à frase. – Você vai pegar a menina e vai comigo, antes que o Hawkins número dois apareça.

– Doral?

– Qualquer que seja o nome dele. Aposto que ele está vindo rapidamente para cá.

– A polícia está a caminho. Fred avisou que você tinha estado aqui. Eu ouvi quando ele falou.

Ele a soltou tão subitamente que ela quase escorregou para o chão, pela parede. Em segundos ele estava de volta, um telefone celular em cada mão.

– Esse é o telefone oficial dele – disse ele, mostrando o aparelho a Honor. – Última chamada há uma hora. – Jogou o telefone no chão. – Esse outro telefone, o favorito dele. – O polegar dele trabalhou rápido nas teclas. – O último número que ele chamou, há três minutos. Não é da polícia.

Ele apertou a tecla “redial”, e ela reconheceu a voz de Doral quando ele respondeu: “Está tudo bem?”

Coburn desligou imediatamente.

– Então, agora ele sabe que nem tudo está bem. – O telefone tocou quase que imediatamente. Coburn desligou-o, meteu-o no bolso da calça e fez um gesto com a cabeça na direção do quarto de dormir de Emily. – Pegue a menina.

– Eu não posso simplesmente...

– Você quer morrer?

– Não.

– Quer que sua filha morra sufocada? Não vai levar muito tempo para ele cortar o ar dela com um travesseiro em cima da cara.

Ela se encolheu ante aquela imagem terrível.

– Você nos protegeria. Se o que você diz é verdade, por que não prende Doral?

– Ainda não posso revelar que sou um agente infiltrado. E não posso entregá-la à polícia porque toda a porra do departamento é corrupto. Eu não poderia protegê-la.

– Eu conheço os gêmeos Hawkins há anos. Eram os melhores amigos de meu marido. Stan praticamente criou os dois. Eles não têm razão para me matar.

Ele pôs as mãos nos quadris. O peito dele subia e descia rapidamente, na agitação.

– Você contou a Fred que eu vim até aqui à procura de alguma coisa?

Ela hesitou antes de assentir com a cabeça.

– É por isso que você teria sido morta por Fred – afirmou ele – O Contador teria dado essa ordem.

– Você mencionou esse contador ontem à noite. Quem é ele?

– Bem que eu queria saber. Mas não há tempo para explicar isso agora. Você só precisa acreditar que, considerando que Fred não pode mais tirar sua vida, Doral fará isso.

– Isso não pode ser verdade.

– É verdade.

Ele fez essa afirmação como se fosse um fato, sem atenuantes. Duas palavras. *É verdade.*

Ela ainda hesitava.

– Olhe aqui – disse ele –, você quer ficar aqui desesperada com essa questão de lealdades divididas? Muito bem. Mas eu vou embora. Tenho um trabalho a terminar. Você me ajudaria, mas não necessariamente. Tudo que estou tentando fazer é salvar a sua pele. Se ficar, você ficará à mercê de Doral. Boa sorte com isso.

– Ele não me machucaria.

– Duvido que não faria isso. Se ele acha que você tem informação, ele vai machucá-la, e muito, você e sua filha. Não se iluda sobre isso. E, depois, quer você conte a ele alguma coisa útil ou não, ele não vai deixar você viva. Então, fique e morra, ou venha comigo. Conte até cinco para tomar sua decisão. Um.

– Talvez você não esteja mentindo, mas você está enganado.

– Não estou enganado. Dois.

– Não posso simplesmente partir com você.

– Quando Hawkins chegar aqui, eu já terei ido e você poderá explicar – ou tentar explicar – como seu querido e falecido irmão gêmeo terminou com uma bala na cabeça. Provavelmente, ele não gostará muito disso. Três.

– Doral não levantaria um dedo contra mim. Contra Emily? A filha de Eddie? Está fora de questão. Eu conheço Doral.

– Do mesmo jeito que você pensou que conhecia o irmão policial?

– Você também está enganado sobre Fred.

– Quatro.

– Você está me dizendo que você está do lado da lei e que eu devo acreditar em você simplesmente porque você me disse isso? – A voz dela se tornara áspera e entrecortada com a emoção. – Eu conheço esses homens. Confio neles. Mas eu não conheço *Lee Coburn*!

Ele ficou olhando para ela por alguns segundos, depois pôs a mão na frente do pescoço dela para manter-lhe a cabeça imóvel. Aproximou seu próprio rosto do dela e sussurrou:

– Você me conhece. Você sabe que eu sou o que estou dizendo que sou.

O pulso dela batia rapidamente contra os dedos fortes dele, mas era seu olhar penetrante que a fazia ficar grudada à parede atrás de si.

– Porque se eu não fosse, teria fodido com você a noite passada. – Manteve-a segura durante alguns segundos mais, depois deixou cair a mão e recuou. – Cinco. Você vem ou não?

Doral Hawkins atirou uma poltrona contra a parede, e depois, enraivecido porque ela não se quebrara, como acontecia nos filmes, ele a arremessou de novo, repetidamente,

até que a madeira se estilhaçou. Depois, atirou um grosso guia telefônico de Nova Orleans pela janela da sala de estar. Em seguida, de pé no meio da vidraça espatifada, ele agarrou um bom chumaço de seu cabelo já rareando e puxou-o com força, como se quisesse arrancá-lo do couro cabeludo.

Estava transtornado. Parte, por uma torturante angústia, parte por pura fúria animal.

Seu irmão gêmeo jazia morto no chão da casa de Honor, com um buraco de bala no centro da cabeça. Doral já vira ferimentos piores. Já infligira a outrem ferimentos piores. Como a vez em que um cara se esvaíra em sangue até a morte, vagarosamente, gritando, depois que Doral o estripara com uma faca de caça.

Mas o ferimento fatal em seu irmão era a coisa mais obscena na experiência de vida dele, porque ele estava olhando para a sua própria máscara da morte. Não houvera ainda tempo para o sangue coagular.

Honor não poderia tê-lo matado. Tinha que ter sido aquele filho da puta do Coburn.

Durante sua última conversa pelo telefone, Fred, falando numa voz sussurrada e apressadamente, de modo que Honor não pudesse escutá-lo, lhe dissera que sua presa, Lee Coburn, estivera confraternizando com ela durante todo o tempo em que eles estavam pagando os pecados no pântano infestado de mosquitos, procurando por ele.

- Ele está aí, agora? – perguntara Doral, excitado.
- Não temos essa sorte. Ele se mandou.
- Quanto de vantagem ele tem?
- Minutos, ou podem ser horas. Honor diz que, quando acordou, ele já fora embora. Pegou o carro dela.
- Ela está bem?
- Está aturdida. Balbuciando.
- O que é que Coburn estava fazendo aí?
- A casa está toda revirada.
- Ele sabia sobre Eddie?
- Quando eu desembarquei aqui, tive um mau pressentimento, e, sim, parece que sim.
- Como?
- Não sei.
- O que é que Honor disse?
- Disse que ele estava procurando alguma coisa que Eddie morrera protegendo.
- Porra.

– Exatamente o que pensei.

Depois de uma breve pausa, Doral perguntou, em voz baixa:

– O que é que você vai fazer?

– Ir atrás dele.

– Quero dizer, quanto a Honor?

O suspiro de Fred chegou forte pela ligação telefônica.

– O Contador não me deixou alternativa. Quando eu disse que ia checar a casa de Eddie... Bem, você sabe.

É. Doral sabia. O Contador não fazia prisioneiros, e não interessava se era um amigo da família, uma mulher com uma criança. *Nada de pontas soltas. Nada de misericórdia.*

Fred ficara consternado com isso, mas faria o que precisava fazer, porque sabia que era necessário. Também estava ciente das severas consequências sofridas por quem falhasse em executar uma ordem.

Eles terminaram a conversa com a compreensão de que ele, Fred, se encarregaria do problema, de modo que, no momento em que Doral se juntasse a ele na casa de Eddie, eles poderiam comunicar ao escritório do xerife o horrendo duplo homicídio de Honor e Emily.

Eles colocariam a culpa dos homicídios em Coburn, que, com toda certeza, deixara suas impressões digitais por toda parte, na casa. Havia roupas enlameadas e sujas de sangue deixadas no banheiro, que provariam ser dele. Os agentes da lei ficariam inflamados. Fred conhecia as palavras-chave para usar com a mídia, de modo que eles acreditariam na história e a divulgariam. Logo, todo o estado estaria salivando para tirar a pele de Lee Coburn, único suspeito do massacre do armazém, assassino de uma mulher e uma criança.

Era um bom plano, mas agora tinha ido para o espaço.

Doral gastou uns dez minutos críticos enfurecido e triste. Mas, tendo se esvaído seu surto de sentimentos, ele limpou o muco e as lágrimas do rosto e se forçou a colocar os sentimentos pessoais de lado até que pudesse se dar ao luxo de curtir-los a seu modo, e, em vez disso, avaliar a situação presente. Um saco! Pra valer!

O mais perturbador era que o corpo de Fred era a única evidência. Não havia sinal de Honor ou Emily, ou de seus restos mortais, dentro ou perto da casa. Se seu irmão as despachara, ele escondera os corpos muito bem.

Ou – e isso era realmente constrangedor – se Coburn abatera Fred antes que este tivesse tido a oportunidade de despachar Honor e a filha. Se fosse esse o caso, onde estavam elas? Escondidas até que viesse alguém socorrê-las? Possivelmente. Mas isso

significava que, logo que as encontrasse, ele teria que matá-las, e esse pensamento o fez sentir-se oprimido.

Havia também uma terceira possibilidade, e era o pior dos cenários: Coburn e Honor haviam escapado juntos.

Doral ficou atormentado com esse pensamento. Esse caso prenunciava todos os tipos de dificuldades, mas ele não sabia o que fazer a respeito. Era um caçador, não um detetive, nem estrategista, a não ser quando se tratava de ficar à espreita, pronto para dar o bote. Além disso, não lhe cabia determinar qual seria o próximo curso da ação. Ele deixaria o Contador se encarregar disso.

Como o Poderoso Chefão, no filme. O Contador insistia em ser informado das más notícias imediatamente. Doral fez a chamada, que foi atendida no primeiro toque.

– Você encontrou Coburn?

– Fred foi morto.

Doral esperou por uma reação, mas, na verdade, não tinha esperança disso, e não a teve. Nem mesmo uma exclamação de espanto, certamente nem um murmúrio de compaixão. O Contador estava interessado apenas em ouvir os fatos e ouvi-los imediatamente.

Por mais constrangedor que fosse ser o portador de más notícias, Doral descreveu a cena na casa de Honor e passou adiante tudo que Fred lhe dissera antes de ser baleado.

– Eu recebi mais uma chamada do telefone dele, mas, logo que atendi, a ligação foi cortada. Não sei quem fez essa chamada e, quando digito o número agora, não obtenho nada. O telefone desapareceu. Encontrei o aparelho que a polícia deu a ele no hall de entrada. Não sei o que aconteceu a Honor e Emily. Não há sinal delas. A pistola de Fred também desapareceu. E... e...

– Mais notícias ruins? Mande logo, Doral.

– A casa está revirada de alto a baixo. Honor disse a Fred que Coburn veio até aqui à procura de alguma coisa que ele acha que Eddie escondeu.

O silêncio que se seguiu foi ensurdecador. Ambos pensavam sobre as graves implicações da busca feita por Coburn na casa de Honor. Eles certamente não podiam descartá-la como se fosse uma estranha coincidência.

Sabidamente, Doral permaneceu calado e tentou não olhar para o cadáver do irmão. Mas não podia evitar e, cada vez que fazia isso, sentia-se queimar de raiva. Ninguém jamais humilhara um Hawkin daquela maneira. Coburn iria pagar, e pagar caro.

– Coburn achou o que estava procurando?

Essa era a pergunta que Doral mais temia, porque ele não tinha uma resposta para ela.

- Quem pode dizer?
- Você é que deve dizer, Doral. Encontre os três. Arranque deles o que sabem ou recupere o que eles têm, e depois, despache-os.
- Não precisa me dizer isso.
- Não? Eu disse a você e a seu irmão para não deixar ninguém sair vivo do armazém.

Doral sentiu o rosto queimar.

- E deixe-me enfatizar – continuou o Contador – que não há espaço para outro erro. Não quando estamos prestes a abrir um mercado inteiramente novo para nós.

Durante meses, o Contador vinha obcecado em fechar um acordo com um novo cartel mexicano de que ele precisava para uma rede estabelecida e confiável, visando proteção, enquanto traficavam suas mercadorias através do estado de Louisiana. Drogas e mulheres indo num sentido, pistolas e armamento pesado, no outro. Era gente da pesada querendo pagar somas substanciais pela tranquilidade.

O Contador estava determinado a concluir esse negócio. Mas a coisa não aconteceria a menos que houvesse a garantia de cem por cento de confiabilidade. O assassinato de Sam Maset deveria ter sido uma solução rápida e sangrenta para um problema. “Faça um esparramo”, dissera o Contador a ele e Fred, na sacanagem.

Mas, embora nunca fosse admitido, o assassinato em massa mexera com um ninho de vespas. Eles tinham entrado, agora, na fase de controle de danos, e, a fim de proteger seus próprios interesses, Doral continuaria. Não tinha escolha.

- Da próxima vez que eu telefonar, Doral, será de outro telefone. Se Coburn pegou o telefone de Fred...

- Ele vai saber o seu número.
- A menos que seu irmão tenha feito como eu disse, e apagado o contato cada vez que nos falamos. Mas, de qualquer modo, vou trocar de telefone.
- Entendido.
- Pegue Coburn.
- Também entendido.

Ele e Fred tinham um bode expiatório para usar no caso dos assassinatos no armazém. Mas o estivador que conseguira escapar do banho de sangue, esse tal de Lee Coburn, fizera de si mesmo um “suspeito” até mesmo melhor.

Eles previram encontrá-lo dentro de uma hora depois das mortes, escondido em algum lugar, tremendo dentro das botas, rezando para que o Criador o protegesse do mal. Mais tarde, eles planejavam atestar que ele fora fatalmente baleado enquanto tentava escapar de ser preso pelo policial Fred Hawkins.

Mas Coburn mostrara ser mais esperto do que esperavam. Ele iludira Fred e ele, Doral. E mesmo quando rastreado por homens armados e cães de caça, ele fugira para a casa de Honor Gillette e passara muito tempo valioso revistando o imóvel. Não era preciso ser um cientista de foguetes...

– Sabe, eu estive pensando.

– Eu não pago a você para pensar, Doral.

O insulto o feriu, mas ele continuou.

– Esse cara, Coburn, apareceu de repente em cena há um ano, e foi ganhando a confiança de Sam Marset. Estou começando a pensar que ele não é um estivador comum, alguém que acidentalmente soube dos aspectos mais lucrativos da operação de Marset e decidiu vir trabalhar com ele. Ele parece, qual é a palavra? *Superqualificado*. Não é um empregado medíocre de uma companhia de transportes.

Depois de outro pesado silêncio, o Contador perguntou, mordaz:

– Você pensou nisso tudo sozinho, Doral?

Capítulo 15

Como a casa de Honor ficava fora dos limites da cidade, o departamento do xerife tinha jurisdição sobre o local. Um dos auxiliares do xerife, o único investigador de homicídios daquele departamento, era um homem chamado Crawford. Doral não conseguira se lembrar do primeiro nome dele.

Doral estava relatando novamente como encontrara o corpo de seu irmão quando Crawford olhou por cima do ombro e murmurou:

– Merda, quem é esse? Quem deixou esse cara entrar aqui?

Doral se virou. Stan Gillette devia ter passado a conversa nos policiais uniformizados que estendiam uma faixa isolando a cena do crime em torno do perímetro da propriedade. Fez uma breve pausa na porta e, depois, ao ver Doral, foi direto na direção dele.

– Esse é Stan Gillette, sogro de Honor.

– Ótimo – disse o detetive. – É a última coisa de que precisávamos.

Doral fez coro ao sentimento do detetive, mas não o expressou, assumindo uma atitude adequadamente reservada enquanto o homem mais velho se aproximava.

O ex-fuzileiro naval não lançou um olhar sequer para o corpo de Fred, que fora metido num saco preto de plástico, com zíper, e que agora estava sendo amarrado a uma maca com rodinhas para ser transportado numa ambulância para o necrotério. Em vez disso, ele falou alto, como que dando uma ordem a um subordinado:

– É verdade? Honor e Emily foram sequestradas?

– Bem, elas não estão aqui e Coburn esteve.

– Meu Deus. – Stan correu a mão pela cabeça raspada, depois, em torno da nuca, e descarregou uma enfiada de palavrões. Então, fixou um olhar duro sobre Doral. – O que é que você está fazendo aqui? Por que não está procurando por elas?

– Vou fazer isso, logo que o detetive Crawford me liberar. – Fez um gesto na direção do detetive e uma breve introdução: – Ele está investigando...

– Com todo o respeito por sua investigação – disse Stan, interrompendo Doral e se dirigindo ao detetive, sem nenhum sinal do respeito mencionado –, isso pode esperar. Fred morreu no cumprimento do dever, que é um risco que todo policial aceita. Ele está morto e nada pode trazê-lo de volta. Nesse ínterim, duas pessoas inocentes estão desaparecidas, muito provavelmente sequestradas por um homem que se acredita ser um assassino impiedoso.

Inclinou a cabeça na direção de Doral e continuou:

– Ele é o melhor rastreador nessa área. Deveria estar procurando Honor e Emily na esperança de encontrar as duas antes que sejam mortas, e não ficar aí falando com você sobre alguém que já está morto. E, se você tivesse um mínimo de senso prático, também estaria lá, procurando pistas do fugitivo e de seus reféns, em vez de ficar perdendo tempo no único lugar onde está patente que elas não estão.

Sua voz se elevava a cada palavra, de modo que sua declaração terminou com um grito que interrompeu todas as atividades que se realizavam em torno deles. Todo mundo se virou para olhar, e Stan, vermelho, postura rígida e com justa indignação, parecia não notar.

Para seu crédito, o detetive não se acovardou com a maldosa crítica do ex-fuzileiro. Ele era vários centímetros mais baixo do que Stan e Doral, e seu físico não impunha o menor respeito, como homem. Ainda assim, ele não se abalou.

– Estou aqui em função oficial, sr. Gillette. Isso me torna *um* de nós.

Doral notou que Stan estava prestes a explodir, mas Crawford não vacilou:

– Eu vou foder a vida de quem deixou você ultrapassar a fita que isola a cena do crime, mas já que está aqui, você podia tentar ajudar. Querer me intimidar e dar ordens não vão levá-lo a lugar algum, exceto ser escoltado para fora do recinto, e, se resistir, você será preso e levado à cadeia.

Doral achou que Stan talvez estivesse à beira de puxar a faca pela qual era famoso, e colocá-la no pescoço do detetive. Antes que isso pudesse acontecer, ele interveio.

– Calma, Crawford. Ele acabou de receber notícias perturbadoras. Deixe que eu converse com ele, está bem?

O detetive olhou para um homem, depois para o outro.

– Só uns minutos, enquanto falo com o legista. Depois, sr. Gillette, eu gostaria que andasse pela casa comigo, para ver se descobre alguma coisa que tenha desaparecido.

Stan olhou em torno, para a bagunça.

– Como é que eu vou poder determinar isso?

– Eu compreendo, mas dar uma olhada não vai prejudicar em nada. Talvez você note alguma coisa que nos dê uma pista a respeito de por que e aonde Coburn levou as

duas.

– Isso é o melhor que você pode fazer? – perguntou Stan.

O detetive contentou-se em devolver seu olhar duro, e depois disse:

– Só um minuto – e se afastou. Mas, de repente, ele se virou. – Quem lhe deu a notícia? Como você chegou aqui tão rápido?

Apoiado nos calcanhares, Stan balançou-se para a frente e para trás, como se não pretendesse responder. Finalmente, disse:

– Ontem, Honor me contou que ela e Emily estavam adoentadas. Era óbvio que ela estava sendo coagida a dizer aquilo, visando manter-me afastado. Hoje de manhã, eu fiquei preocupado com elas e decidi vir até aqui checar. Quando cheguei, eu vi a casa cercada de viaturas policiais. Um dos policiais me contou o que se temia que acontecesse.

Crawford examinou-o de alto a baixo, de novo.

– Não toque em nada. – Depois, virou-se para falar com o legista.

Doral pegou o braço de Stan.

– Venha comigo.

Eles seguiram pelo corredor. Doral passou pelo quarto de Emily, mas Stan parou na porta aberta, depois entrou. Foi até a cama e ficou olhando para ela por longos momentos. Em seguida, vagarosamente, esquadrinhou o quarto com olhos de águia.

Parecendo perturbado, ele se juntou novamente a Doral e o acompanhou para entrar no quarto de Honor. Na linguagem rude dos militares, ele expressou sua desaprovação pelos danos causados por Coburn.

– Ouça aqui – disse Doral, precisando falar antes que o detetive reaparecesse. – Prometa que não vai fazer uma cena de novo.

Stan não prometeu nada, e ficou apenas olhando para o outro.

Doral disse:

– Crawford notou alguma coisa e fez um comentário.

– O quê?

Doral mostrou a cama.

– Parece que duas pessoas dormiram aqui, esta noite. Não estou deduzindo nada disso – acrescentou ele, apressadamente. – Estou apenas lhe contando o que Crawford comentou.

– Sugerindo o quê? – perguntou Stan, através dos lábios que quase não se moveram. – Que minha nora dormiu com um homem procurado por sete homicídios?

Doral levantou um ombro, o gesto tanto descompromissado quanto de solidariedade.

– Há alguma chance, Stan, uma chance mínima, de que ela, você sabe, tenha conhecido esse cara antes de ele aparecer aqui ontem à noite?

– Não.

– Tem certeza? Você conhece todo mundo que Honor...

– Tenho certeza.

– Todas as mulheres que Fred entrevistou ontem – vizinhas, mulheres que trabalham na companhia de transportes – concordaram bastante que o cara é um gato.

– Se Honor está com Lee Coburn – disse Stan, a voz vibrando de raiva –, foi levada contra sua vontade.

– Acredito em você – disse Doral, contradizendo sua insinuação feita apenas segundos antes. – A boa notícia é que os corpos dela e de Emily não foram encontrados com o de Fred.

Pela primeira vez, Stan reconheceu a perda sofrida por Doral.

– Meus pêsames.

– Obrigado.

– Você já contou a sua mãe?

– Telefonei para nossa irmã mais velha. Ela está indo para a casa da Mama para dar a notícia.

– Ela vai ficar desolada. Primeiro, seu pai e Monroe. Agora, isso.

Havia vários anos que o pai de Doral e o mais velho dos oito irmãos Hawkins tinham morrido num acidente de uma plataforma de alto-mar. Mama sofreria muito com a morte de Fred. Doral pôde imaginar o choro e os gemidos. Sua irmã estava mais bem preparada para lidar com o fato do que ele mesmo. Além disso, ele tinha seus próprios problemas para resolver.

– Há uma coisa mais de que você precisa tomar conhecimento, Stan – disse ele, em voz baixa.

– Estou ouvindo.

– Antes de você chegar aqui, Crawford fez um monte de perguntas sobre Eddie.

Stan ficou espantado e instantaneamente desconfiado.

– Que tipo de perguntas?

– Perguntas que indicavam pistas. Ele observou que as roupas de Eddie estavam espalhadas por toda a casa. Antigas pastas de documentos foram folheadas. Ele disse que lhe parecia que Coburn estava procurando alguma coisa que pertencera a Eddie. Eu achei que não, mas Crawford manteve a opinião.

“A fotografia de nós quatro tirada depois da pescaria?” – continuou Doral, numa voz sussurrada. – Crawford observou que fora retirada do porta-retratos. Ele embalou tudo e classificou como prova. É isso aí – disse ele, notando a surpresa e o descontentamento de Stan.

– Você não questionou isso?

– Ele disse que talvez pudesse colher as impressões digitais de Coburn.

– Desculpa esfarrapada. Tudo na casa pode ter as digitais de Coburn.

Doral levantou os ombros.

– Estou contando a você. Era uma foto de Eddie, e Crawford firmou pé de que Coburn estava procurando alguma coisa relacionada com ele.

– Mas ele não disse o que era.

Doral balançou a cabeça.

Crawford escolheu aquele momento para interromper. Entrando no quarto, ele disse:

– Sr. Gillette. O senhor notou alguma coisa inusitada?

Stan recompôs-se.

– Isso é uma piada? – Sem esperar pela resposta, ele lançou um ataque verbal. – Como cidadão e contribuinte, estou exigindo que você faça o que for necessário, usando todos os recursos de que dispõe, para trazer minha nora e minha neta para casa, em segurança.

O rosto de Crawford ficou vermelho, mas ele manteve a voz tranquila.

– Tudo que queremos é que Coburn seja preso, e a volta da sua família em segurança.

– Isso soa como uma bobagem burocrática – disse Stan. – Reserve suas promessas banais para alguém burro o bastante para acreditar nelas. Eu quero ação. Não me importa a orientação que seu manual manda seguir. Quero que esse criminoso seja encontrado, morto, se necessário, e que minha nora e minha neta voltem para mim, sem nada sofrer. Então, nós poderemos trocar amabilidades, detetive, mas não antes disso. E se eu não conseguir isso por seu intermédio, vou passar por cima de sua cabeça. Conheço o xerife pessoalmente.

– Eu sei quais são meus deveres, sr. Gillette. E eu os desempenho de acordo com a lei.

– Ótimo. Agora que nós já conhecemos a posição um do outro, faça o que precisa fazer, e eu vou fazer o mesmo.

– Não vá fazer justiça pelas próprias mãos, sr. Gillette.

Stan o ignorou, lançou a Doral um olhar penetrante, e, sem outras palavras, foi embora.

Capítulo 16

— **E**sse não é o meu carro.

Coburn tirou os olhos do espelho retrovisor para dar uma olhada em Honor. — Eu joguei o seu numa vala.

— Onde?

— A uns poucos quilômetros da sua casa, onde peguei este aqui.

— É roubado?

— Não, eu bati na porta da casa e perguntei se podia tomar o carro emprestado.

Ela ignorou o sarcasmo.

— Os donos vão comunicar o furto.

— Eu troquei as placas com outro carro.

— Você fez tudo isso entre partir da minha casa e voltar para baleiar Fred?

— Eu trabalho rápido.

Ela absorveu toda aquela informação, e depois observou:

— Você disse que viu Fred num barco.

— A estrada segue o rio. Eu estava dirigindo com os faróis apagados. Vi a luz no barco dele, saí da estrada para checar. Imediatamente, vi que era ele. Imaginei o que ele faria se você repetisse para ele alguma coisa do que eu dissera a você. Voltei. Felizmente para você, eu fiz isso.

Ela ainda não parecia convencida daquilo, e ele não podia dizer que a culpava por estar duvidando dele. Ontem, quando ele desabou na vida dela, ela confeitava cupcakes para uma festa de aniversário. Desde então, ele ameaçara as duas com uma arma, lutara e se engalfinhara com ela. Revirara de pernas para o ar a casa dela e a amarrara na própria cama.

Agora, ele queria bancar o bom moço, que a convencera a fugir de casa porque homens que ela conhecia e nos quais confiara durante anos eram, na verdade, os que

tinham cometido um assassinato em massa e que tinham o objetivo de matá-la. Naturalmente, ela tinha que ficar mais do que cética.

Agora vestindo uma calça jeans, em vez do short de algodão da véspera, Honor esfregava nervosamente as mãos para cima e para baixo nas coxas. Ocasionalmente, lançava um olhar por cima do ombro para a filha, que estava no banco traseiro brincando com um boneco vermelho. Esse brinquedo e a colcha velha que ela chamava de “cobertor”, com a bolsa de mão de Honor, eram as únicas coisas que ele permitiu que levassem com elas. Ele as expulsara de casa às pressas, literalmente com nada mais do que a roupa do corpo.

Pelo menos, suas roupas lhes pertenciam. Ele usava as roupas de um homem morto.

Não pela primeira vez.

Num sussurro, Honor perguntou:

– Você acha que ela viu?

– Não.

Na correria, atravessando a casa, Honor inventara um jogo exigindo que Emily mantivesse os olhos fechados até que elas estivessem do lado de fora. Por conveniência, Coburn carregara a menina do seu quarto de dormir cor-de-rosa até o carro. Ele mantivera a mão na nuca de Emily, o rosto dela comprimido contra seu próprio pescoço, apenas no caso de ela querer trapacear no jogo e abrir os olhos, e, nesse caso, ver o corpo de Fred Hawkins no chão da sala de estar.

– Por que você não me disse ontem que era um agente do FBI? Por que foi tão grosseiro comigo?

– Eu não confiava em você.

Ela olhou para ele com uma expressão de espanto que parecia genuína.

– Você é a viúva de Eddie Gillette – explicou ele. – Razão suficiente para que eu tivesse algumas dúvidas a seu respeito. Depois, quando vi aquela foto, vi pai e filho confraternizando com dois caras que eu vira matar aqueles sete no armazém, e ouvi você elogiar os dois como seus melhores amigos, o que eu deveria pensar? De qualquer modo, eu estava e estou convencido de que, fosse o que fosse que Eddie tinha, você tem agora.

– Mas eu não tenho.

– Talvez. Ou talvez você tenha e apenas não saiba que tem. De qualquer modo, eu não acho mais que você vá me denunciar.

– O que fez você mudar de ideia?

– Mesmo se você tivesse sido enganada, acho que teria me dado qualquer coisa que eu quisesse para eu não machucar a menina.

– Você tem razão.

– Eu cheguei a essa conclusão apenas hoje, antes de amanhecer. Eu achava que era melhor largar Emily e você. Então, vi Hawkins indo para sua casa. Mudança súbita de plano.

– Eu devo acreditar mesmo que Fred matou Sam Marset?

– Eu fui testemunha. – Ele lançou-lhe um olhar rápido, e a expressão de Honor o convidava a se explicar melhor. – Havia uma reunião marcada para domingo à meia-noite, no armazém.

– Um encontro entre Marset e Fred?

– Entre Marset e o Contador.

Ela esfregou a testa. – Sobre o que é que você está falando?

Ele respirou fundo, organizando os pensamentos.

– A estrada Interestadual 10 atravessa Louisiana, ao norte de Tambour.

– Passa por Lafayette e Nova Orleans.

– Certo. A estrada é a ligação costa a costa mais ao sul, e sua proximidade com o México e o Golfo faz com que seja um canal de suprimentos para traficantes de drogas, contrabandistas de armas, mercadores de seres humanos. Os grandes mercados são as cidades-chave pelas quais a estrada passa – Phoenix, El Paso, San Antonio, Houston, Nova Orleans; todas essas cidades também têm vias importantes no sentido norte-sul que fazem interseção com a Interestadual 10.

– Essencialmente...

– Ligando a I-10 com todas as principais cidades nos Estados Unidos continental.

De novo ela assentiu. – Tudo bem.

– Qualquer veículo com o qual a gente cruze, tudo, desde uma grande carreta articulada, até uma picape ou uma van familiar, pode estar transportando drogas para serem vendidas nas ruas, produtos farmacêuticos, armas, moças ou rapazes destinados à prostituição forçada. – Ele olhou para ela. – Ainda está me acompanhando?

– Sam Marset era dono da Royale Trucking Company.

– Você ganha uma medalha de ouro.

– Você está dizendo que os motoristas de Sam Marset faziam bico nesse transporte ilegal?

– Não seus motoristas. Sam Marset, o membro sênior de sua igreja, sociedade histórica, o que seja. E não apenas fazendo bico. Ele trabalha em tempo integral. *Trabalhava*. A noite de domingo pôs fim a sua vida de crimes.

Ela removeu aquilo no pensamento, verificou se a criança ainda estava distraída com o brinquedo, e depois perguntou:

– Onde é que você entra na foto?

– Eu fui designado para me infiltrar na operação de Marset, descobrir com quem ele fazia negócios, de modo que os chefões pudessem dar uma série de golpes. Levei meses para simplesmente ganhar a confiança do capataz. Depois, somente depois que Marset deu sua aprovação, me confiaram os manifestos de carga. Sua empresa despacha muitas mercadorias legais, mas eu vi também muito contrabando.

– De seres humanos?

– De tudo, exceto isso. O que é bom, porque eu teria que barrar o embarque, e isso implicaria revelar minha infiltração. Do jeito que as coisas aconteciam, eu tinha que deixar passar muito contrabando ilegal. Mas meus chefes não estavam interessados em um caminhão de mercadorias secas escondendo uma caixa de pistolas automáticas. O FBI quer as pessoas que enviam e recebem as armas. Eu não tinha provas suficientes para pegar os peixes grandes.

– Como Marset?

– Ele e outros maiores. Mas o verdadeiro prêmio seria o Contador.

– Quem é esse?

– Boa pergunta. O Bureau nem mesmo sabia da sua existência até que eu cheguei aqui e percebi que alguém está azeitando as engrenagens.

– Fiquei perdida.

– O Contador é um facilitador. Ele vai até pessoas que deveriam estar evitando todo esse tráfico ilegal, então as suborna ou as ameaça para que olhem para o outro lado.

– Ele suborna policiais?

– Policiais, polícia rodoviária, agentes de balanças de pesagem do estado, o homem que guarda veículos sequestrados pelo poder público, qualquer um que tenha o potencial de impedir o tráfico.

– O Contador paga os funcionários...

– Depois, ele tira uma gorda comissão do contrabandista para garantir-lhe e a sua carga passagem livre através do estado de Louisiana.

Ela ficou pensando nisso, depois disse:

– Mas você não descobriu a identidade dele.

– Não, está faltando um elemento-chave. – Ele parou numa encruzilhada e virou a cabeça, lançando para ela um olhar firme.

– E foi à procura dele que você veio a minha casa.

– Certo. – Ele tirou o pé do freio e acelerou pela interseção. – O DOJ – Departamento de Justiça – disse ele, como esclarecimento – não vai apresentar esse caso nos tribunais até ter certeza de que não vai perder. Nós podemos fazer um acordo com alguém para que testemunhe contra o Contador em troca de redução da pena, mas também precisamos de provas concretas. Arquivos, extratos bancários, gravações telefônicas, cheques cancelados, registros de depósitos, nomes, datas. Documentação. Provas. Acho que isso era o que seu marido tinha.

– Você acha que Eddie estava envolvido com isso? – perguntou ela. – Drogas? Armas? Tráfico de seres humanos? Está enganado, sr. Coburn.

– A verdade é que eu não sei de que lado do negócio seu marido trabalhava. Mas ele era unha e carne com os gêmeos, e na minha opinião isso o torna tremendamente suspeito. E ser policial seria uma vantagem, exatamente como aconteceu com Fred.

– Eddie era um policial *honesto*.

– Você acha isso, não é? Você é viúva dele. Mas eu vi seus amiguinhos assassinar sete pessoas a sangue-frio. Eu teria sido a vítima número oito, se não tivesse fugido.

– Como é que você conseguiu fugir?

– Eu esperava que alguma coisa acontecesse. A reunião deveria ser pacífica, sem armas. Mas eu estava especialmente alerta porque o Contador é tido como um filho da puta cruel. Você se lembra, há umas poucas semanas – deu no noticiário –, de um garoto latino encontrado numa vala, perto de Lafayette, com a garganta cortada?

– Não levava identificação. Você sabe quem ele era?

– Não sei o nome dele. Sei que estava sendo transportado por um dos “clientes” do Contador para um lugar em Nova Orleans que lida com... – ele olhou pelo espelho retrovisor, a menina estava cantando com Elmo – ... lida com clientes com muita grana e um gosto especial por perversões sexuais. Esse garoto sabia o que o esperava. Ele escapou enquanto o veículo de transporte era reabastecido.

“A maior parte dessas crianças fica amedrontada demais para se queixar às autoridades, mas um talvez tenha sido corajoso. Aparentemente, o Contador temia isso. Seu pessoal alcançou o garoto antes que ele causasse muito estrago.” Ele olhou para ela e murmurou: “Provavelmente, foi melhor ele ter morrido. Logo depois de o corpo do garoto ter sido encontrado, um policial rodoviário foi achado com a garganta cortada. Tenho um palpite de que os dois assassinatos têm ligação entre si.”

– Você acha que esse Contador é funcionário público?

– Pode ser. Talvez não. Eu esperava conhecer sua identidade na noite de domingo – disse ele, secamente. – Porque alguma coisa grande está sendo arquitetada. Eu só

peguei indícios mínimos do que é, mas acho que o Contador está cortejando um novo cliente. Amedronta as pessoas com tolerância zero para deslizes.

Ela massageou de novo a testa. – Eu me recuso a acreditar que Eddie estivesse envolvido em qualquer coisa relacionada com isso. Não posso crer que Sam Marset, também.

– Marset estava no negócio somente pelo dinheiro. Ele era um peixe grande que se aproveitava dos vícios, mas não era violento. Se alguém o enganava, ele arruinava a pessoa. Geralmente, sob o aspecto financeiro. Ou as surpreendia num quarto de hotel com a calça abaixada e as chantageava. Era assim. Na mentalidade dele, o corpo putrefato de um garoto de treze anos encontrado numa vala era ruim para o negócio.

“E essa era somente uma de suas queixas. Marset estava peitando o Contador. Ele exigiu que se sentassem juntos para aplinar as diferenças, limpar a atmosfera. O Contador concordou.”

– Mas o atraíçouu.

– Para dizer o mínimo. Em vez de o Contador, foram os irmãos Hawkins que apareceram. Antes mesmo que Marset pudesse expor sua contrariedade com o arranjo, Fred o fuzilou. Doral carregava um fuzil automático. Ele abriu fogo contra os outros, abatendo o capataz primeiro. No momento em que, na porta, eu vi os irmãos chegando, pressenti uma traição e me escondi atrás de uns engradados, mas sabia que eles tinham me visto. Quando os outros foram abatidos, eles vieram atrás de mim.

Ele se aproximava de um cruzamento ferroviário, mas não diminuiu a marcha do veículo. O carro sacolejou na passagem.

– Naquela noite, eu tomara a precaução de levar uma pistola para o trabalho, com meu telefone celular reserva. Deixei um dos telefones para trás de propósito. Isso os despistará. Irão atrás dos próprios rabos, rastreando as chamadas daquele aparelho.

“Eu dei um jeito de sair do armazém vivo, e cheguei a um prédio abandonado. Um dos gêmeos deu uma busca no local, mas eu me escondi no porão até ele ir embora. Então, eu me mandei rapidamente na direção do rio, decidido a chegar a sua casa antes que eles me pegassem.”

Ele lançou-lhe um olhar.

– Você conhece mais ou menos o resto.

– Então, e agora? Para onde estamos indo?

– Não faço ideia.

Ela virou a cabeça tão rápido que seu pescoço balançou.

– O quê?

– Eu não planejei isso com muita antecedência. Na verdade, eu não contava em escapar com vida, naquela primeira noite. Imaginei que, ou seria morto por um policial superansioso, ou por alguém da folha de pagamento do Contador. – Ele olhou por cima do ombro, para o banco traseiro. – Eu certamente não contava em sair rebocando uma mulher e uma criança.

– Bem, desculpe pela inconveniência – disse Honor. – Pode nos deixar na casa de Stan e seguir em frente com seus negócios.

Ele deu uma risada curta.

– Você não percebe? Não me ouviu? Se Doral Hawkins ou o Contador acharem que você sabe alguma coisa que os leve à prisão, sua vida não vale um tostão furado.

– Eu entendo isso *perfeitamente*. Stan nos protegerá até...

– Stan, o homem de um-por-todos-e-todos-por-um da fotografia, com o seu finado marido e os gêmeos Hawkins? *Aquele* Stan?

– É, você não acha...

– Por que não?

– Stan é ex-fuzileiro.

– Eu também sou. Olhe o que aconteceu comigo.

Ponto para ele! Ela hesitou, depois disse, teimosamente:

– Meu sogro protegeria a mim e a Emily até o último suspiro.

– Talvez. Não sei, ainda. Até eu saber, você fica comigo e não entra em contato com ninguém.

Antes que ela pudesse falar qualquer coisa mais, eles ouviram o ruído de sirenes. Dentro de segundos dois carros da polícia apareceram onde a estrada encontrava o horizonte. Eles estavam se aproximando rapidamente.

– Doral deve ter encontrado o cadáver do irmão.

Embora os músculos dele se contraíssem com a tensão, e ele agarrasse com mais força o volante do carro roubado, Coburn manteve a velocidade, os olhos fixos à frente. Os carros-patrolha passaram a grande velocidade por eles.

– Carro da polícia – disse a menina. – Mamãe, carro da polícia.

– Eu vi, querida. – Honor sorriu para ela, no banco traseiro, e depois virou-se para ele de novo. – Emily precisa comer. De um lugar para dormir. Não podemos ficar simplesmente rodando por aí num carro roubado, nos esquivando da polícia. O que é que você vai fazer conosco?

– Estou prestes a descobrir.

Ele checou o relógio no painel do carro e viu que já passava das nove, na Costa Leste. Pegou a saída seguinte da via expressa. O asfalto logo deu lugar ao cascalho e

depois à terra cheia de sulcos, e finalmente chegaram a uma estrada sem saída, num riacho estagnado coberto de lentilhas-d'água.

Ele tinha três telefones. Que eram de Fred. Além daquela última chamada para o irmão, o registro de chamadas estava vazio. Mas como Fred usava esse telefone para fins ilegais, Coburn não esperava encontrar o número do Contador ali. Mesmo assim, guardaria o aparelho. Por segurança, retirou a bateria.

Eles não podiam usar o telefone de Honor, porque as autoridades conseguiriam localizá-lo usando a triangulação. Ele tirou as baterias desse também.

O que os deixava apenas com o celular de Coburn, um aparelho descartável que ele comprara havia alguns meses, mas que nunca usara até a véspera. Ele ligou o celular, viu que havia sinal e digitou um número, na esperança de que hoje sua chamada fosse atendida.

– Para quem é que você está ligando? – perguntou Honor.

– Você toma um susto cada vez que faço um movimento.

– Você pode me culpar?

– Não, realmente não.

Ele olhou para os cotovelos e os antebraços dela, que apresentavam machucados. As costas das mãos também tinham marcas das pancadas que ela dera contra a cabeceira da cama quando ele a prendera ali. Ele tinha pena de ter sido obrigado a usar a força, mas não pediria desculpas. Ela teria se machucado muito mais, se ele não tivesse feito aquilo.

– Você não precisa se preocupar; não vou mais agarrá-la. Ou apontar-lhe uma arma. Nada mais de sobressaltos, está bem?

– Se eu estou nervosa, pode ser porque vi um homem morto a tiro na minha casa, hoje de manhã.

Ele já falara o que tinha de falar sobre esse assunto, e não ia ficar se justificando de novo. Se você tem uma chance de acabar com um criminoso violento como Fred Hawkins, não para para pensar por quê. Você puxa a porra do gatilho. Ou então, vai ser você a não respirar mais.

Quantos homens ele já vira morrer? Quantos já vira morrer violentamente? Gente demais para contar ou, até mesmo, para se lembrar. Mas ele achava que, para os olhos verde-claros de uma professora da segunda série, isso era uma coisa chocante de assistir, coisa que ela sempre associaria a ele, Coburn. Não havia como dar jeito nisso. Entretanto, aquele telefonema colocaria um fim ao fato de ela ficar sobressaltada cada vez que ele se mexesse.

Ele estava prestes a desligar e tentar de novo quando uma mulher atendeu. – Escritório do subdiretor Hamilton. Quem devo dizer que está no aparelho?

– Quem é você? Passe o telefonema para Hamilton.

– Quem eu devo anunciar?

– Olhe aqui, para de besteira. Dê o telefone a ele.

– Quem eu devo anunciar?

Porra de burocratas. – Coburn.

– Desculpe, quem você disse?

– Coburn – repetiu ele, impacientemente. – Lee Coburn.

Depois de uma longa pausa, a mulher do outro lado da linha disse: – Isso é impossível. O agente Coburn está morto. Ele morreu há mais de um ano.

Capítulo 17

O telefone de Diego vibrou, mas, apenas para sacanear, ele esperou vários segundos antes de atender.

– Quem é?

– Quem é que você está esperando? – perguntou o Contador, com idêntico sarcasmo.

– Já encontrou o fugitivo?

– Ele está mostrando ser um problema maior do que pensamos no início.

– Não diga! Aqueles dois palhaços realmente melaram a coisa toda, não é? Deixar que ele escapasse assim. – Ele queria acrescentar, *É o que você ganha não dando a mim o serviço*, mas decidiu não brincar com a sorte. Ele não dependia apenas do Contador como fonte de renda, mas o relacionamento dos dois no negócio, se é que se podia chamar isso de relacionamento no negócio, era lucrativo.

Durante anos, depois de deixar o salão de beleza, ele morara nas ruas, encontrando abrigo onde podia, vivendo de restos de comida e vestindo roupas usadas. Sobrevivera graças a uma mente astuta, que lhe chegara por meio de alguma contribuição desconhecida a seu obscuro banco genético, e não demorara muito tempo para ele perceber que barganhar, roubar e viver de restos não adiantava muito. A única moeda que importava era dinheiro.

Diego se dedicara a ganhar dinheiro. Observou, aprendeu e provou ser bom estudante. O mercado para suas habilidades especiais era infindável. Seu negócio prosperou, independentemente da conjuntura econômica para qualquer outro tipo de comércio. De fato, ele ficava mais ocupado quando os tempos ficavam difíceis e a prevalente lei da selva cobra-engolindo-cobra era observada com mais rigor.

Já nos primeiros anos da adolescência, ele cultivara uma reputação de violência súbita e explosiva, de modo que o mais durão dos durões respeitava sua compleição

esguia e pequena estatura e, na maior parte, lhe davam boa acolhida. Não tinha amigos e eram poucos os competidores, porque poucos sobravam.

No que dizia respeito ao estado de Louisiana, ele não existia. Seu nascimento nunca fora registrado, portanto ele nunca frequentara a escola. Embora basicamente analfabeto, ele conseguia ler inglês superficialmente, o bastante para se virar. Falava espanhol fluentemente, que aprendera nas ruas. Não conseguia apontar sua cidade natal num mapa, mas a conhecia como a palma da mão. Nunca ouvira falar numa divisão comprida ou em tabuadas de multiplicação, mas podia lidar com quantias de dinheiro mentalmente, numa velocidade espantosa. Já estava calculando quanto cobraria para apagar Coburn.

– Então o cara não foi apanhado ainda, é isso?

– Não foi. Ele apagou Fred Hawkins.

Diego ficou surpreso com a informação, mas não fez comentário algum.

– Agora, todo mundo está realmente à caça. Se Coburn sobreviver à *prisão*, eu quero que você esteja pronto para entrar em cena.

– Estou pronto.

– Talvez seja necessário também que você se encarregue de uma mulher e uma criança.

– Isso vai ter um custo extra.

– Estou preparado para pagar. – Depois de um silêncio frio, o Contador disse: – Quanto àquela prostituta...

– Já resolvi. Eu disse a você.

– Ah, então você já disse. Minha cabeça tem estado ocupada com outros assuntos. Entro em contato.

O telefonema terminou sem mais uma palavra.

Não era necessária nenhuma outra. Eles entendiam um ao outro. Tinha sido assim desde o início. Há alguns anos, alguém que conhecia alguém o contatara para um serviço. Estava interessado? Ele estava.

Ele telefonou para o número que lhe deram, ouviu o discurso do Contador sobre o recrutamento e calculou que era o tipo de aliança da qual ele gostava, isto é, frouxa. Fez aquele primeiro serviço, e foi pago. Ele e o Contador vinham fazendo negócios juntos, desde então.

Ele meteu o celular de novo no suporte preso ao cinto, arqueou os ombros e enfiou as mãos no fundo dos bolsos da calça. Os dedos da mão direita se fecharam firmemente em torno da navalha.

Desde o furacão Katrina, certas áreas da cidade tinham se tornado zonas de guerra das gangues. Diego era um operador independente, que tentava ficar longe dos confrontos, mas era impossível permanecer neutro, e, conseqüentemente, ele se tornara o inimigo de todas as gangues.

Ele parecia estar focalizando a calçada suja debaixo das solas de borracha de seu calçado de cano alto, mas, na verdade, seus olhos se moviam, vigilantes, suspeitando que o perigo espreitava em cada sombra, prevendo constantemente uma emboscada.

Não temia muito os policiais. Eram uma piada. Às vezes, uma piada de mau gosto, mas, ainda assim, risíveis e não algo para ser levado a sério.

Naquela enganadora postura encurvada, ele seguiu furtivo pela calçada, virando à esquerda no primeiro beco que alcançou, dispersando baratas e dois gatos que caçavam por ali. Durante os cinco minutos seguintes, abriu caminho através de prédios abandonados, cheios de equipamento industrial enferrujando ou lixo deixado pelos sem-teto que haviam usado aquelas construções como acampamentos temporários.

O labirinto de becos não era problema para Diego. Conhecia cada centímetro quadrado do lugar. Tomava um caminho diferente e tortuoso cada vez, de modo a ter certeza de que ninguém o seguia. Ninguém poderia encontrá-lo se ele não quisesse ser encontrado.

Depois de anos morando onde pudesse encontrar abrigo, ele agora tinha uma residência permanente, embora não estivesse no mapa de distribuição de correspondência. Rodeou o prédio vazio duas vezes, antes de se aproximar da porta com cadeado, do qual ele tinha a única chave. Uma vez lá dentro, passou o ferrolho na porta de metal.

Escuridão total o envolveu, mas isso não era impedimento para ele. Orientava-se facilmente pelos corredores, cujas paredes estavam negras de mofo. Ficavam perpetuamente úmidas. A água da chuva gotejava nos três andares, acumulando-se em poças repugnantes nos soalhos desnivelados.

Nas entranhas dessa antiga fábrica de enlatar feijão, Diego fizera seu lar. Destrancou a porta do santuário mais íntimo, deslizou para dentro, passou novamente o ferrolho.

O ar da câmara era mais fresco e seco devido a um sistema de ventilação improvisado que ele adaptara do sistema original do prédio, usando peças descartadas que foi reunindo ao longo do tempo. No chão, um caro tapete oriental que ele roubara de um caminhão estacionado no Quarteirão Francês. Ele fingira ser um dos

carregadores. Ninguém o questionou quando ele pôs o tapete no ombro e saiu andando com a carga. Todos os móveis do ambiente foram obtidos dessa maneira. Duas luminárias iguais lançavam um brilho acolhedor.

Ela estava sentada na beira da cama, escovando o cabelo com uma escova furtada de uma loja por Diego, na véspera. Entretanto, ele pagara pelo peixinho dourado. Passara por uma loja de animais de estimação da qual nunca se apercebera. Viu os peixinhos no aquário. A próxima coisa que percebeu foi quando estava levando um deles num saco plástico. O sorriso dela quando ele lhe ofereceu o presente valera o triplo do que ele pagara pelo peixinho.

Ele nunca tivera um bicho de estimação antes. Agora, tinha dois. O peixinho dourado e a garota.

O nome dela era Isobel. Era um ano mais moça do que Diego, embora parecesse ainda mais moça. O cabelo era macio e tão preto que parecia furta-cor. Caía reto sobre os ombros, formando uma cortina brilhante contra as maçãs do rosto.

Tinha uma compleição esguia, com uma cintura que suas mãos podiam enlaçar. Diego calculava que podia quebrar seus membros frágeis em dois, virtualmente sem esforço. Os seios eram pequenos, quase não aparecendo na camiseta que ele furtara para ela. E, embora ele já tivesse tido muitas mulheres, de todas as idades e tamanhos, era a delicada beleza do pequeno corpo de Isobel que o fazia perder o fôlego, ficar febril e fraco de desejo.

Mas ele não a tocara dessa maneira. Nem iria fazer isso.

Suas feições frágeis, jovens, a tornaram muito popular com a clientela da casa de massagens. Os homens adoravam ser tocados por aquelas mãos pequenas. Muitos exigiam que fosse ela. Tinha uma clientela fiel. Sua delicadeza era extremamente excitante, porque fazia com que os que suavam em cima dela se sentissem mais masculinos, maiores, com o membro mais enrijecido, mais fortes.

Como a milhares de outras, tinha sido prometido a ela e sua família que gozariam de uma vida melhor nos Estados Unidos. Garantiram que ela teria um emprego num hotel elegante ou num excelente restaurante, onde ganharia mais dinheiro numa semana do que seu pai ganhava em um ano.

Uma vez nos Estados Unidos e bem empregada, o que levaria apenas uns poucos anos, ela começaria a ganhar dinheiro para enviar à família, possivelmente o bastante para pagar a vinda do irmão mais novo para os Estados Unidos. Aquilo soava como um conto de fadas tornado realidade. Ela dera um adeus choroso, mas esperançoso, a sua família, e entrara no caminhão com destino à fronteira.

A viagem infernal levaria cinco dias. Ela e oito outras viajaram apertadas na carroceria de uma picape, escondidas debaixo de uma chapa de compensado. Durante a jornada, receberam muito pouco para comer e beber, e tiveram poucas oportunidades de fazer as necessidades.

Uma das outras garotas, não mais velha do que Isobel, ficara doente, com febre. Isobel tentou esconder a doença da garota, mas o motorista e o homem fortemente armado que viajava com ele descobriram durante uma das raras paradas. O veículo seguiu viagem sem a garota. Ela foi deixada à beira da estrada. As outras foram avisadas de que também seriam abandonadas se interferissem ou causassem problemas. Isobel imaginara muitas vezes se a garota morrera antes que alguém a encontrasse.

E isso foi apenas o começo de seu pesadelo.

Quando o caminhão, finalmente, chegou ao destino, ela foi obrigada a vestir roupas provocantes, debitadas em seu salário, e posta a trabalhar num bordel.

Não conhecia ninguém. Até mesmo aquelas que entraram nos Estados Unidos com ela, e com quem ela quase forjara uma amizade baseada no medo e desespero compartilhados, foram mandadas para outros lugares. Não sabia o nome da cidade ou do estado em que se encontrava. Não compreendia a língua que o primeiro homem libidinoso sussurrava enquanto lhe tirava a virgindade.

Embora não tivesse compreendido as palavras, ela compreendeu perfeitamente o que aquele ato significava. Ela era uma mercadoria arruinada, estragada. Nenhum homem bom e carinhoso quereria jamais casar com ela, agora. Tinha caído em desgraça. Sua família a deserdaria. Suas escolhas eram agora limitadas a continuar a entreter os clientes, ou suicidar-se. Mas o suicídio era um pecado mortal, um bilhete para a condenação eterna.

Em essência, a única alternativa que lhe fora deixada era que tipo de inferno ela sofreria.

Era por isso que seus olhos, tão negros e fluidos como tinta, pareciam tão sofridos e assustados, na primeira vez que Diego a viu. Ele fora mandado para dar um aviso ao gerente de uma casa de massagem, que o Contador alegava estar se negando a pagar pela proteção fornecida para o último carregamento de garotas.

Diego notou Isobel quando ela saiu de um dos quartos de “tratamento”, segurando um feio robe de cetim em torno de sua esbelteza, lágrimas escorrendo pelo rosto. Quando o viu olhando para ela, virou-se de costas, envergonhada.

Ele voltou alguns dias mais tarde, dessa vez como cliente. Perguntou por ela. Quando entrou no quarto, Isobel o reconheceu. Com notável desenvoltura, ela

começou a se despir. Apressadamente ele assegurou a ela que só queria conversar.

Durante a hora seguinte, ela relatou sua história. Não foi o relato da desgraça em si, mas o seu modo cativante de contar que levou Diego a oferecer-lhe ajuda para fugir. Ela apertou-lhe a mão, beijou-a, chorou sobre ela.

Quando ele se aproximou da cama, ela colocou de lado a escova de cabelo e sorriu para ele timidamente, os olhos não mais cheios de infelicidade, mas transbordando de gratidão.

Ele sentou-se ao lado dela, deixando espaço entre os dois.

– *Como está?*

– *Bien.*

Ele retribuiu-lhe o sorriso hesitante e, por um momento, ficaram apenas olhando um para o outro. O momento perdurou tanto que, quando ele levantou a mão na direção dela, ela se encolheu.

– Shh. – Gentilmente, ele pousou a palma da mão no rosto de Isobel, com o polegar roçou na pele macia, maravilhado com sua textura aveludada. Diego olhou para o pescoço dela, observando como era delgado, como era vulnerável. Em torno do pescoço, ela usava uma fina corrente de prata com um crucifixo. Viu a pulsação fraca debaixo da pequena cruz que brilhava quando recebia um raio da luz do abajur.

A navalha no bolso dele pesava como chumbo.

Seu preço padrão para cada serviço era de quinhentos dólares.

A coisa seria rápida. Uma navalhada e ela seria libertada de sua infelicidade. Não teria mais nada que temer, nem mesmo a condenação eterna. Ele a liberaria, na realidade. Ele livraria Isobel das garras dos seus alçozes e do julgamento duro de seu deus crucificado. E cumpriria a ordem do Contador.

Matando-a, Diego ficaria bem com o Contador, e essa encantadora garota nunca mais teria seu pequeno e doce corpo aviltado.

Mas, em vez de aplicar a navalha na garganta dela, ele bateu de leve no local, com a ponta dos dedos, tocou o crucifixo, e, falando suavemente em espanhol, assegurou-lhe que ela estava em segurança, agora. Disse-lhe que tomaria conta dela, que ela não precisava mais ficar com medo, que a protegeria. Acabara-se o pesadelo no qual vivera durante dois anos.

Diego jurou isso tudo, por sua vida.

E fazendo tal coisa, ele estava traçando uma linha na areia. Ele recebera não apenas ordens para matar Isobel, mas também para descobrir quem a ajudara a escapar da casa de massagem, e, da mesma forma, matar essa pessoa.

O Contador não tinha ideia de que o próprio Diego era o responsável.

Assimilando a linda vista, o cheiro e o tato que era Isobel, ele dedicou ao Contador uma das mais baixas palavras do idioma:

– Foda-se.

Capítulo 18

— **T**ori, você talvez queira, você sabe, olhar para isso.

Amber, a recepcionista, sabia que não devia interrompê-la quando ela estivesse com um cliente, especialmente uma mulher obesa e que falava em murmúrios, a sra. Perkins. Ela lançou a Amber um olhar fulminante, depois disse para a cliente:

— Mais seis daqueles, por favor.

Gemendo, a mulher agachou-se.

Tori virou-se para a recepcionista e, com aspereza, disse: — Bem? O que é?

A recepcionista apontou para a fileira de TVs de tela plana presas à parede, defronte das esteiras. Uma delas estava sintonizada para um programa de entrevistas, transmitido em cadeia; outra, para um comercial em que uma atriz de novela anunciava um creme facial que operava milagres. Na terceira, um canal de Nova Orleans transmitia as últimas notícias.

Tori ficou assistindo durante alguns segundos. — Você me interrompeu para assistir a um noticiário de última hora falando do tiroteio na Royale Trucking Company? A menos que o fugitivo esteja agora na sauna de mulheres, sem toalha, por que razão isso é problema meu? — Ela se virou para a sra. Perkins, cujo rosto ficara da cor vermelho-beterraba. Tori pensou que talvez ela devesse ter pedido apenas mais cinco agachamentos.

— É sua amiga — disse a recepcionista. — Honor? Eles acham que ela foi sequestrada.

Tori olhou rapidamente para Amber, e de novo para a tela da TV. Foi então que ela reconheceu a casa de Honor atrás da repórter que fazia a reportagem “ao vivo, da cena”, como a legenda na parte de baixo da tela informava aos telespectadores.

Espantada, ela levou alguns segundos até perceber que o áudio estava desligado.

— Ah, meu Deus, o que está dizendo?

— O que se passa? — bufou a sra. Perkins.

Tori ignorou-a e abriu caminho entre os equipamentos na direção da parede das TVs. Agarrou o controle remoto e apontou-o para o aparelho. Depois de tentar diversas vezes, conseguiu o som e ajustou o volume tão alto quanto possível.

“... teme-se que tenha sido sequestrada por Lee Coburn, o indivíduo procurado por conexão com o assassinato em massa na Royale Trucking Company, na noite de domingo, onde, entre outras vítimas, o líder comunitário Sam Marset foi fatalmente baleado.”

– Vamos, vamos – murmurou Tori, impaciente. Ela ainda não estava convencida de que a recepcionista da sua academia de ginástica não se confundira. Contratara Amber estritamente pela forma como ela cuidava dos aparelhos. A moça tinha muito cabelo, dentes bons e peitos grandes, mas era curta de massa cinzenta.

Dessa vez, entretanto, ela havia acertado, no que dizia respeito à informação. Quando a repórter, finalmente, passou a explicar de novo por que transmitia a notícia de Honor, Tori ouviu com crescente incredulidade e ansiedade.

– Vê? – sussurrou Amber ao ouvido de Tori. – Eu disse a você.

– Cale a boca – interrompeu Tori.

“A polícia e os agentes do FBI estão no local, conduzindo uma completa investigação, mas, segundo os indícios reunidos pelas autoridades, acredita-se que a sra. Gillette e sua filha de quatro anos tenham sido levadas à força de sua casa. Eu conversei brevemente com Stan Gillette, sogro da suposta vítima, que não quis dar entrevista a este noticiário. Mas ele me contou que, até agora, não recebeu qualquer exigência de resgate.”

A repórter olhou para baixo, consultando suas anotações. “Parece que houve uma luta dentro da casa que foi saqueada. O sr. Gillette disse que era impossível determinar se faltava alguma coisa. Quanto ao corpo do policial Fred Hawkins, que foi descoberto dentro da casa...

– Jesus! – arquejou Tori, batendo com a mão no peito.

“... não foram passadas mais informações, exceto que parece que se tratou de uma verdadeira execução.” A repórter levantou o olhar para a câmera. “A polícia e outros órgãos estaduais e municipais pediram aos moradores que fiquem alertas para a presença do suspeito e de seus supostos reféns. Aqui está uma foto recente de Honor Gillette e da filha.”

A fotografia que Honor lhe enviara com o cartão no último Natal encheu a tela.

“Qualquer um que os avistar deve alertar as autoridades imediatamente. Essas são todas as informações que tenho no momento, mas estaremos acompanhando essas

notícias de última hora durante todo o dia. Continuem sintonizados com os acontecimentos, conforme forem acontecendo.”

A estação voltou à programação normal, um game show, idiotas saltitando e dando gritinhos esganiçados, olhando um novo e resplandecente aspirador de pó. Tori tirou o som e jogou o controle remoto nas mãos da espantada Amber.

– Assuma a sra. Perkins no meu lugar. Ela tem mais quinze minutos de exercício. Telefone para a Pam e diga a ela para me substituir à uma hora com Clive Donovan, e na minha aula de spin às três. Não telefone para mim, a menos que seja uma emergência, e, pelo amor de Deus, não esqueça de ligar o alarme e trancar a porta quando terminar o expediente hoje à noite.

– Aonde é que você vai?

Tori não se deu ao trabalho de responder ao sair, passando rente a Amber. Ela não devia a sua funcionária ou a seus clientes qualquer explicação. Sua melhor amiga fora dada como sequestrada. *Sequestrada*, pelo amor de Deus. E Emily, também.

Ela precisava fazer alguma coisa, e devia começar indo para casa e ficando pronta para o que quer que pudesse acontecer no restante do dia, embora tivesse medo de pensar no que seria isso.

Ela ficou no escritório apenas o tempo suficiente para pegar o telefone celular e a bolsa, e depois saiu pela porta de serviço, nos fundos da academia de ginástica, e entrou no seu Corvette. Ligou o motor e partiu a toda do estacionamento.

O carro respondia tão bem ao modo de dirigir veloz de Tori quanto ela própria às apressadas e desajeitadas sessões de sexo do marido que comprara o carro para ela. Ele era um craque nas diretorias de suas diversas empresas, mas sua confiança se esvaía no quarto de dormir. Tori se dispusera mentalmente a fazer com que o recatado e bondoso homem se sentisse como King Kong entre lençóis. E conseguira. Até o momento em que ele sofreu um infarto e morreu, antes de completarem um ano de casamento.

Aquele tinha sido o único de seus três casamentos a terminar involuntariamente. Ela ficara triste durante as semanas que se seguiram à morte dele, porque, na realidade, ela gostava do sr. Shirah. Por isso, tinha conservado o sobrenome dele, embora tivesse dois outros para escolher a fim de completar seu nome de solteira. Além disso, ela gostava do som do nome. Tori Shirah. Tinha algo de exótico nele que combinava com seu estilo e personalidade esfuziante.

A outra razão para se lembrar do marido com carinho era que a herança que ele lhe deixara financiara a construção de sua academia de ginástica, elegante e sexy, a primeira e a única desse tipo nas redondezas de Tambour.

Enquanto dirigia, ela digitou o número do telefone de Honor. Caiu direto na caixa postal. Xingando um sinal vermelho que avançara, ela percorreu sua lista de contatos, para ver se tinha o número de Stan Gillette. Tinha. Telefonou para ele. Mesma coisa. Direto na caixa postal.

Contornou um ônibus escolar que levava crianças para o acampamento de um dia, e, um quarteirão depois, chegou à entrada de seu condomínio. Parou a Corvette bruscamente, cantando pneus, e segundos depois estava dentro de casa. Deixou cair a bolsa no chão do hall de entrada, passou por cima dela e entrou no corredor, já tirando o top de trabalho por cima da cabeça enquanto andava.

Jogou o top em cima da cama, enquanto uma voz atrás dela perguntava: – Eles estão tão firmes como antes?

– Que porra... – Ela se virou. Com um sorriso lascivo atrás da porta do quarto, estava Doral Hawkins. – Que diabo? Você me deu um baita susto, Doral!

– Era esse o plano.

– Você sempre foi um babaca. – Indiferente a seus seios nus, ela colocou as mãos nos quadris. – O que é que você está fazendo aqui?

– Eu telefonei para a academia. A burrinha que atendeu ao telefone disse que você acabara de sair. Eu estava apenas a uns poucos quarteirões de distância.

– Você não podia ter esperado por mim do lado de fora, como uma pessoa normal?

– Podia, mas a vista é melhor aqui dentro.

Ela revirou os olhos.

– *De novo...* o que é que você está fazendo aqui? Já soube de Fred, não é?

– Eu encontrei o corpo dele.

– Ah. Isso é terrível.

– Eu que o diga.

– Meus pêssames.

– Obrigado.

Ela estava ficando tão exasperada, que ficou com vontade de dar-lhe uma sacudida.

– Talvez eu seja obtusa, Doral, mas ainda não percebi por que você está aqui quando seu irmão acabou de ser assassinado. Me parece que você tem outras coisas para fazer, em vez de ficar olhando para meus peitos.

– Eu tenho umas perguntas a fazer a Honor.

– Honor?

– Honor? – repetiu ele, imitando-a. Deixando de lado a postura amistosa, ele avançou para ela, tomou-lhe o rosto entre as mãos e apertou-lhe as feições até ficarem

distorcidas. – A menos que você queira que seu rosto cheio de Botox fique esmagado como um caqui maduro, é melhor você me dizer, agora, onde está Honor.

Tori não se amedrontava facilmente, mas também não era tola.

Conhecia bem a reputação de Doral Hawkins. Desde que perdera seu barco pesqueiro de passeios turísticos para o furacão Katrina, ele não tinha meios de vida visíveis além do pequeno salário que a cidade lhe pagava. Contudo, o homem tinha um bom padrão de vida. Ela não tinha em que basear sua suspeita de que Doral participava de algum esquema ilegal, mas não ficaria absolutamente surpreendida se ficasse sabendo que isso era verdade.

Ele e Fred tinham sido perpétuos causadores de problemas na época de escola, importunando os colegas e também os professores. No ensino médio, já cometiam pequenos crimes: roubar calotas de carros, destruir as luzes do estádio com seus fuzis de caça, aterrorizar crianças que não lhes obedeciam. Se não fosse por Stan Gillette os enquadrar, provavelmente teriam ido ladeira abaixo. Alguns diziam que a influência de Stan os salvara da prisão certa.

A seu favor, o fato de terem sido muito bons para Honor depois da morte de Eddie. Mas circulavam boatos de que, a despeito da intervenção e da influência de Stan, o par não se convertera de todo à linha honesta, e o fato de Fred ter entrado para a polícia contribuiu apenas para legalizar os inconvenientes que causavam.

Tori não tivera oportunidade de testar o boato acerca da propensão dos dois irmãos para a maldade, pois ela raramente cruzava caminho com eles. Quando estavam na escola, ela saiu com Doral umas poucas vezes. Ele ficou malvado e inconveniente quando ela deu um basta a seus avanços, e não o deixou ir adiante. Ele a chamou de puta, e ela devolveu o insulto, dizendo que até mesmo as putas tinham padrões morais. Desde aí ele passou a detestá-la.

Agora, ele parecia mau e perigoso, e a estava machucando. Ela era bastante experiente com homens para saber que demonstrar medo era o mesmo que convidá-los a abusar ainda mais. Percorrera essa estrada espinhosa com seu marido número um. Preferia o inferno a permitir isso de novo. Até mesmo com um marginal cretino como Doral, a melhor defesa era a ofensiva.

Ela enfiou o joelho contra a virilha dele.

Ele gritou, tirou as mãos do rosto dela para afagar a genitália, e afastou-se para trás, longe de algum perigoso golpe de Tori.

– Não toque em mim de novo, Doral. – Ela agarrou o top que tirara momentos antes e o vestiu por sobre a cabeça. – Você é feio e é imbecil. O que o faz pensar que eu sei onde Honor está?

– Eu não estou brincando, Tori. – Ele puxou uma pistola de um coldre que tinha preso ao cinto, nas costas.

– Ah, não, uma arma! – disse ela, a voz aguda, de falsete. – É aqui que eu devo desmaiar? Implorar misericórdia? Guarda essa coisa antes que você machuque alguém, isto é, eu.

– Eu quero saber onde está Honor.

– Bem, junte-se ao clube dos horrores! – gritou ela. – Todo mundo quer saber onde ela está. Parece que foi feita refém por um assassino. – Ela conseguia verter lágrimas, sempre que isso lhe era conveniente, mas as que agora fazia rolar eram verdadeiras. – Ouvi isso na TV e vim direto da academia para cá.

– Para quê?

– Para ficar pronta, em caso de...

– Em caso de quê?

– Em caso de qualquer coisa.

– Você esperava ter notícias dela. – Ele falou isso como se fosse uma acusação.

– Não. Espero que sim, mas, pelo que dizem sobre esse tal de Coburn, eu tenho medo que aconteça o pior.

– Como ele acabar com ela e Emily?

– Jesus, você é um gênio.

Ele não ligou para o insulto.

– Ela falou com você recentemente sobre Eddie?

– É claro. Fala sobre ele todo o tempo.

– É, mas, quero dizer, ela contou a você alguma coisa sobre Eddie? Alguma coisa importante. Ela compartilhou com você um segredo sobre ele?

Ela inclinou a cabeça para um lado e examinou com atenção os olhos dele. – Você ainda fuma maconha?

Ele avançou para ela, ameaçadoramente.

– Pare de besteira, Tori. *Ela contou algum segredo?*

– Não! – exclamou ela, empurrando-o pelo peito. – Do que você está falando? Não sei de segredo nenhum. Que tipo de segredo?

Ele a estudou por alguns momentos, como que tentando ver algum sinal de enganação, e depois murmurou:

– Deixe pra lá.

– Não, não deixo pra lá. Por que é que você veio até aqui? Está procurando o quê? O mesmo cara que baleou seu irmão levou Honor e Emily. Por que você não está lá, procurando por eles?

– Não tenho certeza se ele *sequestrou* as duas.

Isso a espantou.

– O que é que você quer dizer com isso?

Ele se inclinou para mais perto dela ainda.

– Você e Honor são assim. – Levantou a mão a uns centímetros do nariz dela e juntou o dedo médio e o indicador. – Se ela conhecia esse cara...

– Você quer dizer Coburn?

– É, Coburn. Lee Coburn. Ela já conhecia esse homem?

– Onde é que Honor iria conhecer um carregador de caminhão que virou assassino em massa?

Ele ficou olhando para ela por um momento mais longo, depois virou-se e saiu do quarto, metendo a pistola de novo no coldre nas costas, ao alcançar o hall de entrada.

– Espere. – Tori agarrou-o pelo cotovelo e fez com que ele virasse de frente para ela. – O que é que você está insinuando? Que o sequestro é algum tipo de fraude?

– Não estou insinuando nada. – Ele puxou com força o braço que ela segurava e agarrou o dela. – Mas eu vou ficar em cima de você, grudado. Se você ouvir alguma notícia vinda da sua amiguinha Honor, é melhor me avisar.

Ela levantou o queixo, desafiadoramente, ante a ameaça implícita.

– Ou o quê?

– Ou alguém vai sair machucada disso, Tori, e não brinque comigo; agora, você pode estar rica, mas teve que vender sua boceta para quem dava mais. Uma vagabunda morta não seria uma grande perda para o mundo.

Capítulo 19

Filho da puta.

Coburn disse o palavrão baixinho, em consideração à criança. Quanto à mãe dela, que já não gostara quando ele disse *merda* antes, olhava agora para ele como se um chifre tivesse nascido no centro da testa dele.

Ele sacudiu o celular.

– Acho que você ouviu isso.

– Que o agente Lee Coburn morreu há mais de um ano? É, eu ouvi isso.

– É claro que ela não está a par das coisas.

– Ou eu acreditei nas suas mentiras e agora eu...

– Olhe aqui – disse ele, raivoso, interrompendo sua fala. – Eu não pedi a você também, entendido? Você quer voltar para sua casa e arriscar com Doral Hawkins e qualquer outro que esteja na folha de pagamento do Contador? Ótimo. Vá. Eu seguro a porta para você passar.

Não foi uma coisa amável de dizer, é claro, e ele não iria deixá-la ir, mesmo se ela quisesse. Sozinha, ela não viveria muito tempo. Ele fora descrito como frio e impiedoso, e os adjetivos lhe caíam muito bem. Mas até mesmo ele se sentiria desconfortável mandando uma mulher e sua filha de quatro anos para a morte certa. Além disso, ela seria útil, agora e mais tarde, para reforçar a acusação contra o Contador. Provavelmente, ela sabia bem mais do que achava que sabia. Até que ele arrancasse todo pedacinho de informação dela, Honor ficaria com ele.

Por outro lado, ela e a filha seriam um grande fardo para ele.

Ele não contara em ter que tomar conta de ninguém, a não ser de si mesmo, até que Hamilton o pudesse acolher, e isso ia ser algo bastante perigoso, com algum fanático segurando uma arma num raio de 150 quilômetros, acreditando que ele era um assassino e sequestrador. Já estava mais ou menos resignado a não conseguir sair intacto dessa enrascada, se é que conseguiria sair vivo.

Mas agora ele era responsável por Honor e Emily Gillette, e com essa responsabilidade vinha o compromisso de fazer com que elas sobrevivessem, mesmo que ele morresse.

Retirando essencialmente a oferta de deixá-la ir, ele disse: – Quer você saiba ou não, você tem a chave que fará explodir o círculo de crimes do Contador.

– Pela centésima vez...

– Você tem essa chave. Precisamos descobrir o que é e onde encontrar essa coisa.

– Então você me leva de carro até a agência do FBI mais próxima e me escolta até lá dentro. Nós todos procuraremos essa coisa juntos.

– Não posso.

– Por quê?

– Porque não posso revelar minha situação de infiltrado. Ainda não. No momento, Hawkins e o Contador acham que eu sou apenas um carregador de caminhão que teve sorte de escapar vivo. Uma testemunha ocular de um assassinato em massa. O que é ruim. Mas não tão ruim como uma testemunha ocular que também é um agente federal infiltrado. Se eles descobrem isso, o alvo nas minhas costas fica maior.

– Mas o FBI o protegeria.

– Do mesmo jeito que o policial Fred Hawkins, do Departamento de Polícia de Tambour, ia protegê-la?

Ele não precisou detalhar. Ela fez a ligação.

– O Contador tem agentes do FBI local na sua folha de pagamento?

– Eu não aposto minha vida contra isso. Você apostaria? – Ele deu a ela tempo para responder. Honor ficou calada, o que era tão bom quanto se tivesse dito *Não, não apostaria*. – Você não estaria sentada aí, se não acreditasse em, pelo menos, parte do que eu lhe contei.

– Eu estou sentada aqui porque acredito que, se você pretendesse nos machucar, você teria feito isso ontem, logo que chegou. Além disso, se tudo que você me contou é verdade, então nossas vidas, a minha e a de Emily, estão em perigo.

– Até aí, você está certa.

– Mas a principal razão pela qual eu vim com você tem a ver com Eddie.

– O que é que tem ele?

– Você levantou duas questões que eu quero ver respondidas. Uma, a morte dele foi mesmo um acidente?

– A coisa foi feita para parecer que sim, mas eu acho que não foi um acidente.

– Eu preciso saber – disse ela, emocionada. – Se ele morreu de um acidente, é uma coisa. Trágica, mas aceitável. Destino. Vontade de Deus. Seja o que for. Mas se o

desastre que o matou foi provocado, eu quero que eles sejam punidos.

– É justo. Qual é a segunda pergunta?

– Eddie era um mau policial ou um bom policial? Eu sei a resposta para essa pergunta. Eu quero convencer você disso, também.

– Eu não me importo que seja uma coisa ou outra – disse ele, com firmeza. – Ele está morto. Tudo que me interessa é identificar o Contador e acabar com o negócio dele. O resto, inclusive a reputação de seu falecido marido, não faz diferença para mim.

– Bem, isso faz uma enorme diferença para mim. E também para Stan. – Ela apontou para o telefone celular, ainda na mão dele. – Eu deveria telefonar para ele, dizer a ele que estamos bem.

Ele balançou a cabeça e meteu o telefone no bolso.

– Ele vai ficar fora de si quando souber que estamos desaparecidas.

– Tenho certeza que vai.

– Vai temer que o pior tenha acontecido.

– Que você está à mercê de um assassino.

– Não vai pensar em outra coisa. Então, por favor...

– Não.

– Isso é cruel.

– A vida também é cruel. Você não vai telefonar para ele. Eu não confio nele.

– Você não confia em ninguém.

– Agora você está começando a perceber a coisa.

– Você confia em mim.

Ele olhou enviesado para ela. – Quem lhe deu essa ideia?

– Para ter me trazido com você, você deve confiar em mim, até certo ponto.

– Não, até onde eu a conheço. Provavelmente até mesmo menos do que você confia em mim. Mas, goste ou não, nós dependemos um do outro.

– Como assim?

– Você precisa da minha proteção para sobreviver. Eu preciso de você para conseguir o que estou procurando.

– Já disse a você um monte de vezes...

– Eu sei que você já me disse, mas...

– Mamãe?

A voz de Emily o interrompeu. Honor desviou o olhar irritado com que encarava Coburn e olhou de volta para a filha.

– O que é, querida?

– Você está zangada?

Honor estendeu o braço por cima do banco do carro e deu uns tapinhas no joelho da filha.

– Não, não estou zangada.

– Coburn está zangado?

Ouvir a criança dizer seu nome provocou-lhe um aperto na barriga. Ele nunca ouvira seu nome pronunciado por uma voz de criança. Soava diferente.

Honor deu um sorriso forçado e mentiu entre os dentes.

– Não, ele também não está zangado.

– Ele parece zangado.

– Não, não está. Ele está só...

Ele fez o maior esforço para não parecer zangado.

– Não estou zangado.

A menina não acreditou. Não inteiramente, mas mudou de assunto.

– Preciso fazer xixi.

Honor olhou para Coburn, uma pergunta silenciosa em seu rosto. Ele deu de ombros.

– Se ela precisa ir, que vá.

– Podemos parar num posto de gasolina? Eu podia levar Emily...

– Hum, hum. Ela pode fazer xixi no mato.

Honor ficou pensando naquilo por quinze segundos, e depois, estimulada por um apelo “Mam...mãe”, ela abriu a porta do carro e saltou. Enquanto ajudava Emily a sair do banco traseiro, Honor disse-lhe que elas iam ter uma aventura, e levou-a pela mão para a traseira do veículo.

Coburn não ouviu mais nada, exceto uns poucos sussurros conspiratórios. Uma vez, Emily deu uma risadinha. Ele tentou bloquear do pensamento as implicações práticas de uma mulher precisar fazer xixi em campo aberto e, em vez disso, se concentrar em problemas mais prementes. Como decidir o que fazer em seguida. Conforme Honor dissera, eles não poderiam continuar viajando num carro roubado.

Então, aonde é que eles poderiam ir? Não para o apartamento dele. Era certo que o local estava vigiado. Ele não confiava em Stan Gillette para acolhê-los com segurança. Stan era unha e carne com os irmãos Hawkins, portanto era grande a probabilidade de que estivesse metido na coisa. Honor tinha certeza do amor e da lealdade dele por ela e por Emily, mas Coburn não estava pronto para aceitar isso; não, sem ver alguma prova, ele mesmo. Gillette também poderia ser um ex-fuzileiro naval,

cumpridor das leis, que se sentiria no dever de notificar às autoridades imediatamente. E nesse caso, ele ainda teria que ser posto de lado.

Tarefa concluída, Emily abriu a porta do banco do carona e sorriu para ele. – Eu consegui!

– Parabéns.

– Posso viajar na frente? – perguntou ela.

– Não, não pode. – Honor a levou para o banco traseiro.

– Mas eu não tenho mais minha cadeirinha.

– Não, não tem. – Honor lançou um olhar de condenação para Coburn por ter abandonado a cadeirinha no carro dela.

– Nós vamos quebrar a regra apenas essa vez – disse ela a Emily, enquanto a ajudava a fechar o cinto de segurança.

Honor já havia se acomodado no banco da frente quando Coburn perguntou:

– Você conhece algum lugar para onde possamos ir?

– Você quer dizer se esconder?

– É isso, exatamente, que eu quero dizer. Precisamos ficar fora da vista deles, até que eu consiga falar com Hamilton.

Ela assentiu, pensativa.

– Eu sei aonde podemos ir.

Tom VanAllen acordou cedo naquela manhã, com a surpreendente notícia de que Fred Hawkins havia morrido e que Honor Gillette e sua filha haviam desaparecido de casa. Tanto o assassinato quanto o sequestro eram atribuídos a Lee Coburn.

Quando Tom contou as novidades a Janice, ela mostrou total descrença, e depois remorso.

– Eu me sinto muito mal sobre as coisas pejorativas que disse sobre Fred ontem.

– Se serve de algum conforto para você, ele morreu instantaneamente. Provavelmente não sentiu nada. – Ele contou como Doral achara o corpo.

– Isso é terrível. Eles eram tão chegados um ao outro. – Depois de um momento de silêncio, ela perguntou: – O que é que eles estavam fazendo na casa de Honor Gillette?

Ele contou-lhe sobre a descoberta do barco.

– A embarcação estava a uns poucos quilômetros da casa dela, mas perto o bastante para eles ficarem preocupados. Então, Fred foi verificar. De acordo com Doral, quando Fred chegou ele viu que a casa estava toda revirada.

– Revirada?

Ele descreveu o estado da casa como lhe havia sido descrita pelo auxiliar do xerife, Crawford.

– O corpo de Fred estava dentro da casa, logo depois da porta da frente. Ao que parece, Coburn surpreendeu-o por trás.

– Exatamente como baleou Sam Marset.

– Ao que parece, sim. De qualquer modo, eu preciso ir ver a coisa com meus próprios olhos.

Ele odiava ter que deixar a casa antes de ajudá-la com a árdua rotina matutina de lavar, vestir e alimentar Lanny. Como ele não podia mastigar nem engolir, alimentava-se por um tubo. A hora da refeição não era uma coisa agradável. Janice, entretanto, compreendia que o dever o afastava de casa. Ela lhe disse que poderia lidar com as coisas na casa, e que ele não se preocupasse.

– Essa é uma situação de crise. Você é necessário lá. – Ao levá-lo até a porta, ela sussurrou ao seu ouvido: – Tenha cuidado – e chegou mesmo a ficar na ponta dos pés para beijá-lo no rosto.

Ele fazia a maior parte do seu trabalho sentado à escrivaninha. Achava que os elementos excitantes desse caso representavam para Janice mais do que ela tinha em mente, quando ele lhe disse que queria ser agente do FBI. Ele a surpreendeu e agradou-a retribuindo o beijo.

Ele ficou perdido duas vezes em estradas vicinais, mas finalmente encontrou a casa de Honor, chegando justamente quando Crawford estava saindo. Os dois se apresentaram e apertaram as mãos. Crawford o atualizou a respeito do que havia.

– Eu passei o caso para nosso CSU. Já estão enfronhados nele. Os seus agentes vieram e se foram. Vão me encontrar lá na cidade, onde montamos linhas telefônicas, organizamos uma força-tarefa, dividimos o trabalho. O Departamento de Polícia de Tambour nos ofereceu espaço para uma central de comando no último andar do prédio deles.

– É, eu falei com meus homens quando vinha para cá. Enfatizei que a cooperação é a chave do negócio, e que a prioridade número um é encontrar a sra. Gillette e a criança antes que sofram qualquer coisa.

Crawford olhou para ele com um “é mesmo?” implícito, de que Tom procurou não tomar conhecimento. – Alguma coisa importante vinda de Doral Hawkins?

– Não muito. Ele diz que recebeu um telefonema excitado do irmão quando estava amanhecendo. Veio para cá o mais depressa possível. O barco de Fred estava amarrado ao cais. A porta da casa estava aberta, primeiro sinal de que alguma coisa não estava bem.

– O que ele deduziu da bagunça lá dentro? – perguntou Tom.
– Você quer dizer além do corpo do irmão? Ele concluiu a mesma coisa que eu. Alguém, presumimos que tenha sido Coburn, procurava alguma coisa.
– Como o quê?
– Ninguém sabe.
– Ele encontrou essa coisa?
– Ninguém sabe. Ninguém parece saber o que Coburn procurava. Nem Doral, nem o sogro da sra. Gillette.

Crawford contou a Tom sobre a chegada inoportuna de Stan Gillette à cena do crime, e descreveu o ex-fuzileiro naval até a ponta de seus sapatos engraxados com o maior esmero.

– Ele é realmente um panaca, mas, na presente situação, eu provavelmente também não bancaria o bonzinho – admitiu o auxiliar do xerife.

O investigador foi embora, mas deu a Tom permissão para que andasse pela casa. Tom tomou cuidado para não perturbar o trabalho dos técnicos que estavam revistando a bagunça cuidadosamente, tentando obter alguma prova. Entrou e saiu em questão de minutos.

Seu percurso de volta da casa de Honor Gillette para Lafayette levou mais de uma hora e, quando entrou no escritório, ele ficou tão aliviado que o recado obrigatório ficou esquecido.

Mas mal ele sentara à escrivaninha, o interfone tocou. Ele apertou o botão bloqueador de comunicação interna que piscava.

– Sim?
– O vice-diretor Hamilton está ligando de Washington.
O estômago de Tom caiu como um elevador sem freios. Limpou a garganta, engoliu, agradeceu à recepcionista e apertou o outro botão que piscava.

– Agente VanAllen.
– Oi, Tom. Como é que vai?
– Bem, e o senhor?
Clint Hamilton, com a costumeira rudeza, foi direto ao motivo do telefonema.
– Você está com um enorme problema por aí.
Imaginando como, diabos, Hamilton soubera do caso, Tom saiu pela tangente.
– Nós temos tido trabalho esses últimos dias.
– Diga o que está acontecendo.

Tom falou durante os cinco minutos seguintes, sem interrupção. Parou várias vezes para se certificar de que eles não haviam sido desconectados, acidentalmente. Durante

essas pausas, Hamilton não falou, mas Tom podia ouvir seu superior respirando, assim, continuou relatando o caso.

Quando terminou, Hamilton permaneceu em silêncio durante vários segundos, o bastante para Tom enxugar o lábio superior úmido com o lenço. Hamilton depositara muita confiança nele. Aquela fé em sua capacidade estava, agora, sendo testada, e ele não queria que Hamilton o pegasse em falta.

Quando, finalmente, falou, Hamilton deu um susto em Tom com uma pergunta:

– Ele era um dos nossos agentes?

– Não entendi, senhor.

– Esse homem, Coburn. Era um agente trabalhando infiltrado para você investigar os interesses de Sam Marset no transporte?

– Não, senhor. Eu nunca ouvi falar nele, até que fui à cena do crime, no armazém, e soube por Fred Hawkins o nome do suspeito.

– Fred Hawkins, que agora está morto.

– Certo.

Depois de outra longa pausa, Hamilton disse: – Está bem, continue.

– Eu...um...eu esqueci...

– Você estava me dizendo que agentes do seu órgão estão trabalhando em estreita cooperação com o Departamento de Polícia de Tambour.

– Estão, sim senhor. Eu não quis chamar o caso para mim e afastá-los. Os assassinatos do armazém estão sob a jurisdição deles. O escritório do xerife está encarregado do homicídio de Fred Hawkins. Mas assim que for verificado que a sra. Gillette foi de fato sequestrada...

Hamilton o interrompeu bruscamente. – Eu conheço essa coisa de jurisdição, Tom. Vamos voltar a Sam Marset. Ele estaria numa posição perfeita para se engajar no transporte ilegal interestadual.

Tom limpou a garganta. – Certo.

– Foi detectada alguma conexão desse tipo?

– Não. Até agora, nenhuma. – Ele contou a Hamilton sobre a revista feita em cada caminhão da frota, o interrogatório de cada motorista e de outros empregados da empresa. – Designei agentes para rastrearem e entrevistarem qualquer um que localizemos, dentro ou em volta daquele armazém nos últimos trinta dias, mas até agora nenhum contrabando ilegal foi descoberto.

– Que motivo tinha o suspeito para matar seu patrão e os colegas empregados?

– Estamos tentando descobrir isso. Mas o estilo de vida de Coburn dificulta essa tarefa.

– De que modo?

– Ele tem sido descrito como um cara solitário. Não tem amigos, família, tem pouca interação com os colegas de trabalho. Ninguém o conhece muito bem. As pessoas...

– Dê o seu melhor palpite, Tom – disse Hamilton, com evidente impaciência. – Dê uma ideia. Por que ele os mataria?

– Ele era um empregado descontente.

– Um empregado descontente. – Hamilton disse isso sem inflexão, certamente sem entusiasmo.

Tom achou prudente ficar em silêncio.

Por fim, Hamilton disse:

– Se a única rixa de Coburn era com seu chefe, se ele ficou aborrecido com o desprezo que recebeu no pátio de carregamento, ou porque foi turgado no pagamento das horas extras, por que ele foi até a casa de um policial morto e revirou o lugar todo? Se ele estava fugindo da cena de um assassinato em massa, por que se esconde com a viúva e a criança durante um tempo estimado de 24 horas? E, se ele as sequestrou, por que fez isso? Por que não apenas despachá-las logo e ali? Será que esse comportamento atípico não incomoda você, como um caroço de pipoca encravado entre os dentes?

Essas não eram perguntas teóricas. Tom trabalhara com Clint Hamilton apenas por um breve período, na agência de campo, em Lafayette, mas fora o bastante para aprender que o homem não gastava saliva com palavras desnecessárias.

Quando Hamilton foi transferido para Washington, D.C., passando por cima do escritório distrital de Nova Orleans, ele recomendou o nome de Tom como seu sucessor, e, mesmo na época, Tom ficara ciente de que o endosso de Hamilton a seu nome tinha sido encarado com ceticismo por alguns, e oposição aberta, por outros. Hamilton batalhara por Tom, e vencera a luta.

Cada dia, quando entrava no escritório onde Hamilton sentara-se antes, Tom sentia orgulho em ser o sucessor de um agente tão capaz, reverenciado, e até mesmo temido. Ele experimentava também um frio na espinha, pelo pânico de não conseguir se mostrar à altura dos padrões e das expectativas do outro homem. Em qualquer detalhe de capacidade que fosse.

Se fosse totalmente honesto consigo mesmo, ele chegaria até mesmo a imaginar se Hamilton havia defendido seu nome por causa de Lanny. Ele ficava rubro de humilhação e indignação ao considerar que sua nomeação se devesse a piedade, mas temia ter sido esse o motivo.

Ficou imaginando, ainda, onde Hamilton obtinha as informações. Ele sabia não só do assassinato de Marset como do que acontecera depois, e estava bem informado dos detalhes. Isso significava que confabulara com alguém do escritório local, antes mesmo de telefonar para Tom. Isso o amargurava.

Entretanto, ele não queria que Hamilton percebesse suas dúvidas, assim, usou um tom confiante.

– Já fiz essas perguntas a mim mesmo. São inquietantes.

– Para dizer o mínimo. Elas dão a entender que aquilo não foi um malfeito, um tiroteio comum de algum maluco com problemas pessoais. O que significa, Tom, que você tem aí um serviço talhado para você.

– Tenho mesmo, senhor.

– Primeira ordem de serviço: encontre Coburn e as mulheres.

– Sim, senhor.

Depois de longa pausa, do tamanho de um porta-aviões, Hamilton disse, brusco:

– Estarei observando. – E desligou.

Capítulo 20

Seguindo a orientação de Honor, Coburn foi dirigindo o carro furtado pela estreita estrada de terra. O caminho estava meio obstruído pelo mato e plantas pequenas que batiam contra a parte de baixo do veículo. A quarenta metros do destino, ele parou o carro e olhou desanimado para o barco camaroneiro abandonado, depois virou a cabeça e encarou Honor.

Na defensiva, ela perguntou:

– Você tem uma ideia melhor?

– Tenho. A gente não lança ele ao mar.

Coburn tirou o pé do freio e foi em frente, aproximando-se com cautela, embora fosse virtualmente impossível que alguém, escondido no casco, os estivesse espreitando, para emboscar. Uma pessoa teria que ser maluca para subir no barco que parecia prestes a se desmanchar a qualquer momento.

– A quem isso pertence? – perguntou ele.

– A mim. Herdei esse barco quando meu pai morreu.

Coburn não sabia quase nada sobre barcos de qualquer tamanho, mas ele já vivera no litoral da Louisiana bastante tempo para reconhecer uma traineira de pescar camarão em águas rasas.

– Ele pescava camarão nessa coisa?

– Era seu meio de vida.

A embarcação parecia ser capaz de navegar que nem um palito de fósforo quebrado. Estava meio em terra, meio na água de um canal quase sem correnteza, que Honor disse desaguar no golfo do México. Mas daquele ponto de observação, o curso d'água parecia um riacho estagnado.

Coburn calculou que o barco não navegava havia anos. O casco tinha sido tomado por cipós. A pintura da casa do leme, ou do que sobrara dela, estava crespada e descascando. As janelas envidraçadas, quando existiam, estavam rachadas e tão

recobertas de sujeira que dificilmente se via que eram de vidro. A estrutura de metal que sustentava a rede borboleta, a bombordo, estava dobrada em um ângulo de uns quarenta e cinco graus, fazendo com que parecesse a asa quebrada de um grande pássaro.

Por todas essas razões, o barco fora abandonado, provavelmente esquecido, e isso trabalhava a favor deles.

– Quem sabe que esse barco está aqui? – perguntou ele.

– Ninguém. Papai trouxe o barco aqui para fugir do furacão Katrina, e depois decidiu ficar. Morou aqui até ficar doente, e definhou rapidamente. Levei-o para um asilo. Ficou lá menos de uma semana, até morrer.

– Há quanto tempo foi isso?

– Apenas uns poucos meses antes do acidente de Eddie. O que tornou a morte de Eddie ainda mais difícil de suportar. – Ela deu um sorriso triste. – Mas fiquei contente que papai não estivesse vivo quando fiquei viúva. Isso o perturbaria muito.

– Sua mãe?

– Morreu anos antes disso. Foi então que papai vendeu a casa e veio morar no barco.

– O seu sogro sabe que ele está aqui?

Ela balançou a cabeça, negativamente. – Stan não aprovava muito o estilo de vida de papai, que era bastante... boêmio. Stan não gostava que eu o visitasse. Especialmente, não gostava que Emily tivesse contato com ele.

– Tivesse contato? A boemia é contagiosa?

– Stan parecia achar que sim.

– Sabe de uma coisa – disse ele –, quanto mais eu sei sobre esse seu sogro, menos eu gosto dele.

– Provavelmente, ele está pensando o mesmo de você.

– Não vou perder o sono por causa disso.

– Tenho certeza que não vai. – Ela empurrou o cabelo para trás, e, depois de um momento de olhar para o barco, disse: – Stan é um sujeito legal.

– Será que é?

Aquilo tocou numa ferida. Ela se virou rapidamente para ele.

– Qual é a sua?

– Nesse exato momento, a minha é saber se ele vai nos procurar na porra desse lugar.

– Não.

– Obrigado.

Ele abriu a porta do carro e saltou. Uma cobra se esgueirou perto de sua bota. Ele soltou um palavrão, baixinho. Não tinha muito medo de cobras, mas preferia evitá-las.

Abriu a porta do banco traseiro e estendeu as mãos para pegar Emily, que já soltara o fecho do cinto de segurança e estendia os braços para ele. Ele a suspendeu e carregou-a para o outro lado, entregando-a a Honor.

– Não ponha ela no chão. Eu vi uma... – Ele parou no meio da frase e depois soletrou a palavra.

Os olhos de Honor se arregalaram de medo, enquanto ela inspecionava o solo.

– Uma mocassim d’água?

– Não perguntei.

Ele tirou a pistola da cintura, mas cobriu-a rapidamente com a mão quando Emily se voltou para ele.

– Coburn?

– O que é?

– Nós ainda estamos numa “ventura”?

– Acho que você pode chamar disso.

– Mamãe disse que é.

– Então, sim, estamos numa aventura.

– Podemos ficar nessa “ventura” muito tempo? – perguntou ela, alegre. – É divertido.

Ah, sim, é o máximo, pensou ele, enquanto seguia na frente delas, escolhendo cautelosamente o caminho até o barco. O nome da embarcação estava praticamente ilegível por causa da tinta descascada, mas ele conseguiu ler. Lançou um olhar significativo para Honor por cima do ombro. Um olhar que ela ignorou.

Por seu próprio estilo, os lados do casco eram baixos. Ele subiu a bordo com facilidade, mas sua bota afundou num monte de barba-de-velho e outros detritos naturais. Seus olhos treinados olharam em torno à procura de sinais indicativos de que alguém estivera ali recentemente, mas teias de aranha e detritos vegetais eram uma evidência de que o tombadilho não era perturbado havia algum tempo, provavelmente desde o dia em que o pai de Honor foi levado para uma instituição para morrer.

Satisfeito com o fato de estarem sozinhos, ele chutou para o lado uma massa de musgo para limpar um lugar para Emily, quando Honor entregou-lhe a menina. Ele a colocou no tombadilho.

– Não se mexa.

– Está bem, Coburn, não vou me mexer.

Uma vez tendo quebrado a barreira de usar o nome dele, ela parecia que gostava de aproveitar cada oportunidade de fazer isso.

Ele se inclinou para a frente, estendeu a mão para Honor e ajudou-a a passar por cima da amurada. Uma vez a bordo, ela esquadrinhou o tombadilho cheio de detritos. Coburn notou que a expressão dela ficou triste, antes que ela afastasse o pensamento e dissesse, com vigor:

– Por aqui.

Ela pegou a mão de Emily e lhe disse para ter cuidado, vendo onde pisava, e depois foi na frente, contornando a casa do leme, até a porta, onde parou e olhou de volta para Coburn.

– Talvez você devesse ir na frente.

Ele passou por ela e empurrou a porta, que resistiu até que ele fez pressão com o ombro. O interior da casa do leme não estava em melhores condições do que o tombadilho. O painel de controle estava coberto com uma lona suja, que tinha coletado pequenas poças de água da chuva espumosa. Um galho de árvore irrompera por uma janela, quebrando-a, há tanto tempo que uma boa quantidade de líquen tivera tempo de crescer na casca.

Claramente desanimada, Honor examinou o ambiente. Mas tudo que disse foi:

– Embaixo – e apontou para a estreita passagem com degraus que descia.

Ele desceu com cuidado, e precisou se abaixar para não bater a cabeça quando se esgueirou por uma abertura oval, numa cabine de teto baixo. O lugar cheirava a mofo e coisa podre, água salgada e peixe morto, óleo de motor e maconha.

Coburn olhou por cima do ombro para Honor, parada nos degraus.

– Ele puxava um fuminho?

Ela deu de ombros ligeiramente, admitindo.

– Você sabe onde ele guardava o baseado?

Ela arregalou os olhos e ele sorriu, e depois voltou sua atenção para a câmara, compacta. Havia ali um fogão a gás propano de duas bocas, coberto de teias de aranha. A porta de uma pequena geladeira estava aberta. A geladeira, vazia.

– Eletricidade? – perguntou Coburn.

– Há um gerador. Não sei se ainda funciona.

Duvidoso, pensou ele. Abriu duas portas do armário-despensa que exibia cocô de camundongos, mas, a não ser isso, também vazio. Havia dois catres separados por um corredor com não mais de 30 centímetros de largura.

– A proa?

– Não é grande coisa. Já não era quando papai vivia aqui.

Na realidade, não havia o que recomendasse a embarcação, a não ser que parecia estanque. O chão estava muito sujo, mas seco.

– Podemos ficar aqui? – perguntou ela.

– Felizmente, não teremos de ficar aqui mais que umas poucas horas.

– E aí?

– Estou pensando nisso.

Ele foi até um dos catres e tirou o colchão sem lençol, verificando se não havia vermes embaixo. Não encontrando nenhum, ele se virou para Honor e estendeu as mãos para Emily. Honor passou a menina para ele. Ele a pôs no colchão.

Ela torceu o nariz. – Está cheirando mal.

– Aguenta – disse Coburn. – Fique sentada aí e não deite.

– Isso vai ser nossa casa?

– Não, querida. – Honor disse isso com uma alegria forçada, enquanto se espremia na cabine atrás de Coburn. – Estamos só de visita. Você se lembra quando vovô morava aqui?

A criança balançou a cabeça.

– Vovô mora numa casa.

– Não é o vovô Stan. Seu outro vovô. Ele morou neste barco. Você adorava vir aqui para visitar seu avô.

Emily olhou para ela, sem entender.

Coburn percebeu que o fato de Emily não se lembrar do avô materno calou fundo em Honor, mas ela fez uma cara corajosa.

– Isso faz parte da nossa aventura.

A menina era bem esperta para perceber uma mentira quando ouvia uma, mas era também bastante esperta para ficar calada quando a mãe estava a ponto de se desmanchar. Notando o falso entusiasmo de Honor, ela segurou o boneco junto ao corpo e virou-se para Elmo, que irrompeu numa cantiga alegre.

Honor falou, sussurrando:

– Coburn, nós temos que arranjar comida e água, pelo menos.

– Por nós, você quer dizer eu.

Ela teve a gentileza de parecer aborrecida.

– Quis mesmo, sim. Desculpe. – Ela levantou as mãos ao lado do corpo. – Eu não vinha aqui desde que enterrei papai. Não imaginei que... – Ela não encontrou palavras para dizer e olhou para ele, desamparada. – Por favor, deixe eu telefonar para Stan.

Em vez de passar de novo por aquela rotina cansativa, Coburn abriu um armário estreito e encontrou uma vassoura, que entregou a ela. – Faça o que for possível.

Estarei de volta logo que puder.

Transcorridas duas horas sem o retorno de Coburn, Honor começou a andar de lá para cá no tombadilho da traineira, os olhos buscando o fim da estrada que os trouxera até ali, desejando que ele reaparecesse, e ouviu, por sobre o canto dos pássaros, o bem-vindo som de um carro se aproximando.

Tentou não passar sua preocupação para Emily, que ficara cada vez mais birrenta e lamurienta. A menina estava com calor, com fome e com sede. *Aonde é que Coburn foi?* e *Quando é que ele vai voltar?* eram perguntas que ela repetia a cada cinco minutos, até que Honor perdeu a paciência e falou com rispidez:

– Pare de me perguntar isso.

Ela não sabia as respostas para as perguntas importunas de Emily, mas as possíveis respostas eram aterrorizantes. Seu medo avassalador era que Coburn as houvesse abandonado.

Seu pai escolhera amarrar o barco ali, especificamente, porque a floresta em torno era pantanosa, virtualmente impenetrável, e fornecia proteção contra furacões. Ele escolhera “aposentar-se” ali porque gostava do isolamento do lugar. Ficava fora dos caminhos usuais e era difícil chegar até lá. Além do mais, ele não precisava pagar por uma vaga na marina, e ali ele podia evitar outras interferências desagradáveis em sua liberdade, coisas tais como regras e regulamentos, leis e posturas, multas e impostos.

Ele se tornou um virtual eremita, evitando contato com o mundo exterior tanto quanto possível. Até onde Honor sabia, ela e Emily eram as únicas outras pessoas que tinham vindo até ali. Nem mesmo Eddie viera com ela.

Coburn perguntara se ela conhecia um bom lugar para se esconder. Aquela foi uma excelente escolha, mas agora ela desejava ter ficado calada. As qualidades que faziam do barco um bom esconderijo eram as mesmas que poderiam prendê-las ali. A ligação mais rápida com a civilização era uma estrada estadual de mão dupla, que ficava a mais de oito quilômetros dali. Ela não poderia caminhar essa distância, muito menos rebocando Emily e sem água.

Ela estava presa ali até que Coburn voltasse, ou...

Ela não se permitia pensar no *ou*. Quando o sol se escondesse e ficasse escuro, como é que ela iria impedir Emily de ficar apavorada? Como iria manter sua própria coragem? Estava completamente sem recursos ou meios de comunicação.

Coburn se recusara a deixar um telefone celular com ela.

– Eu juro que não vou usá-lo.

– Então por que você quer que eu deixe o aparelho?

- Podemos ter uma emergência. Uma mordida de cobra.
- Fique fora do caminho delas, e elas não vão morder.
- Tenho certeza de que há jacarés.
- Não são nada como O Tubarão. Não vão saltar dentro do barco.
- Você não pode simplesmente nos deixar aqui dessa forma!
- É, eu posso deixar você amarrada.

Isso a silenciara. Ela teve vontade de saltar em cima dele, mas não queria fazer isso na frente de Emily. Uma luta entre eles amedrontaria a menina, e Honor sabia que o ato seria inútil, de qualquer modo, resultando em nada, exceto músculos doloridos e mais machucados.

Sem perceber, ela esfregou um dos cotovelos, ficando ainda mais ressentida com a deserção de Coburn e seu próprio medo. Não era uma mulher indefesa. Há mais de dois anos criava a filha sozinha, morando também sozinha num lugar retirado. Enfrentara todos os problemas com coragem, porque não tinha alternativa. Certamente, Stan, os gêmeos e outros amigos estavam lá para lhe dar apoio. Se ela estivesse em apuros e pedisse socorro, eles acudiriam correndo.

Dessa vez, era diferente. Ela estava inteiramente sozinha.

Mas, por Deus, ela não estava indefesa. Ela...

– Coburn! – gritou Emily. – Ela pulou do catre onde estava sentada e correu pelo tombadilho, lançando-se contra ele e enlaçando seus joelhos com os braços. – Você trouxe alguma coisa para mim? Mamãe disse que você ia trazer o almoço.

O coração de Honor chegou à garganta. Ele estava de pé no tombadilho apenas uns poucos metros dela, mas ela não ouvira nenhum sinal de sua aproximação. Usava um boné de beisebol e óculos escuros, que agora tirou e pendurou por uma das hastes na gola da camiseta. A camiseta de Eddie, ela se lembrou. Suas botas e as pernas da calça do meio da canela para baixo estavam molhadas, pingando água no tombadilho sujo.

Vendo que ela observara esse detalhe, ele disse:

– Eu dei a volta, acompanhando a margem do riacho.

Emily pulava para cima e para baixo, na ponta dos pés. Sem tirar os olhos de Honor, ele pescou um pirulito do bolso da calça jeans e entregou à menina. Ela nem mesmo pediu permissão a Honor, antes de tirar o invólucro roxo.

– O que é que se diz, Emily?

– Obrigada, Coburn. Eu adoro passas. É meu favorito.

Irritada, Honor pensou que, fosse qual fosse o sabor que Coburn houvesse trazido, Emily o transformaria instantaneamente em seu favorito. Ela nem mesmo pediu permissão para comer algo doce antes do almoço, e meteu o pirulito na boca.

Honor deixou a coisa passar.

– Por que você veio acompanhando o riacho? Onde está o carro?

– Deixei lá atrás. Alguém podia ter encontrado vocês. Eu não queria cair numa armadilha. – Ele olhou para ela, intencionalmente. – Você pensou que eu as tivesse abandonado aqui, não é?

Sem dizer mais nada, ele saltou do barco e começou a caminhar na direção da estrada.

Emily tirou o pirulito da boca e se queixou: – Aonde é que ele vai?

– Fique tranquila, Emily, ele volta logo. – A admiração cega da filha pelo homem estava começando a irritá-la.

Ele voltou em poucos minutos, dirigindo uma picape tipo caminhão, cuja pintura original preta estava maltratada pelo salitre do ar do Golfo. Tinha muitos anos de idade e um adesivo dos LSU Tigers no para-choque. Para Honor, o veículo parecia como centenas de outras picapes pretas que haviam sofrido os efeitos do clima costeiro corrosivo e tinham um adesivo dos LSU Tigers no para-choque. O que, ela tinha certeza, fora a própria razão para que ele a furtasse.

Ele parou o veículo perto do barco, saltou e tirou várias sacolas da carroceria.

– Ajude aqui. – Ele passou as sacolas para Honor e voltou para pegar mais. Entregou-as a Honor e disse: – Vou esconder a picape.

– Por quê?

– Alguém pode estourar os pneus a tiros.

Ela não perguntou como ele achava que os três poderiam alcançar a picape a pé, no caso de um tiroteio. Obviamente, ele era mais experiente do que ela nesses assuntos.

Quando ele voltou para bordo e desceu os degraus, ela já fizera três sanduíches de manteiga de amendoim e banana. Ela e Emily sentaram num dos catres, ele no outro. Alegre, Emily perguntou:

– Isso aqui é um piquenique?

– Um tipo de piquenique. – Honor se inclinou para beijar a testa da filha, como que pedindo desculpas por ter falado tão asperamente antes.

As sacolas que Coburn trouxe continham alimentos prontos para o consumo, e que não precisavam de refrigeração. Ele também trouxe uma embalagem de garrafas de água, uma lanterna de pilhas, uma lata de aerossol com repelente de insetos, guardanapos umedecidos e um frasco de gel desinfetante para mãos.

Uma vez saciada a fome, Emily bocejou. Ela protestou quando Honor sugeriu que se deitasse e descansasse, mas logo adormeceu.

Coburn serviu-se de um pacote de biscoitos.

– Você fez milagres neste lugar.

Honor lançou um olhar para ele de onde estava sentada, abanando Emily com uma antiga revista, que achara numa gaveta.

– Você está sendo sarcástico?

– Não.

Quando ele foi às compras, ela usou a vassoura para varrer o lixo do chão e as teias de aranha de cada superfície. Encontrou alguns lençóis dobrados na caixa de armazenagem que formava a base de um dos catres. Levou-os para o tombadilho para sacudi-los, depois estendeu-os num dos catres. Os lençóis não tinham insetos nem larvas, embora ainda cheirassem a mofo. Entretanto, era melhor usá-los do que deitar nos colchões nus e manchados.

– Eu ainda não fui até a proa – admitiu ela.

– Provavelmente fará bem. Vi uns baldes no tombadilho. Vou enchê-los com água do riacho. Você e Emily podem usar essa água.

Ela ficou contente de ele ter abordado um assunto delicado, mas não quis mais falar a respeito.

– Agora que temos água, eu posso lavar algumas das superfícies que somos forçados a tocar.

– Economize água.

– Vou fazer isso. – E ela fez as perguntas que a incomodavam. – Você conseguiu falar com seu homem? Hamilton?

– Eu tentei. Uma mulher respondeu e eu mandei que ela o pusesse na linha. Ela insistiu dizendo que eu estava morto.

– O que é que você deduz disso?

Ele deu de ombros e deu uma mordida num biscoito.

– Hamilton ainda não quer falar comigo.

– O que é que você deduz *disso*?

– Nada.

– Você não está preocupado?

– Eu não me apavoro, a menos que seja inevitável. É um desperdício de energia.

Ela guardou aquilo na memória para refletir ou discutir mais tarde.

– Você checkou o telefone de Fred para ver os números armazenados?

– Não havia nenhum, o que eu já esperava. E apenas uma chamada feita, aquela última para o irmão. Esse telefone apaga as chamadas.

– Um “queimador” – disse ela, lembrando-se do termo que ele usara antes.

– Nenhum registro. Descartável. Virtualmente impossível de ser rastreado.

– Como o seu.

– Economizado para um dia chuvoso – ironizou ele. – De qualquer modo, meu palpite é que ele usou esse telefone para manter contato com o irmão e o Contador, e que apagou imediatamente os números do registro de chamadas. Se eu chegar a colocar esse aparelho na mão de técnicos, eles podem desmontá-lo e ver se há alguma informação nele. Mas, no momento, o telefone de Fred não serve de muita ajuda para nós. Mesmo assim, vou manter a bateria fora dele.

– Por quê?

– Não tenho acompanhado muito o avanço da tecnologia, mas acho que há especialistas que conseguem localizar um telefone mesmo que ele esteja desligado. Tudo que precisam é do número dele. Enquanto houver uma bateria no telefone, ele está transmitindo um sinal.

– Isso é verdade?

Ele deu de ombros.

– Eu ouvi falar.

– Quanto tempo demoraria? – ela quis saber. – Quero dizer, para localizar um telefone.

– Não faço ideia. Essa não é minha especialidade, mas não quero correr nenhum risco.

Quarenta e oito horas antes, ela nunca teria imaginado manter uma conversa sobre resquícios de informação, “queimadores” e coisas do gênero. Nem teria imaginado existir um homem como Coburn, que poderia comer batatas fritas ao mesmo tempo em que falava de um homem que matara algumas horas antes.

Ela não sabia muito bem que ideia fazer de Lee Coburn, e ficava constrangida de querer traçar a personalidade dele.

Mudando de assunto, ela perguntou:

– Onde é que você conseguiu a picape?

– Tive sorte. Descobri uma caixa de correio rural com uma porção de correspondências nela, um sinal perfeito de que os residentes estão fora. A casa fica num lugar afastado da estrada. As chaves da picape estavam num gancho dentro da porta dos fundos. Exatamente como na sua casa. Eu me servi. Espero que os proprietários fiquem fora pelo menos mais uns poucos dias, e que não comuniquem o roubo do veículo.

– Presumo que você tenha trocado as placas com outro veículo.

– POP. – Vendo o olhar interrogativo dela, ele traduziu: – Procedimento Operacional Padrão. Lembre-se disso, se decidir seguir uma vida de crimes.

– Duvido que isso aconteça.

– Eu também.

– Eu acho que não dou para viver na beira do precipício.

Ele olhou-a de alto a baixo, vagarosamente.

– Você talvez se surpreenda.

Quando os olhares se encontraram de novo, o dele era quente e intenso.

Constrangida, ela desviou o olhar.

– Você comprou ou furtou a comida?

– Comprei.

Ela se lembrou do dinheiro que ele levava no bolso da calça.

– Você não ficou com medo de ser reconhecido?

– O boné e os óculos escuros estavam em cima do painel da picape.

– Eu reconheci você com esse disfarce.

Ele deu uma risadinha.

– Eles não estavam olhando para mim.

– Eles?

– Eu parei numa loja que vendia iscas no meio do nada. Dia de pouco movimento.

Não havia ninguém no local. Apenas o caminhão de entrega de garrafas de água parado no estacionamento.

Ela lançou um olhar para o amarrado de 24 garrafas de água.

– Você furtou essas do caminhão?

– Foi fácil. Quando entrei na loja, o homem da entrega estava atrás do balcão com a moça do caixa. A mão dele estava dentro da calça dela e a boca, no bico do peito. Eles só tinham olhos um para o outro. Peguei minhas coisas, paguei e saí rapidamente. Eles não vão se lembrar de mim, em absoluto, apenas da interrupção.

O rosto de Honor queimava de vergonha com a cena que ele descrevera. Ela ficou imaginando se a história era verdadeira e, mesmo que fosse, por que ele pintou um quadro tão realista? Para constrangê-la? Bem, ela ficou constrangida, mas se Coburn se importava com isso, ou se notou, ele não deu qualquer demonstração enquanto checava o relógio.

– Vou tentar Hamilton, outra vez.

Usando seu próprio telefone, ele digitou o número, e dessa vez Honor ouviu a voz de um homem responder.

– Hamilton.

– Seu filho da puta. Por que você está me esnobando?

Hamilton replicou, calmamente:

– Um homem na minha posição precisa tomar o máximo cuidado, Coburn. Se o identificador de chamada diz que está bloqueado, eu não respondo.

– Eu me identifiquei.

– De qualquer modo, depois que ouvi o noticiário, eu teria sabido quem era. Você está numa merda. Ou, eu diria, metido nela até as orelhas.

– Ah, isso é muito engraçado.

– Nem tanto. Assassinato em massa. Sequestro. Dessa vez, você exagerou, Coburn.

– Como se você precisasse me dizer isso. Se eu não estivesse com problemas, não estaria telefonando para você.

Mudando para um tom mais sério, o homem do outro lado da linha disse:

– O que andam dizendo é correto? Você está com a mulher?

– E a criança.

– Elas estão bem?

– Sim, estão bem. Estamos fazendo um piquenique. – Depois de um silêncio pesado, sustentado, Coburn falou de novo:

– Estamos bem. Você quer falar com ela, você mesmo?

Sem esperar pela resposta, ele passou o telefone para Honor. As mãos dela tremiam quando levou o aparelho ao ouvido.

– Alô?

– Sra. Gillette?

– Sou eu.

– Meu nome é Clint Hamilton. Quero que ouça cuidadosamente. Por favor, pela segurança de sua filha, bem como a sua própria, não subestime a importância do que eu vou dizer.

– Está bem.

– Sra. Gillette, a senhora está na companhia de um homem muito perigoso.

Capítulo 21

Tori bateu a porta com força atrás de Doral, passou o ferrolho e, depois, durante meia hora, ficou se lamentando de não ter dito umas poucas e boas a Doral Hawkins pelo comentário que ele fez ao partir.

Mas, mesmo depois de bastante tempo de ele ter saído de sua casa e ela se acalmado um pouco, a ameaça dele persistia no ar. No mínimo tinha sido uma coisa perturbadora. Entretanto, ela não estava com medo por si; não, tanto quanto por Honor.

Tori era autossuficiente, independente e acostumada a cuidar de si mesma. Mas ela não deixaria de pedir ajuda, se achasse necessário. Deu um telefonema.

– Tori, meu amor. Eu estava justamente pensando em você.

A voz dele imediatamente acalmou seus nervos à flor da pele. Acompanhando aquele tom de voz sexy, ela perguntou: – Em que você estava pensando?

– Eu estava apenas sentado aqui, devaneando, imaginando se você está usando calcinha.

– É claro que não. Estou muito excitada. Por que você acha que eu telefonei?

Aquilo o agradou. Ele deu uma risadinha de ex-fumante. Estava com quinze quilos acima do peso e tinha capilares brilhantes no nariz, por entornar oceanos de uísque ao longo de seus 58 anos. Mas podia se dar ao luxo de beber o melhor.

Seu nome era Bonnell Wallace, e ele tinha mais dinheiro do que Deus guardado no banco de Nova Orleans, propriedade de sua família desde que os espanhóis governaram a Louisiana, ou desde o início dos tempos, o que quer que viesse antes.

Sua muito amada esposa de trinta-e-qualquer-coisa anos morrera de câncer havia um ano. Temendo o mesmo fim, Bonnell largou o cigarro, abaixou para cinco ou seis drinques sua cota diária e entrou para a academia de ginástica de Tori. O que mais ou menos selara seu futuro.

Ele se tornou o candidato a marido número quatro, e isso lhe servia porque ele achava que o sol nascia e se punha dentro da calcinha que ela dizia não estar usando.

– Você faz uma coisa para mim, Bonnell?

– Pode dizer, benzinho.

– Uma amiga minha está em perigo. Tipo vida-ou-morte.

Instantaneamente, ele largou o tom de voz de zombaria.

– Meu Deus.

– Talvez eu necessite de algum dinheiro a curto prazo.

– Quanto?

Era assim. Não fazia perguntas. O coração dela se encheu de afeição.

– Não concorde tão depressa. Estou falando de muito dinheiro vivo. Como um milhão ou mais. – Tori estava pensando em termos de um resgate, e calculava qual seria a quantia necessária para o retorno seguro de uma jovem viúva e sua filha. – Eu posso arranjar. Mas talvez não tenha tempo de acessar minhas contas a tempo.

– Diga-me o que está acontecendo. Em que mais posso ajudar?

– Você ouviu falar da mulher e da criança que foram sequestradas hoje de manhã?

Ele tinha ouvido.

Tori prosseguiu, preenchendo as lacunas da informação que ele tinha.

– Eu não consigo nem mesmo pensar sobre o que ela e Emily podem estar sofrendo. Não sei o que fazer, mas não posso simplesmente ficar sentada aqui e não fazer nada. Com sua ajuda, eu posso, pelo menos, ter dinheiro à mão, se o sogro dela receber um telefonema do sequestrador. Stan é financeiramente estável, mas não terá essa quantia em dinheiro.

– Basta você me dizer do que precisa, quando vai precisar, e o dinheiro é seu. – Ele fez uma pausa e depois disse: – Eu estou apenas à distância de um telefonema, Tori. Por Deus, você deve estar horivelmente preocupada. Você quer que eu vá até aí ficar com você?

Devido ao fato de ele ter dois filhos crescidos e à política de Tori de que os empregados da academia não deveriam namorar clientes, eles vinham mantendo o romance em segredo. Sua presteza em largar tudo, deixar o banco no meio de um dia de trabalho, e correr para ajudá-la significava mais do que apenas cortesia e preocupação.

Numa voz embargada pela emoção, ela disse:

– Eu já lhe disse que você é um amor? Como é importante para mim?

– É mesmo?

– É sim – disse ela, falando com tamanha franqueza e honestidade que até a surpreendeu.

– Bem, isso é bom. Porque eu sinto o mesmo.

Quando ele se matriculou na academia de ginástica, ela foi imediatamente atraída por sua maneira cativante. Não se importou com seu físico avantajado e checkou sua carteira de investimentos. Percebendo que valia a pena, ela o colocou em sua mira.

Tendo passado os últimos cinco anos de seu casamento cuidando da esposa doente, ele estava pronto para se divertir, para o sexo, para o jeito de Tori, excitante, provocador, namorador e lisonjeador. Bonnell Wallace era um empresário temido e reverenciado, esperto nos negócios, mas que virava um cordeirinho nas mãos talentosas e experimentadas de Tori.

Entretanto, com o tempo ela foi criando com ele uma ligação que não visava apenas fregar outro marido rico. Debaixo da carne flácida devido à boa vida, ela descobrira um coração bom, um bom amigo, um homem bom. Ficou verdadeiramente afeiçoada e, para ela, isso era o mais próximo que poderia chegar na direção do amor genuíno.

Trocaram beijos pelo telefone e desligaram relutantemente. Ao apertar o telefone junto ao peito, ela sorriu, deliciada, por vários minutos. Mas, quando a campainha da porta tocou, ela deixou cair o aparelho, voou para a porta e abriu-a com força.

No limiar da porta estava Stan Gillette. Se fosse Elvis Presley, ela não ficaria tão chocada.

Ela não gostava do sogro de Honor, e a recíproca era verdadeira. Sem rodeios. Nenhum dos dois fazia segredo de sua antipatia mútua. O sentimento ia além de estar em lados opostos da moeda conservadores/ liberais.

A única coisa que tinham em comum era seu amor por Honor e Emily, e nada, exceto esse amor compartilhado, poderia trazer Stan a sua porta.

O coração dela praticamente parou. Agarrou-se à porta, como ponto de apoio.

– Ah, meu Deus. Elas estão mortas?

– Não. Pelo menos espero que não. Posso entrar?

Fraca, mas aliviada, ela saiu do caminho dele. Stan marchou, a única palavra para descrever seu andar, atravessando a porta que ele, sem dúvida, considerava igual ao portão para Gomorra. Então, parou e olhou em torno, como se avaliasse o acampamento inimigo. Até certo ponto, ela imaginou isso mesmo. O mobiliário era de bom gosto e caro, mas os lábios dele mostravam desaprovação quando ele se virou para ela.

– Como é que você soube?

Ela ficou imaginando como uma simples pergunta daquele homem podia soar como se ele estivesse prestes a enfiar estacas de bambu debaixo das unhas dela. Mas as circunstâncias pediam que ela demonstrasse civilidade.

– Vi no noticiário.

– Não se comunicou com Honor?

– Por que será que todo mundo fica me perguntando isso?

Os olhos dele se estreitaram, fitando-a.

– Quem mais perguntou isso a você?

– Doral. Ele estava aqui quando cheguei da academia. Como você, ele parece pensar que o sequestrador de Honor tiraria um momento de folga para me contatar.

– Não gosto do seu sarcasmo.

– E eu não preciso que você fique aí dando a entender que se eu soubesse o que aconteceu com Honor e Emily, estaria plantada aqui, com toda a aversão que tenho por você, com todas as fibras do meu ser. Eu estaria lá fora, fazendo alguma coisa para trazê-las de volta em segurança. O que me leva à pergunta, por que você não está lá fora procurando por elas, em vez de vir se meter na minha casa com sua mentalidade estreita e seu senso de justiça tosco?

Que se dane a civilidade.

Ele se encrespou.

– Você acredita de fato que eu me preocupo mais em insultá-la do que com o bem-estar da viúva e da filha de meu filho, a única família que me resta?

Tori compreendeu exatamente onde ele queria chegar. Sua preocupação por Honor e Emily superava o ódio que ele tinha por ela. Tendo explodido, ela recuou.

– Não Stan, eu não acho isso, em absoluto. Eu sei que você as ama. – *Do seu modo autoritário e possessivo*, ela ficou tentada a acrescentar, mas não o fez. – Você deve estar passando por uma situação infernal.

– Para dizer o mínimo.

– Por que você não se senta? Quer tomar alguma coisa? Água? Um refrigerante? Um *drinque*?

Ele quase sorriu, antes de se recompor.

– Não, obrigado. – Ele não se sentou; ficou parado no centro da sala, parecendo constrangido.

– Eu também as amo, você sabe – disse ela, a voz calma. – Como é que posso ajudar? O que é que você sabe que a imprensa não sabe?

– Nada. Realmente nada.

Ele contou a ela sobre sua conversa com Doral e o detetive Crawford.

– A casa estava toda revirada. Crawford parecia mais interessado em saber o que estava faltando nela, como se o fato de Honor e Emily estarem desaparecidas fosse uma coisa secundária.

– Ele é auxiliar do xerife numa cidadezinha de segunda classe. Será que dará conta da tarefa de trazê-las sãs e salvas?

Stan deu uma volta pela sala, mas ela podia perceber que ele estava preocupado.

– Espero que sim. É claro que o FBI também está no caso. Eles pediram ajuda também a outras cidades e ao Departamento de Polícia de Nova Orleans.

– Alguma coisa o está preocupando, Stan. O que é?

Ele se virou para ela.

– Talvez não seja nada. – Durante alguns segundos ele lutou com a decisão de exprimir sua preocupação, depois fez uma pergunta aparentemente irrelevante. – Você alguma vez pôs Emily para dormir à noite?

– Há bem pouco tempo, duas semanas. Honor me levou para um churrasco. Nós pusemos Emily para dormir, depois fomos para o quintal e entornamos uma garrafa de vinho.

Ao contar isso, ela estava aplicando um golpe baixo, porque Stan a considerava uma má influência sobre Honor.

Desde o momento em que foram apresentados, ele a considerara uma vagabunda, uma amizade inadequada para a nora de Stanley Gillette. O que, do ponto de vista de Tori, não tinha qualquer valor. A amizade entre ela e Honor fora forjada quando elas ainda eram garotas, e perdurara a despeito dos caminhos diferentes que suas vidas tomaram.

Ela admirava o modo de vida de Honor, mas não o invejava. Essa coisa de casa-e-lareira não era para ela. Casar-se com o namorado do colégio não era a sua ideia de romance tórrido. Eddie foi um excelente marido e pai, e ela gostava dele por amar Honor e fazê-la feliz. A morte dele foi uma tragédia.

Mas Stan o mantinha vivo e presente a ponto de Honor se sentir culpada se chegasse a pensar em namorar outro homem. Esse tinha sido um assunto que elas discutiram enquanto bebiam aquela garrafa do excelente Pinot Noir.

Não pela primeira vez, Tori insistira com Honor para que a amiga começasse a namorar, conhecesse outras pessoas, homens, especialmente.

– O seu período de luto já está duas vezes mais longo do que o aceitável. Você precisa se mexer, e digo isso no sentido mais literal. O que você está evitando?

– Eu partiria o coração de Stan se começasse a namorar – replicara Honor, melancólica.

Tori argumentara que ela não era casada com Stan, perguntando quem se importava com o que ele pensava, afinal de contas.

Aparentemente, Honor se importava. Porque estava deixando que Stan a impedisse de ter um futuro. Ele a mantinha acorrentada ao passado e a um marido que estava morto e enterrado.

Mas isso era assunto para outro dia. Hoje, eles tinham que lidar com algo muito mais premente.

– Que tem a ver colocar Emily para dormir? – perguntou ela.

– Ela sempre vai dormir com duas coisas.

– O cobertorzinho e Elmo.

– Eles não estavam na cama dela hoje de manhã. – Enquanto Tori processava mentalmente isso, ele continuou: – Não estavam também na cama de Honor. Não vi os dois brinquedos em parte alguma.

– Um sequestrador que deixa Em levar seus amiguinhos de dormir? Hum. – Ela pensou de novo na insinuação de Doral de que o sequestro talvez não fosse um sequestro, afinal de contas. Em que Honor se metera?

Como que lendo a mente dela, Stan disse:

– Eu acredito em manter segredos.

Ela não se tocou.

– Eu sei como Honor era chegada a você – prosseguiu ele. – Não compreendo essa amizade. Não a aprovo. Mas respeito.

– Muito bem.

– Mas essas são circunstâncias críticas, Victoria.

O uso do nome completo de Tori indicava como as circunstâncias eram críticas. Como se ele precisasse enfatizar isso para ela.

– Se Honor confidenciou a você... – insinuou ele.

– Que ela se envolveu com um homem chamado Lee Coburn? É isso que você está fazendo rodeios para me contar? Economize esses rodeios, Stan. A resposta é não. Honor não me confia todo pensamento e sentimento que tem, mas eu acho que saberia se ela estivesse saindo com alguém. Diabo, eu estaria celebrando isso. Mas se ela já conhecia esse homem, eu lhe juro que não tenho conhecimento disso.

Ele recebeu a resposta dela com seu característico estoicismo. Tossiu atrás do punho fechado, indicando-lhe que tinha mais coisas em mente.

– Crawford fez um monte de perguntas sobre Eddie a Doral. Crawford parece estar trabalhando sob a ilusão de que há uma ligação com ele nisso tudo.

– Eu imagino que isso explica por que Doral me fez perguntas sobre essa questão.

- O que foi que Doral perguntou a você?
- Se Honor revelara recentemente um segredo sobre Eddie. – Ela deu de ombros.
- Eu o acusei de estar chapado.
- Então não há nenhum segredo?

Ela ficou de boca aberta para ele durante vários segundos, e depois olhou para sua familiar sala de estar, quase esperando ver escrita nas paredes a explicação de por que todo mundo parecia ter perdido o juízo. Quando voltou a se ligar à situação, ela disse: – Stan, eu não faço ideia do que você está falando.

- Eu não vou tolerar nenhuma implicação negativa sobre meu filho.
- As implicações do detetive foram negativas?
- Não, precisamente. Mas está me parecendo que ele está tentando fazer uma ligação entre Eddie e o que aconteceu no armazém de Sam Marset na noite de domingo. Isso é ridículo. Eu não sei por que Coburn procurou Honor e virou a casa dela de cabeça para baixo, mas tanto ele quanto Crawford estão enganados se pensam que Eddie estava envolvido em alguma coisa...

Tori forneceu a palavra que Stan não conseguia pronunciar.

- ... Ilegal. – Ela esperou. Stan ficou calado. – Eu concordo com você, Stan. Eddie era um escoteiro, cidadão modelo, um policial honesto. Então, com que você está preocupado?

- Não estou preocupado com nada.
- Você não me engana. – Ela cruzou os braços debaixo dos seios e olhou para ele detidamente. – Uma parelha de cavalos selvagens não poderia tê-lo arrastado para dentro da casa da mulher que você considera a prostituta de Tambour. Mas aqui está você no meu antro de iniquidades, fazendo perguntas que não fazem sentido para mim, mas que obviamente fazem para você. E para Doral.

Ele permaneceu teimosamente calado.

Ela continuou: – O irmão de Doral foi morto hoje de manhã. A sua nora e a sua neta estão desaparecidas. Entretanto, esse suposto segredo, envolvendo um homem morto há mais de dois anos, fez com que vocês dois viessem até minha casa quando deveriam estar lá fora, revirando cada pedra, à procura da minha amiga e da garota. O que é que há, Stan?

Sem uma palavra, ele foi até a porta da frente e a abriu.

- Espere! – disse ela, juntando-se a ele no umbral. O olhar que ele lhe lançou poderia coalhar o leite. Ela não se amedrontou, mas moderou o tom. – Eu não dou um tostão furado pelo que você pensa de mim. Na verdade, eu prefiro mesmo que as

coisas sejam assim. Mas eu amo Honor. Eu amo Emily. Quero-as de volta, inteiras, sãs e salvas.

Ele permaneceu rígido, sem se mover, mas não se transtornou.

Ainda falando num tom calmo, razoável, ela continuou: – Então saiba que tomei providências para ter disponível uma grande soma de dinheiro vivo, se e quando você receber uma exigência de resgate. Não seja teimoso e orgulhoso, Stan. Não seja um idiota pedante. Ninguém precisa saber que o dinheiro veio de minhas mãos de puta. Deixe que eu faça isso. Não por você. Por elas.

Ele permaneceu tão taciturno quanto antes, mas disse:

– Obrigado. Eu aviso você.

Capítulo 22

Os olhos de Honor permaneceram fixos em Coburn quando o homem no telefone repetiu para ela como ele era perigoso. Como não reagiu, Hamilton a cutucou: – Sra. Gillette?

– Sim – disse ela, a voz embargada. – Eu... eu estou escutando.

– Coburn é letal. Foi treinado para isso. Mas o fato de ele ter sequestrado vocês duas em vez de matá-las...

– Ele não me sequestrou, sr. Hamilton. Eu vim com ele porque quis.

Passaram-se vários segundos antes de Hamilton dizer qualquer coisa. Depois, ele limpou a garganta e, educadamente, perguntou se Coburn estava tratando bem ela e a filha.

Ela pensou nas ameaças recebidas, reais e implícitas, na queda de braço e na verdadeira batalha travada para a posse da pistola, mas também se lembrou de ele ter pegado apressadamente os dois brinquedos de Emily quando fugiam da casa. E também pensou em como ele havia se arriscado ser capturado no momento em que saiu para comprar comida e água. E pensou no fato de ele ter voltado, em vez de abandoná-las.

Ela disse para Hamilton:

– Nós estamos bem.

– Fico contente em ouvir isso. Põe Coburn de novo na linha.

Ela passou o telefone para ele. Ele disse:

– Fale comigo.

– Você primeiro.

Ele pôs Hamilton a par do assassinato e de tudo que ocorrera desde então. Foi conciso e terminou dizendo:

– Não tive escolha senão trazer as duas comigo. Elas seriam mortas, se ficassem.

– Você tem certeza de que esse policial que você matou era o assassino de Sam Marset?

– Eu vi o crime.

– Juntamente com o irmão gêmeo.

– Isso.

Hamilton respirou fundo e expirou o ar ruidosamente.

– Muito bem. A não ser pela identidade do assassino do armazém, e a falsa ideia de que a sra. Gillette foi sequestrada, isso combina com tudo que Tom VanAllen me contou.

– Tom VanAllen. Quem é VanAllen?

– Meu sucessor aí no escritório.

– Quando é que você falou com ele?

– Quando ficou parecendo que você havia desencadeado uma tempestade.

– Você falou com esse VanAllen antes de receber meu telefonema?

– Eu queria sentir a situação do ponto de vista dele. Queria a coisa sem ser filtrada. Cheguei mesmo a perguntar a ele se você era agente do escritório dele, trabalhando infiltrado.

– Meu Deus, você é uma piada.

– Eu precisava saber o que ele sabia ou suspeitava.

– Eu estou interessado em saber disso.

– Até onde diz respeito aos órgãos policiais, você é um carregador de caminhão que endoidou e saiu atirando a esmo. Isso é bom. Agora que falei com você, vou admitir para VanAllen que eu o enganei, a fim de conseguir uma avaliação imparcial por parte dele, e depois vou convocá-lo para dar cobertura a você e à sra. Gillette. Uma vez que você, ela e a menina estejam a salvo, nós vamos planejar como entrar na jogada e endireitar as coisas.

Coburn cerrou as sobrancelhas, mordeu o lábio inferior e olhou fixo para Honor. Finalmente, ele disse: – Negativo.

– Desculpe?

– Negativo. Não quero me entregar ainda.

– Não se preocupe com o fato de você estar infiltrado. Seu disfarce continuará intacto. A versão oficial será de que você morreu de um ferimento de bala autoinfligido, durante um tiroteio com os agentes federais. Faremos prisões baseados nas informações que obtivemos até agora, mas ninguém saberá de onde elas vieram. Você será realocado para outra parte do país, e ninguém saberá disso.

– Parece bom. A não ser pelo fato de que eu ainda não terminei meu trabalho.

– Você trabalhou bem, Coburn – argumentou Hamilton. – Está saindo disso vivo, o que não é pouca coisa. E já identificou algumas das pessoas-chave na organização do Contador. Eu tenho meus homens alocados em San Antonio, em pontos-chave do Leste, por todo o percurso até a linha Mississippi/Alabama, prontos para efetuar prisões logo que eu lhes der o sinal verde. Você apagou um dos principais facilitadores hoje de manhã.

– Mas ainda não pegamos o Contador.

– Eu estou satisfeito.

– Eu não. Está para acontecer alguma coisa grande. Quero colocar o Contador fora de combate antes disso.

– Alguma coisa grande, como o quê?

– Um novo cliente. Um cartel mexicano, é meu palpite. Acho que foi por isso que apagaram Sam Marset. Ele estava reclamando pelo fato de dois de seus caminhões terem sido parados e revistados. Eles não carregavam nada de mais exceto terra para jardinagem, mas a coisa irritou Marset porque lhe haviam garantido que seus caminhões não seriam revistados. O Contador queria fechar a boca dele. Ele não precisa de um departamento de queixas, mas especialmente não agora.

Hamilton pensou sobre o caso, e depois disse: – Mas a nova aliança não é uma coisa certa.

– Está pendente.

– Você pode identificar o cartel?

– Não. Meu tempo se esgotou no domingo à noite.

De novo, Hamilton levou alguns segundos para ponderar. Coburn observou Honor, que olhava para ele.

Finalmente, Hamilton disse:

– Nós vamos em frente com o que já temos. Com ou sem esse arranjo que está pendente, você tem um caso montado. Já é bastante.

– Isso é besteira, e você sabe disso. Nenhum promotor federal vai tocar nisso a menos que haja provas sólidas ou uma testemunha que jure pela sua vida que quer que seja feita justiça, e ninguém vai fazer isso, mesmo se lhe garantirem uma nova identidade na Mongólia Exterior, porque as pessoas se cagam de medo do Contador.

“Também seria um pesadelo para as Relações Públicas do Bureau. Para você, Sam Marset é apenas um nome, mas por aqui ele era considerado um santo. Arraste o nome dele na lama, sem prova absoluta de corrupção, faça acusações sem fundamento, e tudo o que você fará é provocar ressentimento entre a população cumpridora das leis e alertar os transgressores.

“ Então, a Agência de Combate às Drogas ficará puta da vida e nos culpará de fazer todos os traficantes se recolherem. O mesmo acontecerá com a ATE, a Alfândega e a Segurança de Proteção às Fronteiras e do Interior. Todo mundo vai ficar assustado, e os planos já feitos serão suspensos, e nós todos vamos voltar à estaca zero e terminar sem solução imediata para nada.

“Se você me chamar de volta agora, é isso que acontecerá. Depois de uma semana, mais ou menos, quando as coisas tiverem esfriado, os contrabandistas voltarão a suprir seus clientes. Eles continuarão matando uns aos outros, e alguns transeuntes inocentes de vez em quando, sempre que um acordo for pro brejo e essas baixas recairão sobre sua cabeça, e na minha, por não ter terminado meu trabalho.”

Hamilton esperou um tempo, e depois disse: – Bravo, Coburn. Foi um discurso emocionante, e eu ouvi você. – Fez outra pausa. – Muito bem. Você fica. Mas por melhor que você seja, você não pode resolver isso sozinho, especialmente agora que é suspeito de ter cometido um assassinato em massa. Os tiras por aí vão amar ter você na mira deles, para praticar tiro ao alvo. Você precisa de apoio. VanAllen pode fornecer esse apoio.

– Negativo. O Contador tem informantes em cada repartição da polícia, no escritório de xerife, na prefeitura e no tribunal. Cada órgão recebe sua graninha por fora.

– Você está dizendo que você acha que VanAllen...

– Eu estou dizendo pra você me dar 48 horas.

– Você não pode estar falando a sério.

– Muito bem, 36.

– Para quê?

Coburn fixou mais o olhar em Honor. – Estou seguindo uma pista que pode fazer explodir a cúpula.

– Qual é essa pista?

– Não sei.

– Não sabe ou não quer dizer?

– Você escolhe.

– Merda.

Honor podia sentir a frustração de Hamilton. Pelo telefone, ela o ouviu bufar outra vez.

Finalmente ele disse:

– Essa *coisa* aí diz respeito à sra. Gillette, não é?

Coburn ficou calado.

– Não sou principiante, Coburn – disse Hamilton. – Você realmente não espera que eu acredite que você escolheu a casa dela, entre todas as casas do litoral da Louisiana, para se esconder, e que, enquanto esteve lá, você decidiu saquear a casa dela por nada. Você não espera que eu acredite que, sem algum forte fator de motivação, ela veio com você por sua própria vontade, depois de ver você matar a tiros um amigo da família na sala de estar dela.

“Você certamente não pode esperar que eu acredite que você, entre todo mundo, pegou uma viúva e a filha sob sua proteção por pura bondade de coração, quando já houve muita discussão sobre se você possui ou não um coração.”

– Ah, agora isso realmente me ofendeu.

– Eu sei que o falecido marido da sra. Gillette era policial. Sei que o recentemente falecido Fred Hawkins era o melhor amigo dele. Agora, me chame de maluco, mas a coincidência está fazendo ferver minhas entranhas, e, mesmo num dia ruim, esse sintoma é muito preciso.

Coburn ignorou o sarcasmo.

– Você não está maluco.

– Muito bem. O que é que ela tem?

– Não sei.

– Ela sabe quem é o Contador?

– Ela diz que não.

– Você acredita nela?

Coburn olhou fixo para Honor.

– Acredito.

– Então, o que é que ela está escondendo?

– Não sei.

– Pare de me sacanear, Coburn.

– Não estou fazendo isso.

Hamilton praguejou baixinho.

– Muito bem, não me diga. Quando você voltar a Washington, nós discutiremos sua insubordinação, além da longa lista de malfeitos que você...

– Agora você está usando táticas de terrorismo? Vamos, me expulsa da sua fedorenta agência. Vai ver que eu não vou dar a mínima para isso.

Hamilton acrescentou mais calor à voz.

– Vou fornecer a VanAllen o que ele precisar para encontrar e acolher as duas mulheres e você, pela força, se necessário, para segurança delas.

O maxilar de Coburn ficou rígido como ferro.

- Hamilton, você faz isso e elas vão morrer, provavelmente. Em pouco tempo.
- Olhe aqui, eu conheço VanAllen. Eu mesmo o nomeei. Eu concordo com você, ele não é nenhum dínamo, mas...
- Então, o que é que ele é?
- Um burocrata.
- Isso já se sabe. Como é que ele é?
- Suave no trato. Até mesmo tímido. A vida pessoal dele é uma merda. Ele tem um filho com necessidades especiais, um caso trágico que deveria estar numa instituição especializada, mas que não está.
- Como assim?
- Tom não fala sobre esse assunto. Se posso dar um palpite, eu diria que a despesa torna essa alternativa fora de questão.

De novo, Coburn cerrou as sobrancelhas pensativamente, um trejeito que Honor começava a reconhecer. – Me dê 48 horas. Durante esse tempo, você checa com VanAllen. Se você me convencer de que ele é honesto, eu me entrego. Com sorte, até lá terei boas notícias sobre o Contador.

- Nesse meio-tempo, o que é que você vai fazer com a sra. Gillette e a filha?
 - Não sei.
 - Deixe eu falar de novo com ela.
- Coburn entregou o telefone a Honor.
- Sou eu, sr. Hamilton.
 - Sra. Gillette. A senhora acompanhou nossa conversa?
 - Acompanhei.
 - Desculpe pelo linguajar.
 - Não tem importância.
 - Qual é sua opinião?
 - Sobre o quê?
 - Sobre tudo que foi discutido.
 - Lee Coburn é o nome verdadeiro dele?

Hamilton pareceu ter ficado espantado com a pergunta. Decorreram vários segundos antes que ele respondesse com uma afirmativa, mas ela não ficou inteiramente convencida de que falava a verdade.

- Por que a mulher da sua agência disse que ele estava morto?
- Tinha ordens para responder assim. Para a proteção de Coburn.
- Explique isso, por favor.

– A situação estava muito precária. Eu não podia arriscar que alguém aí viesse a suspeitar de ele ser um agente e telefonar para o FBI para checar a identidade dele. Por isso espalhei pela agência a notícia de que ele morreria numa missão. Isso está até nos registros pessoais dele, no caso de um hacker penetrar no nosso sistema.

– O senhor é a única pessoa que sabe que ele está vivo?

– Eu e minha assistente que atendeu ao telefone.

– E agora eu.

– Certo.

– Então, se alguma coisa acontecer com Coburn, qualquer informação que ele passasse para mim relativa a Sam Maset e ao Contador, ou qualquer coisa eu tenha sabido inadvertidamente, seria extremamente valiosa para o FBI e para o Departamento de Justiça.

Ele respondeu com relutância:

– Sim. E Coburn está querendo pôr sua vida em risco a fim de salvaguardar essa informação. Diga-me a verdade. O que é que a senhora tem? Coburn está procurando o quê?

– Nem eu mesma sei, sr. Hamilton.

Durante o longo silêncio que se seguiu, ela imaginou que ele estivesse questionando a veracidade do que ela dissera.

Então ele perguntou:

– A senhora está dizendo isso sob ameaça?

– Não.

– Então me ajude a fazer com que outros agentes cheguem até aí. Eles irão e pegarão a senhora e sua filha. A senhora não precisa temer nenhuma retaliação por parte de Coburn. Ele não irá machucá-la. Aposto minha carreira nisso. Mas a senhora precisa se entregar, de modo que eu possa protegê-la. Diga-me onde a senhora está.

Ela sustentou o olhar de Coburn um longo momento, enquanto seu senso comum travava uma batalha com algo mais profundo, algo primitivo a que ela não conseguia nem mesmo dar um nome. Incitava-a a abandonar sua precaução inata, a parar de buscar a segurança, a abandonar o que ela sabia, e seguir com o que *sentia*. O sentimento era forte a ponto de ela sentir medo dele. Temia mais esse sentimento do que o homem que olhava para ela com aqueles ferozes olhos azuis.

De todo jeito, ela seguiu em frente.

– Não ouviu o que Coburn lhe contou, sr. Hamilton? Se o senhor enviar outros agentes atrás de nós agora, o senhor nunca pegará o Contador. – Antes que Hamilton pudesse responder, ela passou o telefone de novo para Coburn.

Ele pegou o aparelho e disse:

- Desculpe, Hamilton. Não há acordo.
- Você fez uma lavagem cerebral nela?
- Quero 48 horas.
- Tortura?
- Quero 48 horas.
- Jesus Cristo. Pelo menos me dê um número de telefone.
- Só 48 horas.
- Está bem, porra! Vou lhe dar 36 horas; 36, e isso é...

Coburn desligou e deixou cair o telefone no catre, perguntando em seguida a

Honor: – Você acha que essa banheira flutua?

Capítulo 23

Quando Tom chegou em casa, Janice estava mergulhada fundo em um word game, no telefone celular. Ela nem mesmo notou que ele chegara, até que ele se postou atrás dela e a chamou pelo nome. Ela levou um baita susto. – Tom! Não faça isso!

– Desculpe se dei um susto em você. Pensei que tinha ouvido quando entrei.

Ele tentou, mas não conseguiu manter oculta sua amargura. Ela estava jogando um jogo de palavras com alguém que ela não conhecia e que vivia do outro lado do mundo. O mundo dele estava desmoronando. Parecia haver um desequilíbrio injusto. Afinal de contas, tudo o que ele fazia era para tentar ganhar a aprovação dela, para melhorar sua posição junto a ela, para fazer com que aquela porra de vida ficasse um pouco melhor.

É claro que a culpa não era dela se ele estava tendo um dia ruim. Ela não merecia servir de bode expiatório para seus problemas. Mas ele se sentia derrotado e ressentido, de modo que, em vez de dizer algo que desencadearia uma discussão, ele largou a pasta ali no gabinete onde a encontrara, e foi até o quarto de Lanny.

Os olhos do menino estavam fechados. Tom ficou imaginando se eles simplesmente não tinham reaberto depois de piscar, ou se Lanny estava realmente dormindo. Será que sonhava? Se era isso, sobre o que sonhava? Era masoquismo fazer essas perguntas a si mesmo. Ele nunca teria as respostas.

Continuou a olhar fixamente para o menino imóvel, e se lembrou de algo que acontecera pouco depois do nascimento de Lanny, quando ele e Janice ainda estavam tentando compreender a extensão das limitações do menino, e como aquilo os impactaria no futuro. Um padre católico os visitara; veio para confortar e consolar, mas suas palavras banais sobre a vontade de Deus os haviam perturbado e enraivecido. Passados cinco minutos da chegada do sacerdote, Tom lhe mostrou a porta da rua.

Mas o clérigo dissera uma coisa que ficara guardada. Dissera que algumas pessoas acreditavam que indivíduos deficientes como Lanny tinham uma linha direta para a

mente e o coração de Deus, e que, embora não pudessem se comunicar conosco, aqui na terra, comunicavam-se constantemente com o Todo-Poderoso e seus anjos. Com certeza, isso era outra banalidade que o padre tirara de um manual como-pregar-para-o-rebanho. Mas, às vezes, Tom queria desesperadamente acreditar naquilo.

Então, ele inclinou-se e beijou a testa do filho.

– Diga a Ele uma palavra a meu favor.

Quando voltou à cozinha, Janice, que lhe preparara uma refeição, colocou o prato no único lugar arrumado na mesa, dizendo, em tom de desculpa:

– Eu não sabia quando você voltaria para casa, ou se voltaria, portanto não fiz comida.

– Basta isso. – Ele sentou-se à mesa e abriu o guardanapo no colo. Embora a salada de camarão, o pão francês com manteiga e as fatias de melão tivessem sido cuidadosamente arrumados no prato, ele não tinha apetite.

– Você gostaria de uma taça de vinho?

Ele balançou a cabeça.

– Tenho que voltar ao escritório por algum tempo. Devo estar lá se acontecer alguma coisa.

Janice sentou-se na cadeira diante dele.

– Você parece esgotado.

– Eu me sinto esgotado.

– Nada de novo na questão do sequestro?

– Nada, e todo mundo, inclusive o homem da carrocinha de pegar cachorros, está lá fora procurando por elas. Ou por seus corpos.

Janice cruzou os braços no meio do corpo e se deu um abraço.

– Não diga isso.

Ele colocou o cotovelo na mesa e descansou a cabeça na mão, esfregando as órbitas dos olhos. Janice estendeu a mão por sobre a mesa, e cobriu a mão dele que ficara junto ao copo d'água.

– Acho que ele não vai matá-las, Tom.

– Então, por que ele as levou?

– Resgate?

– Ninguém telefonou. Estamos monitorando o telefone da casa do sogro. Ele recebeu um bocado de telefonemas de conhecidos, demonstrando preocupação, mas nada mais. Com o celular, a mesma coisa. – Ele pegou o garfo e, pensativo, bateu com ele na borda do prato, mas não pegou nem um bocado de comida. – Acho que não se trata de resgate.

– Por que você diz isso?

– Coburn não tem o perfil de um cara que faz uma chacina no próprio emprego, num escritório ou numa escola.

– Como assim?

Percebendo que não ia comer, ele baixou o garfo e tentou organizar os pensamentos que vinham martelando sua cabeça.

– Tipicamente, esses caras estão fazendo um desafio final e desafiador contra o mundo sujo, podre, e a todas as pessoas que lhe fizeram algum mal. Então, Deus meu, fazem uma declaração que causa grande impacto e depois saem por aí desencadeando o inferno.

“Quando não cometem suicídio na cena do crime, eles geralmente vão para casa, matam a mulher e os filhos, os pais, parentes por afinidade, quem quer que seja, e *depois* se matam. – Ele baixou as mãos e olhou para Janice. – Talvez mantenham alguns reféns durante algum tempo, antes de matá-los ou soltá-los. Mas, tipicamente, eles não desaparecem com reféns.”

– Eu compreendo o que você está dizendo, mas... – Ela balançou ligeiramente a cabeça. – Desculpe, Tom. Não sei como responder, porque não sei aonde você quer chegar.

– O que eu estou querendo dizer é que Lee Coburn não é o assassino em massa padrão de que falam.

– Existe isso?

– É claro que há exceções, mas ele não se enquadra no perfil geralmente aceito. – Hesitou, depois acrescentou: – Até mesmo Hamilton já sabe disso.

– Clint Hamilton? Pensei que ele estivesse agora em Washington.

– E está. Mas me telefonou hoje querendo saber o que diabo está acontecendo por aqui, e o que estamos fazendo em relação ao caso.

Janice fez um pequeno som de desânimo.

– Ele estava checando suas ações?

– Essencialmente, sim.

– Ele tem coragem. – Ela empurrou a cadeira para trás e mostrou o prato intocado.

– Você vai comer isso?

– Desculpe, parece estar bom, mas... – Ele terminou a frase com um dar de ombros desesperançado.

Ela levou o prato para o balcão, maldizendo baixinho o antecessor do marido.

– Se ele não achava que você estava à altura da função, por que o nomeou para o cargo?

O que Tom acreditava ser a resposta para aquela pergunta era por demais humilhante para ser dito em voz alta, especialmente a Janice. Ela odiava derrotismo. Odiava particularmente o derrotismo no marido.

– Eu não sei onde Hamilton conseguiu informações – disse ele. – Provavelmente de outros agentes no escritório, mas deve ter observado no *modus operandi* de Coburn as mesmas discrepâncias que eu notei. Ele me perguntou até se Coburn era um agente meu, trabalhando infiltrado na empresa de caminhões.

Ela meio que soltou uma risada, e depois ficou séria.

– E ele é?

Tom deu um sorriso torto.

– Não. Pelo menos, eu não o coloquei ali. – O sorriso desapareceu. – Alguém em Nova Orlenas mais graduado do que eu pode ter feito isso, acho eu. Ou alguém de outra agência.

– Sem informar a você?

Ele simplesmente deu de ombros, não querendo de novo admitir que era uma pessoa irrelevante. Ou pelo menos que fosse considerado assim pelos subordinados.

Ela juntou-se a ele novamente à mesa.

– Hamilton não tem o direito de interferir. É claro, o homem tem um ego monstruoso.

– Você nunca se encontrou com ele.

– Baseada em tudo que você me contou dele, eu duvido que ele possa pôr a cabeça por aquela porta. Fico furiosa pelo fato de ele estar vigiando o seu trabalho.

Ele decidiu não contar a Janice que não era o único na sua repartição que tivera contato com Hamilton hoje. Muitos agentes tinham discordado de sua nomeação para o cargo, e não faziam segredo disso. Mas havia alguns que, ou por palavras ou pela atitude em geral, tinham demonstrado seu apoio.

Uma dessas agentes, uma analista de dados, lhe confiara hoje que outros da repartição haviam recebido telefonemas de Hamilton.

– Por alguma razão – confidenciara ela a Tom, a portas fechadas, – esse caso foi parar no radar de Hamilton. Ele está acompanhando tudo de perto, e fazendo perguntas sobre você.

– Que tipo de perguntas?

Ela levantou as mãos, as palmas para fora. – Não vou me envolver na política da agência, Tom. Preciso desse emprego. Mas eu acho que você deveria saber que suas ações estão sendo inspecionadas.

Tom agradecera à agente. Pelo resto do dia, ele sentiu que sussurravam às suas costas. O que talvez fosse apenas paranoia, de sua parte. Mas ele não achava isso. Ressentia-se com o fato de Hamilton estar se intrometendo no caso. Fosse qual fosse a razão, aquilo era ultrajante e preocupante.

Ele empurrou a cadeira para trás e se levantou. – É melhor eu voltar para o trabalho.

Saiu da cozinha antes que aquela conversa perturbadora continuasse. Lavou as mãos no closet e foi pegar sua pasta no gabinete. Janice foi encontrá-lo na porta dos fundos, levando um saco contendo um lanche. – Apoio de emergência, caso você precise. Biscoitos e uma maçã.

– Obrigado.

Ela não o beijou, dessa vez, e ele fez o mesmo. Mas antes que ele pudesse se virar e partir, ela pôs a mão no braço dele. – Você está fazendo um bom trabalho, Tom. Não se deixe intimidar por Hamilton ou por qualquer outra pessoa. Não pense que não está trabalhando bem.

Ele lhe deu um sorriso fraco.

– Não vou deixar. Que se danem. Hamilton tem razão.

– Como assim?

– Qualquer idiota que esteja acompanhando esse caso perceberia que não é um sequestro comum. Com toda a probabilidade, a sra. Gillette viu Coburn matar Fred Hawkins. Assassinos não deixam testemunhas. Coburn tem alguma razão para manter Honor viva.

Capítulo 24

Doral foi fazer uma visita de praxe a sua mãe.

Como era de esperar, ela estava prostrada de tristeza. Várias parentas circulavam em torno dela, apertando-lhe as mãos e aplicando panos molhados na testa. Ouvia-se o ruído de contas de rosário sendo manuseadas, enquanto oravam pela alma de Fred e pediam pelo consolo dos que ele deixara na terra.

Não havia mais lugar na cozinha para toda a comida que fora trazida por amigos, membros da família e vizinhos. O condicionador de ar travava uma batalha perdida contra uma tempestade que se aproximava e que fizera baixar a pressão barométrica e elevar a umidade.

Para escapar do ambiente pesado dentro da casa, os homens levaram seus pratos repletos de comida para o quintal dos fundos. Estavam todos sentados em cadeiras de jardim, acariciando seus fuzis e pistolas que mantinham no colo, coisa que era uma segunda natureza para eles, como coçar as orelhas dos cachorros de caça. Passavam de mão em mão garrafas de cerveja e de uísque barato, e, em voz baixa, combinavam vingança contra o assassino de Fred.

– É melhor para ele que a lei o pegue antes que eu faça isso – disse um tio, um desprezível filho da puta que perdera um olho no Vietnã, mas ainda vencia quase todo mundo no tiro, possivelmente, com exceção de Doral.

– Amanhã, a essa hora, eu já terei as bolas de Coburn num vidro de conserva. Vai ver se não tenho – jurou um primo que ainda não chegara à idade legal para beber, mas que estava tão bêbado que parecia prestes a cair do toco de árvore onde estava sentado.

Um dos irmãos mais moços de Doral gritava para seus filhos travessos que corriam um atrás do outro no quintal.

– Mostrem um pouco de respeito, porra! – gritou ele, e depois jurou não descansar até que Coburn estivesse morto. – Eu não trato bem quem se mete com nossa família.

Assim que encheram a pança e esvaziaram a última garrafa de cerveja, eles se amontoaram em picapes e partiram para as áreas que lhes haviam sido designadas, para retomar a busca pelo assassino do parente.

Doral disse adeus a sua mãe chorosa, afastando com força suas mãos pegajosas que o prendiam, e partiu com os outros, mas seguiu sozinho. A despeito de estar meio bêbado, ele se orientou facilmente nas tortuosas estradas vicinais, a grande velocidade. Trilhara esses caminhos toda a sua vida, e os conhecia intimamente. Já os percorrera muito mais bêbado do que naquela noite. Ele e Fred. Ele e Eddie.

Pensando em Eddie, ele se lembrou daquela pescaria que fora eternizada, a foto do porta-retratos que Crawford pegara como prova. Doral se lembrava da excursão como uma das melhores ocasiões em que os quatro estiveram juntos.

Das lembranças daquele dia, sua mente devaneou para seu barco de pesca e seus anos anteriores ao Contador. Ele e Fred tinham nascido pobres, e lutado sempre para conseguir chegar ao fim do mês. Fred procurara estabilidade financeira entrando para o Departamento de Polícia. Mas usar uniforme dando plantão não era coisa para Doral. Ele gostava de flexibilidade.

Comprara seu barco com um empréstimo concedido por um banqueiro tão unha de fome que não gostava sequer de caminhar para não gastar a sola do sapato. A taxa de juros fora exorbitante, mas Doral nunca atrasou qualquer prestação.

Então, durante anos, ele alugava o barco para passeios no Golfo, levando grupos de filhos da puta ricos, bêbados. Eram médicos, advogados, corretores, e outros que se consideravam muito acima de um guia de pescaria com mãos calejadas e sotaque forte de Nova Orleans. Aguentara insultos verbais e gente vomitando bebidas caras, resistindo ao calor e ao sol, ao mar agitado e a peixes esquivos. Tolerou aquela gentalha porque sua subsistência dependia daquilo.

De certo modo, ele era grato ao furacão Katrina por ter destruído seu barco e dado um fim àquela sua atividade. Ele, Doral, não precisava mais puxar o saco de babacas, muito obrigado.

Foi quando o Contador fez contato com ele e Fred, apresentando uma ideia para ganhar dinheiro. O trabalho seria bem mais animado e lucrativo do que qualquer outra coisa que ele pudesse empreender sozinho. Até mesmo num estado onde receber suborno era tão comum como lagostins, o plano era um meio de ficar obscenamente rico.

Doral não se assustara com o perigo que o trabalho envolvia. O pagamento compensava os riscos. Ele gostava de andar na corda bamba e apreciava a piada inclusa – ser funcionário público de dia e outra coisa, inteiramente diferente, à noite.

A descrição de sua função incluía intimidar, machucar ou matar, se necessário. Ele tinha uma propensão natural para espreitar e caçar, e agora poderia ganhar seu sustento com isso. A única diferença era que a presa era humana.

Assim, ali estava ele seguindo velozmente por estradas vicinais, sendo Lee Coburn a presa. Além da viúva e da filha de seu melhor amigo.

Quando o celular tocou, ele diminuiu a marcha apenas um pouco para atender, mas, depois de ouvir a mensagem urgente vinda do outro lado da linha, ele pisou fundo no freio e parou, levantando uma nuvem de poeira que envolveu o carro.

– Você está brincando comigo?

Havia muito ruído ao fundo, mas quem chamava se fez ouvir acima disso. Não que Doral quisesse ouvir o que ele tinha a dizer.

– Eu achei que você devia saber, e assim, poderia passar a informação para o Contador.

– Obrigado por nada – murmurou Doral. Ele desligou e tirou o carro da estrada, deixando o motor em ponto morto à beira de uma vala, enquanto acendia um cigarro, extremamente necessário no momento. Em seguida, telefonou para o Contador.

Agora, Doral já estava totalmente sóbrio. Passou por cima do tradicional cumprimento.

– Corre o boato de que Coburn é um agente federal.

O Contador não disse nada, apenas respirou devagar e profundamente. Maleficamente.

Previendo um vulcão prestes a entrar em erupção, Doral enxugou uma gota de suor que lhe rolava pela têmpora entrando pelo canto de fora do olho.

– Quando é que você ouviu isso?

– Dez segundos antes deste telefonema para você.

– Quem lhe contou?

– Um dos nossos homens infiltrado no Departamento de Polícia. Ele ouviu isso de um federal que está trabalhando com eles e o departamento do xerife, no sequestro. O boato é que Coburn é um agente que trabalhava infiltrado.

Seguiu-se um longo silêncio. Então, o Contador prosseguiu.

– Bem, como você mostrou tão astutamente hoje de manhã, ele parece surpreendentemente esperto para um carregador de caminhão. Eu só queria que você tivesse percebido isso antes de deixar que ele escapasse no armazém.

A barriga de Doral se contraiu tanto que parecia um punho fechado, mas ele não disse nada.

– E a amiga de Honor? – O Contador continuou. – Alguma notícia dela depois que você lhe fez aquela visita de manhã?

– Tori não saiu de casa. Honestamente, eu não acho que ela tenha recebido alguma notícia de Honor, ou ela não estaria lá esperando sentada. Uma coisa eu descobri, ela tem um novo namorado. Um banqueiro cheio da grana, em Nova Orleans, chamado Bonnell Wallace.

– Eu conheço esse cara. Temos dinheiro no banco dele.

– Não brinca! Bem, eu me encontrei com a recepcionista da academia de ginástica no metrô, quando ela saiu para o almoço. Fiz com que parecesse um encontro casual. Apertei a moça, e não foi preciso muito. Ela ficou muito contente de descarregar sobre Tori, a quem ela se referiu como uma grandessíssima puta.

Agora, Doral já respirava um pouco melhor. Ficou contente de ter algo positivo para relatar depois do boato sobre Coburn. Não ficara à toa hoje. Pusera mãos à obra e estava fazendo progresso. Era importante que o Contador soubesse disso.

E continuou.

– A recepcionista se chama Amber... ela acha que Wallace não quer que nenhum dos clientes do seu banco ou amigos grã-finos saibam que ele precisa de uma *personal trainer*, e foi por isso que ele passou a ir à casa dela para se exercitar. Ele tem uma barriga grande, mas a carteira é mais gorda ainda. Tori fисgou-o num minuto. Enfiou as garras nele, e agora ele está babando por ela. Ela acha que o caso deles é segredo, mas todos os empregados sabem que não são apenas halteres que Bonnell Wallace está levantando quando vem a Tambour.

Depois de um longo silêncio, o Contador disse:

– Essa é uma boa informação para manter na reserva, no caso de precisarmos dela. Infelizmente, porém, isso não nos levou mais perto em termos da localização de Coburn, não é?

– Não.

– Você e Fred nos deixaram numa sinuca, Doral. Numa hora em que menos precisávamos disso. Não interessa o que Coburn seja, ele devia ter sido morto com os outros. Não esqueci quem deixou que ele escapasse. Encontre esse cara. Mate esse cara. Não vá me desapontar de novo.

O uísque barato subiu de volta à garganta de Doral, queimando e cheirando a azedo. Ele engoliu a coisa.

– Como é que Fred e eu íamos saber...

– É seu dever saber. – O tom de voz do Contador cortou até o osso, silenciando quaisquer desculpas que Doral pudesse apresentar. E, só para o caso de o recado não

ter calado fundo, o Contador acrescentou: – Você já me ouviu elogiar Diego e sua navalha.

Os braços molhados de suor de Doral ficaram arrepiados.

– O único problema em usar Diego é que ele acaba depressa demais com quem me decepçiona. Ele não faz sofrer o bastante.

Doral quase não conseguiu sair do carro antes de vomitar.

Capítulo 25

Honor ficou aturdida ao perceber que Coburn planejava realmente fazer com que o barco camaroneiro do pai dela navegasse. Seus protestos caíram em ouvidos surdos.

Dentro de minutos, depois de terminar o telefonema para Hamilton, Coburn já estava na cabine do leme, afastando o oleado que fora colocado sobre o painel de controle.

– Você sabe dar a partida ao motor? – perguntou ele impacientemente, apontando para os controles.

– Sei, mas nós precisamos colocar o barco na água primeiro, e não vamos conseguir isso.

– Temos que fazer isso. Precisamos mudar de lugar.

Diversas vezes, durante a hora seguinte, ela tentou convencê-lo de que aquele era um projeto impossível, mas Coburn não desistia da ideia. Encontrou um facão enferrujado numa caixa de ferramentas no tombadilho, e decidiu usá-lo para arrancar a vegetação fibrosa agarrada ao casco. Era um trabalho estafante. Mais uma vez, ela tentou dissuadi-lo.

– Hamilton prometeu a você. Você não confia que ele vá manter a palavra?

– Não.

– Mas ele é o seu chefe. Superintendente, supervisor? Seja como você chame isso no FBI.

– Ele é tudo isso. E a única coisa que eu confio que ele vá fazer é salvar a própria pele. Lembre-se, Lee Coburn não existe mais.

– Ele deu 36 horas a você.

– Vai negar que deu.

– O que leva você a pensar assim?

– Eu sei como ele pensa.

– Ele não sabe como você pensa, também?

– Sabe, por isso nós temos que andar depressa. Enquanto falávamos, ele provavelmente estava tentando nos localizar com ajuda do número do telefone.

– Você não deu o número a ele. Você disse que aparelhos descartáveis não podem ser rastreados. Você disse...

– É mesmo, eu disse. Mas eu não sei tudo – resmungou ele.

Ansiosa, ela olhou para o céu, onde nuvens se afastavam velozmente do Golfo.

– Ele vai mandar um helicóptero?

– Provavelmente não. Hamilton preferiria algo menos ostensivo, algo que não nos desse um sinal de alarme. Além disso, há uma tempestade se formando. Ele não virá pelo ar.

– Então, por que você está com tanta pressa?

Ele parou para enxugar a testa suada com as costas da mão.

– Porque eu posso estar enganado.

Mas, quanto mais ele trabalhava, mais inútil a tarefa parecia. Honor sugeriu que eles arriscassem ir na picape recentemente roubada. – Ninguém está procurando essa picape. Você mesmo disse isso.

– Está bem, e ir para onde?

– À casa da minha amiga.

– Amiga.

– Uma amiga de toda vida que nos esconderia, sem fazer perguntas.

– Não. Nada de amigas. Eles estarão vigiando suas amigas.

– Nós poderíamos passar a noite na picape.

– *Eu* poderia – disse ele. – *Nós* não.

Por fim ela parou de gastar energia tentando fazê-lo mudar de ideia. A perseverança e a capacidade dele faltavam a ela, mas ela se dispôs a ajudar e fazer o que lhe fosse pedido.

Emily acordou de sua soneca. Estava tagarela e excitada com a atividade. Punha-se no caminho de Coburn, mas ele dava a volta com uma paciência surpreendente. A menina ficou parada no tombadilho encorajando os dois, enquanto, juntos, eles se encostavam na proa e empurravam a embarcação solta de volta para a água.

Coburn procurou por vazamentos e, não encontrando nenhum, juntou-se a Honor nos controles. O pai dela lhe ensinara a dar a partida ao motor e a usar o timão. Mas isso fora há anos. Miraculosamente, ela se lembrou dos vários passos e, quando o motor deu sinais de vida, ela não sabia quem ficara mais espantado, se Coburn ou ela.

Ele perguntou sobre o combustível. Ela checkou o medidor.

– Estamos bem. Papai havia preparado o barco para um furacão. Mas os outros medidores... – Ela olhou para ele, em dúvida. – Não sei para que servem.

Ele abriu uma carta náutica amarelada sobre o painel de controle.

– Você sabe onde estamos?

Ela apontou para a localização.

– Mais ou menos por aqui. Se você seguir para o sul, na direção do litoral, nós ficaremos mais expostos. Por outro lado, um barco camaroneiro numa marina, ao lado de outros, não chamaria tanta atenção. Quanto mais para o interior, mais estreitos são os braços de rio. A cobertura de árvores é maior. As águas também são mais rasas.

– Como provavelmente vamos precisar baldear água do barco, eu voto por águas rasas. Vamos seguir até onde der.

Ele traçou o progresso na carta. Eles seguiram morosamente por cerca de oito quilômetros, atravessando braços de rio tortuosos, antes de o motor começar a tossir. A água foi ficando espessa de plantas. Diversas vezes, Honor quase abalroou tocos de ciprestes que sobressaíam da superfície opaca.

Coburn cutucou o cotovelo dela.

– Ali. É um lugar tão bom quanto qualquer outro.

Honor dirigiu o barco para mais perto da margem pantanosa, onde um denso bosque de ciprestes lhes daria uma cobertura parcial. Coburn lançou a âncora. Ela cortou o motor e olhou para ele, à espera de instruções adicionais.

– Procurem se acomodar.

– O quê? – exclamou ela.

Ele dobrou o mapa e meteu-o no bolso da calça jeans, em seguida checkou a pistola e colocou-a no painel de instrumentos, bem fora do alcance de Emily.

– Vou levar a 357 de Hawkins. Você fica com essa aí. Está pronta para disparar. Tudo que você precisa fazer é apontar e puxar o gatilho.

– O que é que você está fazendo?

Antes que ela tivesse até mesmo tempo de perguntar, ele já saíra da casa do leme. Quando ela chegou ao tombadilho, ele já estava baixando o corpo pelo lado da embarcação, entrando na água que dava pelo joelho.

– Coburn!

– Não posso deixar a picape lá. – Ele hesitou, depois, praguejando baixinho, tirou do bolso o telefone celular dela e a bateria. – Acho que devo deixar um telefone com você. Apenas no caso de acontecer alguma coisa comigo. Mas eu confio que você não vai usar isso. Se precisar chamar alguém, ligue para o 911. E apenas para o 911. – Ele entregou a ela as duas peças.

– Como é que você...

– Sorte nossa, o seu telefone é de um modelo antigo. É mais fácil de manusear do que os modelos mais novos. – Ele tirou a tampa de trás do aparelho e mostrou como recolocar a bateria. – Alinhe as barras douradas e enfie a bateria no lugar. Emily consegue fazer isso. – Os olhos dele encontraram os dela. – Mas...

– Prometo que não telefono, a menos que você não volte.

Ele balançou a cabeça uma vez e depois se virou e foi se afastando do barco.

Seguiu patinando até alcançar solo firme, e desapareceu entre a vegetação rasteira.

Diego fazia compras em um supermercado mexicano quando seu celular vibrou de novo. Ele saiu da loja para atender. – Você está pronto para mim?

– Estou – disse o Contador. – Quero que você vigie uma pessoa durante os dois próximos dias.

– O quê? Vigiar alguém?

– Não foi isso que eu disse?

– E Coburn?

– Faça simplesmente o que eu estou mandando, Diego. O nome dele é Bonnell Wallace.

Que importava que diabo de nome era o dele? Não era Coburn. Antes que pudesse fazer qualquer objeção, Diego recebeu dois endereços, um, de um banco na rua Canal, o outro, de uma residência no bairro Garden. Não lhe foi explicado por que era preciso vigiar esse homem, e, na realidade, ele não dava a mínima para isso. Era uma merda de serviço.

Mostrando tédio exagerado, ele perguntou:

– Você quer que ele saiba que está sendo vigiado?

– Ainda não. Eu avisarei quando for preciso dar outro passo. *Se* isso for necessário.

– Muito bem. – Seu tom arrogante não escapou aos ouvidos do Contador.

– Estou cerceando você em algum aspecto, Diego?

Está sim, pensou ele. *Está me deixando de fora de um serviço que pague muito*. Em vez disso, ele pôs o Contador na defensiva.

– Eu ainda não fui pago pela garota da casa de massagens.

– Não tenho provas de que ela está morta.

– O quê, você quer que eu mande para você a cabeça dela numa caixa, como fazem aqueles abutres do México?

– Não precisa ir tão longe. Mas eu ainda não vi nada nos noticiários sobre a descoberta de um corpo.

– Não vai sair nada. Eu providenciei para que isso não acontecesse.

– Mas você não me deu nenhum detalhe.

– Como o quê, por exemplo?

– Quando você a seguiu, havia alguém com ela?

– Não. Ela estava caçando convencionais ali no embarcadouro do rio.

– Caminhando ao luar.

– Que seja.

– Ela estava sozinha? Nenhum cafetão? Alguém ajudou a garota a fugir. Ela não teria coragem de fugir sozinha.

– Tudo que sei é que ela estava sozinha quando a encontrei. Não havia nenhum cafetão, ou ela estaria faturando mais – disse ele, dando uma risadinha. – Ela caiu fácil. Contratei um boquete por dez dólares, depois levei ela para debaixo de umas vigas e cortei a garganta dela. Por segurança, abri a barriga dela, enchi de pedras, e joguei o corpo no rio. Se o cadáver vier à tona algum dia, não vai parecer mais com ela.

Referir-se a Isobel naqueles termos fez com que ele se encolhesse, mas precisava manter as aparências. O riso e a petulância eram falsos, mas ele precisava que o Contador acreditasse nele.

O Contador manteve Diego na linha, em silêncio, por intermináveis segundos, antes de falar:

– Está bem. Você pode pegar seu dinheiro amanhã. Onde você quer que ele seja deixado?

Os pagamentos vinham na forma de um envelope com dinheiro vivo, deixados para ele em um ponto designado, que mudava a cada vez. Ele deu ao Contador a localização de uma loja de lavagem de roupas a seco que estava abandonada desde a passagem do Katrina.

– Há uma velha caixa registradora no balcão. Mande deixar o dinheiro na gaveta.

– Estará lá. Nesse meio-tempo, me mantenha informado sobre Bonnell Wallace. Quero saber qualquer coisa que ele faça e que não seja parte de sua rotina diária.

– Ah, grande serviço esse, porra. – Antes que o Contador reagisse ao deboche, Diego desligou e voltou para a loja. Pegou outro carrinho de compras e começou de novo. Ele nunca deixava nada sem vigiar, temendo que plantassem um dispositivo de escuta ou coisa pior.

E, por mais atraente que um envelope com quinhentos dólares fosse, ele não o pegaria senão dali a alguns dias. Primeiro, ele observaria o prédio da lavanderia para se certificar de que não estavam montando uma armadilha para ele. O Contador talvez não confiasse nele inteiramente. Mas ele não confiava, absolutamente, no Contador.

Chovia na hora em que ele saiu da loja com suas compras e um presunto de lata que furtara. Sem ligar para o tempo ruim, ele fez um itinerário comprido e tortuoso para casa, olhando por cima do ombro com frequência e se aproximando de esquinas cegas com a navalha na mão.

Isobel saudou-o com um sorriso gentil e uma toalha seca. O constrangimento dela em relação a ele diminuía um pouco a cada dia. Ela estava começando a confiar nele, a acreditar que ele não ia machucá-la ou fazê-la vender o corpo.

Ele deixara de tocá-la. Também não confiava em si mesmo, até mesmo para tocá-la no rosto, nem quando a visão dela fazia derreter seu coração, mas também fazia seu pau ficar duro de desejo.

À noite, ela agarrava o crucifixo de prata na mão pequena e chorava para dormir. Acordava gritando, com pesadelos. Quando lhe vinham lembranças ruins, ela chorava durante longos períodos, cobrindo o rosto e gemendo, envergonhada por ter tido relações sexuais com centenas de homens.

Mas, para Diego, ela era pura, boa, inocente. Era ele que era mau, ele que se manchara com uma crueldade que nunca poderia apagar. Seu toque a teria manchado e lhe deixado uma cicatriz na alma. Portanto, ele se continha e a amava apenas com os olhos e o coração transbordante de felicidade.

Ele esvaziou as sacolas com as compras. Dividiram um pote de sorvete. Ele ligou seu iPod, e juraria que a música soava melhor porque ela estava ali para compartilhar aquilo com ele. Ela ria como uma criança quando o peixinho dourado soprava beijos de dentro do aquário de vidro.

Pensava nela como um anjo, que enchera seu quarto subterrâneo com uma essência tão brilhante e clara como a luz do sol. Ele desfrutava dessa luz e relutava em deixá-la.

A estúpida missão do Contador poderia esperar por uma ou duas horas.

Honor estava sentada no catre ao lado da filha adormecida, ouvindo a chuva cair e seus próprios batimentos cardíacos, quando ouviu um baque surdo e a vibração acompanhando o som. Tirou a pistola de sob o colchão e segurou-a à frente, enquanto subia os degraus e espreitava pela abertura.

– Sou eu – disse Coburn.

Com profundo alívio, ela abaixou a mão com a arma e a colocou ao lado do corpo.

– Eu quase estava desistindo de você.

– A picape estava longe, principalmente caminhando por terra. Quando cheguei lá, já escurecia e chovia muito. Depois, precisei encontrar a estrada. Só havia rotas fluviais no mapa. Finalmente encontrei uma estrada de cascalho que passa a uns quatrocentos metros daqui.

Para Honor, era até mesmo um milagre que ele tivesse encontrado o caminho de volta.

– Está tudo bem? – perguntou ele.

– Emily queria esperar até que você voltasse, mas nós jantamos e depois ela brincou um pouco com Elmo. Eu comecei a lhe contar uma história e ela caiu no sono.

– Provavelmente é melhor assim.

– É. Ela ficaria com medo do escuro, e eu não quis acender a lanterna. Embora eu tenha pensado em colocar uma luz no tombadilho para você poder encontrar o caminho de volta. Eu estava com medo de que você não nos encontrasse no escuro. Você me deixou poucas instruções antes de partir.

Se notou a censura implícita, ele a ignorou.

– Você fez bem.

Os olhos dela já haviam se ajustado à escuridão, e agora ela podia distingui-lo bem. As roupas dele estavam encharcadas, o cabelo colado na cabeça.

– Volto já – disse ela.

Ela desceu os degraus, recolocou a pistola embaixo do colchão, pegou alguns objetos e voltou para a casa do leme. Primeiro, entregou a ele uma garrafa de água. Ele agradeceu, abriu e bebeu tudo.

– Eu encontrei isso aqui – disse ela, entregando-lhe uma calça cáqui e uma camiseta. – Estavam num dos compartimentos de bagagem. A calça vai ficar curta, e essas peças estão cheirando a mofo.

– Não tem importância. Estão secas. – Ele tirou a camiseta LSU de Eddie e a substituiu pela outra, que pertencera ao pai dela, e depois começou a desabotoar a calça.

Ela virou de costas e perguntou:

– Você está com fome?

– Estou.

Honor desceu os degraus de volta e acendeu a lanterna, apenas o tempo necessário para localizar a comida que separara para ele. Quando voltou à casa do leme, ele já

mudara a calça. Ela colocou a comida no console.

- Você esqueceu o abridor de lata.
- As latas têm puxador.
- Não o abacaxi. E logo o que Emily queria.
- Desculpe.

– Eu encontrei um abridor de latas numa gaveta debaixo do forno. Está enferrujado, de modo que podemos nos envenenar, mas ela comeu o abacaxi.

Usando os dedos, ele comeu a carne de peito de frango enlatada, fatias de abacaxi e biscoitos salgados. Arrematou a comida com outra garrafa de água que Honor pegara lá embaixo. Ela também trouxera um pacote de biscoitos doces para saciar o apetite dele por coisas doces, que ela já notara.

Ele estava sentado no chão, as costas apoiadas no console. Ela, na cadeira do capitão que mostrava as marcas do tempo, como tudo no barco.

O silêncio só era quebrado pelo martelar da chuva e o ruído dos biscoitos sendo mastigados.

- Está chovendo mais forte do que antes – observou ela.
- Hum, hum.
- Pelo menos, a chuva afasta os mosquitos.

Ele coçou um ponto no antebraço.

- Nem todos. – Pegou outro biscoito do pacote e mordeu metade.
- Será que eles vão nos encontrar?

– Vão. – Notando que sua resposta direta a espantara, ele disse: – É só uma questão de tempo, dependendo em grande parte de quando Hamilton puser todo o aparato da polícia para funcionar. Provavelmente, ele já fez isso.

- Se eles nos encontrarem...
- Quando.
- *Quando* ele nos encontrarem, você vai... – Ela procurou pela palavra.
- Me entregar sem resistência?

Ela balançou a cabeça. Ele respondeu.

- Não, não vou.

– Por quê?

– Como eu disse a Hamilton, não vou desistir enquanto não pegar esse filho da puta.

- O Contador.
- Não se trata mais de uma missão. É um contra um, eu contra ele.
- Como isso funcionava, exatamente? O negócio entre ele e Marset?

– Bem, vamos ver. Aqui está um exemplo. Cada vez que um caminhão passa de um estado para outro, ele precisa parar numa balança de estrada. Você já viu esses braços que se estendem sobre a rodovia perto das divisas entre os estados?

Ela abanou a cabeça. – Eu não costumo cruzar as divisas estaduais, mas, de qualquer modo, não. Nunca notei.

– A maioria das pessoas não nota. Eles parecem postes de luz. Mas na realidade são máquinas de raios X que escaneiam os caminhões e as cargas, que são constantemente monitorados. Quando os agentes veem um caminhão que parece suspeito, ou que não parou na balança, eles fazem o veículo parar para ser revistado.

– A menos que a pessoa que está monitorando a operação pertença ao esquema e deixe o caminhão passar.

– Bingo! O Contador criou um mercado fazendo exatamente isso. Sua estratégia de negócios era subornar os agentes da lei, transformando-a numa piada. Um traficante de pessoas paga pela proteção e considera isso um custo a ser levado em conta no negócio.

– Sam Marset era um...?

– Cliente. Acho que um dos primeiros, se não o primeiro.

– Como isso aconteceu?

– Juntamente com seus negócios honestos. Marset estava fazendo um ativo comércio de mercadorias ilegais. Como ele tinha uma firma legalizada, ninguém suspeitava. Então, seus caminhões começaram a ser parados com frequência, os motoristas, interrogados. O aumento da vigilância foi o bastante para ele ficar amedrontado. Acima de tudo, o dignitário da ordem de São Bonifácio não queria ser pego. É aí que entra o Contador com uma solução para seu problema. – Coburn sorriu. – A coisa é que foi o Contador que criou o problema.

– Orquestrando as revistas.

– E Marset provavelmente sabia disso. Mas se o Contador podia pôr areia na sua engrenagem, ele podia providenciar para que isso não acontecesse mais. Ou ele pagava ao Contador pela proteção, ou arriscava ser pego com um carregamento de drogas. Acabara a moleza, tal como ele vinha tendo.

– Outros seriam forçados a fazer o mesmo.

– E fizeram. Agora o Contador tem uma base de clientes ampla. Algumas operações comerciais são grandes, como as de Marset. Outros clientes são esporádicos, independentes. Gente desempregada devido ao vazamento de óleo, que tem picape e filhos para alimentar. Eles vão no veículo até o sul do Texas, carregam uma pequena

quantidade de maconha e a levam para Nova Orleans, e seus filhos comem por mais uma semana.

– Eles estão violando a lei, mas o pior criminoso é o indivíduo que está dando a eles oportunidade de se tornarem criminosos. Os contrabandistas correm um risco muito maior de serem pegos e, quando são, eles não podem denunciar o facilitador, porque raramente sabem quem ele é. Só conhecem a pessoa de contato, e sabem que esse indivíduo ocupa um lugar baixo na hierarquia.

– Se Marset era um freguês tão bom, por que foi morto? Você mencionou alguma coisa para Hamilton sobre ele ter reclamado.

– As coisas correram bem durante algum tempo. O acordo funcionava. Então o Contador começou a ficar ganancioso, passou a aumentar sua comissão pelos serviços fornecidos. Marset não precisava de uma bola de cristal para lhe contar que, sem um limite, o custo continuaria a subir e logo uma larga fatia de seus lucros se destinaria a pagar o Contador. Mas se ele se recusasse a pagar...

– Ele seria pego, exposto e mandado para a prisão.

– Certo. E o Contador podia fazer com que isso acontecesse, porque seus tentáculos penetram em todo o sistema judiciário. Portanto Marset, sempre um diplomata e um pouco ingênuo como mostrou ser, propôs que eles se encontrassem na noite de domingo passado, e estabeleceriam os termos de um acordo que satisfizesse a ambos.

– Você percebeu a traição.

– O Contador é um Mágico de Oz excêntrico. Eu não o vejo entrando naquele armazém, apertando mãos e negociando.

– Marset conhecia a identidade dele?

– Se conhecia, ele morreu sem dizer quem era. Eu examinei seus arquivos, li cada pedaço de papel nos quais pude pôr as mãos, inclusive aquele com o nome de seu marido.

– Certamente você não suspeita que Eddie fosse o Contador?

– Não. O Contador está vivo e bem de saúde.

– Como é que você acha que Eddie se encaixa nisso?

– Você disse que ele trabalhava para Marset nas horas de folga. Talvez ele estivesse do lado ilegal do negócio. Ou talvez ele fosse um policial corrupto na folha de pagamento do Contador. Talvez estivesse jogando dos dois lados ou esperando dar uma boa tacada. Talvez ele estivesse fazendo chantagem. Não sei.

Ela ficou olhando fixo para ele até que, com um traço de relutância, ele acrescentou:

– Ou ele era um policial tentando reunir provas contra um deles, ou contra ambos. Mas honesto ou não, ele teria tentado proteger-se, reunindo provas concretas que poderia usar para que fim fosse.

Honor continuava firme na sua confiança quanto à integridade de Eddie, mas no momento ela deixou o assunto morrer.

– Companhia de Transportes Royale. Todos os empregados são desonestos?

– Absolutamente. Aqueles seis que morreram com Marset, sim. Ele tinha um conjunto separado de livros que somente ele e um outro cara viam. O pessoal administrativo e até mesmo membros de sua própria família não sabiam de suas atividades escusas.

– Como é possível que não soubessem?

Ele deu de ombros.

– Talvez não tenham olhado com mais cuidado. Não queriam fazer isso. Tudo que sabiam é que o negócio ia muitíssimo bem numa economia fraca.

– Então, eles ficarão bem? A esposa dele?

– Em termos de ser processados, sim. Não será fácil para ela quando a verdade sobre o marido vier à tona.

Honor puxou os pés até a borda da cadeira, enlaçou as pernas com os braços, e apoiou o queixo nos joelhos. E disse, em voz baixa:

– Eles vão acabar com você.

Ele deu mais uma mordida no biscoito, permanecendo calado. Ela prosseguiu.

– Doral ou um dos membros do clã dos Hawkins. Até mesmo os policiais honestos que só têm em mente que você é o assassino de Sam Marset vão preferir pegar você morto a deixá-lo vivo.

– Hamilton já disse a todo mundo que eu já estou morto. Fico imaginando como é que ele vai se sair dessa enrascada.

– Como é que você pode fazer graça com isso? Não se preocupa com o fato de que eles querem dar cabo da sua vida?

– Particularmente, não.

– Você não pensa na possibilidade de morrer?

– Eu estou até surpreso que isso ainda não tenha acontecido.

Honor arrancou uma cutícula que se soltara quando ela trabalhava no barco.

– Você sabe como fazer as coisas. – Ela lançou-lhe um olhar. Ele estava olhando para ela, curioso. – Coisas de sobrevivência. Um monte de coisas.

– Não sei fazer cupcakes.

Pela primeira vez desde que ela o encontrara caído de bruços no seu quintal, ele brincava com ela, mas ela não queria deixar que isso a distraísse.

– Você aprendeu todas essas coisas no Corpo de Fuzileiros Navais?

– A maioria delas.

Ela esperou, mas ele não continuou falando no assunto. – Você é um tipo de fuzileiro naval diferente do meu sogro.

– Ele é um recrutador de candidatos?

– Exatamente.

– Então, sim, sou diferente. O tipo de fuzileiro que eu era não tinha formatura. Eu tinha um uniforme, mas não o usei senão umas poucas vezes. Não batia continência para os oficiais, e ninguém batia continência para mim.

– Então, o que você *fazia*?

– Matava pessoas.

Ela já suspeitava disso. Ela até mesmo se iludira, pensando que poderia ouvi-lo dizer isso sem piscar. Mas as palavras dele soaram como pequenos golpes no peito, e ela ficou com medo de que esses golpes se tornassem mais fortes se continuasse ouvindo, de modo que não levou o assunto adiante.

Ele terminou de comer o último biscoito e sacudiu as migalhas das mãos.

– Precisamos trabalhar.

– Trabalhar? – Ela estava tão exausta que todo o seu corpo doía. Achou que, se fechasse os olhos, iria cair no sono onde estava sentada. Colchões manchados ou não, ela ansiava por deitar ao lado de Emily e dormir.

– Que trabalho?

– Nós vamos repassar a coisa toda de novo.

– Repassar o quê?

– A vida de Eddie.

Capítulo 26

Diego se aproximou da propriedade encoberto pela escuridão, a chuva e um conjunto de arbustos densos aparados como esculturas. A casa de Bonnell Wallace era uma das imponentes mansões na avenida St. Charles.

Do ponto de vista de um intruso, aquela era uma merda de fortaleza.

Tinha sido instalada iluminação paisagística para dar realce às coisas. O risco que aquilo representava era mínimo. Diego viu cem modos de evitar aquele luar artificial.

Problemáticos, no entanto, eram os refletores que se projetavam do nível do chão até os muros exteriores, banhando-os com milhares de watts de luz. Uma sombra lançada por aquela luz teria dez metros de altura e a aparência de uma mancha de tinta num tijolo branco rebrilhante.

Ele examinou o gramado aparado com perfeição e o carro de oitenta mil dólares estacionado na entrada circular, e avaliou que a qualidade do sistema de segurança também seria a melhor que o dinheiro podia comprar. Haveria contatos de última geração em cada porta e janela, com detetores de movimento e de quebra de vidraças em cada aposento e, com toda a probabilidade, um feixe invisível em torno do perímetro da propriedade que, se interrompido, ativaria um alarme silencioso de modo que, quando o intruso chegasse à casa, a polícia já estaria cercando o local.

Esses obstáculos não tornavam a invasão impossível, mas apresentavam dificuldades que Diego preferia evitar.

Pelas janelas da frente, ele podia ver um aposento que parecia um estúdio. Um homem corpulento, de meia-idade, estava sentado numa cadeira grande, os pés repousando num pequeno sofá, falando ao telefone e dando pequenos e frequentes goles num copo que mantinha perto da mão. Parecia relaxado, despreocupado com o fato de que a sala iluminada era uma verdadeira vitrine e podia ser vista da rua.

Aquilo era uma declaração de que o sr. Wallace se sentia seguro.

Naquela vizinhança, alguém que parecesse com Diego levantaria imediata suspeita. Ele tinha confiança na sua habilidade para se tornar invisível quando necessário, mas, mesmo assim, mantinha um olho atento para carros-patrolha e vizinhos bisbilhoteiros passeando com seus cachorros. Uma chuvinha fina entrava por seu colarinho, escorrendo pelas costas, mas ele não prestava atenção nisso. Ficou agachado, apenas os olhos se movendo enquanto esquadrihava periodicamente os arredores.

Observava e esperava que alguma coisa acontecesse. Nada aconteceu, exceto pelo fato de que o sr. Wallace trocou o telefone por uma revista, que o manteve atento por quase uma hora. Depois, engoliu o restante de seu drinque, apagou a luz e saiu da sala. Acendeu-se uma luz no segundo andar, permanecendo assim por menos de dez minutos. Em seguida, também se apagou.

Diego ficou onde estava, mas transcorrida mais uma hora, quando ficou evidente para ele que Wallace fora dormir, decidiu que seu tempo seria mais bem aproveitado em outro lugar. Retomaria a vigilância pela manhã. O Contador não saberia.

Ele se esgueirou para fora de seu esconderijo e caminhou alguns quarteirões até uma área comercial, onde diversos bares e restaurantes ainda estavam abertos. Percebeu um carro num estacionamento escuro, sem guardadores, e o usou para levá-lo até pouco menos de dois quilômetros de sua casa. Deixou o veículo ali e saiu andando, sabendo que dentro de minutos predadores urbanos atacariam, levando até as rodas.

Fez o resto do percurso a pé e entrou no seu prédio sem acender uma luz. Não fez qualquer ruído ao entrar em seus aposentos, no subsolo. Para variar, Isobel dormia sem ter pesadelos. O rosto dela demonstrava paz.

Diego não estava em paz e não dormiu.

Ficou ali sentado, olhando para o rosto sereno de Isobel e tentando imaginar por que o Contador confiara a alguém com o talento dele um serviço tipo Mickey Mouse, como “vigiar” Bonnell Wallace.

– Não sei.

A voz de Honor ficara áspera de tanto repetir aquelas palavras. Por duas horas Coburn, que aparentemente nunca ficava cansado, estivera martelando com perguntas sobre a vida de Eddie, recuando até os primeiros anos da adolescência.

– Nessa época eu nem sequer conhecia Eddie – argumentou ela, cansada.

– Você foi criada aqui. E ele também.

– Ele estava três séries na minha frente. Nós não nos demos conta um do outro até que ele estivesse na última série do curso secundário. Eu estava na primeira.

Ele queria saber sobre cada aspecto da vida de Eddie. – Quando é que a mãe dele morreu? Como é que ela morreu? Tinha ela uma família com quem ele se desse bem?

– Em 1998. Ela fazia quimioterapia por causa de um câncer de mama. O sistema imunológico dela se enfraqueceu com os tratamentos, e ela morreu de pneumonia. E tinha uma irmã viva, tia de Eddie.

– Onde é que ela mora?

– Não mora. Morreu em 2002, acho eu. O que ela, ou qualquer dessas coisas, tem a ver com o que você está procurando?

– Ele deixou alguma coisa com alguém. Pôs alguma coisa em algum lugar. Um arquivo. Um livro-registro. Diário. Chave.

– Coburn, nós já repassamos isso. Se essa tal coisa existe, eu não sei o que é, muito menos onde procurar por ela. Estou cansada. Por favor, não podemos esperar até amanhã de manhã e então recomeçar?

– Podemos estar mortos amanhã de manhã.

– É isso mesmo, eu posso morrer de exaustão. E, nesse caso, de que adiantaria?

Ele passou a mão pela metade inferior do próprio rosto. Fixou o olhar nela por bastante tempo, um olhar duro, perfurando a escuridão, e ela pensou que ele estava prestes a desistir, quando ele disse:

– Você ou seu pai. Um de vocês dois tem essa coisa.

– Por que não um outro policial? Fred ou Doral? Além de Stan e eu. Eddie era muito chegado aos gêmeos.

– Porque, o que quer que seja essa coisa, certamente compromete os dois. Se eles a tivessem, eles a teriam destruído. Não teriam ficado rodeando você durante dois anos.

– Esperando que eu apresentasse a coisa?

– Ou então apenas se certificando de que você nunca o fizesse. – Enquanto pensava, ele socava a palma da mão com o outro punho fechado. – Quem determinou que o desastre com o carro de Eddie fora um acidente?

– O policial investigador.

Ele parou o movimento das mãos.

– Deixe eu adivinhar. Fred Hawkins.

– Não. Outro policial. Ele estava perto do local. Eddie já estava morto quando ele chegou.

– Qual é o nome desse policial?

– Por quê?

– Eu gostaria de saber como aconteceu ele estar perto do local do acidente.

Honor levantou-se rapidamente e saiu do tombadilho, mas ficou perto da parede exterior da casa do leme de modo que a pequena projeção do telhado a protegia da chuva.

Coburn seguiu-a. – O que houve?

– Nada. Preciso de ar.

– Que nada. O que houve?

Ela ficou prostrada contra a parede, cansada demais para discutir com ele.

– O policial que investigou o desastre com o carro de Eddie foi encontrado boiando num braço de rio, umas poucas semanas depois. Fora esfaqueado.

– Suspeitos?

– Não.

– Caso de homicídio não resolvido.

– Acho que sim. Nunca mais ouvi falar disso.

– São uns completos filhos da puta, não são? – Ele ficou ombro a ombro com ela, olhando para a chuva. – O que gostava de fazer? Boliche? Golfe? O quê?

– Tudo isso. Era um bom atleta. Gostava de caçar e pescar. Eu já disse isso a você.

– Onde está o equipamento de pesca e caça dele?

– Na casa de Stan.

– Saco de tacos de golfe?

– Na casa de Stan. E estão também lá sua bola de boliche e o conjunto de arco e flecha que ele ganhou quando fez doze anos. – Ela disse aquilo com aspereza, mas ele balançou a cabeça, pensativo.

– Mais cedo ou mais tarde, eu vou fazer uma visita a Stan. – Antes que ela pudesse comentar o que ele dissera, ele pediu que ela descrevesse Eddie.

– Você viu a foto dele.

– Quero dizer, a personalidade. Ele era sério e estudioso? Despreocupado? Mal-humorado? Engraçado?

– Temperamento calmo. Consciencioso. Sério, quando precisava, mas gostava de se divertir. Adorava contar piadas. Gostava de dançar.

– Gostava de fazer amor.

Ela calculou que ele estava tentando irritá-la, mas não lhe daria essa satisfação. Olhando-o direto nos olhos, ela disse: – Muito.

– Ele era fiel a você?

– Era.

– Tem certeza?

- Absoluta.
- Você não pode ter certeza.
- Ele era fiel.
- Você era?

Ela lançou um olhar mortal para ele.

Ele deu de ombros.

- Está bem, então vocês eram fiéis um ao outro.
- Nós éramos bem casados. Eu não guardava segredos, e Eddie também não.
- Ele guardou um. – Ele fez uma pausa a fim de dar peso à afirmação, depois abaixou a voz num sussurro. – Todo mundo tem segredos, Honor.

- Ah, realmente? Me conte um dos seus.

Um canto da boca de Coburn se levantou. – Todo mundo menos eu. Não tenho nenhum segredo.

- É absurdo dizer isso. Você é todo cheio de segredos.

Ele cruzou os braços sobre o peito. – Pergunte.

- Onde você foi criado?

- Idaho. Perto da divisa com Wyoming. À sombra dos montes Tetons.

Aquilo a surpreendeu. Ela não sabia o que esperar, mas não aquilo. Ele não parecia o tipo de homem criado nas montanhas. É claro, ele poderia muito bem estar mentindo, inventando um passado improvável para proteger o fato de estar infiltrado. Mas continuou: – O que seu pai fazia?

- Bebia. Principalmente. Quando trabalhava, era como mecânico numa revendedora de automóveis. No inverno, dirigia um veículo limpa-neve.

- Ele já morreu?

- Há anos.

Ela olhou para ele de modo inquisitivo. Ele ficou sem responder a essa pergunta silenciosa durante tanto tempo que ela achou que não responderia.

Finalmente ele disse:

- Nós tínhamos um cavalo velho que ele mantinha no curral atrás da casa. Dei um nome a ele, mas nunca ouvi meu velho chamar o cavalo de nada. Raramente montava no animal. Raramente o *alimentava*. Mas um dia ele encilhou o bicho e foi embora. O cavalo voltou. Ele não. Nunca acharam o corpo dele. É claro, não procuraram muito.

Honor ficou imaginando se a amargura na voz dele era dirigida a seu pai alcoólatra ou aos homens que desistiram de encontrar o corpo.

- Meu pai tinha montado naquele cavalo até quase o bicho morrer, de modo que eu dei um tiro nele. – Ele dobrou os braços e deixou-os cair ao lado do corpo. Ficou

mirando a chuva com o olhar vago. – Não foi uma grande perda. Não era um grande cavalo.

Honor deixou passar um minuto, então, perguntou sobre a mãe de Coburn.

– Ela era franco-canadense. Impetuosa por natureza. Quando irritada, começava a falar francês, que ela nunca se preocupou em me ensinar, de modo que metade do tempo eu não entendia o que ela estava gritando para mim. Nada de bom, tenho certeza.

“De qualquer modo, eu e ela seguimos caminhos diferentes quando terminei o segundo grau. Frequentei a faculdade durante dois anos, decidi que aquilo não me servia, e entrei para os Fuzileiros Navais. Na minha primeira missão no exterior, eu recebi a notícia de que ela morreria. Segui de avião para Idaho. Providenciei o enterro. Fim da história.”

– Irmãos ou irmãs?

– Não.

A expressão facial dele era tão desprovida de emoção como sua vida fora desprovida de amor, vindo de qualquer fonte.

– Nada de primos, tias, tios, ninguém – disse ele. – Quando eu morrer, nem o toque de silêncio vão tocar. Não haverá a salva de 21 fuzis, e não haverá ninguém lá para dobrar a bandeira. Vou apenas virar história, e ninguém vai ligar a mínima. Especialmente eu.

– Como é que você pode dizer uma coisa dessas?

Ele virou a cabeça na direção dela, mostrando surpresa.

– Por que isso faz você ficar tão zangada?

Agora, que ele perguntara, ela percebeu que estava zangada.

– Eu quero mesmo saber como alguém, qualquer pessoa, pode ser tão indiferente falando da própria morte. Você não dá o menor valor à vida?

– Não, na realidade não.

– Por que não?

– Por que você se importa com isso?

– Você é um ser humano, como eu.

– Ah. Você se importa com a humanidade em geral, não é isso?

– É claro.

– Ah, é? – Ele virou o restante do corpo na direção dela, até que apenas seu ombro direito estava encostado na parede da casa do leme. – Por que você não pediu a ele para vir buscá-la?

Ela não acompanhou a mudança de assunto que ele fizera. – O quê?

– Hamilton. Por que você não disse a ele onde você estava, para que pudesse ser resgatada por alguém que ele mandasse?

Ela respirou fundo.

– Porque, depois do que vi e ouvi durante o último dia e meio, eu não sei em quem confiar. Eu imagino que você pode dizer que eu escolhi o diabo que conheço. – Ela disse isso como piada, mas ele não abriu um sorriso.

Ele se inclinou uns centímetros na direção dela. – Por que mais?

– Se eu tenho alguma coisa que vá condenar o Contador, então eu devo ajudar você a encontrar essa coisa.

– Ah. Dever patriótico.

– Pode dizer que sim.

– Humm.

Ele chegou ainda mais perto, sua proximidade fazendo-a consciente das batidas de seu próprio coração que haviam ficado mais fortes e rápidas.

– E... e por causa... do que eu já contei a você.

Ele deu a volta até que ficou bem em frente a ela, aparentemente sem notar a chuva que o molhava.

– Diga de novo.

A garganta dela estava apertada, e não apenas porque ela precisava inclinar a cabeça para trás a fim de olhar diretamente para o rosto dele.

– Por causa de Eddie.

– Para preservar a reputação dele.

– Isso mesmo.

– É por isso que você está aqui comigo?

– É.

– Acho que não.

E então, ele encostou com força o corpo nela. Primeiro suas coxas, depois o meio, o peito, e finalmente a boca. Ela fez um som como um gemido, mas a definição desse som era incerta até mesmo para ela, até que ela percebeu que seus braços o haviam enlaçado, instintivamente, e que ela agarrava as costas dele, os ombros, as mãos dela inquietas e ansiosas para tocá-lo.

Ele a beijou com a boca aberta e, quando retribuiu o beijo, ela sentiu o ruído surdo que vibrava dentro do peito dele. Era o tipo de som faminto que ela não ouvia havia muito tempo. Masculino e carnal, aquele som a fez vibrar e ficar excitada.

Ele segurou a nuca de Honor com sua mão grande. Meteu sua própria coxa entre as coxas dela e esfregou-a contra ela, continuando a beijá-la como se quisesse sugar o

ar dela. Ela se deleitava com cada sensação emocionante.

Ele deixou de beijá-la apenas para encostar a boca quente na base do pescoço dela. Ousada e possessivamente, a mão dele cobriu o seio dela, apertou-o, ajeitou-se para acomodá-lo na palma, sentiu o mamilo endurecido e deixou escapar um assobio de prazer.

E aquilo fez com que Honor voltasse a si.

– O que estou fazendo? – arquejou ela. – Não posso fazer isso. – Ela empurrou-o para trás. Ele ficou ali, parado, indiferente ao batimento torrencial na própria cabeça e nos ombros, o peito subindo e descendo rapidamente, enquanto olhava para ela na penumbra.

– Desculpe – disse ela, com a maior convicção de alma. Mas será que estava arrependida por causa dele ou dela própria? Arrependida por ter deixado a coisa acontecer, ou arrependida por tê-la interrompido?

Ela não sabia, e não se permitiu discutir a questão. Atravessou a porta da casa de leme correndo, desceu os degraus e entrou na cabine.

Emily acordou, sentou-se e olhou em volta.

Ainda estava meio escuro, mas ela podia enxergar, e não ficou com medo. Mamãe estava ali, deitada ao lado dela, no colchão fedorento. Coburn estava no outro colchão. Ambos dormiam.

Sua mãe estava deitada de lado, as mãos debaixo da maçã do rosto. Os joelhos dela estavam encolhidos, quase que tocando a barriga. Se os olhos estivessem abertos, ela estaria olhando para Coburn. Ele estava deitado de costas, uma das mãos descansando no estômago. A outra pendia ao lado da cama, os dedos quase tocando o joelho de Honor.

Emily abraçou Elmo com força contra o corpo e foi puxando seu cobertorzinho enquanto se arrastava para a ponta da cama e descia dela. Não devia andar descalça no chão por causa da sujeira. A mãe dissera isso. Mas ela não queria se sentar no chão para calçar as sandálias, então subiu os degraus pé ante pé e olhou para dentro do quarto onde estavam todas aquelas coisas engraçadas.

Sua mãe a sentara na cadeira desengonçada e lhe contara que costumava ser a cadeira do vovô, e que ele a fazia sentar-se no seu colo enquanto pilotava o barco. Mas ela era um bebê, de modo que não se lembrava disso, mas gostaria de se lembrar. Pilotar um barco devia ser divertido.

Sua mãe precisara pilotar a embarcação ontem, mas quando ela perguntou a Coburn se podia fazer aquilo também, ele disse não porque eles estavam com pressa e

ele tinha coisas melhores a fazer do que ficar distraído uma criança. Mas depois ele disse talvez, depois, nós veremos.

Coburn lhe dissera para não chegar muito perto das janelas quebradas porque o vidro poderia machucá-la. Ela perguntara a ele por que o vidro cortava as pessoas, e ele disse não saber, só que podia cortar e que ela devia se manter longe das janelas.

Não estava mais chovendo, mas o céu parecia molhado assim como as árvores que ela podia ver.

Provavelmente, sua mãe não ia gostar se ela fosse adiante, portanto, na ponta dos pés, ela desceu de novo os degraus. A mãe não se movera, nem Coburn, exceto pelo fato de que seu estômago subia e descia quando ele respirava. Ela comprimiu o próprio estômago com a mão; também descia e subia. Então, ela viu o telefone proibido e a bateria junto do aparelho, no chão, perto da cama de Coburn.

Ontem, enquanto a mãe e Coburn estavam cortando a vegetação presa ao barco, ela perguntara se podia jogar seus joguinhos no celular da mãe. Ambos haviam respondido “Não!”, ao mesmo tempo, mas Coburn dissera aquilo mais alto do que Honor. Emily não compreendera por que eles lhe disseram não, porque às vezes, quando a mãe não estava usando o telefone, ela brincava com os joguinhos.

Mamãe não estava usando o telefone agora, de modo que provavelmente não se importaria de ela jogar um pouco.

Ela observara quando Coburn mostrou à mãe como inserir a bateria. Ela podia fazer aquilo. Coburn dissera que sim, ela seria capaz.

Ele não se moveu quando ela pegou o telefone. Ela alinhou as barras douradas da bateria e inseriu-a no lugar, exatamente como fizera Coburn, e depois ligou o telefone. Quando todas aquelas figuras bonitas apareceram na tela, ela encostou o dedo no seu jogo preferido. De todos os jogos, ela gostava mais do quebra-cabeça de armar a locomotiva.

Concentrando-se muito, ela começou com as rodas, depois acrescentou o motor e a chaminé, e todas as outras peças, até que a locomotiva ficou inteiramente pronta.

Cada vez que ela armava o quebra-cabeça, mamãe dizia como ela era inteligente. Mamãe sabia que ela era inteligente, mas Coburn, não. Ela queria que ele soubesse que ela era inteligente.

Ela subiu até a cabeceira da cama e abaixou o rosto até ficar junto do dele. – Coburn? – sussurrou ela.

Os olhos dele abriram-se de repente. Ele lançou um olhar engraçado para ela, depois olhou para onde Honor dormia, antes de voltar o olhar na direção dela.

– O que é?

– Eu armei o quebra-cabeça.

– O quê?

– O quebra-cabeça da locomotiva. No telefone de mamãe. Eu armei ele todo.

Ela levantou o aparelho para ele ver, mas achou que ele realmente não tinha olhado para o telefone, porque ele saltou da cama tão rápido que bateu a cabeça no teto.

Então ele disse um palavrão muito feio.

Capítulo 27

O auxiliar do xerife Crawford ficou surpreso ao descobrir que seu destino era um barco camaroneiro em mau estado que parecia não estar flutuando, e sim, acachapado na água.

No que diz respeito a esconderijos, aquele era um muito ruim. Primeiro, era uma embarcação sem confiabilidade, só de se olhar. Uma coisa bastante ruim. E depois, o barco estava localizado no meio de quilômetros de terreno hostil, num labirinto de braços de rio, um lugar onde era possível ficar inteiramente perdido antes de se chegar ao golfo do México, se era essa efetivamente a rota de fuga planejada.

Talvez Coburn não fosse tão esperto quanto ele pensava. Talvez estivesse ficando desesperado.

Usando apenas sinais manuais para se comunicar com os homens que o acompanhavam, eles se aproximaram do barco a pé, furtivamente e com extremo cuidado.

A equipe, funcionando a partir do centro de comando temporário no Departamento de Polícia de Tambour, consistia nele próprio, dois outros auxiliares do xerife, três policiais da cidade, dois agentes do FBI e um policial da polícia estadual, que acontecera simplesmente estar na sala com os outros, sem fazer nada, quando chegou um técnico e anunciou que estava pegando um sinal vindo do telefone de Honor Gillette.

Sua tentativa de localizar o aparelho usando a triangulação dera resultado.

Então, levou-se uma hora agonizante de discussões para determinar qual a melhor forma de se chegar àquele local isolado. Pelo ar, terra ou água? Uma vez decidido que por terra era a melhor opção, em termos de surpresa, Crawford cederia o comando ao elemento mais próximo que, tanto o Departamento de Polícia de Tambour quanto o departamento do xerife, tinham à mão: um oficial da S.W.A.T. que tivera algumas aulas sobre o assunto em suas horas de folga e às suas próprias expensas.

O homem compartilhou seus conhecimentos limitados com os outros, e resumiu a coisa dizendo: “Não façam merda, atirando na mulher ou na criança”, coisa que Crawford podia, ele mesmo, ter dito ao grupo em cinco segundos em vez de levar 35 minutos.

Eles se amontoaram em três caminhonetes oficiais e saíram dirigindo dentro do nevoeiro pelo que pareceram horas, mas na realidade foram apenas 45 minutos, até que os veículos não puderam mais progredir, nem mesmo com tração nas quatro rodas.

Além disso, Crawford não queria que sua aproximação fosse denunciada pelo ruído dos motores. Eles seguiram a pé, e agora estavam agachados entre as árvores, observando se havia sinais de vida a bordo do barco do qual partira o sinal telefônico. Crawford achava que seria um milagre haver uma torre de telefone celular nas proximidades daquele lugar, mas ele não iria questionar nem a benevolência dos deuses nem a providência da companhia operadora.

O sol estava nascendo, mas o horizonte para leste estava tão carregado de nuvens que a aurora pouco fazia para aliviar a atmosfera semiescura e melancólica. A água no braço de rio, que parecia aumentada depois das chuvas torrenciais da véspera, estava absolutamente parada, assim como o musgo espanhol que pendia dos galhos de árvore em molhos saturados. Era cedo demais até mesmo para os pássaros. O silêncio era espesso como algodão.

Crawford acenou para seus homens avançarem. Enquanto cobriam a distância entre a borda das árvores e o barranco do braço de rio, eles não tinham alternativa senão se arriscarem a ficar expostos. Quando chegou à embarcação, Crawford se agachou de encontro ao casco, verificou de novo sua arma, e depois subiu e caminhou a passos leves pelo tombadilho. Outros o seguiram, mas Crawford foi o primeiro a entrar na casa do leme, o primeiro a ouvir um terrível palavrão e o movimento que vinha de baixo, o primeiro a fazer mira contra o homem que subia os degraus.

Stan Gillette saiu da escada para a casa do leme, as mãos levantadas. Numa delas ele segurava um telefone celular. – Subxerife Crawford. Você chegou atrasado.

Ele fizera a criança chorar.

Quando ele arrancou o celular da mão de Emily, ela deixou escapar um grito que poderia ter acordado os mortos. Isso fez com que a mãe pulasse da cama imediatamente.

Ele pegou a menina que gritava e praticamente a pendurou no ombro, ficando sua outra mão livre para segurar Elmo e o cobertorzinho. Meteu os dois com força nos

braços gorduchos da menina, depois pegou a mão de Honor e a arrastou, sob protestos, subindo os degraus, atravessando a casa do leme e, depois, o tombadilho.

Sozinho, ele levaria apenas alguns poucos minutos para abandonar o barco, chapinhar pelo igarapé e correr os cerca de oitocentos metros pelo terreno pantanoso, até onde deixara a picape. Mesmo no lusco-fusco da pré-madrugada, ele fugiria dali em uma fração do tempo, o que ele levou só para tirar as duas da embarcação. Honor reclamou de ter que entrar na água, mas ele a empurrou e ela conseguiu alcançar a parte mais rasa. Caiu duas vezes durante aquela corrida alucinada para o veículo.

E durante todo esse tempo, a criança permanecera agarrada ao pescoço de Coburn, choramingando no ouvido dele sem parar:

– Eu não fiz por mal.

Quando chegaram à picape, ela ainda choramingava. Ele a entregou para Honor, que se jogara de qualquer maneira no assento do carona. Ele bateu a porta, correu em volta do capô, pulou para o assento do motorista e meteu com força a chave na ignição. Os pneus deslizaram na lama, mas depois ganharam tração e a picape pulou para a frente.

Agora, eles já estavam bem longe do barco camaroneiro, mas ele não baixou a guarda. O celular de Honor tinha feito o papel de uma maldita luz de farol, levando a polícia diretamente para onde eles estavam. Logo que descobrissem que eles não estavam mais a bordo, a caçada seria retomada.

Ele não sabia a que horas a menina ligara o telefone celular. Minutos antes de ela o acordar? Horas? Mas tinha de presumir o pior, e nesse caso era surpreendente que eles tivessem escapado. Na melhor das hipóteses, eles não tinham conseguido uma vantagem muito grande.

Assim, ele bloqueou mentalmente os soluços de Emily e da mãe, e se concentrou em colocar a maior distância possível entre eles e o barco, no menor espaço de tempo possível, sem se perder muito, jogando a picape num braço de rio ou se chocando contra uma árvore.

Honor consolava Emily, cantarolando para ela enquanto a aconchegava junto ao peito e alisava seu cabelo. Por fim, a criança parou de chorar, embora cada vez que Coburn olhava para elas encontrasse quatro olhos censurando-o.

Finalmente, ele atingiu uma estrada principal. Não querendo parar de acelerar, ele diminuiu a pressão do pé no acelerador e perguntou a Honor se ela fazia ideia de onde se encontravam.

– A sudeste de Tambour, acho eu. Aonde é que você quer ir?

Aonde ele queria ir?

Ele não sabia, porra.

No momento, tudo que estava fazendo era gastar a preciosa gasolina. Então, ele entrou num estacionamento de caminhões movimentado, onde a picape não seria notada entre tantos veículos semelhantes. Pela aparência das coisas, aquela combinação de posto de reabastecimento e loja de conveniência era um local de reunião para trabalhadores que se abasteciam de café, cigarros e cafés da manhã esquentados no micro-ondas, antes de irem para o trabalho.

Durante uns bons trinta segundos depois que ele desligou o motor da picape, ninguém disse nada. Finalmente, ele olhou para as duas mulheres que estavam complicando muito sua vida. Pretendia dizer isso a elas com sinceridade, quando a menina disse, a voz trêmula:

– Desculpe, Coburn. Eu não fiz de propósito.

Ele fechou a boca. Piscou diversas vezes. Olhou para Honor, que não disse nada, olhou de volta para Emily, cujo rosto molhado ainda estava encostado no peito da mãe. Então, ele balbuciou: – Desculpe, eu fiz você chorar.

– Está tudo bem.

A mãe, entretanto, não estava a fim de perdoar.

– Você quase matou Emily de susto. Você quase *nos* matou de susto.

– É, eu é que morreria de susto se acordasse olhando para a carabina de dois canos de Doral Hawkins.

Honor reprimiu uma resposta dura que obviamente estava louca para dar. Em vez disso, curvou-se sobre a cabeça da filha e deu-lhe um beijo.

O gesto de consolação fez com que ele, de certo modo, se sentisse ainda pior por ter assustado a criança.

– Olhe aqui, eu já pedi desculpas. Vou comprar para ela um... um... balão, ou algo assim.

– Ela tem medo de balões – disse Honor. – Fica apavorada quando eles estouram.

– Então, vou comprar outra coisa – disse ele, irritado. – De que é que ela gosta?

A cabeça de Emily saltou como que fosse movida por uma mola.

– Eu gosto do jogo da locomotiva.

Coburn ficou olhando para ela durante alguns segundos, e depois o absurdo daquela situação mexeu com sua parte melhor e ele deu uma risada. Ele estivera cara a cara com bandidos cuja melhor oportunidade de ter uma vida depois desta era arrancar-lhe a cabeça. Conseguira desviar-se de tiroteios e de um lança-foguetes, pulara de um helicóptero segundos antes da aeronave se espatifar. Driblara a morte mais vezes do que se recordava.

Não seria engraçado se acabasse fuzilado por causa do joguinho da locomotiva?

Honor e Emily o olhavam com expressão desconfiada, e ele percebeu que nenhuma das duas ainda o tinha visto rir. – É uma piada para mim mesmo – disse ele.

Feliz de novo, Emily disse:

– Podemos tomar o café da manhã agora?

Coburn ficou pensando, depois disse baixinho:

– Por que não?

Ele saiu do veículo e abriu uma caixa de ferramentas fixada na parte traseira da cabine da picape. Descobriu ali uma jaqueta jeans, na véspera. Cheirava a gasolina e estava coberta de graxa, mas ele a vestiu. De pé na porta aberta, ele se inclinou para dentro.

– O que é que você quer?

– Não é melhor eu ir? – perguntou Honor.

– Acho que não.

– Você ainda não tem confiança em mim?

– Não é isso. Nessa multidão... – Seu olhar se dirigiu para o cabelo desganhado e os lábios rosados. Depois, olhou para a camiseta apertada e suas formas bem definidas debaixo dela, que ele sabia, por ter tocado, que eram reais, não postiças. – Você atrairia a atenção.

Ela percebeu o que ele estava pensando porque seu rosto ficou vermelho. Ela interrompera o beijo da véspera, mas isso não significava que não tivesse gostado. Na verdade, ele calculou que isso significava que ela gostara muito do beijo. Muito mesmo. Ele permanecera no tombadilho durante meia hora depois que ela se retirou apressadamente, mas, quando desceu, sabia que ela ainda estava acordada, embora fingisse dormir.

Mesmo depois de deitar, ele ficara inquieto e excitado por muito tempo. Se ela pensara no beijo como ele o fizera, não era de admirar que estivesse ruborizada agora e com dificuldade para encará-lo.

Com o rosto para o lado, ela disse:

– Qualquer coisa que você trazer está bem.

Ele pôs o boné e os óculos escuros que encontrara na picape e, como esperava, misturou-se aos outros fregueses. Esperou na fila para usar o micro-ondas, depois levou os sanduíches do café da manhã até a caixa e pagou. Logo que entregou o saco com a comida a Honor, ele deu partida ao veículo e saiu dirigindo.

Enquanto dirigia, ele comeu seu sanduíche e tomou uns goles do café, que era misturado com chicória e muito forte. Mas sua mente não estava no alimento quente

nem no café porque ele estava atarefado, avaliando a situação e decidindo qual seria o próximo curso de ação. Estava numa enrascada e não sabia como proceder.

Era como aquela vez, na Somália, quando sua arma engasgou exatamente quando seu alvo percebeu onde ele estava. Ele teve que escolher entre abandonar a missão, salvando a própria pele, ou continuar o que fazia e apostar na sobrevivência.

Ele tinha um nanossegundo para decidir.

Deixou cair a arma e usou as mãos para quebrar o pescoço do cara.

Agora, ele não tinha muito tempo para tomar uma decisão. Ainda não podia ver seus perseguidores, mas sentia a presença deles em encontrá-lo.

A vantagem não estava a seu favor, mas ainda não estava disposto a jogar a toalha, abandonar a missão, e deixar o Contador continuar fazendo seus negócios.

Não estava sequer pronto para telefonar para Hamilton e solicitar que VanAllen o apoiasse, porque não confiava inteiramente na sua própria agência. O FBI também não tinha confiança absoluta nele.

Pelo que todo o FBI realmente sabia, ele tivera um acesso de loucura e metralhara todo mundo naquele armazém na noite de domingo. Se fosse conveniente para a agência divulgar sua imagem como um veterano sofrendo de desordem pós-traumática, de estresse, então é isso que eles fariam, e ninguém, nem mesmo a mulher que compartilhava com ele o caminhão roubado, que o beijara com tanto ardor, acreditaria numa versão diferente.

Eram grandes as chances de que ele não estivesse vivo para ver a fumaça clarear, naquele caso. Não estaria disponível para se eximir do massacre no armazém. Terminaria numa mesa de necrotério, coberto de infâmia, o corpo esfriando. Mas, por Deus, ele não iria desistir de arrebentar com o negócio do Contador sem lutar desesperadamente.

Naquela manhã, a coisa tinha sido por pouco. Tão certo como ele ainda estava respirando, aquele telefone celular havia feito com que as pessoas viessem voando para a porra daquela banheira e, com toda a probabilidade, Doral Hawkins estaria à frente da matilha. Se Emily não o houvesse acordado naquele momento, eles todos teriam sido mortos a tiros nos seus catres.

Arriscar a própria vida era uma exigência do serviço. Arriscar as vidas delas não era.

Decisão tomada, ele disse:

– Ontem você mencionou um amigo.

Honor levantou os olhos para ele.

– Tori.

– Tia Tori – disse Emily, alegremente.

O sexo da amiga de Honor não deveria interessá-lo, em absoluto. Ele ficou surpreso ao perceber que era uma mulher.

– Uma boa amiga?

– Minha melhor amiga. Emily acha que ela é da família.

– Você confia nela?

– Totalmente.

Ele tirou o veículo da estrada, continuou até parar no acostamento, e tirou o celular do bolso da frente da calça. Depois, virando-se para Honor, apresentou seu plano.

– Eu tenho de despejar vocês duas.

– Mas...

– Não tem mas – disse ele enfaticamente. – A única coisa que eu preciso saber é se, quando ficarem livres de mim, vocês vão chamar a cavalaria.

– Você quer dizer Doral?

– Ele, a polícia, o FBI. Noite passada, você descreveu todas as razões por que veio comigo. Uma delas era a desconfiança nas autoridades. Isso ainda está valendo?

Ela balançou a cabeça, assentindo.

– Diz em voz alta.

– Não vou chamar a cavalaria.

– Muito bem. Você acha que sua amiga esconderia vocês por alguns dias?

– Por que alguns dias?

– Porque foi esse tempo que Hamilton me deu.

– Ele deu a você menos do que isso.

– Ela pode esconder vocês?

– Se eu pedir isso a ela.

– Ela não vai trair sua confiança?

Sem um instante de hesitação, ela abanou a cabeça energicamente.

– Isso significa que ela também não vai chamar a cavalaria – disse ele.

– Isso seria a última coisa que Tori faria.

Aquilo ia contra sua natureza, bem como contra seu treinamento e experiência: confiar em alguém. Mas ele não tinha escolha, exceto dar a Honor o benefício da dúvida. Logo que ele estivesse fora de vista, ela poderia muito bem pôr Doral na pista dele, mas esse era um risco que Coburn precisava correr.

A alternativa era manter Honor e Emily com ele. Se fizesse isso, elas poderiam muito bem ser feridas ou mortas. Ele, que já vira atrocidades inimagináveis e também infligira algumas a outros, nem poderia pensar em ver as duas serem mortas. Era

culpa dele o fato de elas estarem metidas naquela encrenca. Deveria ter deixado Honor na santa paz da ignorância.

Mas chorar o leite derramado era um desperdício de energia, e ele não tinha tempo para se arrepender.

– Muito bem. Agora você vai pôr à prova sua confiança absoluta na sua amiga. Qual é o número dela?

– Não vai funcionar se você chamar. Eu tenho de fazer isso.

Ele abanou a cabeça. – Se fizer isso, você pode ser implicada.

– Implicada? Em quê?

Ele deu uma olhada para Emily que cantava junto com o boneco. Aquela cantoria o aborrecera a princípio, mas ele agora já se acostumara e, na maior parte do tempo, conseguia entoar a musiquinha. Virando-se de novo para Honor, ele falou baixo:

– Implicada em qualquer merda que possa surgir quando o tempo limite terminar.

– Os olhos verdes dela ficaram fixos nos dele; ele leu a pergunta neles. – Se eu não fizer mais nada, pelo menos vou cuidar de Doral Hawkins.

– Vai cuidar?

– Você sabe a que me refiro.

– Você não pode simplesmente matar Doral – sussurrou ela.

– Posso sim. Vou matar. Vou matar.

Ela virou a cabeça para o outro lado e ficou olhando o céu brilhante através do para-brisa coalhado de mosquitos mortos. Visivelmente perturbada, ela disse:

– Aqui, eu estou muito afastada de meu elemento. – Eu percebo isso. Mas esse é meu elemento, de modo que você precisa confiar na minha avaliação.

– Eu sei que você tem dúvidas sobre Stan. Mas ele...

– Não é uma opção.

– Ele é meu sogro, Coburn. Ele nos ama.

Ele abaixou a voz ainda mais, de modo a não distrair Emily de sua cantoria.

– Você quer que Emily assista à minha confrontação com ele? Porque você sabe que, no fim, é isso que vai acontecer. Você acha que ele vai simplesmente me deixar entrar na sua casa e começar a remexer nas coisas de Eddie? Não. Quer Stan seja culpado de estar em conluio com o Contador ou com Marset, quer ele seja um cidadão honesto resguardando o bom nome do filho, ele vai resistir à minha intrusão. Com força. Não apenas isso, ele vai me esculhambar por ter arrastado a neta dele e você para isso.

A expressão dela era reveladora. Ela sabia que ele tinha razão. Mesmo assim, ela continuava a parecer tristemente indecisa. Ele lhe deu apenas uns poucos segundos

antes de insistir.

– Qual é o número de Tori?

Ela levantou o queixo, teimosamente. – Desculpe, Coburn. Não posso.

– Não confia em mim o bastante?

– Eu estou encrencada. Como posso arrastar Tori para isso? Vou colocá-la em perigo também.

– É uma escolha difícil, eu sei. Mas é a única saída que você tem. A menos... – Ele inclinou a cabeça na direção de Emily. – Você confia em que Doral Hawkins vai poupar a vida dela. *Eu* não apostaria nisso. *Você* consegue.

Ela lhe lançou um olhar maligno. – Você sempre usa isso.

– Porque sempre funciona. Qual é o número da Tori?

Capítulo 28

Mesmo antes de checar a luz além das venezianas, Tori sabia, por instinto, que era uma hora péssima para seu telefone tocar.

Deu um gemido e enterrou a cabeça no travesseiro para escapar do ruído. Depois, lembrando-se do que acontecera na véspera, ela rolou o corpo na direção da mesinha de cabeceira e agarrou o fone.

– Alô?

– Tori, você estava dormindo?

Nem Honor, nem Bonnell, que eram as únicas pessoas na terra que ela perdoaria por acordá-la de madrugada.

– Quem é que está falando?

– Amber.

Tori franziu as sobrancelhas e se jogou de novo no travesseiro.

– O que é? E é melhor que seja alguma coisa boa.

– Bem, exatamente como você me instruiu: a primeira coisa que faço toda manhã depois de desligar o alarme, é ligar a sauna e a hidromassagem, nas duas salas, para irem esquentando. Depois, quando todas as luzes da academia estão acesas, eu destranco a porta da frente, porque às vezes há gente esperando...

– Por caridade, Amber, diz logo o que é.

– É quando eu checo a secretária eletrônica. Hoje de manhã alguém deixou uma mensagem estranha às 5:58, exatamente uns poucos minutos antes de eu abrir a academia.

– Bem, o que era?

– O que Barbie vê em Ken?

Tori aprumou-se imediatamente na cama. – Foi tudo que ela disse?

– Na verdade foi um homem.

Tori pensou por uns momentos, e depois disse: – Bem, não é claro para você que isso é um trote? Não me aborreça com esse tipo de idiotice de novo.

– Você vem à academia hoje?

– Não conte comigo. Cubra meus compromissos.

Tori desligou e pulou da cama. Deixou de arrumar o cabelo e se maquiar, coisa que ela nunca deixava de fazer, e se vestiu rapidamente com a primeira roupa que suas mãos tocaram quando abriu o closet. Depois, pegando as chaves e a bolsa, saiu pela porta da frente.

Mas, a meio caminho do carro, estacionado na entrada da garagem, ela observou um pequeno veículo de entregas, já bem usado, estacionado junto ao meio-fio, do outro lado da rua, a cerca de um terço da distância até a esquina. Qualquer pessoa dentro do veículo teria uma visão desimpedida de sua casa. Ela não conseguia distinguir se havia ou não alguém atrás do volante, mas as palavras de Doral lhe vieram à mente. *Eu vou ficar em cima de você, grudado.*

Talvez ela estivesse vendo cenas de crime demais na TV, talvez estivesse ficando superparanoica, mas ela nunca vira aquele veículo na sua rua antes, sua melhor amiga fora sequestrada na véspera, e ela fora ameaçada e maltratada por um arruaceiro local.

Preferia ser paranoica a ser idiota.

Em vez de continuar na direção do seu carro, ela se curvou e apanhou a edição matutina do jornal caído na grama úmida. Fingindo que lia a primeira página, ela refez seus passos num andar despreocupado e entrou de volta na casa, fechando com ruído a porta atrás dela.

Depois, atravessou rapidamente a casa e saiu pela porta dos fundos. Tomando um caminho no qual não podia ser vista da rua, ela atravessou o próprio gramado que se fundia com o outro da casa diretamente atrás da sua. Havia luz na cozinha. Ela bateu à porta.

Quem atendeu foi um jovem bonito, corpo malhado, carregando um vistoso gato nos braços. Tori detestava o gato, e o sentimento era mútuo. Mas adorava o homem, porque ele certa vez lhe dissera que, em sua próxima encarnação, ele queria ser uma puta descarada que nem ela.

Ele era um cliente que nunca faltava a uma sessão. Bíceps bem definidos saltaram quando ele empurrou a porta telada e fez sinal para que ela entrasse.

– Isso é uma surpresa! Olha quem veio me visitar. Tori.

Seu parceiro, no único casamento gay em Tambour, cujo corpo era igualmente enxuto, entrou na cozinha colocando uma abotoadura na camisa.

– O inferno deve ter congelado. Eu nunca pensei que você pudesse se levantar tão cedo. Sente-se. Quer café?

– Obrigada, não. Caras, posso pedir emprestado o carro de vocês? Preciso ir... a um lugar... meio que depressa.

– Alguma coisa errada com o seu Vette?

– Está fazendo um barulho engraçado. Tenho medo que ele me deixe na mão, eu estaria perdida.

Ela odiou ter que contar aos dois uma mentira tão deslavada. Eram excelentes vizinhos e no decorrer dos anos eles tinham se tornado bons amigos, servindo vinhos caros e sendo solidários cada vez que ela se divorciava. Ou casava, aliás.

Eles olharam para ela, depois um para o outro, depois de novo para ela. Ela sabia que eles sabiam que ela estava mentindo, mas, se tentasse explicar, eles a levariam de carro para o asilo de loucos mais próximo.

Por fim, o que segurava o gato perguntou: – O Lexus ou o Mini Cooper?

Ao ver Stan, Crawford exclamou: – Que *diabo é isso*?

Sob outras circunstâncias, Stan talvez gostasse de ver o detetive humilhado e espantado, mas ele podia sentir a coisa no próprio rosto. Desacostumado a fazer papel de idiota, ele estava se esforçando ao máximo para manter intacta a dignidade e a fúria sob controle. Entretanto, não era contra Crawford que ele queria descarregá-la. Era contra o homem que, 24 horas antes, lhe havia roubado Honor e Emily.

– O telefone celular de minha nora – disse ele, apresentando o aparelho a Crawford.

Com um gesto brusco, o detetive tirou o aparelho da mão de Stan.

– Eu sei o que é isso e a quem pertence. Como vocês o conseguiram, e o que é que estão fazendo com ele?

– Bem, uma coisa que *não* estou fazendo com ele é brincando com aquele joguinho da locomotiva – retrucou Stan.

Crawford ligou o telefone. Da tela, a locomotiva do desenho animado sorriu para ele.

– É o jogo favorito de Emily – disse-lhe Stan.

– Então, eles estiveram aqui.

– Essas são as roupas de meu falecido filho – disse ele, apontando para o monte de roupas úmidas no console do barco. – Lá embaixo há comida e água. Latas e embalagens vazias. Sim, definitivamente, eles estiveram aqui, mas já foram embora.

Para maior consternação de Crawford, Doral se juntou a eles, vindo da cabine embaixo. O detetive colocou a arma no coldre e pôs as mãos na cintura.

– A sra. Gillette deve ter telefonado para vocês dizendo onde estava. Por que não me avisaram?

– Honor não telefonou para ninguém – disse Stan, firme. – Eu já chequei o registro de chamadas. Está vazio. Até mesmo os telefonemas que ela e eu trocamos ontem foram apagados.

Os olhos do detetive foram de um para outro e voltaram, parando em Doral com uma expressão acusatória.

– Se ela não telefonou para vocês, então um dos amigos de seu falecido irmão no departamento de polícia deve ter lhe dado a dica de que ele captara o sinal.

Ele tinha razão, é claro. Um policial, amigo tanto de Fred quanto de Doral, telefonara para Doral informando sobre esse último acontecimento. Por lealdade, Doral, por sua vez, chamara Stan. Enquanto Crawford ainda estava reunindo uma equipe, os dois já iam a toda para o barco.

Mas até mesmo com essa vantagem, eles tinham chegado apenas minutos antes de Crawford, o que bastou para que Stan verificasse que a dilapidada embarcação recebera pessoas recentemente. Os lençóis dos beliches ainda estavam quentes, embora ele odiasse fazer essa observação, especialmente diante de Doral. Ficava irritado em pensar que a viúva de seu falecido filho, e Emily, é claro, estavam tão íntimas assim de Coburn.

Coburn não fora tão descuidado a ponto de deixar o telefone para trás. Ele o fizera deliberadamente, usando o aparelho para atrair a equipe de busca para o barco enquanto se afastava do local, levando a família de Stan consigo.

A situação era exasperante.

Ele e Doral tinham conversado sobre a astúcia de Coburn antes da chegada de Crawford e sua equipe.

– Eu já subornei todas as pessoas subornáveis que conheço, Stan – dissera Doral, desgostoso. – Ninguém pode, ou quer, dizer com precisão.

Não havia demorado muito para correr o boato – pelo departamento de polícia e depois por outros lugares – de que Lee Coburn era um agente federal trabalhando disfarçado na firma de transporte de Sam Marset. O que dava um aspecto inteiramente diferente ao massacre da noite de domingo.

Sobre isso, os sentimentos de Stan eram ambíguos. Ele não decidira ainda o que pensar daquilo e de que modo o afetaria se fosse verdade.

Mas Doral já decidira. E dissera a Stan:

– Não interessa que seja de uma forma ou de outra. Coburn matou meu irmão a sangue-frio. Não me interessa se ele é um bandido, um federal, ou o príncipe das trevas. Vou matar o filho da puta.

Stan compreendia esse sentimento. Independentemente de quem ou o que Coburn era, ele se tornara seu inimigo quando lançara suspeita sobre Eddie. E agora, a reputação de Honor estava sendo comprometida. Se Coburn tivesse levado Honor e Emily como garantia para uma fuga segura, por que não as abandonara agora? Se sua razão para levá-las fora o resgate, por que ele não exigira esse resgate?

E se Honor era uma refém, por que ela não deixara para eles uma pista que pudessem seguir? Ela era uma moça inteligente. Devia perceber que dezenas de agentes de segurança e voluntários estavam revirando o campo à procura dela e de Emily. Certamente, poderia ter imaginado um meio de deixar pistas sutis.

Se ela quisesse. Era isso que atormentava Stan. Que tipo de domínio esse tal de Coburn mantinha sobre ela?

Doral observara o ambiente restrito da cabine de baixo e depois olhara para Stan, as sobrancelhas alçadas. E agora, Stan podia ver que os pensamentos de Crawford estavam indo na mesma direção.

Stan blefou. Tomando uma atitude agressiva, ele disse a Crawford:

– Eu sugiro que vocês parem de desperdiçar tempo e comecem a procurar para onde Coburn levou minha família.

– Vou me encarregar disso, eu mesmo – disse Doral, e fez menção de partir.

O detetive estendeu o braço rígido para detê-lo.

– Você não tem que tomar providências para um enterro?

– O que você quer dizer?

– Quero dizer que compreendo por que você quer caçar o assassino de seu irmão e se vingar. Mas esse é um assunto de polícia. Você não recebeu convite para participar. E se eu descobrir quem está passando informação pra você de dentro do Departamento de Polícia, ou do escritório do xerife, vou enquadrar esse cara e jogar na cadeia.

Doral afastou o braço de Crawford. Com um sorriso afetado, ele disse:

– Pago pra ver – e saiu do barco.

Crawford deu ordens para que dois policiais revistassem a embarcação à procura de pistas, começando pela cabine. Eles desceram os degraus ruidosamente. Mandou que o restante fizesse uma busca nos arredores à procura de pegadas, marcas de pneus, qualquer coisa.

Quando ele e Stan ficaram sozinhos, Crawford disse:

– Eu não pude deixar de observar o nome do barco, sr. Gillete. *Honor*.
– Ele pertencia ao pai dela.
– No passado.
– Ele morreu há vários anos.
– O barco é dela, agora?
– Acho que sim. – Desde a morte do pai, Honor não fizera qualquer referência a ele ou ao barco. Nunca passara pela cabeça de Stan perguntar o que acontecera à traineira. Dificilmente seria considerado uma herança de valor.

Crawford disse:

– Você podia ter mencionado o barco ontem.
– Eu nem pensei nele. De qualquer modo, eu não saberia onde estava ancorado.
– Você não acompanhava isso? – perguntou, parecendo surpreso. Ou talvez cético.

– Não. Eu não gostava do pai dela. Ele era um hippie envelhecido, puxador de fumo, que se considerava um pescador de camarão, mas era realmente um fracassado que nunca tinha dois tostões no bolso. Usava colar de contas e sandálias. Olhe em torno – disse ele, levantando os braços. – Ele morava neste barco. A condição da embarcação diz que tipo de pessoa ele era.

– E, apesar disso, a sua nora veio se esconder aqui.

Stan deu um passo realmente ameaçador na direção do detetive.

– Não gosto da insinuação de que Honor está se *escondendo* de mim.

Crawford não se intimidou. Não recuou.

– Você ouviu o boato de que Coburn é agente federal.

Ele disse aquilo como se fosse um fato. Stan ficou calado.

Crawford cerrou as sobrancelhas.

– Vamos, sr. Gillette. Você ouviu o boato. O que acha disso?

Stan não ia confirmar ou negar nada para esse homem, no qual depositava pouca confiança.

– Tudo que me diz respeito é a volta em segurança da minha nora e da minha neta. Agora, vou me despedir de você e tentar encontrá-las, eu mesmo.

Crawford deu um passo para o lado, bloqueando a passagem de Stan.

– Duas coisinhas, primeiro. – Parou um instante, e disse: – É óbvio que sua nora teve acesso ao telefone celular dela. Então, por que ela não chamou o 911? Ou você? Se ela quisesse ser encontrada, não teria feito isso em vez de deixar a garotinha ficar brincando de joguinhos no telefone?

Stan fez força para não mudar a expressão do rosto.

- Você já disse as duas coisinhas.
- Talvez você reconsidere a quem vai se aliar.
- Por quê?
- Eu recebi o relatório inicial da balística. A bala que matou Fred Hawkins não combina com qualquer daquelas que foram disparadas durante o assassinato em massa no armazém.

Stan saiu rápido com uma explicação.

– Coburn teria jogado fora as armas que usou no armazém. Provavelmente, elas estão no fundo do rio. Ele usou outra para baleiar Fred.

– Ou – disse o detetive, acentuando a qualificação –, não foi ele o atirador do armazém.

Capítulo 29

— Ela é um amor.

Era a primeira vez em cinco minutos que Coburn ou Honor falavam. Até mesmo Emily estava sentada no colo de Honor sem se mexer ou falar, tendo parado de brincar com o jogo de sua própria invenção com Elmo, e mergulhado no mesmo silêncio soturno.

Coburn olhou para Honor.

— Vem de novo?

— Tori vai arrancar seus olhos. Ela é um amor.

— Só que Tori – disse ele, a voz contida – não está aqui.

— Ela virá.

— Nós estamos esperando por ela há mais de uma hora.

— Ela é uma mulher muito ocupada.

— Às seis horas da manhã?

— A academia de ginástica abre cedo. – Embora ela soubesse que não era Tori que abria pessoalmente a academia toda manhã, Honor estava tentando assegurar a Coburn, e possivelmente a ela mesma, que Tori chegaria. – Alguém vai acabar checando o telefone comercial para ver as mensagens de voz. Se você tivesse usado o telefone celular...

— Já passamos por isso.

Eles já tinham discutido o assunto. Ele se negara a telefonar para o celular pessoal de Tori pela mesma razão que não queria que a própria Honor telefonasse.

— Qualquer coisa que acontecer vai desabar em cima da minha cabeça, não da sua – dissera ele.

— Tori e eu podemos ser acusadas de prestar ajuda a um criminoso e de cumplicidade com ele.

— Você poderia dizer que eu usei sua filha como elemento de coerção.

– Eu poderia afirmar isso sob juramento.

– Lá vem você.

No momento, eles estavam sentados esperando por um sinal de Tori. Honor disse:

– Ela virá logo que receber a mensagem. Só precisamos ter paciência.

Mas, quando chegaram ao lugar designado, ele parecia um homem cuja paciência se esgotara havia uma hora. Então, ele olhou em torno e, não pela primeira vez, soltou o ar com força enquanto mastigava palavras que Honor não conseguia ouvir.

– Estamos que nem patos. Bem em campo aberto.

– Bem, o que você esperava de um lugar de reunião secreto?

– Eu esperava que o lugar tivesse paredes – retrucou ele, duro.

– Aqui é seguro. Ninguém conhece este lugar, exceto eu e Tori.

– Talvez ela tenha esquecido aquele código idiota.

– Ela não esqueceu.

– De qualquer jeito, o que significa?

– Significa que Ken é um imbecil.

Ele soltou outro palavrão.

Está bem, então a frase era idiota, considerando as idades delas agora. Mas quando ela e Tori fizeram o juramento pela primeira vez, elas eram garotas que davam risadinhas por qualquer coisa. Depois, continuaram a usá-lo quando adolescentes, para se comunicar, sempre que uma precisava ver a outra imediatamente. Significava: “Deixe tudo, venha agora, é uma emergência.”

É claro, quando elas cursavam o ensino médio, uma emergência era, no máximo, um trauma de adolescente, como um coração partido por causa de um namorado, um professor odiado, uma nota ruim nos testes, e, no caso de Tori, um mês sem menstruação. A emergência de hoje era pra valer.

– Por que aqui? – perguntou ele.

“Aqui” era um velho carvalho, ainda vivo, cujas raízes eram maiores do que Honor, serpenteando pelo solo em todas as direções a partir do enorme tronco. A árvore sobrevivera a séculos de furacões, pragas, incorporadores de imóveis e outros perigos. Imponente e magnífica, ela quase parecia artificial, como algo que um designer de Hollywood construísse e fixasse na clareira.

– Fazer o encontro aqui no campo dava mais emoção de estar se escondendo, eu acho. Descobrimos esse lugar no dia em que tirei minha carteira de motorista. Estávamos explorando os arredores, encontramos essa árvore aqui no meio do nada e a consideramos como nossa.

“Daí em diante, nós nos encontrávamos aqui para falar de coisas que eram sagradas demais, até mesmo para compartilhar ao telefone.” Ela podia ver que ele não estava acompanhando. “Moças adolescentes podem ser terrivelmente dramáticas, Coburn. É coisa dos hormônios.”

Ele fez um som não verbal que ela não conseguiu interpretar e não estava certa se queria fazer isso. Entrelaçando os dedos no cabelo de Emily, ela disse, pensativa:

– Acho que um dia Emily também fará isso...

Ela interrompeu a fala quando Coburn se endireitou no assento, subitamente alerta.

– Que tipo de carro é o dela?

– Um Corvette.

– Então aquele não é o dela. – Ele levou a mão à pistola, na cintura.

– Espere! Não é o carro dela, mas é Tori. E ela está sozinha.

Um carro pequeno, desconhecido dela, vermelho e branco, passou sacolejando pela desconjuntada ponte de madeira e depois seguiu pelo caminho cheio de sulcos na direção da árvore, parando a uns vinte metros dela. Honor abriu a porta do lado do carona de modo que Tori pudesse vê-la. Emily saiu apressada, pulou para o chão e partiu correndo, gritando: – Tia Tori!

Tori saiu do Mini Cooper e ficou esperando para pegar Emily e balançá-la nos braços.

– Você está ficando tão grande! Não vou poder fazer isso muito mais tempo.

– Adivinha o quê? – disse Emily, soltando-se do abraço de Tori.

– O quê?

– Coburn disse que se eu apenas ficasse calada e deixasse ele pensar, que ele me daria um sorvete. Só que não vai ser agora. Mais tarde. E adivinha mais o quê. Nós dormimos no barco que era onde meu avô morava. Não meu avô Stan, meu outro avô. As camas eram engraçadas e não cheiravam bem, mas foi bom porque foi uma “ventura”. Eu acordei Coburn e quando fiz isso, ele soltou um palavrão. Mas mamãe me disse que às vezes os adultos dizem palavras assim quando estão muito zangados. Mas Coburn não ficou zangado comigo.

Quando Emily parou de vender seu peixe, Tori disse: – Meu Deus. Nós temos um bocado para pôr em dia, não é?

Por cima do ombro de Emily ela olhava para Honor e telegrafava uma centena de perguntas silenciosas. Beijou a bochecha da criança e colocou-a no chão.

– Deixe eu falar com sua mamãe por um minuto.

Estendeu os braços abertos para Honor, e as duas se abraçaram. Por vários momentos, apenas ficaram naquele abraço apertado. Finalmente Tori soltou Honor e fungou, recolhendo umas lágrimas. – Eu tive vontade de te matar por estar me metendo tanto medo. Até passei mal de tanta preocupação.

– Eu sabia que ia acontecer isso com você, mas não havia meio de evitar.

– O noticiário me meteu medo... Bem, eu estou muito contente de ver que você e Emily ainda estão bem. Ele...? Você está...? Meu Deus, estou tão aliviada – disse Tori, emocionada. – Sua aparência está meio bagunçada, mas você parece bem.

– Estamos bem. Basicamente. Desculpe por você ter ficado com tanto medo por nossa causa. Ele não me deixou telefonar para você, exceto hoje de manhã. E mesmo assim não deixou que eu falasse com você diretamente. Eu não tinha certeza se você havia recebido o recado. Mas ele...

– Ele, quer dizer *ele*? – Tori estava observando Coburn, que vinha na direção delas. Quando ela olhou de novo para Honor, suas sobrancelhas perfeitamente delineadas estavam levantadas. Falando à meia-voz, ela disse:

– Sequestrador? Eu queria ter a sua sorte.

Ignorando a observação, Honor fez as apresentações.

– Tori Shirah. Lee Coburn.

Tori deu a Coburn um sorriso convidativo a que nenhum homem conseguia resistir.

– Encantada.

Ele não respondeu à saudação, nem ao sorriso. Em vez disso, estava olhando na direção do outro lado da ponte que Tori cruzara.

– Seu telefone celular está ligado?

Ela ficou espantada com a pergunta e a maneira abrupta com que ele a fizera, mas respondeu imediatamente.

– Está.

– Deixe-me ver – Ela olhou para Honor e quando a amiga assentiu com a cabeça, ela deixou de lado a paquera, tirou o telefone da bolsa que estava no carro e entregou a ele.

Coburn perguntou:

– Você foi seguida?

– Não. Ei! – Quando ele tirou a bateria do telefone.

– Tem certeza?

– Eu me certifiquei. – Ela contou aos dois sobre o veículo de entregas que tinha visto estacionado na rua naquela manhã.

– Não gostei do jeito dele, então fiz a volta por trás da casa e peguei emprestado o Mini de meus vizinhos. Ninguém me seguiu.

– O que é que fez você suspeitar do carro de entrega? – perguntou ele.

– Eu achei que alguém poderia estar vigiando a casa. Doral Hawkins veio me ver ontem. – Ela continuou contando o que acontecera. – Ele está muito puto da vida de você ter matado o irmão dele. Pelo menos ele disse que você atirou e matou Fred.

À pergunta implícita, Coburn simplesmente balançou a cabeça.

Ela olhou para ele esperando algo mais, porém, como não surgiu nenhuma explicação, ela continuou: – Doral me disse que se eu tivesse notícias de Honor, era melhor avisar primeiro a ele, ou então eu aguentaria as consequências.

– Ele fez ameaças a você? – perguntou Honor.

Tori deu de ombros.

– Vamos apenas dizer que ele se fez compreender. Mas eu não dei bola. Nem a Stan.

– Quando é que você esteve com Stan?

Ela relatou a conversa que tivera com ele.

– Eu não gosto de lhe dar qualquer crédito, em absoluto, mas devo admitir que ele estava menos arrogante do que de costume. Acho que o medo abaixou a crista dele.

– De que ele tem medo? – perguntou Coburn.

Tori deixou escapar uma risada.

– Você deixou um rastro de gente morta, depois desapareceu levando Honor e Emily com você. Stan tem o direito de estar mais do que apenas um pouco preocupado, você não acha?

– Coburn não assassinou aqueles homens no armazém – disse Honor. – E não nos levou, Emily e eu, à força.

Tori olhou para um e outro e falou, em tom brincalhão.

– Eu estou vendo. – Depois, colocando as mãos nos quadris e baixando o olhar para o telefone desmontado, perguntou: – Então, onde estamos?

– O fato é que ele é...

– Não. – Ele pôs a mão no braço de Honor para impedi-la de revelar sua identidade. – A única coisa que ela precisa saber é que você e Emily precisam se esconder até que tudo se esclareça.

– Ela merece uma explicação – argumentou Honor.

– Você disse que ela ajudaria sem fazer perguntas.

– Eu sei que eu disse isso. Mas é injusto deixar que ela continue pensando que você...

- Eu não dou a mínima para o que ela pensa.
- Bem, eu dou. Ela pensa que você é um assassino.
- Eu sou.
- É verdade, mas...

– Desculpe. – Tori levantou a mão espalmada para evitar que Honor continuasse, mas foi a Coburn que ela se dirigiu. – Guarde seus segredos. Eu já ofereci meus serviços. – Depois, ela disse para Honor: – Emily não tem medo dele, e dizem que as crianças são um bom instrumento para medir o caráter de uma pessoa. Como os cachorros.

– Emily tem quatro anos. Ela está entusiasmada porque ele é uma novidade.

– É, bem, eu confio nos meus instintos. Possivelmente até mais do que nos seus. De qualquer modo, você me convocou e estou aqui. Diga-me o que quer que eu faça.

– Leve as duas embora de Tambour – disse Coburn antes que Honor pudesse falar. – Imediatamente. Não pare para nada, não volte para casa, não diga a ninguém aonde você está indo. Você pode fazer isso?

– É claro. Que lugar você tem em mente?

– Não tenho nenhum lugar. – Ele olhou para Honor, que abanou a cabeça.

– O barco camaroneiro do meu pai era meu único trunfo.

Tori disse: – Eu tenho uma casa na outra extremidade do lago Pontchartrain. Do outro lado da ponte. Serve?

– Quem sabe da existência dessa casa?

– Meu marido número dois. Eu fiquei com ela no acordo de divórcio. A casa foi uma troca por eu ter ficado calada sobre... Não interessa. A coisa ficou feia. De qualquer modo, a única razão pela qual eu queria a casa era para sacanear o babaca. Não costumo usar com frequência. Nem mesmo gosto muito dela. Faz meses que não vou lá.

Honor ouvia a conversa dos dois, mas observava Emily, que ainda usava as roupas com as quais Honor a vestira apressadamente na manhã da véspera, antes de fugirem da casa. O cabelo dela estava desgrenhado. A menina tinha uma mancha de terra no joelho e o top estava rasgado onde entrava o braço. As refeições vinham sendo irregulares e não muito saborosas. Ela dormira em um beliche desconfortável, malcheiroso.

Contudo, Emily parecia perfeitamente contente e despreocupada, inocente da seriedade da situação a ponto de emocionar. Encontrara um pedaço de galho e cantarolava feliz, usando a ponta do galho para desenhar na lama.

– Ela precisa de algumas coisas – observou Honor.

– Eu arranjaréi o que ela precisar. – Tori bateu de leve no braço de Honor, para mostrar confiança. – Ninguém está me procurando. Eu me encarrego de tudo. – Para Coburn, ela acrescentou: – Mas vou esperar até que estejamos quase chegando lá, antes de parar para fazer compras.

– Agora você não vai poder usar cartões de crédito. Você tem bastante dinheiro vivo?

– Tenho algum – lembrou Honor.

– Dinheiro é uma coisa com que não precisamos nos preocupar – disse Tori. – Eu posso conseguir o que precisar. Tudo que preciso é pedir.

– Pedir a quem? – Coburn quis saber.

– Meu atual namorado.

– Não. Ninguém pode saber onde você está.

– Ele não vai contar a ninguém.

– Vai sim. Se as pessoas certas pegarem seu namorado, ele vai contar.

Ele disse isso com tanta convicção que até mesmo Tori ficou assustada com aquela afirmação.

– Nós juntamos o que temos e nos viramos.

Ele pareceu satisfeito com isso, mas acentuou que Honor e Emily deviam se esconder antes que fossem vistas.

– Peguei – disse Tori. – Ninguém vai me procurar nesse carro. – Depois, seu rosto mostrou preocupação. – A única pessoa que me preocupa é Stan. Se ele tentar entrar em contato comigo de novo e eu não responder, ele vai ver que há alguma coisa estranha. Seria a pessoa lógica que Honor procuraria para pedir ajuda.

– Ele pode até imaginar que ela esteja com você, mas não vai saber onde – disse Coburn.

Tori virou-se para Honor. – Isso está bem para você? Eu não morro de amores por ele, mas o homem está fora de si, de preocupação com você e Emily.

– Sei que parece cruel manter meu sogro no escuro. – Honor olhou para Coburn, mas não viu indícios de que mudara sua decisão. – Mas é assim que vai ser. Por algum tempo mais, pelo menos.

– Você tem suas razões – disse Tori. – Mas eu tenho medo da cena que vai ser quando Stan descobrir que eu providenciei o transporte quando você fugiu de casa.

– Eu não vou com você.

A declaração de Honor deixou Tori muda. Coburn ficou ainda mais espantado. – Você não vai, uma porra.

Honor estivera calada, debatendo consigo mesma, e chegara à conclusão de que não poderia simplesmente lavar as mãos no caso, o que seria a coisa segura e prática a fazer. Aquilo lhe ocorrera não num instante relâmpago de iluminação, mas gradualmente durante os últimos dias, isto é, que ela já estava cheia de ser prática e ficar em segurança.

Desde a morte de Eddie, ela frequentemente se ressentira da intervenção de Stan na sua vida, mas não fizera nada para desencorajá-lo. Permitira que ele e outros a protegessem, que a conduzissem quando a coisa ficava preta e supervisionassem suas decisões, como se ela fosse uma criança que necessitasse de orientação constante.

Ela fora muito mais independente quando era casada. Eddie a considerava uma igual, uma mulher a quem era permitido e, na verdade, encorajado formar suas próprias opiniões e agir de acordo com suas próprias decisões.

A viuvez tolhera sua vida. Ela a tornara insegura e cautelosa, com medo de se mudar, de explorar alternativas de trabalho, ou fazer qualquer coisa que não fosse permanecer numa rotina confortavelmente cercada de lembranças de seu passado feliz. A supervisão de Stan estimulava sua timidez. Ela não gostava da mulher que era agora. Sentia falta da Honor Gillette mais confiante que já fora.

Colocando-se em posição de luta contra Coburn, ela disse:

- Eu não vou deixar você me pôr de lado, assim sem mais nem menos.
- Não vai *me deixar*? Dobra a língua, mocinha.
- Foi você que me arrastou para isso.
- Na ocasião, eu não tive escolha. Agora eu tenho.
- Eu também – rebateu Honor.
- É aí que você se engana. Minha escolha é a única que conta, e eu decidi que você vai com sua amiga aqui.
- Vou até o fim nisso, Coburn.
- Você pode ser morta. – Ele apontou para Emily, que ainda brincava com um galho. – Você quer que ela fique órfã?
- Você não precisava recorrer a isso – retrucou ela, raivosa. – Mas dessa vez eu não vou ficar intimidada ou ser coagida. Quero respostas para as perguntas sobre Eddie.
- Eu consigo essas respostas para você.
- Aí é que está. *Eu* preciso dessas respostas.
- Não é seu dever.
- É sim!
- Ah, é? Como assim?
- Porque eu não fiz isso antes.

O queixo dele recuou.

Ela não esperava explicitar aquela admissão de culpa, mas agora que acabara de fazê-lo, ela pressionou.

– Eu deveria ter insistido numa investigação mais completa sobre o acidente com o carro de Eddie. Mas não fiz isso. Me disseram que fora um acidente e eu aceitei a explicação da forma que veio. Nunca levantei uma única questão sobre o assunto, nem mesmo depois que o policial que encontrou Eddie foi, logo em seguida, assassinado.

“Deixei que todo mundo ficasse me rodeando e começasse a tomar decisões por mim.” Ela pôs o dedo indicador no próprio peito. “Estou tomando essa decisão. Vou continuar nisso até saber exatamente o que aconteceu com meu marido.”

Tori colocou a mão no braço de Honor. Baixinho, disse:

– Isso é muito louvável e coisa e tal, querida, mas...

– Não vou fazer isso só por mim. Ele precisa de mim. – Ela balançou a cabeça na direção de Coburn, embora eles mantivessem contato visual. – Você precisa. Você mesmo disse isso.

Ele balbuciou uma imprecisão.

– Foi isso que eu disse, mas eu estava...

– Me manipulando, eu sei. Mas você me convenceu de que eu sou indispensável. Você não vai encontrar o que está procurando sem a minha ajuda. Não a tempo. Você tem um prazo se esgotando. Sem mim, você não vai saber onde procurar. Você precisou que eu o orientasse hoje de manhã, lembra-se?

Ele cerrou o maxilar.

– Você sabe que eu tenho razão – Honor concluiu.

Ele ficou remoendo a coisa por uns momentos, mas Honor sabia que vencera a discussão mesmo antes que ele devolvesse o telefone de Tori à dona e começasse a repetir as instruções.

Quando perguntada, ela lhe deu a localização geral da casa dela na beira do lago.

– Fica a umas duas horas daqui, de carro, dependendo do tráfego na via expressa e na ponte. Devo telefonar para você quando chegar lá?

– Há um telefone fixo na casa?

Ela deu o número, que Honor memorizou assim como ela sabia que Coburn faria. Ele disse:

– Deixe que a gente telefona para você. Não atenda o telefone, exceto quando tocar uma vez e de novo, dois minutos depois. E deixe seu celular desligado. Sem bateria.

Honor protestou. – E se houver uma emergência na academia dela? Ninguém saberia como se comunicar com ela.

Tori afastou essa preocupação. – É um prédio, você e Em são minha família. Além disso, tenho seguro de tudo.

Finalmente, tendo sido discutidos todos os detalhes em que puderam pensar, chegou a hora de Honor se despedir de Emily.

Lutando para conter as lágrimas, ela abraçou a filha com força, lembrando-se de que, por mais doloroso que fosse deixar a menina ir, aquela era a melhor coisa que ela podia fazer por ela. A possibilidade de Emily se transformar num risco colateral, se ficasse com ela e Coburn, era simplesmente grande demais.

Honor estava arriscando sua própria vida, mas era algo que ela precisava fazer por Eddie. E até mesmo por ela própria.

Emily estava entusiasmada demais com a perspectiva de passar algum tempo com a tia Tori para notar a emoção da mãe.

– Você e Coburn também vão para o lago?

– Talvez mais tarde. No momento você vai ficar com tia Tori, sozinha. Apenas você! Como uma mocinha. Não vai ser divertido?

– Isso é parte da “ventura”?

Honor tentou manter uma expressão corajosa.

– É a melhor parte.

– Dormir no barco foi a melhor parte – contestou Emily. – Será que poderemos dormir lá de novo alguma vez? E talvez eu possa pilotar o barco.

– Veremos.

– Coburn também disse isso, mas acho que ele vai me deixar.

Inclinando-se para ela, Honor disse:

– Vocês precisam partir. Dê um beijo na mamãe.

Emily beijou o rosto de Honor com entusiasmo, e depois levantou os braços para Coburn.

– Coburn. Beijo.

Ele vinha agindo como se estivesse de sentinela, obviamente constrangido por estar tão exposto e impaciente com a demorada cena de adeus. Agora, sua cabeça virou-se de repente e o olhar caiu sobre Emily.

– Beijo – repetiu ela.

Depois de um longo momento de expectativa, ele se inclinou. Emily passou os braços por seu pescoço e beijou-o no rosto.

– Tchau, Coburn.

– Tchau. – Ele se levantou, girou o corpo rapidamente e começou a caminhar em passos rápidos na direção da picape. – Depressa – disse ele a Honor por cima do

ombro.

Emily subiu para o banco traseiro do Mini Cooper. Honor não ficou contente com o fato de a filha viajar sem o assento infantil, mas Tori prometeu a ela dirigir com especial cuidado até que pudesse parar e comprar um.

Quando chegou o momento das duas mulheres dizerem adeus, Tori olhou para ela, preocupada. – Você tem certeza de que está fazendo a coisa certa?

– Não tenho absoluta certeza. Mas eu preciso fazer isso, de qualquer maneira.

Tori deu um sorriso triste.

– Você sempre teve mentalidade de escoteira. – Ela deu um abraço apertado na amiga. – Eu nem sequer finjo estar compreendendo o que está acontecendo, mas, mesmo assim, sou bastante inteligente para perceber que você me está confiando a vida de Emily. Eu morro antes de deixar que aconteça alguma coisa a ela.

– Eu sei disso. Obrigada.

– Você não precisa me agradecer.

As duas amigas trocaram um longo olhar de confiança silenciosa, e Tori embarcou no Mini. Quando Honor fechou a porta do carro para ela, Tori disse, pela janela aberta:

– Não me importa quem ou o que Coburn seja, só espero que você finalmente tenha arranjado uma transa.

Capítulo 30

Clint Hamilton estivera ao telefone por dez minutos falando com Tom VanAllen, que lhe estava transmitindo um relato completo dos acontecimentos daquela manhã. VanAllen se mostrara relutante, hesitante e apoloético, o que não surpreendeu Hamilton, porque o ponto alto do relato era que Coburn se mostrara mais esperto e iludira de novo as autoridades.

Quando VanAllen terminou, Hamilton agradeceu, o pensamento distante, e depois ficou silencioso durante quase um minuto inteiro enquanto absorvia e analisava as novas informações. Finalmente, perguntou:

- Algum sinal de luta a bordo do barco?
- Estou mandando para você, por e-mail, algumas fotos. Foram tiradas por nosso agente do lado interno e do externo. Como se pode ver, o local está uma bagunça, mas se você está perguntando se eles encontraram sangue fresco ou alguma outra coisa, a resposta é não.
- Coburn deixou o telefone lá; estava ligado?
- O detetive Crawford e eu concordamos que ele deixou o telefone lá intencionalmente.
- Para atrair todo mundo para lá enquanto ele ia na direção oposta.
- Foi isso, sim senhor.

Hamilton não tinha dúvida de que fora essa a intenção de Coburn.

- As pegadas. Elas indicam que a sra. Gillette foi arrastada para fora do barco? Marcas de saltos se arrastando, qualquer coisa assim?

– Não. Na verdade, Crawford foi objetivo e sugeriu que ela não é refém, como a princípio se pensava.

- Estou sentindo que há *um algo mais*.
- Bem, nós não temos indícios de que ela tenha tentado escapar de Coburn.
- Como é que poderia, sem pôr em risco a segurança da menina?

– Eu sei, mas, como Crawford observou, é óbvio que ela teve acesso ao telefone. Contudo, não fez uso dele para enviar qualquer pedido de socorro.

Tudo que Tom estava dizendo dava até mais credibilidade ao que Hamilton ouvira da própria viúva durante a conversa pelo telefone, no dia anterior. Abandonando a lei e a ordem, amigos de confiança de uma vida toda e até mesmo seu sogro, que, ao que tudo indicava, era seu cão de guarda pessoal, Honor Gillette se aliara a Lee Coburn.

– E quanto às marcas de pneus?

– As pegadas nos levaram diretamente a eles, a umas poucas centenas de metros do barco. As marcas dos pneus estão bem nítidas, e já foram identificadas. Os pneus vêm de um lote padrão usado em diversas marcas de picapes Ford, modelos dos anos 2006 e 2007.

– Meu Deus. Isso nos leva a vários milhares de picapes, só na Louisiana.

– É um número imenso de veículos, mesmo.

– Tenho certeza de que a polícia local está fazendo blitzes para detectar picapes Ford roubadas.

– Não foi detectada nenhuma, até agora.

Não era surpresa. Coburn escolhera criteriosamente seu veículo.

– Os órgãos estaduais deram ordens para que toda picape Ford modelo daqueles anos seja parada e revistada – dizia VanAllen. – Nesse ínterim, Stan Gillette está muito preocupado com sua nora e sua neta. Ele veio para cá direto da embarcação, e estava...

– Explique-me o que ele estava fazendo lá quando as autoridades chegaram.

VanAllen compartilhava a suspeita do detetive Crawford de que Doral Hawkins e Stan Gillette tinham informações diretas do Departamento de Polícia de Tambour.

– Crawford acha que eles também têm informantes na delegacia do xerife. No tribunal. Por toda parte.

– O velho sistema – observou Hamilton.

– É sim. – VanAllen continuou descrevendo o estado de espírito de Stan Gillette. – Ele ficou puto da vida com a insinuação de Crawford de que a nora está mancomunada – palavras dele – com Coburn. Fez uma cena no nosso saguão, e insistiu em falar comigo pessoalmente, me deu uma esculhambação por eu não ter posto aquele “detetivezinho metido a besta” no seu devido lugar. Disse que eu estava sendo negligente em relação a meus deveres e que se a família dele terminar morta, o sangue delas manchará minhas mãos. Coisa essa – disse ele, com um suspiro –, que eu já sei, sem ser preciso que ele me diga.

Durante vários segundos, Hamilton pensou no que ia dizer, e depois disse: – Tom, Honor Gillette e a filha estão em perigo, mas não por parte de Coburn. Ele é um dos

nossos. É agente federal.

Depois de um pausa momentânea, VanAllen disse: – Crawford me perguntou à queima-roupa se ele era um federal, e eu disse que não.

– De onde ele tirou essa ideia?

– Ele disse que são os boatos.

Aquilo era perturbador. O boato tinha que ser originário da própria agência de VanAllen, segundo as informações que o próprio Hamilton colhera na véspera. Aparentemente, sua investigação não tinha sido tão sutil como pensara. Pondo de lado aquele assunto por um momento, ele passou para Tom as informações sobre Coburn.

– Eu o recrutei diretamente com os Fuzileiros, e supervisionei pessoalmente seu treinamento. Ele é um dos melhores agentes que trabalham disfarçados da minha agência. Sempre trabalhou infiltrado, mas nunca foi tão a fundo como fez na empresa de Marset.

“Ele tirou Honor e a meninazinha da casa delas para a própria proteção das duas. Falei com ela ao telefone ontem. Nem ela nem a menina sofreram qualquer agressão por parte de Coburn. Nem vão sofrer. Quanto a isso, você pode ficar despreocupado.” Fez uma pausa, e depois disse: “Você deve ficar preocupado é com o vazamento de informações na sua agência.”

VanAllen ficou calado durante muito tempo, mas Hamilton pôde sentir a raiva do homem queimando pela linha. Quando voltou a falar, a voz de VanAllen vibrava de raiva.

– Por que você me enganou deliberadamente sobre Coburn?

– Porque a missão dele era delicada. Antes de revelar quem era ele, eu tinha de saber como ele seria percebido.

– Você me fez de bobo.

– Não, eu...

– Que nome você dá a essa manipulação?

– Tática, Tom. – Hamilton elevou o tom de voz para se pôr no mesmo nível do tom raivoso de VanAllen. – Há muita merda correndo por aí, e todo mundo é suscetível de suborno.

– Essa é uma resposta de merda.

– Nosso trabalho é uma merda. Para ser bom nele, você não pode confiar em ninguém.

– Se você não confiava em mim, por que me indicou para esse cargo? Ou então, *foi* por causa disso. Você *não confiava* em mim.

– Eu indiquei Tom VanAllen porque ele era, e é, o melhor homem para essa função.

VanAllen deu um riso amargo. – Bem, já que estou nesse cargo, você pode me dizer por que Coburn foi plantado na empresa de transportes de Sam Marset?

– Essa linha é segura?

– Alguma linha é?

– Boa resposta – disse Hamilton, secamente.

– Foi feita uma varredura no prédio hoje de manhã, à procura de escutas clandestinas. Nós estamos seguros como nunca estivemos. Qual era a missão de Coburn?

Hamilton contou os detalhes da operação de Coburn. – Essencialmente ele entrou lá para desmascarar todos os participantes. Descobriu mais do que esperava.

– O Contador.

– O Contador. Coburn diz que estava prestes a descobrir sua identidade.

– Então, por que você não fez com que ele viesse nos contar o que sabe?

– Eu tentei – disse Hamilton. – Ele está relutante.

– Por quê?

– Quer terminar o que começou.

– Que nobreza – disse VanAllen, sarcástico. – A verdade é que ele não confia na nossa agência, nem nos outros agentes do FBI.

Hamilton ficou calado. Algumas declarações não precisavam de pormenores.

– E onde Honor Gillette entra nisso tudo? – perguntou VanAllen.

– Não ela, propriamente dita. Seu falecido marido, possivelmente. Coburn acha que Eddie Gillette morreu com segredos capazes de revelar a identidade do Contador.

– Isso explica por que Stan Gillette está possesso com as falsas acusações contra seu falecido filho.

– Arranje outra razão para Stan odiar Coburn. E depois, há Doral Hawkins, que está a fim de vingar o irmão. O alvo pregado nas costas de Coburn fica maior a cada minuto que ele está foragido.

– O que torna compreensível sua relutância em sair da clandestinidade.

– É uma situação volátil, e a coisa toda pode estourar na nossa cara. – Tendo chegado ao cerne da questão, Hamilton esperou alguns segundos, depois disse: – É por isso que eu preciso que você esteja à frente da coisa, Tom.

– Você quer que eu faça Coburn sair da clandestinidade.

– Quero. Faça com que venha até nós, juntamente com qualquer conhecimento que ele tenha sobre o Contador. Nós precisamos terminar essa coisa.

- Compreendo.
- Compreender só não basta, Tom. Preciso saber se posso contar com você.

Capítulo 31

Assim que entrou novamente na picape, Coburn colocou as mãos no volante e tentou ignorar o ponto úmido no seu rosto onde Emily plantara um beijo.

Ele queria enxugar aquilo, mas fazer isso seria reconhecer que a marca estava lá e que ele a sentira. Melhor do que isso, ele dera importância à coisa, fosse o que fosse. Mas, enquanto observava o Mini Cooper desaparecer, dobrando a esquina do outro lado da ponte, ele percebeu que ia sentir falta da tagarelice da menina.

Quando Honor veio juntar-se a ele no veículo, ele lhe lançou um olhar sinistro por ter se atrasado, mas não disse nada porque ela estava tentando sem sucesso segurar as lágrimas, e a última coisa de que ele precisava era Honor ter um acesso de choro.

Deu a partida ao veículo, contente de estar saindo desse lugar de encontro, supostamente secreto. Enquanto cruzavam a ponte de madeira rangente, Honor disse:

– Você disse para Tori que a essa hora a polícia estaria procurando essa picape. Por que acha isso?

Ele explicou a ela o detalhe das marcas de pneus que eles haviam deixado perto do barco.

– Eles não deixariam de notar de jeito algum. Se esses pneus forem aqueles com que o veículo saiu da fábrica, estarão procurando uma picape dessa marca e modelo.

– O que quer dizer que nós estamos arriscados a ser pegos numa blitz?

– Até conseguirmos outro conjunto de rodas.

– Você planeja roubar outro carro?

– Planejo.

– De onde?

– Da mesma família que me forneceu este aqui.

Por quase vinte minutos eles foram seguindo por estradas secundárias, nas quais até mesmo gente nascida na área ficaria perdida. Mas Coburn tinha uma memória

fotográfica de lugares por onde passara, e um perfeito senso de direção, de modo que conseguiu localizar novamente a casa de onde havia pegado o veículo.

A casa ficava a uns oitocentos metros do vizinho mais próximo. A construção se erguia a uns setenta metros da estrada, e era protegida da vista por um denso bosque de pinheiros. A caixa do correio na entrada, abarrotada de correspondência não recolhida, era o único indício de que ali havia uma casa.

Enquanto levava vagarosamente a picafe pela entrada privativa, ele ficou aliviado de ver que nada mudara desde que estivera ali dezoito horas antes. Os proprietários não tinham retornado.

– Como é que você chegou até aqui ontem? – perguntou Honor. – Como achou essa casa?

– Eu estava rodando por aí procurando um carro que fosse fácil de roubar. Percebi a caixa de correio. Passei por aqui, joguei o outro carro numa vala a uns três quilômetros daqui, e depois voltei a pé. – Ele estacionou a picafe no lugar original, atrás da casa, e desligou o motor.

– Lugar bacana – observou ela.

Ele deu de ombros.

– Acho que sim. Serve para o que quero.

Olhando pensativamente para as janelas fechadas nos fundos da casa, Honor disse: – Eu fui casada com um policial que jurou zelar pela segurança das pessoas e da propriedade. Alguma vez você sente culpa por estar roubando carros ou invadindo propriedades?

– Não.

Ela virou a cabeça e olhou para ele com uma combinação de desânimo e desapontamento.

As duas coisas o constrangeram.

– Se vai ficar com escrúpulos por causa de invasão de casas e roubo de carros, você deveria ter ido com sua amiga. Mas, por causa de Eddie você queria levar isso até o fim. Se é isso que você quer e pretende ficar viva, é melhor começar a ficar malvada.

– Como você..

– Eu? Não. Malvada como os bandidos que transportam jovens de cidade em cidade para serem usadas como escravas do sexo de degenerados. *Isso* é que é ser malvado. E o seu querido Eddie talvez tomasse parte nisso.

Ele abriu a porta da picafe e saltou do veículo. Não olhou para trás para ver se Honor o seguia. Sabia que ela faria isso. Tinha sido um golpe baixo, mas calculado para tirá-la de seu constrangimento a respeito das ações dele.

Além disso, ele já estava cheio até a borda com essa história de Santo Eddie. E quem sabe? Talvez Eddie *tivesse* se especializado no tráfico de garotas.

A garagem ficava a uns vinte metros da casa. Uma escada ligada à parede externa levava às dependências de cima, mas Coburn só estava interessado no carro que tinha visto dentro da garagem na véspera, quando espreitara por uma janelinha na porta. Havia um ferrolho e um cadeado modelo antigo trancando a porta, mas ele usou um pé de cabra tirado da caixa de ferramentas da picape, e em alguns segundos levantava a porta da garagem.

O sedã tinha pelo menos uma década, mas, a despeito da camada de poeira, a carroceria estava em bom estado e nenhum dos pneus estava vazio. As chaves estavam penduradas na ignição. Ele entrou, bombeou o pedal da gasolina algumas vezes, virou a chave, e prendeu a respiração. Foram necessárias algumas tentativas e umas palavras doces, mas o motor funcionou. O mostrador mostrava que o tanque tinha mais da metade de combustível. Ele tirou o carro da garagem o suficiente para liberar a porta, estacionou-o e saltou do veículo.

Abaixou a porta da garagem e colocou o cadeado quebrado para fazer parecer, pelo menos a distância, que ainda estava intacto. Depois, olhou para Honor, que permanecia silenciosa, furiosa, e levantou o queixo na direção da porta do carona.

– Entre.

– Tem sistema de alarme?

– Tem.

– Você conhece a senha?

– Conheço.

– O quintal, nos fundos, tem cerca?

– Tem.

– Podemos entrar sem ser notados?

– Talvez. No canto de trás da casa há uma porta externa que dá para a garagem. Tem um cadeado, mas eu sei a combinação. Da garagem, há um acesso para a cozinha.

Eles já haviam passado pela casa de Stan Gillette duas vezes, mas Coburn queria estar totalmente seguro de que não ia cair numa emboscada cuidadosamente armada. Não tinha escolha, senão assumir o risco. Precisava entrar naquela casa.

Bem de acordo com a personalidade de Stan Gillette, sua casa era a mais arrumada da rua. Estilo acadiano básico, a pintura branca tão fresca que doía nos olhos. Não havia uma única folha de grama desafiando o alinhamento perfeito ao longo do meio-fio e da calçada da frente. A bandeira dos Estados Unidos drapejava de uma das

quatro colunas quadradas da entradinha coberta que sustentavam o telhadinho de zinco vermelho. Tudo era tão perfeito que parecia ter sido encomendado de um catálogo.

Coburn passou pela casa e deu a volta ao quarteirão de novo.

– Ele não está aqui – disse Honor, dando ênfase, desta vez, à afirmação, pois já dissera aquilo várias vezes.

– Como é que você sabe com tanta certeza?

– Porque ele não põe o carro na garagem a não ser à noite. Se estivesse em casa, o carro estaria na entrada da frente.

– Talvez essa seja uma ocasião especial.

A dois quarteirões de distância da rua de Stan, havia um cinturão verde com um pequeno playground. Dois carros estavam parados no estacionamento. Um deles devia pertencer à jovem mãe que filmava sua filha pendurada de cabeça para baixo em uma barra, no local de aparelhos de ginástica, e o outro, a um adolescente que atirava bolas de tênis contra um anteparo negro.

Nenhum dos dois olhou para Coburn quando ele entrou com o carro no estacionamento. Enquanto a família rural ficasse longe de sua casa, ele considerava o sedã um meio de transporte relativamente seguro. Ninguém estaria procurando por aquele veículo. Além do mais, ele chamava menos a atenção ali do que parado numa rua das vizinhanças, onde poderia estimular a curiosidade.

Ele lançou um olhar para Honor, que, ele podia ver, ainda estava aborrecida com ele pela insinuação que ele fizera sobre o falecido marido.

– Pronta?

A expressão dela parecia negar, mas ela balançou a cabeça, querendo dizer sim, e saiu do carro.

– Nós não precisamos nos apressar – disse ele. – Somos apenas um casal dando um passeio para se distrair. Está bem? Não faria mal se você sorrisse.

– Isso vindo de um homem que não sabe sorrir.

Eles acertaram o passo e foram andando, acompanhando a borda do gramado, sem ser notados pelas pessoas no playground. A mãe ria e gritava instruções para a filha ainda pendurada de cabeça para baixo, fazendo caretas para a câmera. O tenista usava fones de ouvido, de modo que estava completamente alheio ao que se passava nos arredores.

Levando Honor com ele, Coburn deu a volta no cinturão verde e entrou num terreno nos fundos daquele. Honor olhou em torno, nervosa.

– E se um morador sair e perguntar o que estamos fazendo?

– Nosso cachorro fugiu antes que pudéssemos colocar a coleira nele. Alguma coisa assim. Mas ninguém vai perguntar.

– Por que não?

– Porque se nos virem, com toda certeza nos reconhecerão e ligarão imediatamente para a polícia. Eu estou armado e sou perigoso, lembra-se?

– Muito bem, e o que acontece se ouvirmos sirenes se aproximando?

– Eu fujo a toda.

– O que eu faço?

– Você desaba no chão e grita, e agradece a eles por terem salvado uma mulher sequestrada das mãos de um assassino.

Mas a discussão foi inútil, porque ninguém os abordou, e eles alcançaram o canto de trás da casa de Stan sem problemas. Honor levantou a tampinha do cadeado e inseriu a combinação. Coburn esperou ouvir o ruído metálico, depois virou a maçaneta e empurrou a porta, abrindo-a.

Entraram na garagem, e fecharam a porta atrás de si. Penetrando por três grandes janelas, a luz do dia permitiu que eles caminhassem até a porta da cozinha. Honor entrou e desligou o sistema de alarme. O barulhinho característico cessou.

Mas, quando se aventuraram mais no interior da cozinha, ele colocou a mão no ombro dela e abanou a cabeça. Estava desconfiado da facilidade com que haviam invadido a casa. De modo que permaneceram no limiar da porta, os músculos tensos, prontos para uma ação relâmpago.

Os silêncios não eram todos iguais. Tinham qualidades que ele fora treinado para distinguir. Durante longos sessenta segundos, ficou escutando, até que, afinal, determinou que a casa estava realmente vazia. Então, tirou a mão do ombro de Honor.

– Acho que está tudo bem.

Os centros cirúrgicos, em sua maioria, não são tão estéreis quanto a cozinha de Stan Gillette. Coburn imaginou que a esterilidade era um reflexo do próprio homem. Frio, impessoal, inflexível, sem áreas que pudessem ficar cheias de lixo emocional.

O que – ele percebeu – era também uma descrição precisa de si próprio.

Pondo esse pensamento de lado, Coburn perguntou a Honor onde ficavam as coisas de Eddie.

– Na verdade, por toda a casa. Por onde é que você quer começar?

Ela o levou para o que fora o quarto de dormir de Eddie, quando ele era adolescente.

– Não mudou muito desde a última vez que estive aqui. Eddie me trouxe para conhecer Stan. Eu estava muito nervosa.

Coburn não ligou a mínima para o que ela disse, e sua indiferença deve ter sido patente, porque ela terminou o passeio pela trilha das lembranças e ficou parada no centro do quarto, as mãos cruzadas, desajeitadamente, à frente do corpo.

– E aí? – perguntou ele.

– É estranho estar nesta casa, neste quarto com...

– Sem o Eddie?

– Eu ia dizer com você.

Diversas respostas lhe vieram à mente, mas todas elas ou eram vulgares ou então inadequadas, e ele não tinha tempo para lidar com alguma alteração que, com toda a certeza, um comentário malicioso suscitaria. Mantendo as observações para si mesmo, ele mostrou a ela uma escrivaninha.

– Esvazie as gavetas. Eu começo pelo closet.

Ele deu ao local o mesmo tratamento que dera aos closets da casa de Honor. Parecia que Stan Gillette não descartara nada que pertencera a seu filho. Resistindo à tentação de fazer a coisa depressa, Coburn procurou não deixar passar nada, ou descartar um item até que o revistasse.

Achando que os uniformes de Eddie seriam um esconderijo lógico, Coburn examinou cada costura, cada forro e cada bolso de cada uniforme, vendo se havia alguma coisa costurada dentro. Não encontrou nada exceto fiapos de tecido.

Depois de decorrida uma hora sem conseguir nada, ele começou a sentir a pressão do tempo.

– Gillete fica geralmente fora de casa durante o dia? – perguntou a Honor.

– Ele tem suas atividades, mas eu não sei a programação dele.

– Você acha que ele está fora fazendo uma dessas atividades?

– Não. Eu acho que ele está procurando por mim e por Emily.

– Eu também acho.

Mais uma hora se passou, aumentando sua frustração. Ele tinha pressa, e o tempo fugia a seu controle. Deu uma olhada para Honor a fim de fazer outra pergunta sobre a rotina diária do sogro, mas a pergunta morreu antes de ser formulada.

Ela estava sentada na cama dupla examinando uma caixa de guardados, a maioria dos quais eram medalhas e condecorações que Eddie ganhara em torneios esportivos durante o tempo de escola. Ela chorava em silêncio.

– O que há?

Ela ergueu a cabeça. Lágrimas saltaram dos olhos.

– O que há? O que *há*? O que há, Coburn, é isso! – Ela deixou cair a medalha que estivera esfregando entre os dedos e jogou a caixa para longe com tal força que ela caiu de cabeça para baixo no chão. – Estou me sentindo como uma violadora de sepulturas.

O que ela queria que ele dissesse? *Desculpe, você tem razão, vamos embora*. Bem, ele não iria dizer isso, iria? De modo que ficou em silêncio. Um momento se passou enquanto eles apenas se entreolhavam.

Por fim, ela fez um som de resignação e enxugou as lágrimas que rolavam pelo rosto.

– Deixa pra lá. Eu não esperava que você compreendesse.

Honor tinha razão. Ele não compreendia por que isso a perturbava tanto. Porque ele já violara uma sepultura. Depois de ter procurado intensamente se havia sobreviventes numa aldeia dizimada, onde até mesmo as pacíficas vacas não tinham sido poupadas, ele mergulhou num poço onde havia corpo empilhado em cima de corpo.

Remexera os cadáveres em decomposição – de bebês, velhas nuas, homens fortes e mulheres grávidas – procurando pistas sobre qual das tribos em guerra era responsável por aquele particular massacre. Tinha ordens de descobrir. Não que a resposta tivesse tanta importância, porque a facção culpada logo seria sujeita à retaliação que seria tão horrível quanto aquilo ali.

Não conseguiu obter qualquer informação. Tudo que resultou de sua busca foi um cantil d'água que escapara miraculosamente da saraivada de tiros de armas automáticas disparada contra o poço. A água de seu próprio cantil já estava acabando, de modo que ele retirara a alça do cantil achado no ombro de um homem morto, na realidade, um menino, não mais do que doze ou treze anos, pela aparência, e passara a alça pelo próprio ombro enquanto saía da cova coletiva.

Aquilo fora muito pior do que isso aqui. Mas Honor não precisava saber disso.

– Onde é o quarto de Stan?

Duas horas mais tarde a casa de Stan Gillette estava numa condição semelhante à de Honor, depois que Coburn terminara de revistá-la. O produto fora também igual. Nada.

Ele pensara que talvez o computador de Stan contivesse informações comprometedoras, mas não precisou sequer de uma senha para entrar nele. Coburn examinou “Meus Documentos” e pouco encontrou, a não ser cartas para o editor, que Stan enviara, apoiando ou se opondo a editoriais políticos.

Os e-mails eram, na maior parte, trocas de mensagens com ex-fuzileiros navais, versando sobre reuniões do grupo futuras ou passadas. Havia uma notícia sobre como ia o câncer de próstata de um antigo camarada e uma nota sobre a morte de outro.

Da mesma forma, os websites que Gillette costumava visitar eram dedicados ao Corpo de Fuzileiros, a organizações de veteranos, e a notícias do mundo, certamente nada pornográfico nem relacionado com o tráfico de substâncias ilegais.

O tesouro que ele tanto esperava se revelava uma grande decepção.

Finalmente, o único lugar que não fora revistado era a garagem. Coburn nunca morara numa casa com garagem, mas sabia como elas deveriam parecer, e essa era bem típica, exceto por uma importante diferença: sua extraordinária organização.

No espaço ao lado de onde ficaria o carro, havia um barco de pesca montado num trailer. E equipamentos de caça e pesca tão bem arrumados que parecia uma vitrine de loja. No fundo da garagem, uma mesa de carpinteiro, latas de tinta cuidadosamente etiquetadas e alinhadas. As ferramentas de mão também estavam todas bem arrumadas num quadro com ganchos. Uma cortadeira, um aparador de grama e uma lata vermelha de gasolina ficavam num pequeno *pallet* de tijolos.

– Merda – disse Coburn baixinho.

– O quê?

– Levaria dias para examinar tudo isso. – Ele balançou a cabeça na direção de um pequeno mezanino montado logo abaixo do teto, num canto. – O que há ali em cima?

– A maioria, equipamentos esportivos de Eddie.

Coburn subiu por uma escada de mão encostada à parede e entrou no mezanino.

– Preciso de uma faca. – Honor pegou uma na mesa de trabalho e lhe entregou. Ele a usou para cortar a fita adesiva de uma caixa grande. Dentro, encontrou um alvo de arqueiro, uma bola de beisebol, uma de basquete, uma de futebol e outra de futebol americano.

– Cuidado.

Um por um, ele foi jogando os objetos para baixo. No fundo da caixa, havia uma bola de boliche. Os orifícios para os dedos estavam vazios. Coburn abriu uma segunda caixa e encontrou uniformes para cada um dos esportes, uma luva de beisebol, um capacete de futebol americano, protetores para os ombros. Revistou tudo. Não encontrou nada.

Quando ele desceu, Honor segurava a bola de futebol americano, girando-a nas mãos. Ela correu o dedo ao longo da costura. Sorrindo, disse: – Eddie era *quarterback* no time do ensino médio. No último ano, ele passou a fazer parte da seleção do distrito. Foi aí que começamos a namorar. Naquela temporada. Ele era pequeno

demais para jogar futebol na universidade, mas ainda assim adorava o esporte; ia para fora de casa e ficava treinando passes sempre que encontrava alguém para apanhar as bolas que arremessava.

Coburn estendeu a mão. Honor lhe deu a bola. Ele meteu a faca na bola.

Ela soltou um pequeno grito e, num gesto reflexo, estendeu a mão para pegar novamente a bola, mas ele manejou a faca de modo a aumentar o tamanho do corte, depois balançou a bola para deixar cair qualquer coisa que houvesse ali dentro. Não havia nada. Então, atirou a bola murcha na bancada de trabalho.

Quando se virou, Honor deu-lhe um tapa na cara. Forte.

– Você é uma pessoa horrível – disse ela. – A criatura mais fria, mais sem coração, mais cruel que posso imaginar. – Ela parou, soluçando. – Eu tenho ódio de você. Realmente, tenho.

Nesse momento, ele também se odiava bastante. Estava com raiva e não sabia por quê. Estava agindo como um completo idiota e não sabia por quê. Não compreendia sua própria compulsão em querer magoá-la e irritá-la, mas parecia incapaz de se controlar.

Ele deu um passo na direção dela e fez isso com intenção de intimidá-la. – Você não gosta de mim?

– Tenho *desprezo* por você.

– Tem?

– Tenho!

– Foi por isso que você chupou minha língua até o fundo de sua garganta ontem à noite?

Ela ficou fervilhando durante cinco segundos, depois deu-lhe as costas, mas, antes que ela pudesse dar um único passo, ele a fez virar-se de novo.

– É por isso que você está puta da vida, não é? Porque nós nos beijamos. – Abaixando o rosto na direção do rosto dela, ele murmurou: – E você gostou do que fez.

– Eu odiei aquilo.

Ele não acreditou no que ela disse. Não queria acreditar. Mas forçou a si mesmo a parecer indiferente ao fato de ela ter ou não gostado do beijo. Largou o braço dela e se afastou.

– Não se mortifique por isso. Os seres humanos são animais, e animais cruzam. Eles também espirram, tosse e peidam. E isso é o máximo que um beijo significa. Portanto, relaxe. Você não enganou o seu falecido marido.

Ela soltou um ruído de afrontada como um soluço, mas antes que pudesse articular uma resposta, ele pegou o próprio telefone celular e ligou. Nesse momento Hamilton já deveria estar a par da escapada deles do barco camaroneiro, há uma hora. Coburn queria saber qual fora a repercussão.

Coburn completou a chamada. Hamilton atendeu imediatamente. – Coburn?

– Adivinhou.

– Você escapou por um triz hoje de manhã.

– Por um triz, mesmo.

– Então basta. Onde você está?

– Deixa pra lá.

– Eu já acertei com Tom VanAllen para você e Honor Gillette se entregarem. Ele é de plena confiança. É uma coisa segura. Dou minha palavra.

Coburn sustentou o olhar de Honor. Seu rosto doía onde ela lhe dera o tapa e onde, horas atrás, a filha dela deixara a marca de um beijo de adeus. Ele não estava acostumado a lidar com pessoas que têm as emoções à flor da pele, e essas mulheres da família Gillette tinham transformado isso numa arte. Não admira que estivesse irritado.

– Coburn? – disse Hamilton, repetindo o nome pela terceira vez.

– Eu telefono para você de novo – disse ele, e desligou o aparelho.

Capítulo 32

— Ele mentiu para você.

Tom VanAllen fez um movimento com o ombro que podia ser de indiferença ou de concessão.

— Não abertamente.

— Você foi iludido por ele de propósito – disse Janice. – Do que é que você chama isso?

Ele chamaria isso de mentir, mas não queria usar essa palavra com Janice para descrever como Hamilton o manipulara. Essencialmente, ele estava defendendo a manipulação de Hamilton, e tinha ódio de si mesmo por isso. Mas, admitir o quanto fora ingênuo o teria feito parecer ainda mais ridículo aos olhos da esposa.

Ele viera para casa para ajudá-la com Lanny, que os mantivera acordado quase a noite inteira com seus gemidos. Era um pedido de socorro que eles conheciam bem. Aqueles deploráveis sons eram o único meio que Lanny tinha de comunicar que alguma coisa estava errada. Dor de garganta? Dor de ouvido? Câimbras musculares? Dor de cabeça? Ele não tinha febre. Os dois o examinavam diariamente para ver se não tinha escaras. Como não tinham meios de saber por que ele sofria, eles não podiam fazer nada para aliviar possíveis dores ou incômodos, e, como pais, isso era uma tortura.

Talvez ele estivesse apenas com medo, e a presença deles ao lado da cama o confortara, porque, por fim, ele adormeceu. Mas aquela noite fora difícil. Isso, aliado à crise profissional de Tom, tornara ambos particularmente irritadiços hoje.

Depois de cuidar de Lanny, ele recusara o oferecimento para almoçar, e, em vez disso, preferira o pequeno aposento como lugar para contar a ela sobre as sacanagens de Hamilton. Ele observara que o computador estava ligado, e quando chamou a atenção da mulher para esse fato, ela admitiu ter passado várias horas daquela manhã

investigando os sites das melhores instituições que cuidavam de deficientes permanentes dentro de uma distância razoável.

Tom encarou aquilo como um passo à frente. Mais ou menos. Paradoxalmente, era um passo à frente que levava a um beco sem saída. Ele ficou quase aliviado de ter outra crise para desviar a atenção daquela, a doméstica.

– Como você sabe que ele agora está dizendo a verdade? – perguntou Janice.

– Você se refere ao fato de Coburn ser um agente infiltrado?

– Aquele homem não parece ser um agente do FBI mais do...

– Do que eu pareço.

A expressão espantada de Janice foi tão perfeita como se a admissão houvesse sido feita com palavras saídas de sua boca. Ela tentou consertar as coisas.

– O que eu quero dizer é que Coburn parece ser alguém que pirou. Ele matou oito pessoas, contando Fred Hawkins.

– Hamilton alega que Coburn não matou aqueles homens no armazém.

– Então, quem foi?

– Ele não disse.

– Ele sabe?

Tom deu de ombros.

Ela expirou forte, deixando claro seu aborrecimento. – Então ele ainda não está jogando sério com você.

– Ele está paranoico. – Hamilton falara abertamente, acusando a seção de Tom de estar repleta de buracos através dos quais vazavam as informações. O detetive Crawford reclamara das maçãs podres nas diversas agências de segurança do governo. – Todo mundo está paranoico com razão – disse ele a Janice.

– Por que Coburn não telefonou para você pedindo ajuda quando o inferno abriu as portas? Por que ele fugiu do massacre, saqueou a casa de Honor Gillette e assumiu a postura de criminoso?

– Ele queria manter sua condição de infiltrado durante mais algum tempo. Além disso, Hamilton é seu único contato com o exterior. Hamilton infiltrou Coburn na empresa de Marset, e ninguém mais sabia. Nem mesmo eu era o contato de Coburn.

– Até agora. – Janice não tentou sequer disfarçar sua amargura. – Agora que o garoto maravilha de Hamilton está com as costas para a parede ele manda que você faça com que Coburn se entregue. Você sabe o que isso significa, não é? Significa que, se alguma coisa ruim acontece, a culpa cai em você. Não em Clint Hamilton, que está são e salvo na sua sala atapetada em Washington.

Ela tinha razão, é claro, mas ele se irritou em ouvir aquele ressentimento corrosivo expresso em palavras pela esposa. Ele murmurou:

– Talvez isso não aconteça.

– O que você quer dizer?

– Primeiro, Hamilton tem que fazer contato com Coburn, que está se esquivando demais do contato. Depois, ele tem que persuadir Coburn a ficar sob minha custódia, e isso vai ser muito difícil.

– Por que ele não ia querer segurança e proteção?

– Ele não confia que eu, a agência, possa lhe dar essa proteção. Se achasse isso, a primeira coisa que teria feito seria me telefonar, como você disse. Francamente, ele seria maluco se não tomasse todas as precauções. Se Marset era realmente um canalha, como se diz, só Deus sabe que tipo de provas Coburn conseguiu. Qualquer um que tenha tido negócios ilegais com Marset provavelmente quer pegar Coburn agora.

“E há também as vinganças pessoais. Eu soube que Doral Hawkins quer a pele dele. E também o sogro de Honor Gillette. Essa mentalidade de justiça pelas próprias mãos está procupando Hamilton.”

– Ele quer Coburn vivo.

– Ele quer as provas que Coburn conseguiu. – Ele olhou para o relógio de pulso e estendeu a mão para pegar o paletó do terno. – Preciso voltar ao trabalho. Preciso estar disponível e pronto para o que acontecer.

Ao passar por Janice em direção à porta, ela estendeu a mão para detê-lo.

– E se ele não fizer isso?

– Se quem não fizer o quê?

– Se Coburn não se entregar?

– Eu fico no meu *status quo*. Não serei um herói, mas também não terei a chance de melar as coisas.

– Não fale dessa maneira de você mesmo, Tom. – Ela se levantou e deu um tapinha nos ombros dele. – Nem mesmo pense dessa maneira. Isso pode ser uma oportunidade para você provar o seu valor.

A confiança dela no marido estava fora de foco, mas ele gostou da lealdade demonstrada pela esposa. – Eu estou com raiva bastante para pegar essa oportunidade.

– Ótimo. Mostre a Hamilton do que você é capaz. E a Coburn. E a todo mundo.

– Vou fazer o possível.

A expressão dela se suavizou.

– Seja o que você fizer, tenha cuidado.

– Vou ter.

– Esse homem pode ser um agente do FBI, mas ele é perigoso.

– Vou ter cuidado. Prometo.

Antes de partir, ele parou no quarto de Lanny. Os olhos do garoto estavam abertos, mas ele jazia ali imóvel, silencioso, o olhar fixo, e Tom quase desejou reaver aquela agitação que o filho exibira na noite anterior. Pelo menos, aquilo demonstrava que ele sentia alguma coisa, que compartilhava algum nível da condição de ser humano com o pai. Qualquer conexão seria melhor do que absolutamente nenhuma.

– Eu faria qualquer coisa por você, Lanny – sussurrou ele. – Qualquer coisa. Eu tenho esperança que... que em algum nível você saiba disso. – Tom tocou o rosto do filho, depois inclinou-se e beijou-lhe a testa.

Ele chegou até a porta da frente antes de perceber que deixara a chave na salinha do computador. Refez os passos e estava prestes a entrar novamente no aposento quando parou, de repente.

Janice voltara para seu assento no sofá. Ela segurava o celular na mão, os polegares tecendo furiosamente a tela. Em menos de um minuto, ele e seus problemas haviam sido descartados e esquecidos. Ela estava totalmente absorvida no seu próprio mundo, um mundo do qual ele não fazia parte.

Ele se lembrou de que havia apenas alguns poucos dias – ou fora ontem? –, ele a pegara absorvida da mesma maneira no telefone.

– Janice?

Ela se assustou. – Meu Deus, Tom! – arquejou ela. – Pensei que você já havia saído.

– É claro. – Ele colocou a mala numa mesinha e foi na direção dela.

Ela se levantou. – Você esqueceu alguma coisa? – O tom de voz era inusitadamente alto, o sorriso inusitadamente brilhante.

Ele mencionou o telefone celular com a cabeça. – Que é que você está fazendo?

– Jogando meu jogo de palavras.

– Deixe-me ver. – Ele estendeu a mão.

– O quê? Por quê?

– Deixe-me ver.

– Você está interessado no meu jogo de palavras? – Ela fez a pergunta com um riso que soou forçado. – Desde quando você...

Ele avançou e arrancou o celular da mão dela.

– Tom? – gritou ela, chocada.

Depois, – Tom! – pronunciado num tom estridente que combinava com seu gesto, mão estendida, palma para cima, exigindo que ele lhe devolvesse o celular.

Então, quando ele não obedeceu, colocando o aparelho fora do alcance dela e lendo a mensagem de texto na pequena tela, ela repetiu o nome dele, dessa vez com um gemido baixo, suplicante, de alguém com remorso.

– Eu telefonei para colocá-lo em alerta. Fique pronto para agir assim que eu avisar.

Diego bufou de modo sarcástico. – O quê? E perder toda a diversão?

Ele chegara à mansão do bairro Garden antes do sol nascer e seguira Bonnell Wallace, quando ele saiu de carro pelo portão da frente. Agora, havia horas que ele observava o carro do banqueiro, onde permanecia desde as 7:35 daquela manhã, quando Wallace o estacionou na sua vaga reservada, no estacionamento dos empregados do prédio do banco.

Ficar observando enquanto o sol esmaecia um trabalho de pintura com tinta de alto brilho era uma merda de chatice.

Além de ficar entediado, Diego não gostava de ficar à toa por tanto tempo. Ele gostava de estar em movimento, como um tubarão cruzando, invisível, abaixo da superfície, atacando com violência e rapidez antes de seguir adiante. *Fluido*. Era essa a palavra. Ele gostava de ser fluido, não estacionário.

Principalmente, ele se ressentia do fato de que o Contador lhe seduzira com Lee Coburn como isca, e depois o mandara fazer aquele serviço sem sentido, que qualquer retardado podia fazer. Pensou em um monte de outras atividades que apreciaria mais, desde que ficar em casa com Isobel não fosse a última.

Casa. Era essa a palavra com a qual ele pensava agora em seu esconderijo.

O Contador não estava deixando que ele gozasse do mais agradável dos passatempos.

– Eu sinto um certo descontentamento na sua voz, Diego.

Ele permaneceu num silêncio soturno.

– Eu tenho um motivo para dar a você a missão de vigiar Wallace.

Bem, até então essa razão havia escapado a Diego. Ele não se importava realmente com qual era a razão, mas o Contador estava no telefone agora, e a perspectiva de um trabalho mais excitante e que pagasse mais o incitou.

– Hoje é o dia em que eu vou pegar o Coburn?

– Coburn é um agente do FBI infiltrado.

O coração de Diego saltou, não de ansiedade, apreensão ou medo, mas de excitação. Apagar um federal era o máximo, cara.

– Você sabe o que isso significa, Diego.

– Significa que ele está frito.

– Significa – disse o Contador, irritado –, que você vai ter que agir com muita cautela, mas com rapidez. Quando eu der o “pode-ir”, você não vai ter muito tempo.

– Então me dê tempo. Diga agora, quando e onde?

– Não há detalhes, ainda. Você saberá o que quero que você saiba, quando chegar a hora de saber.

O que Diego traduziu como significando que o Contador também não sabia os detalhes. Sorriu, pensando como isso devia ser desagradável. Mas não era idiota e queria o contrato, portanto falou com uma humildade afetada:

– Eu estarei aqui sempre que você estiver pronto para mim.

A última palavra era geralmente do Contador, e dessa vez não foi diferente.

– As autoridades de Nova Orleans ainda não acharam o corpo daquela prostituta.

– Eu já disse a você. Eles não vão achar.

– O que suscita uma pergunta, Diego.

– Que pergunta?

– Como é que você tem tanta certeza?

Então, a comunicação foi interrompida.

Capítulo 33

Honor e Coburn voltaram sem incidentes para o estacionamento junto ao playground.

A mãe e a filha haviam ido embora. O adolescente fizera uma pausa na prática de tênis, e estava agora deitado debaixo de uma árvore, fones nos ouvidos, fazendo alguma coisa com o celular; não notou o casal que entrou num carro roubado e depois partiu.

Somente então, Honor perguntou a Coburn sobre sua breve troca de palavras com Hamilton.

– O que ele disse?

– Ele quer que a gente se entregue a Tom VanAllen. Deu sua palavra de que VanAllen é um cara de confiança e que estaremos seguros sob sua custódia.

– Você acreditou nele?

– Se VanAllen é tão de confiança, por que Hamilton o deixou fora da minha operação de infiltração? Agora, de repente, Hamilton confia nele. Isso me faz ficar nervoso. Eu teria que ficar cara a cara com VanAllen para poder avaliar sua confiabilidade, e nós não temos tempo para isso sem colocar nossas vidas em perigo.

– E a outra parte? A capacidade dele de nos proteger.

– Confio menos ainda nisso. Que diabo de coisa. Estamos ficando sem alternativas.

– Eu diria que sim. Você chegou a furar bolas de futebol inofensivas.

Ele ignorou a observação, mas, na verdade, ela não esperava um pedido de desculpas.

– O problema é que eu sei que tenho razão. – Ele olhou para ela, como que desafiando-a a contestar essa afirmação.

– Está bem, digamos que Eddie tinha mesmo alguma coisa, mas por quanto tempo podemos continuar essa busca sozinhos? O que eu quero dizer é que – disse ela depressa, para terminar antes que ele pudesse interromper –, com toda a tecnologia

que o FBI tem a seu dispor, se você estivesse agindo com outros agentes, com uma rede de pessoal, não teria mais chance de descobrir o que Eddie estava escondendo?

– Minha experiência com uma rede de pessoal? A coisa geralmente dá merda, e das grossas, que não pode ser consertada, e eu estou falando de erros colossais. Até mesmo bons agentes ficam tolhidos pela papelada da burocracia, e o governo federal tem quilômetros e quilômetros dessas papeladas, a maior parte enrolada com o Departamento de Justiça. Foi por isso que Hamilton me pôs para trabalhar sozinho.

– E por que só a sua vida está em perigo, agora?

Ele deu de ombros.

– Faz parte do trabalho. – Depois, bateu de leve na cabeça para dar mais ênfase. – *Meu* trabalho, não o seu.

– Eu estou aqui porque escolhi estar.

– Você escolheu errado.

Eles vinham se mantendo nos arredores da cidade, onde havia grupos de casas aqui e ali, mas não quarteirões organizados como aquele de onde tinham vindo. Eram pequenos centros comerciais planos, isolados e de aspecto triste, caindo aos pedaços ou fechados definitivamente, alguns abandonados depois do furacão Katrina e nunca mais reabertos, outros, vítimas da recessão provocada pelo derramamento de óleo da British Petroleum.

Coburn entrou no estacionamento de um centro comercial que tinha uma loja de artigos variados, um salão de barbeiro, um mercadinho e uma loja de bebidas alcoólicas que anunciava salsichas de carne de porco de fabricação caseira. As lojas tinham barras de ferro contra roubo em todas as janelas.

Ele desligou o motor e depois descansou o cotovelo na janela aberta, apoiando a boca e o queixo na palma da mão. Por vários minutos, ficou assim, parado, como que mergulhado em profundos pensamentos, mas os olhos continuavam se movendo continuamente, observando quem entrava ou saía de cada loja, avaliando atentamente cada carro que entrava no estacionamento.

Por fim, ele abaixou a mão e pegou o telefone celular. – Vou fazer uma chamada rápida, está bem?

Ela balançou a cabeça.

– Seja o que for que eu diga para Hamilton, você me acompanha.

Ela balançou de novo a cabeça, com menos certeza.

– Você tem de confiar em mim nisso. – Os olhos azuis dele fulminaram os dela.

Ela balançou a cabeça, pela terceira vez.

– Está bem, então. – Ele fez a chamada.

Ela ouviu a voz brusca de Hamilton. – Espero que você esteja me telefonando para me dizer que criou juízo.

– Há um trem velho em um trecho de linha abandonado.

Ele deu a Hamilton a localização do trem nos arredores de Tambour. Ela era familiarizada com a área, de modo geral, mas nunca notara aquele trecho de linha férrea, ou o velho trem parado ali.

– Apenas VanAllen – disse ele. – E estou falando a sério. Se eu sentir o mínimo tremor na espinha, nós nos mandamos. Vou entregar Honor Gillette a VanAllen. Mas vou ficar com a filha dela até ficar certo de que tudo...

– Coburn, isso...

– É assim que vai ser. Dez horas.

Ele cortou a ligação e desligou o telefone.

Quando Stan levantou a porta da garagem usando o controle remoto montado no para-sol do carro, a bola de basquetebol de Eddie rolou para fora, sobre a entrada da garagem.

Aquilo só podia significar uma coisa.

Ele desligou o motor do carro e saltou. Ao fazer isso, puxou a faca da bainha amarrada ao tornozelo. Aproximou-se com cuidado da porta aberta da garagem, mas pôde ver que não havia ninguém ali dentro.

Ao ver a bola de futebol de Eddie esvaziada sobre a bancada de trabalho, Stan ficou possuído de uma fúria fria. Sopesou a faca, apreciando o equilíbrio familiar da arma na sua mão.

Depois caminhou rápida, mas silenciosamente, na direção da porta que levava à cozinha. Girou a maçaneta e empurrou a porta com força, abrindo-a. Não ouviu o bipe de que o alarme estava ligado. Ninguém saltou sobre ele. A casa estava silenciosa, sem qualquer indicação de movimento. Seu instinto afiado disse-lhe que não havia ninguém ali dentro. Contudo, ele manteve a faca preparada enquanto ia de aposento em aposento, avaliando os danos.

Coburn.

Naquele momento e naquele lugar, Stan resolveu que, quando se visse face a face com o homem, ele o despedaçaria com o mesmo nível de crueldade com que Coburn havia depredado sua casa, particularmente o quarto de Eddie.

De pé no umbral da porta do quarto de dormir que, até aquele dia, permanecera exatamente o mesmo desde a juventude do filho, Stan tentou determinar se alguma

coisa fora levada dali. Mas isso era quase impossível. O quarto fora profanado, e isso era mais indefensável do que o roubo.

Revistar os aposentos daquela maneira completa teria levado certo tempo. Horas, calculou Stan. Uma tarefa quase impossível para um homem trabalhando sozinho.

Honor.

Esse pensamento fez o coração de Stan se contrair dolorosamente. Será que sua nora participara mesmo da busca? Stan tentou negar essa possibilidade. Como viúva de Eddie, será que ela, mais do que qualquer outra pessoa, não ia querer preservar o bom nome do marido, se não por ela mesma, então pelo de Emily? Mas as evidências diante dele indicavam que ela ajudara o homem disposto a manchar a reputação de Eddie.

Stan sentiu profundamente a traição dela. Antes de ela cometer um erro fatal, ele precisava encontrá-la, fazer com que ela caísse em si.

Para esse fim, ele estivera realizando buscas às cegas todo o dia. Chegara ao ponto de fazer papel de idiota na sede local do FBI, censurando VanAllen, em quem ele depositava até mesmo menos confiança do que em Crawford ou nos órgãos que os dois representavam. Se quisesse encontrar e trazer para casa Honor e Emily, caberia a ele agir.

Ele fora a cada lugar que pudesse imaginar onde era possível que ela estivesse. Telefonara para alguns dos colegas de magistério de Honor, outras amigas e conhecidas, mas não tivera sucesso. Até mesmo o padre da igreja que ela frequentava insistiu não ter notícias dela, mas garantiu que estava rezando pelo retorno em segurança dela e da filha. Stan pressionara cada pessoa com quem falara, e ele acreditava que teria percebido se alguma delas estivesse mentindo.

Seu instinto inato lhe dizia outra coisa. Ele se lembrou de um lugar no campo que Eddie certa vez lhe mostrara, um lugar que Honor erradamente acreditava ser secreto. Eddie confidenciara a Stan, com uma boa dose de divertido arrependimento, que ele seguira Honor certa noite, quando ela, depois de atender a um rápido telefonema, saíra abruptamente de casa com uma ligeira e evidentemente falsa explicação.

Mas o misterioso encontro dela resultara em nada mais do que se reunir com Tori. Eddie descartara a coisa, rindo, dizendo que aquela reunião clandestina era provavelmente uma continuação dos dias de escola secundária dela.

Era possível que a tradição continuasse.

Quando Stan falara com Tori na véspera, esta parecera genuinamente abalada e preocupada sobre o suposto sequestro de Honor. Ele ficou pensando se ela não o

estaria enganando. Ou se, desde então, Honor não lhe teria enviado um sinal de socorro que ela deliberadamente ocultara dele e das autoridades.

Então, agindo por puro instinto, ele fora de carro até aquele local remoto. No decorrer dos anos, desde que Eddie lhe mostrara o lugar, a velha ponte de madeira ficara ainda menos segura. O carvalho vivo parecia ter ampliado sua copa, as raízes estavam ainda mais retorcidas.

Stan notara imediatamente as marcas de pneus que pareciam ter sido feitas recentemente. Mas aquilo não o entusiasmou particularmente. Honor e sua amiga talvez não fossem as únicas duas pessoas a terem descoberto aquele ponto pitoresco. Seria um lugar perfeito, fora dos caminhos habituais, para adolescentes procurando estacionar e dar uns amassos, fumar maconha ou consumir bebida alcoólica surrupiada. As empresas cinematográficas estavam constantemente vasculhando a área à procura de locais para a filmagem de cenas.

Ele estava prestes a ir embora e retomar a sua busca em outros lugares quando observou alguns caracteres desenhados na lama. Estava olhando para os sinais em posição invertida, mas quando se agachou e olhou na posição certa, sua respiração saiu do corpo num lento assobio.

Esboçadas na lama, as letras de tamanho e forma irregular, mas possíveis de se ler: Emily.

No caminho de volta para a cidade, ele chamou Doral.

– Seu homem precisa levar um pé na bunda. Tori Shirah não está em casa. Ela está com Honor e Emily.

Eles tinham combinado encontrar-se na casa de Stan para discutir como iriam rastrear o paradeiro da mulher, Shirah, acreditando que, se seguissem aquela pista, extrairiam dela o paradeiro de Honor.

Agora, ouvindo um ruído de porta de carro se fechando, Stan refez os passos atravessando a casa e entrando na garagem. Doral estava parado lá, mãos nas cadeiras, os olhos na bola de futebol furada.

Ele se virou quando Stan se aproximou.

– Aquele filho da puta.

– É o mínimo que ele é. O interior da minha casa parece com o da casa de Honor.

Doral expirou demoradamente, despejando diversos palavrões. – Algum sinal de que Honor e Emily estiveram aqui, também?

Stan disse um “não” tenso, e só isso. Ele não iria compartilhar com ninguém suas dúvidas sobre a lealdade de Honor.

– Mas eu sei onde elas estiveram recentemente, e Tori Shirah, provavelmente, estava com elas.

O telefone de Doral tocou. Ele pôs o dedo indicador à frente da boca, sinalizando a Stan para não falar nada até ele atender. Ele ouviu o que a pessoa no outro lado da linha falava e depois disse:

– Assim que você souber.

Quando desligou, estava sorrindo.

– Talvez não precisemos de Tori. Era o meu homem na agência local do FBI. Coburn está entregando Honor.

– Quando? Como?

– Meu homem está esperando mais detalhes.

Capítulo 34

Hamilton fora bem específico sobre o horário.

– Se você já estiver lá quando Coburn chegar, ele vai ficar desconfiado. Se você chegar atrasado, ele provavelmente abortará inteiramente o plano e você nunca mais o verá, nem à mulher. Portanto, chegue lá apenas uns poucos minutos antes da hora marcada.

Tom VanAllen chegara ao local designado exatamente dois minutos antes das dez horas. Desligou o motor do carro, e, cessado o ruído característico de resfriamento, o silêncio era completo, exceto o som de sua própria respiração e o intermitente guincho de um grilo.

Ele não era talhado para aquele tipo de ação clandestina. Sabia disso. Hamilton também sabia. Mas Coburn estabelecera os termos, e eles não tiveram alternativa senão concordar.

O trem enferrujado estava à direita de Tom, um vulto mais escuro contra a escuridão dos arredores. Cruzou sua mente o pensamento de que Coburn podia estar se escondendo em algum lugar dentro do trem, vigiando e esperando, certificando-se de que as condições haviam sido cumpridas antes que apresentasse Honor Gillette.

Rezando a Deus para não fazer merda, Tom puxou a manga para cima e checkou os ponteiros iluminados de seu relógio. Apenas 30 segundos tinham decorrido desde sua chegada. Ele ficou imaginando se seu coração aguentaria aquela pressão por mais um minuto e meio.

Viu o ponteiro dos segundos adiantar-se mais um pouco, aumentando o tempo, desde que ele telefonara para casa.

Fez um som involuntário de puro desespero quando sua mente voltou à cena de que participara naquela tarde em que pegou a esposa no telefone celular. Pegou-a no ato, por assim dizer.

Ele se lançou para a frente e arrancou o telefone da mão dela.

– Tom? – gritou ela, em choque.

E depois, raivosa: – Tom!

E finalmente: – Tom – num gemido baixo, implorando, demonstrando remorso, enquanto ele lia o que estava escrito na tela.

Algumas das palavras eram tão abertamente sexuais que pareciam saltar do aparelho e golpeá-lo. Mas ele não podia associá-las a Janice. Sua esposa. Com quem ele não fazia sexo desde... Ele nem mesmo se lembrava da última vez que isso acontecera.

Mas, fosse quando fosse, as palavras que ele estava lendo na tela do seu celular nunca haviam feito parte das “preliminares” nem eram sussurradas no ardor da paixão. De fato, antes de hoje, ele teria apostado um mês de seu salário que uma linguagem como aquela nunca passaria pelos lábios dela, que ela iria repelir com nojo. Além de lasciva, era o vocabulário mais sujo existente no idioma.

Ele rolou a tela até o último texto que alguém – quem? – enviara para ela. Era um convite obsceno, descrevendo com detalhes explícitos o que o remetente faria com ela. A resposta que ela estava redigindo com tanta presteza era igualmente uma aceitação indecente.

– Tom...

– Quem é? – Quando ela olhou para ele, sua boca se movendo, mas sem produzir as palavras, ele repetiu a pergunta, enfatizando cada palavra.

– Não é ninguém... Não sei... é apenas um nome. Todo mundo usa codinomes. Ninguém sabe...

– Todo mundo?

Ele solicitou “Mensagens recebidas” no canto superior esquerdo da tela a fim de que fosse apresentada a relação dos remetentes dos quais ela recebera aquelas mensagens de texto. Ele clicou num nome e surgiram diversas trocas de mensagens. Então, ele acessou as mensagens enviadas por outro remetente, com um codinome igualmente sugestivo. Os nomes eram diferentes, mas o conteúdo das mensagens era igualmente nojento.

Ele atirou o telefone no sofá e olhou para ela com uma espécie de espanto e horror.

A cabeça dela pendeu para a frente, mas apenas por um momento, depois ela levantou-a e encarou-o, olho no olho.

– Eu me recuso a ficar envergonhada ou a pedir desculpas. – Ela falou menos as palavras do que as gritou na cara dele. – Com o que eu tenho que conviver, dia sim, dia não – berrou ela. – Só Deus sabe como preciso de alguma coisa para me distrair. Isso é um passatempo! É patético e simplório, concordo. Mas inofensivo. Não significa nada.

Ele a encarou, imaginando quem era aquela pessoa. Ela usava o rosto, o cabelo e as roupas de Janice. Mas era uma completa estranha.

– Para mim, isso significa alguma coisa. – Ele pegou as chaves do carro e saiu do aposento, deixando que ela o seguisse, chamando seu nome.

Ela deve ter sentido alguma coisa no tom de voz dele, ou lido algo na sua expressão que a amedrontou, e esvaziou sua atitude desafiadora. Porque a última coisa que ele ouviu da parte dela foi, “Não me abandone!”

Ele saiu batendo a porta com força.

Agora, horas mais tarde, o som da porta batendo e a súplica de Janice ecoavam na cabeça dele.

Ele ficara possuído de imensa raiva. Primeiro, as maquinações de Hamilton. Depois, descobrir que a própria esposa estava trocando mensagens de texto obscenas com só Deus sabe quem. Perversos. Viciados em sexo. Pensar naquilo fazia seu estômago dar voltas.

Mas abandoná-la? Deixá-la cuidando de Lanny sozinha, quando ela não podia dar conta dessa tarefa, sem ajuda, senão umas poucas horas? Ele não podia fazer isso. Não podia simplesmente ir embora e deixá-la lidar com aquela situação sozinha. E, mesmo se estivesse disposto a abandoná-la, ele não podia abandonar Lanny.

Na verdade, ele não sabia o que fazer naquela situação. Provavelmente, nada.

Não fazer nada parecia ser o modo pelo qual ele e Janice lidavam com a maior parte dos problemas. Viviam sem amigos, sem sexo, sem qualquer tipo de felicidade, por mais simples que fosse, porque nenhum dos dois fizera nada para estancar a erosão de suas vidas. Os “*sextextos*” de Janice seriam apenas um aspecto a mais de suas vidas que eles fingiriam que não existira.

Eram dois estranhos morando na mesma casa, um homem e uma mulher que tinham se conhecido fazia muito tempo, tinham rido e amado, e que agora estavam conectados por uma responsabilidade que nenhum dos dois podia abandonar.

Meu Deus, eles eram dignos de pena.

Esfregou o rosto com as mãos e forçou-se a focalizar o pensamento na tarefa que tinha à frente. Checou a hora. Dez horas em ponto.

Faça-se visível, dissera-lhe Hamilton.

Abriu a porta do carro, saiu, e andou para a frente, parando diversos metros além do capô do veículo.

Mantinha as mãos soltas, para baixo, ligeiramente afastadas do corpo, também como Hamilton o orientara. O som do grilo continuava a encher o ar da noite, com seu arranhar, mas, acima desse som, Tom podia ouvir as batidas do próprio coração, sua própria respiração entrecortada.

Ele não ouviu o homem. Absolutamente nada.

Não sentiu que ele estava ali até que o cano de uma pistola encostou com força na sua nuca.

Quando Coburn disse a Honor o que ela deveria fazer, ela protestou:

- Isso vai contra seu próprio plano.
- Vai contra o plano que eu dei a Hamilton.
- Você nunca pretendeu me mandar encontrar VanAllen?
- Diabo, não mesmo. Alguém nessa operação está trabalhando para o Contador. Se é ou não é VanAllen, é alguém corrupto. Provavelmente vários “alguéns”. O Contador tem medo do que você sabe, ou pelo menos suspeita disso, e vai querer eliminar você tanto quanto a mim.

- Ele não pode simplesmente me fuzilar.
- É claro que pode. Eu disse a você, situações como esta, troca de reféns em particular, dão merda com a maior facilidade. Às vezes propositadamente. Você se tornaria uma baixa “acidental”.

Era um pensamento sinistro que a fizera ficar em silêncio alguns instantes. Ele estacionara o carro roubado na garagem de uma oficina desativada de reparos e pintura em carrocerias, onde os chassis canibalizados de outros carros tinham sido deixados à mercê das intempéries. Quando ela lhe perguntou como ele conhecia esses esconderijos, ele disse:

- Eu já fiz disso meu meio de vida.

Ele não tecera mais comentários sobre o assunto, mas ela raciocinou que ele mapeara diversas rotas de fuga, planejando contra o tempo, quando necessitasse. Como naquela noite.

Eles tinham esperado na garagem sufocante por mais de uma hora, então ele começou a lhe dar instruções:

- Fique aqui – disse ele. – Ou eu volto em poucos minutos depois das dez horas, ou não volto. Se isso acontecer, vá embora de carro. Pegue Emily e...

- E o quê? – perguntou ela, quando ele parou de falar.
- Depende de você. Ou você telefona para seu sogro, ou para Doral. Diz a eles onde você está, e você vai ser bem recebida de volta à família. Pelo menos durante algum tempo.

- Ou?

– Ou você sai dirigindo e viaja para o mais longe possível que este carro pode chegar. Então, telefona para Hamilton. Diz a ele que você não se entregará a ninguém, exceto a ele. Ele virá buscar vocês duas.

– Por que tem de ser ou de um modo ou do outro?

– Porque eu cheguei a sua casa na manhã de segunda-feira. Agora, eu desejaria não ter ido. Mas fui. Assim, graças a mim o Contador, e todo mundo na folha de pagamento dele, presumirá que você sabe alguma coisa. Os mocinhos também vão achar isso. Você precisa decidir com que time vai jogar.

Ela lhe lançou um olhar expressivo.

– Eu já decidi, não é?

Ele sustentou o olhar dela, e depois disse:

– Certo, muito bem. Agora, ouça. – Entregou-lhe o celular dele, dizendo um número de telefone, dizendo-lhe que ela o memorizasse.

– É o número de Hamilton? Não está na lista de contatos?

Ele abanou a cabeça. – Eu limpo a lista depois de cada chamada. Você deve fazer isso, também. Decorou o número?

Ela o repetiu para ele.

Então, ele recapitulou tudo, enfatizando que ela não deveria confiar em ninguém, excetuando, talvez, Tori.

– Eu tive uma boa impressão dela. Acho que não é capaz de uma traição, mas ela pode entregá-la involuntariamente.

– Como?

– Nós não estamos lidando com idiotas. Tori viu isso hoje de manhã. Eles vão ficar desconfiados quando descobrirem que ela sumiu. Tentarão rastrear a pista dela na esperança de que isso leve a você.

– Por que você acha isso?

– Porque é o que eu faria.

Ela deu um sorriso ligeiro, mas sua mente estava ocupada tentando assimilar tudo que ele lhe estava dizendo.

– Como você acha que VanAllen vai reagir quando você aparecer no meu lugar?

– Não tenho ideia. Mas logo vou descobrir. Lembre-se, se eu não voltar dentro de um período de tempo razoável, isso significa que deu merda. Caia fora daqui.

Depois de dizer tudo que precisava, ele saiu do carro, esfregou os dedos num lugar do chão da garagem onde a poeira se aglomerara numa poça de óleo de motor, e então espalhou aquele resíduo arenoso no rosto e nos braços.

Depois, voltou para o carro, checkou o pente da pistola para se certificar de que havia um projétil na câmara, e meteu a arma de volta na cintura. Entregou a ela o revólver de Fred. Era grande, pesado e sinistro.

Coburn deve ter percebido a repulsa dela.

– Parece o troar de um canhão e solta chamas quando atira. Talvez você não acerte o alvo, mas vai meter um baita susto no seu adversário. Não hesite em puxar o gatilho, ou então você morre. Está bem?

– Está.

– Honor.

Ela desviou o olhar da arma para ele.

– Você morre – repetiu ele, enfatizando a frase.

Ela balançou a cabeça.

– Não baixe a guarda, nem por um segundo, nem um *nanossegundo*. Lembre-se de mim, dizendo-lhe isso. Quando você pensa que está na maior segurança, é aí que você fica vulnerável.

– Vou me lembrar disso.

– Bom. – Ele respirou fundo, deixou escapar o ar de uma só vez, e disse as palavras que Honor mais temera: – É hora de ir.

– Não são nem nove horas.

– Se houver atiradores de tocaia no lugar...

– Atiradores de tocaia?

– ... eu vou precisar saber onde estão.

– Você deixou claro para Hamilton que VanAllen deveria vir sozinho.

– Eu desejaria que VanAllen fosse o único com quem eu devesse me preocupar.

Ele pusera o pé esquerdo no chão da garagem, e estava prestes a sair do carro quando parou. Durante vários segundos ficou ali parado, depois virou a cabeça e olhou para ela por cima do ombro.

– Como dizem as crianças, você está linda.

Ela abriu a boca para falar, mas percebeu que não podia, e apenas balançou a cabeça.

– E a bola de futebol? Foi uma canalhice que eu fiz. Desculpe.

Então, ele partiu, sua sombra se movendo rapidamente pelo chão da garagem atulhada de detritos e se esgueirando por uma estreita abertura na porta de metal ondulado. Os rodízios rangeram na guia enferrujada quando ele abaixou a porta atrás de si. Ela ficou ali sozinha na escuridão.

E ela ainda permaneceria ali por mais de uma hora, agora, sentada num carro roubado em um prédio abandonado que mais parecia uma caverna, tendo como única companhia camundongos que ela ouvia, ocasionalmente, ciscar nos montes de lixo, os pensamentos tumultuados.

Estava preocupada com Emily e Tori. Coburn lhe permitira telefonar para a casa do lago. Depois que ela deixou o telefone tocar uma vez, ligou novamente e Tori atendeu, assegurando-lhe que haviam chegado em segurança e que tudo estava bem. Mas isso acontecera havia horas. Alguma coisa poderia ter acontecido desde então, e ela não saberia.

Pensou em Stan, em como ele deveria estar preocupado com elas, e como se sentira mal em revirar a casa dele daquele jeito. Apesar de toda a sua altivez, a afeição que o sogro sentia por ela e por Emily era genuína. Honor não duvidava disso, nem um instante.

Será que ele chegaria alguma vez a entender que o que ela fizera tinha sido estritamente a fim de preservar a reputação de Eddie? Na análise final, será que isso não era muito mais importante do que guardar uma caixa com as medalhas que Eddie conquistara nos tempos de adolescente?

Mas ela temia que Stan não fosse ver as coisas desse jeito, e que nunca a perdoaria por ter invadido a santidade do quarto do filho. Ele encararia as ações dela como traição, não apenas a ele, Stan, mas a Eddie e a seu casamento com ele. Seu relacionamento com Stan nunca voltaria a ser o mesmo.

E seus pensamentos voltavam frequentemente para Coburn e as últimas coisas que ele lhe dissera. Para ela, o que ele dissera sobre Emily fora muito delicado. Os pedidos de desculpas dele, em primeiro lugar por tê-la envolvido naquela confusão, por ter estragado a bola de futebol, eram significativos, porque ele raramente explicava ou se desculpava de qualquer coisa que tivesse feito. Quando ele se desculpava com Emily por tê-la feito chorar, fizera aquilo muito desajeitadamente.

Foi uma coisa muito ruim que eu fiz. Talvez não fosse a mais eloquente das desculpas, mas Honor não punha em dúvida sua sinceridade. Os olhos dele, com suas surpreendentes qualidades realçadas ainda mais pela camuflagem improvisada no rosto, tinham transmitido seu pesar, tanto quanto suas palavras. *Desculpe.* Ela acreditava que ele fora sincero.

Sua infância difícil o tornara cínico, e as coisas que ele vira e fizera a serviço de seu país tinham endurecido ainda mais seu coração. Frequentemente era cruel, possivelmente porque percebera quanto essa crueldade era eficaz para a obtenção de resultados. O que quer que dissesse ou fizesse não sofria qualquer filtragem; saía direto, porque ele sabia que a hesitação poderia ser fatal. Não se preocupava com o arrependimento futuro, porque não esperava viver até a velhice, quando as pessoas, tipicamente, reexaminam as decisões e ações mais importantes de sua vida.

Tudo que fazia, ele o fazia como se sua vida dependesse daquilo.

O modo como fazia tudo, comer, pedir desculpas... beijar, era como se fosse a última vez.

Aquele pensamento fez com que a divagação mental de Honor empacasse completamente, e ela experimentou uma sensação dissonante.

– Ah, meu Deus. – Era um gemido, naquele silêncio, vindo do coração.

Partindo para a ação repentinamente, ela abriu a porta do carro e saltou do veículo apressadamente, tropeçando nos detritos do caminho em direção à porta da garagem. Foi preciso pôr toda a sua força para levantar a pesada porta nas guias sem graxa, de modo a criar um espaço pelo qual ela pudesse se esgueirar. Ela fez isso, sem nem mesmo pensar nos perigos que podiam estar espreitando além daquela porta.

Honor parou apenas um segundo para se orientar, e depois partiu a toda a velocidade na direção dos trilhos do trem.

Por que ela não percebera aquilo antes? As instruções de Coburn tinham sido um adeus. Ele não tinha esperança de voltar do encontro com VanAllen, e no seu próprio modo simples, sem sentimentalismos, ele estava lhe dando adeus.

Ele vinha dizendo todo o tempo que não esperava sobreviver, e naquela noite ele tomara o lugar dela, provavelmente sacrificando-se para salvá-la.

Mas o modo de pensar dele estava errado. Ninguém atiraria nela. Se o Contador acreditava que ela possuía alguma coisa que o incriminava, ela não seria morta até que ele descobrisse que coisa era essa e dela se apossasse.

Ela era indispensável para os criminosos do mesmo modo que era para Coburn, para Hamilton e para o Departamento de Justiça. O que o Contador achava que ela sabia, ou possuía, era tão bom quanto um colete à prova de balas.

Mas Coburn não tinha essa proteção.

Ela era a proteção dele.

Capítulo 35

— Coburn?

Coburn apertou mais o cano da pistola contra o pescoço de VanAllen. — Prazer em conhecê-lo.

— Eu esperava Honor Gillette.

— Ela não conseguiu vir.

— Ela está bem?

— Está bem, sim. Só que está ocupada no momento.

— Isso não tem graça.

— Não é para ter mesmo. Eu estou só deixando que você e os atiradores de tocaia que me têm nas suas miras com visão noturna saibam que, se me matarem, Honor e Emily nunca mais serão encontradas.

VanAllen abanou a cabeça ligeiramente.

— Você deixou isso claro para Hamilton, que disse o mesmo para mim. Não há qualquer atirador de tocaia.

— Me conta outra.

— É verdade.

— Microfone sem fio? Você está falando para que outros lá fora ouçam?

— Não. Você pode me revistar, caso não acredite.

Coburn rodeou rapidamente VanAllen, mas manteve a pistola apontada para a cabeça dele. Quando ficou cara a cara com o homem, ele fez uma avaliação: Tipo burocrata, inseguro; está por fora do jogo.

Ameaça para ele, Coburn, quase nula.

Corrupto ou limpo? Coburn diria que VanAllen era honesto, porque o homem parecia não ter nem a coragem nem a esperteza para receber suborno.

E por esse motivo, Coburn acreditou que o homem realmente não sabia sobre o atirador de tocaia na torre da caixa d'água, por sobre o ombro esquerdo de Coburn,

posição sete horas. Ou o outro, na janela do vagão do chefe do trem, posição quatro horas. Ou o outro, que ele percebera no telhado de um conjunto de apartamentos, a três quarteirões de distância.

Esse último atirador teria que ser extremamente bom, e o ângulo de mira dele era ruim, mas o disparo poderia ser feito e, depois de estourar a cabeça de Coburn, o safado teria todo o tempo do mundo para fugir.

Ou VanAllen era realmente bom em se fingir de sonso, ou, na verdade, ele ignorava tudo, o que era mais alarmante.

– Onde estão as duas mulheres? – perguntou ele. – Elas são minha principal preocupação.

– São a minha também. E é por isso que estou aqui e elas não. – Coburn abaixou a arma para o lado do corpo.

VanAllen acompanhou o movimento, parecendo aliviado de não estar mais olhando para a boca do cano.

– Você não confia em mim?

– Não.

– Que motivo você dá para não confiar?

– Nenhum. Eu simplesmente odeio deixar você de fora.

– Você não confia em ninguém.

– É uma política de autopreservação.

VanAllen, nervoso, lambeu os lábios.

– Você pode confiar em mim, Coburn. Quero tanto quanto você que as coisas não pioressem. Honor Gillette está bem?

– Está, e eu quero fazer todo o possível para que ela continue assim.

– Você acredita que ela corre perigo?

– Acredito, sim.

– Porque ela tem provas que incriminam o Contador?

Na hipótese remota de que VanAllen mentira sobre estar portando um microfone sem fio, Coburn não quis responder àquela pergunta.

– É isso que vai acontecer. Você vai mandar que o Departamento de Polícia suspenda a caçada por mim. Como você, eu sou um agente do Bureau Federal de Investigações, realizando meu trabalho. Não posso ficar com um bando de caipiras, loucos para usar uma arma me caçando por aí.

– Crawford não vai esquecer os oito assassinatos.

– Detetive de homicídios?

– Trabalhando com o xerife. Ele está investigando a morte de Fred Hawkins. Ele meio que herdou o caso dos assassinatos no armazém, quando Fred...

– Percebo a situação – disse Coburn, interrompendo o outro. – Mande esse tal de Crawford me dar uma trégua até que eu possa entregar Honor Gillette em segurança. Depois eu darei a ele um relato completo do tiroteio no armazém e sobre a morte de Fred Hawkins.

– Ele não vai aceitar.

– Pressione-o.

– Talvez seja melhor você me passar alguma informação que isente você e que eu possa transmitir a ele...

– Obrigado, mas não, obrigado. A sua agência vaza as informações como uma peneira, e a dele também.

VanAllen suspirou, parecendo preocupado.

– Tudo isso tem ligação com o Contador, não é?

– Tem.

– E a coisa é grande?

– De novo, você acertou.

– Você não pode me contar nada?

– Posso. Mas não vou fazer isso.

– Por que não?

– Porque, se você devesse saber, Hamilton lhe teria contado. Ele teria começado por informar a você sobre meu trabalho.

O homem se encolheu como se alfinetado por ouvir aquilo. Ele também já percebera a decisão firme de Coburn, e viu que tentar barganhar não adiantaria.

– Está bem, farei o possível com Crawford. O que é que você vai fazer?

– Desaparecer. Eu vou entregar Honor Gillette, mas ninguém saberá com antecedência. Escolherei o momento e o lugar.

– Não sei se isso vai colar.

– Com quem?

– Hamilton. Ele me falou para dizer a você que seu tempo acabou.

– Hamilton que se foda. Diga a ele que eu falei isso. Melhor ainda, eu mesmo vou dizer. Ainda estou seguindo uma pista e pretendo terminar o serviço que me foi confiado. Se você precisa voltar a falar com ele sobre algum assunto, diga isso a ele. Agora, me deixe entrar no carro.

– Para quê?

– Vamos fazer com que a coisa pareça que vou me entregar pacificamente.

– Parecer como? – VanAllen deu uma olhada em torno, e depois repetiu o gesto. Coburn pensou que, se estava fingindo ignorância, ele representava bem o papel. – Parecer como, para quem?

– Para os atiradores de tocaia que me têm na mira.

– Quem ia querer acabar com você?

Coburn franziu as sobrancelhas para ele. – Vamos lá, VanAllen. Você sabe quem. E a única razão pela qual eles não me pegaram ainda é porque ainda não sabem onde Honor Gillette está. Eu e você vamos entrar no carro e partir.

– E depois?

– Num certo ponto entre este local e a sua agência em Lafayette, eu salto. Quando você chegar, surpresa! Não estarei mais no carro com você. Quem quer que primeiro mostrar desapontamento é a pessoa que você deve prender imediatamente, porque é a pessoa que colocou os atiradores de tocaia. Percebeu?

VanAllen balançou a cabeça, mas Coburn esperava que ele sentisse mais certeza do que foi demonstrado por aquele movimento.

Coburn disse: – Vamos.

VanAllen se virou e foi para o lado do assento do motorista do carro e abriu a porta. A luz interna acendeu, convencendo Coburn de novo de que o agente não tinha experiência com trabalhos no campo. Mas ele ficou contente de a luz ter acendido porque permitiu-lhe checar o assento traseiro. Não havia ninguém agachado entre os bancos.

Ele abriu a porta do carona e estava prestes a entrar quando sentiu um movimento na sua visão periférica. Virou-se na direção do trem. Uma sombra passou pelo espaço entre dois vagões de carga. Coburn abaixou-se para olhar debaixo do trem e viu um par de pernas do outro lado, a pessoa correndo. Começou a rastejar naquela direção e estava quase debaixo do trem quando tocou um telefone celular.

Coburn virou a cabeça e viu VanAllen estendendo a mão para pegar o telefone ligado a seu cinto.

Coburn olhou debaixo do trem e para o homem que fugia.

Então, ele gritou para VanAllen: – *Não!*

Honor estava sem fôlego e sentia câimbras do lado esquerdo, mas continuou correndo a toda a velocidade. Não percebera que a linha do trem estava tão longe da oficina de pintura e lanternagem até que começou a cobrir aquela distância. Correr no escuro num terreno desconhecido tornava a coisa ainda mais difícil.

Aquela era uma área industrial da cidade, abrigando armazéns, lojas de maquinaria e pequenas manufaturas, todas elas desertas à noite. Duas vezes ela se meteu por becos sem saída e precisou voltar sobre seus passos, o que foi diminuindo sua velocidade à proporção que corria.

Somente uma vez ela se permitiu uns poucos momentos para tentar recuperar o fôlego. Encostou as costas num muro de tijolos desmoronando que formava um dos lados de um beco. Inspirou ar. Comprimiu o lado do corpo com ambas as mãos, para aliviar a câimbra.

Mas não se demorou muito. Ratos corriam nas proximidades. Ela não conseguiu ver o cachorro que rosnara para ela do outro lado da cerca anticiclone na extremidade escura do beco, mas o som lhe trouxe à mente imagens ameaçadoras.

Ela prosseguiu.

Finalmente, chegou aos trilhos. Havia mato alto por ali, mas os trilhos de aço refletiam um pouco da luz ambiente, tornando a caminhada um pouco mais fácil, embora seu coração estivesse a ponto de estourar. Os pulmões trabalhavam a toda. A câimbra do lado do corpo a fazia arquejar de dor.

Mas continuou a correr porque a vida de Coburn podia muito bem depender de ela o alcançar. Não queria que ele morresse.

Quando, finalmente, avistou o velho trem perto da torre d'água, ela teria gritado de alívio, se tivesse bastante fôlego para fazer algum som. Avistar seu objetivo lhe deu um alento adicional, e ela correu ainda mais rápido.

Honor avistou o automóvel estacionado perto do trem. Viu duas figuras de pé diante do capô. Enquanto observava, as duas figuras se separaram. Coburn deu a volta para o assento do carona. O motorista entrou no veículo e fechou a porta.

Um segundo depois, uma bola de fogo explodiu no céu noturno, iluminando tudo em volta num brilho vermelho infernal.

A força da explosão jogou Honor ao chão.

Capítulo 36

Doral teve o prazer sinistro de transmitir as informações para o Contador.

– Meu cara na agência do FBI só teve tempo de plantar a bomba no carro e programar o número do telefone celular. Mas a coisa funcionou exatamente como devia. Bum! Eles não tiveram a mínima chance.

O silêncio do outro lado foi palpável.

Doral continuou:

– Eu mesmo vi a explosão, do alto da torre d'água. Todos nós nos mandamos feitos doidos da área, imediatamente. Ninguém soube que estivemos ali.

Ainda silêncio.

Doral limpou a garganta.

– Mas há uma coisa.

O Contador esperou num silêncio de pedra.

– Não foi Honor que apareceu. Foi Coburn. – Sem saber como o Contador receberia aquela notícia, ele acrescentou, apressadamente: – O que é até melhor, quando se pensa no caso. Agora, será mais fácil achar a pista de Honor do que teria sido, lidando com ele.

– Mas suas instruções não eram essas. Esse não era meu plano para Coburn.

Doral compreendeu o desânimo do Contador. Entre Coburn e Honor, o agente infiltrado era naturalmente o maior troféu. Por razões pessoais, Doral teria preferido matá-lo de uma maneira mais dolorosa e demorada. Em vez disso, o filho da puta não sofreu. Ele teve a morte instantânea planejada para Honor e Tom VanAllen.

Quando recebeu suas ordens, poucas horas antes, Doral, diplomaticamente, questionara a necessidade de matar o agente do FBI.

– Ele realmente não sabe nada.

Ao que o Contador respondera:

– Ele está na posição perfeita para estragar as coisas, mesmo que sem intenção. Até mesmo um esquilo cego descobre uma noz, de vez em quando. E vai pegar bem com os mexicanos o fato de termos matado um agente federal.

– Nós pegamos dois caras do FBI essa noite – disse então Doral. – Isso deve realmente impressionar o cartel.

Mas o Contador não pareceu absolutamente impressionado.

Meu Deus, o que ele tivera que fazer para compensar o fato de ter deixado Coburn escapar do armazém? Agora que Coburn e VanAllen estavam mortos, a única ameaça que restava era Honor. Ela era apenas um peão, mas era uma pessoa perigosa que precisava ser eliminada. Doral aceitava esse fato. Assim como aceitara ter de matar Eddie.

Ele e Fred tinham tentado persuadir o Contador para reconsiderar a ordem. Tinham pedido que sua vida fosse poupada. Será que Eddie, amigo de infância deles, precisava realmente morrer? Talvez bastasse um aviso severo ou uma ameaça real ou implícita.

Nada de pontas soltas. Nada de misericórdia. O Contador não fizera exceção, nem mesmo para Eddie. Ele cruzara a linha. Precisava ser eliminado. A ordem fora expedida numa linguagem que uma criança de um ano entenderia, mas, em prol de todos os envolvidos, ele e Fred fizeram a coisa tão rápida e indolor quanto possível, embora ainda fazendo parecer um acidente.

Doral tinha esperança de poder imaginar algo igualmente fácil para Honor.

Mas se morresse de maneira dolorosa, ela só poderia pôr a culpa naquele filho da puta do Coburn, primeiramente por tê-la envolvido – pois Doral estava convencido de que ela não sabia o segredo de Eddie –, e em segundo lugar por ter roubado a morte rápida que ela deveria ter tido.

É claro que, antes de fazer qualquer coisa, Doral precisava encontrá-la.

Com a habilidade de ler as mentes que frequentemente provocava arrepios na pele de Doral, o Contador disse:

– Coburn está morto, e ele era a única pessoa que sabia onde Honor estava. Qual é seu plano para encontrar a mulher?

– Bem, agora que Coburn virou cinza, talvez ela se apresente.

– Você vai ficar esperando por isso?

A implicação era que esperar seria má ideia.

– Não, é claro que não. Estou focado em Tori Shirah. Porque estou convencido de que quando acharmos essa mulher, nós acharemos Honor e Emily.

– Para seu bem, eu sinceramente espero que você esteja certo, Doral. Pelo menos uma vez.

O Contador desligou sem dizer mais nada. Doral fechou o celular e percebeu que, quando começou a caminhar para sua picape, sua mão tremia.

Ele nem mesmo recebera parabéns por ter pegado Coburn, o safado que era culpado por todo aquele fiasco. Em vez disso, ele recebera outra ameaça velada. Ele ainda estava na lista dos fracassados do Contador, onde ninguém queria estar.

Seguiu com sua picape para fora do estacionamento lotado de um bar, onde, mesmo antes de telefonar para o Contador, ele parara para brindar seu sucesso com o carro-bomba. Juntou-se à corrente de veículos que convergiam para a área próxima dos trilhos de trem, onde o carro de VanAllen explodira como uma bola de fogo infernal, e ainda ardia. O espetáculo atraía tolos como mariposas atraídas para uma gigantesca lâmpada.

Fazia bem a seu ego de esperto saber que ele causara aquele rebuliço todo. Pena que não pudesse se vangloriar em público.

Alguns dos curiosos haviam sentido o impacto da explosão, outros a ouviram, uns poucos haviam até visto a bola de fogo que iluminara aquela parte da cidade. Doral precisou estacionar a dois quarteirões da linha de trem e percorrer o restante a pé pela segunda vez naquela noite.

A área fora isolada pelos primeiros grupos de socorro. Ainda havia necessidade de policiais uniformizados para conter o crescente número de pessoas e abrir caminho para os veículos de emergência que chegavam. As luzes piscantes davam a toda a cena um aspecto surrealista.

Os recém-chegados faziam perguntas àqueles que já estavam ali.

Doral ouviu várias versões diferentes do que acontecera, e quem era responsável, nenhuma das quais era a verdadeira. Era a al-Qaeda, eram os traficantes de drogas transportando um laboratório na mala do carro, eram dois adolescentes apaixonados num pacto suicida. Doral se divertiu com todas essas hipóteses.

Recebeu condolências pela perda do irmão gêmeo que fora vítima dessa onda de crimes. Um assassinato coletivo no domingo. Um sequestro na terça-feira. Agora, uma bomba num carro. Cidadãos preocupados queriam saber o que acontecera à sua pacífica cidadezinha.

Desempenhando o papel de secretário municipal, Doral prometeu, compungido, que o governo da cidade e os agentes da lei locais estavam fazendo tudo que podiam para capturar os responsáveis e pôr um fim à série de crimes violentos.

Durante cerca de uma hora, Doral ficou contente com o andamento das coisas e viu o médico-legista dando marcha a ré em sua van, para afastá-la do carro incendiado. Então, posicionou-se de modo a ficar do lado do motorista quando o veículo parasse, embora os policiais abrissem caminho para sua passagem pela multidão.

Doral fez sinal para o legista abaixar o vidro da janela. Ele obedeceu e disse:

– Oi, Doral. A coisa está bem animada essa noite, não é?

Doral inclinou a cabeça na direção do carro de VanAllen.

– Alguma pista sobre quem era?

– O motorista? – O legista abanou a cabeça. – Não temos ideia. Não dava para fazer uma identificação positiva só pela aparência. – Abaixando a voz, ele continuou: – Mas não fale que eu disse isso. As chapas do veículo também ficaram destruídas. Eles estão tentando conseguir o número do chassi, mas o metal está tão quente...

– E o outro?

– Que outro?

– A outra pessoa. Do lado do carona. – Ele fez menção com o polegar por cima do ombro. – Alguém disse que havia dois no carro.

– Então alguém disse errado. Só havia um.

Doral meteu a mão pela janela aberta e agarrou o homem pelo colarinho.

Espantado com o movimento súbito, o legista empurrou a mão de Doral, soltando-se.

– Ei, o que há com você?

– Você tem certeza? Só havia um corpo?

– Como eu já disse, só havia um.

O mundo desabou sob os pés de Doral.

Coburn estava parcialmente debaixo do trem quando a bomba detonou, e isso o salvou. Desencadeada quando VanAllen atendeu ao telefone celular, a explosão evaporara instantaneamente o corpo do agente e destruíra o carro.

Quando Coburn saiu rastejando do outro lado do vagão de carga, destroços flamejantes choveram sobre ele, queimando-lhe a pele, o cabelo e a roupa. Sem tempo para cair e rolar, ele bateu com a mão nas partes em fogo mais perigosas da roupa, e saiu em disparada ao longo do trem.

O homem que fugira do vagão do trem salvara-lhe a vida, involuntariamente. Se não fosse ele ter corrido, Coburn estaria parado ao lado da porta do carona aberta, quando VanAllen atendeu o telefone. Mas ele tinha dado a volta ao vagão e corria

agachado ao longo da linha férrea cheia de mato, tentando ocultar sua silhueta contra o brilho infernal do carro em chamas.

Ele já estava quase em cima de Honor quando a viu, e assim mesmo levou um segundo para entender que aquela forma confusa nos trilhos era um corpo, uma mulher, Honor.

Em pânico total, ele pensou, *Ah, meu Deus, ela está ferida. Está morta? Não!*

Inclinou-se sobre ela e colocou os dedos no pescoço, procurando sinais de pulsação. Ela reagiu batendo nas mãos dele e gritando a plenos pulmões. Ele ficou contente de ela estar viva, mas ao mesmo tempo furioso por ela ter se colocado em situação de perigo. Passou o braço em torno da cintura dela, levantando-a do chão e puxando-a para si.

– Pare de gritar! Sou eu.

As pernas dela cederam e o corpo ficou inerte.

– Você está ferida?

Ele a revirou e, mantendo-a ereta pelos ombros, examinou-a. Não tinha ferimentos visíveis, nada horrível como lascas de vidro saindo das costas, ou ossos quebrados projetando-se para fora da pele, e também não tinha cortes. Os olhos dela estavam abertos na direção dele, mas sem foco.

– Honor! – Ele a balançou ligeiramente. – Temos que dar o fora daqui. Agora, vamos!

Ele a puxou forte, pela mão, começando a correr e incitando-a a acompanhá-lo. Ela fez o que ele indicava, embora tropeçasse diversas vezes antes de conseguir acertar o passo com ele. Quando chegaram à garagem, ele abriu a porta, empurrou-a para dentro e rolou a porta para baixo, fechando-a. Mesmo sem esperar que seus olhos se acostumassem à escuridão, ele a levou para o carro, pelo tato. Acomodou-a no banco do carona, deu a volta e tomou lugar no assento do motorista.

Coburn tirou a camiseta e usou-a para limpar a graxa que camuflava o rosto e os braços. A camiseta ficou suja de sangue. Examinou seu reflexo no espelho retrovisor. Parecia exatamente o que era: um homem que mal escapara de se transformar numa tocha humana, jogando-se atabalhoadamente debaixo de um trem de carga.

Estendeu a mão para o assento traseiro e pegou o boné de beisebol que encontrara na picape. O boné ajudava um pouco a esconder o rosto, mas ele calculou que qualquer pessoa nas ruas de Tambour, na meia hora seguinte, ficaria curiosa com a explosão, não com um homem de boné de beisebol dirigindo um velho sedã.

Deu uma olhada em Honor. Os dentes dela batiam e ela abraçava o próprio corpo com muita força, como se quisesse se proteger contra os violentos tremores que a

atacavam. Ele nem mesmo tentou dar-lhe uns tapas para tirá-la daquele transe. No momento, bastava que ela tivesse parado de gritar.

Ele saiu do carro e abriu a porta da garagem. De novo no veículo, colocou a mão no alto da cabeça dela e empurrou-a para que ficasse abaixo do nível da janela.

– Não se deixe ver. – Ele deu a partida no motor e saiu com o carro da garagem com destino ao único lugar a que ele sabia ir.

Aquele serviço era um saco.

No momento, Diego deveria estar limpando o sangue de Coburn de sua navalha.

Em vez disso, o dia inteiro, à toa.

Poderia ter passado esse tempo com Isobel. Pensara até mesmo se não haveria segurança para sair com ela. Poderiam ter ido a um parque, sentado num banco e alimentado os patos, compartilhando um cobertor debaixo de uma árvore. Algo parecido.

Ele já vira as pessoas fazendo coisas assim, e desdenhara esse tipo de passatempo improdutivo. Mas agora ele percebia por que as pessoas gostavam daquilo. Tudo se resumia em estar próximo de uma pessoa e não deixar que nada desviasse sua atenção da alegria de simplesmente estar juntos.

Poderia ter passado o dia olhando para os lindos olhos de Isobel, fazendo com que ela lhe desse sorrisos pequenos, acanhados, talvez tendo coragem de segurar a mão dela. Poderia ter visto pela primeira vez qual a aparência do cabelo e da pele dela à luz do sol, como uma brisa vinda do rio colaria as roupas dela ao delicado corpo que tanto o atraía.

Ele teria gostado de fazer isso.

Teria gostado de matar o federal.

Em vez disso, ele passara o dia inteiro tomando conta do carro do cara gordo.

Bonnell Wallace não saía do banco nem mesmo para almoçar. Pela manhã, ele deixara o carro no estacionamento destinado aos empregados do banco, e o veículo lá ficara até que ele partiu para casa, dez minutos depois das cinco. O Contador dissera que o seguisse, de modo que Diego o seguira, enfrentando o tráfego pesado daquela hora. Wallace fora direto para casa.

Quinze minutos depois de chegar à mansão, uma mulher negra, dirigindo um utilitário esportivo e usando um uniforme de doméstica, fora embora. Ela atravessou o portão da propriedade e comandou seu fechamento automático depois de sair.

Isso acontecera havia duas horas, e ninguém mais chegara ou saía.

Diego estava entediado até a alma. Mas, se o Contador queria pagá-lo para vigiar um portão, era isso que ele faria. Pelo menos, agora. Mas nunca de novo. Depois de receber o pagamento por seu serviço, mais os quinhentos que lhe estavam sendo pagos pela suposta eliminação de Isobel, ele conseguiria um novo telefone e desapareceria do radar do Contador.

Como que atraindo por mágica uma chamada, seu celular vibrou. Ele o tirou do cinto e atendeu.

– Você está pronto para a ação, Diego?

– Você precisava perguntar isso?

O Contador lhe passou novas instruções, mas estavam longe do que ele tinha esperado ouvir durante o dia inteiro. E Diego lhe perguntou:

– Você está me sacaneando, não é?

– Não.

– Eu pensei que estava à espreita para apagar o federal. “Esteja pronto, Diego. A qualquer momento, Diego” – ele imitou a voz do Contador. – O que aconteceu com o outro serviço?

– Mudança de planos, mas as duas coisas estão relacionadas.

– Como?

– Essa noite está sendo muito cheia e difícil. Apenas faça o que estou mandando, sem discutir.

Diego olhou para a grande mansão branca e refletiu sobre a ordem do Contador. Ele estava ali e já investira um tempão naquele serviço; bastava completá-lo. Resmungando, ele perguntou:

– O que você quer que eu faça com ele depois?

– Essa é uma pergunta idiota. Você sabe a resposta. Vá em frente. Preciso dessa informação o mais rápido possível. Imediatamente.

Que se foda, imediatamente, pensou Diego, enquanto desligava. *Eu fiquei esperando por você a porra do dia inteiro.*

Durante os vários minutos que se seguiram, ele permaneceu no esconderijo e examinou a mansão. Como antes, ele levantou todos os motivos pelos quais invadir o local seria uma barbada.

Não estava gostando da coisa. Tinha um pressentimento ruim sobre aquele serviço, e aquilo era pura intuição. Por que não seguir seus instintos mais profundos e simplesmente largar a coisa e ir embora, e que o Contador encontrasse outras pessoas para fazer aquilo?

Mas então ele pensou em Isobel. Queria comprar para ela coisas bonitas, e nem sempre era possível roubá-las. Precisaria de dinheiro, especialmente se planejava tirar umas férias e passar uns dias com ela sem trabalhar. O dinheiro do Contador era bom. Uma hora, duas no máximo, e ele embolsava uma bela quantia. Depois de receber, ele iria embora. Deixaria para sempre de ser empregado do Contador.

Isso decidido, ele saiu do esconderijo. Mantendo-se nas sombras e movimentando-se sorrateiramente, ele encontrou um lugar nos fundos da propriedade de Wallace onde os cipós da glicínia eram grossos e a iluminação parca.

Passou por cima do muro.

Capítulo 37

O lugar ainda estava deserto. O cadeado da porta da garagem anexa estava exatamente como Coburn o deixara. A picape preta não saíra do lugar onde ele a estacionara naquela manhã.

Ele parou o sedã ao lado do outro veículo e, juntos, os dois saltaram. Honor, funcionando como que num nevoeiro, olhou para ele pedindo instruções.

– Vamos ver o que há ali em cima. – Ele balançou a cabeça na direção do quarto acima da garagem.

Eles subiram pela escada acoplada à parede externa. A porta no alto dos degraus estava trancada, mas em dez segundos Coburn achou a chave sobre o batente. Ele destrancou e abriu a porta, depois apalpou a parede interna à procura de um interruptor e acendeu a luz.

Era óbvio que o pequeno aposento fora ocupado por um jovem; pôsteres e banners de vários times esportivos cobriam as paredes. A cama estava forrada com um cobertor com desenho de um estádio. Duas cabeças de veado com oito pontas cada, olhando uma para a outra, presas em paredes de madeira opostas, o soalho de madeira de lei limpo, mas arranhado. Uma mesinha de cabeceira, uma cômoda e um pufe de vinil azul eram as únicas outras peças de mobília.

Coburn atravessou o quarto e abriu uma porta que dava para um closet onde estava guardada uma pequena caixa de pescaria, além do caniço e molinete, umas poucas peças de inverno metidas em sacos de roupas apropriados e um par de botas de caçar empinadas no chão.

Uma porta, que combinava com a outra, dava para um banheiro, que não era muito maior do que o closet. Não havia banheira, apenas um boxe para chuveiro com cortina de fibra de vidro, que estava ligeiramente descolorido.

Honor estava parada no centro do quarto observando Coburn, que explorava o local sem qualquer sinal de constrangimento. Mas, para ela, tudo aquilo era muito

errado. Ela gostaria de ouvir algum ruído de fundo. Queria mais espaço e uma segunda cama. Queria que Coburn não ficasse assim, sem camisa.

E mais do que tudo, ela queria que as lágrimas que comprimiam suas pálpebras secassem.

Coburn testou as torneiras e a pia do banheiro. Depois de ruídos fortes nos canos dentro da parede e um gorgolejar, a água começou a sair de ambas as torneiras. Ele achou um copo num armário de remédios acima da pia, encheu-o com água fria e passou-o a Honor.

Ela pegou o copo, agradecida, e bebeu tudo. Ele enfiou a cabeça na pia e bebeu direto da torneira.

Quando levantou o corpo, enxugando a boca com as costas da mão, ele disse: – Lar, doce lar.

– E se a família voltar?

– Espero que não voltem. Pelo menos até que eu tenha usado o chuveiro.

Ela tentou sorrir, mas achou que provavelmente não teve graça. – Quem explodiu o carro?

– O Contador tem alguém dentro da agência do FBI. Alguém que tem acesso a informações. – Os lábios dele formaram uma linha dura. – Alguém que vai morrer logo que eu descobrir quem é.

– Como é que você vai fazer isso?

– A gente encontra o tesouro de seu falecido marido, e aposto que descobrimos quem é essa pessoa.

– Mas você ainda não encontrou o tesouro.

– Nós não olhamos no lugar certo.

– Era VanAllen...

– Ele não tinha nenhuma pista.

– O que ele disse quando você apareceu no meu lugar?

Com a voz tensa, Coburn recontou a breve conversa com Tom VanAllen. Honor não o conhecera, mas sabia que ele se casara com uma garota da turma de Eddie na escola secundária.

– Janice.

Coburn, que continuara a falar enquanto sua mente divagava, olhou para ela com estranheza. – O quê?

– Desculpe. Eu estava pensando na esposa dele. O nome dela é Janice, se me lembro bem. Ela ficou viúva hoje à noite. – Honor podia enfatizar isso.

– O marido dela deveria ter sido mais esperto – disse Coburn. – O babaca ingênuo realmente pensou que estávamos completamente sozinhos lá.

– Alguém armou a morte dele.

– Juntamente com a sua.

– Mas você tomou meu lugar.

Ele deu de ombros com aparente indiferença.

Ela engoliu a emoção que fazia sua garganta doer, e concentrou a atenção em outra coisa. Apontou para o ombro dele. – Isso aí dói?

Ele virou a cabeça e olhou para o pedaço de carne viva.

– Acho que uma parte do estofamento do carro em chamas caiu em cima de mim. Arde um pouco. Mas não muito. – Ele virou os olhos para ela. – E você? Está com algum ferimento?

– Não.

– Poderia estar ferida. Seriamente. Se você estivesse mais junto do carro quando ele explodiu, poderia ter sido morta.

– Então eu acho que tive sorte.

– Por que você saiu da garagem?

A pergunta pegou-a desprevenida.

– Não sei. Simplesmente saí.

– Você não fez o que eu mandei. Não foi embora de carro.

– Não.

– E por que não? O que você planejou fazer?

– Eu não *planejei* nada. Eu agi no impulso.

– Você ia se entregar a VanAllen?

– Não!

– Então, o quê?

– Não sei! – Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa sobre o assunto, ela apontou para o cabelo dele. – Seu cabelo está chamuscado.

Distraidamente, ele passou os dedos abertos pelo cabelo enquanto se dirigia até a cômoda. Numa gaveta, ele achou uma camiseta, em outra, uma calça jeans. A camiseta serviria, mas a calça era uns quinze centímetros mais curta e quinze centímetros mais larga na cintura. – Vou ter que me virar com o short cáqui de seu pai.

– Nós dois estamos mesmo um lixo. – Ela ainda usava as roupas que tinha quando fugiram da casa dela, na véspera. Desde então patinara num pântano, corra por um terreno alagado e escapara por pouco de uma explosão.

– Você usa o chuveiro primeiro – disse ele.
– Você está pior do que eu.
– E é por isso que você não vai querer ir depois de mim. Vá em frente. Vou ver se encontro alguma coisa para comer na casa principal.

Sem mais uma palavra, ele saiu do quarto. Honor ficou olhando para a porta do closet e ouviu quando ele desceu os degraus externos. Depois, durante alguns minutos, ficou exatamente como estava, parada, sem ânimo para se mexer. Finalmente forçou-se a isso.

O sabonete no boxe era de uma variedade barata, mas ela o usou com vontade, chegando mesmo a lavar o cabelo com ele. Poderia ter deixado a água quente correndo sobre o corpo a noite inteira, mas, lembrando-se que Coburn precisava do banho ainda mais do que ela, saiu do boxe logo depois de se enxaguar inteiramente.

As toalhas eram finas, mas cheiravam bem. Ela desembaraçou o cabelo com os dedos e vestiu suas roupas sujas. Mas não conseguiu meter de novo os pés nos tênis úmidos. Levou-os para fora.

Coburn já voltara, trazendo itens de alimentação semelhantes aos que levara para o barco do pai dela. Arrumou as coisas em cima da cômoda.

– Não há coisas perecíveis na geladeira, de modo que eles devem ter planejado ficar fora por um bom tempo. Mas eu encontrei uma única laranja. – Ele já a descascara e partira. – E isso aqui. – Levantou uma tesoura de cozinha do tipo usado para trincar galinha. – Para seu jeans. Apenas a parte mais baixa das pernas está realmente suja.

Ele já usara a tesoura para cortar o próprio jeans, logo abaixo dos joelhos.

Ela pegou a tesoura da mão dele. – Obrigada.

– Comece a comer. – Ele apontou para a comida e depois entrou no banheiro e fechou a porta.

Ela não comera desde o sanduíche no café da manhã, quando haviam feito uma parada no posto de caminhoneiros, mas não estava com fome. Entretanto, pegou a tesoura e cortou a calça, deixando-a com a beirada rasgada, cheia de fiapos, logo acima dos joelhos. Aquilo a fez sentir-se incomensuravelmente bem, por se livrar do tecido duro de lama seca e água do pântano.

A luz do teto brilhava demais, de modo que ela a desligou e acendeu uma pequena lâmpada de leitura na mesinha de cabeceira. Depois foi até a janela e separou as cortinas baratas, sem enfeites.

O dia estivera encoberto, mas agora as nuvens tinham se espaçado. Apenas tiras delas passavam por cima de uma meia-lua. *Eu vejo a lua, e a lua me vê.* A canção que

ela e Emily cantavam juntas trouxe um aperto ao seu coração, com saudades da filha. Naquele momento, a menina deveria estar dormindo a sono solto, agarrada a Elmo e a seu cobertorzinho.

Honor ficou imaginando se ela havia chorado na hora de ir para a cama, quando a saudade era sempre mais forte. Será que Tori lhe contara uma história, ouvira suas preces? É claro que fizera isso. Mesmo que não houvesse pensado nisso, Emily lhe teria lembrado.

Que Deus abençoe mamãe e vovô, e que Deus abençoe Papai lá no céu. Emily rezava essa mesma oração toda noite. E, na véspera, ela acrescentara, *Que Deus abençoe Coburn.*

Ouvindo-o sair do banheiro, Honor apressou-se a enxugar as lágrimas do rosto, e virou-se para o quarto. Ele vestira a calça cáqui cortada e a camiseta grande demais que pegara na cômoda. Estava descalço. E devia ter achado um barbeador, pois a barba estava feita.

Ele olhou para a luz do teto apagada, depois para a lâmpada na mesinha de cabeceira, antes de se virar para ela.

– Por que você está chorando?

– Sinto falta de Emily.

Ele levantou o queixo, reconhecendo o sentimento. Deu uma olhada para os alimentos.

– Você comeu alguma coisa?

Ela abanou a cabeça.

– Como é que pode?

– Não estou com fome.

– Por que você está chorando? – perguntou ele de novo.

– Não estou chorando. Não estou mais chorando. – Mas, no mesmo momento em que dizia isso, novas lágrimas se derramaram pelo seu rosto.

– Por que arriscou sua vida? – ele quis saber.

– O quê?

– Por que você saiu a pé da garagem? Por que estava indo na direção do trem?

– Eu já lhe disse. Eu apenas... não sei. – As três últimas palavras saíram com um soluço.

Ele caminhou na direção dela.

– Por que você está chorando, Honor?

– Não sei. Não sei. – Quando chegou junto dela, ela disse mais uma vez, num sussurro áspero: – Não sei.

Durante o que pareceu um tempo enorme, ele não fez nada a não ser olhar profundamente nos olhos lacrimejantes de Honor. Depois, colocou as mãos no rosto dela, uma de cada lado, deslizou os dedos para cima, entre seus cabelos úmidos, e segurou-lhe a cabeça.

– Sabe sim. Você sabe.

Inclinando a cabeça, Coburn a beijou tão apaixonadamente quanto fizera na véspera, mas dessa vez ela não lutou contra as sensações que o ato despertava. Nem poderia tê-lo feito, mesmo que quisesse. Aquelas sensações eram explosivas, avassaladoras, e ela se entregou a elas.

O contato da língua dele, o domínio de seus lábios, até mesmo a colocação de suas mãos grandes quando se deslocaram para os quadris dela, puxando-a para si, tornaram o beijo intensamente sensual, provocando em Coburn sombrios e sedutores torvelinhos de ereção na virilha. E quando ele rosnou, encostado nos lábios dela “Você vai parar?”, ela abanou a cabeça e puxou-o para si, para continuar o beijo.

Ele ergueu-lhe a bainha da camiseta, nas costas, desabotoou o sutiã, pegou os seios dela e envolveu-os com as mãos. Honor gemeu de prazer quando sentiu as pontas dos dedos dele naquelas partes de seu corpo e arquejou o nome dele, quando Coburn inclinou a cabeça para a frente e fechou a boca em torno do mamilo.

Com uma das mãos, ele desabotoou o short, depois levantou a cabeça e manteve-a hipnotizada pela intensidade quente de seus olhos azuis, enquanto pegava-lhe a mão e a conduzia para seu próprio corpo, num movimento para cima e para baixo. Ele afastou a mão, mas a dela permaneceu ali, tocando-o. Ele deixou escapar um assobio de surpresa e prazer quando o polegar dela tocou-lhe a ponta do pênis.

Inclinando-se contra o corpo dela, com a boca encostada em sua orelha, ele sussurrou:

– Acho que vou gostar da maneira como você fode.

Eles se beijaram afoitamente, devorando-se, enquanto ele tirava a calça de qualquer maneira e despiu a camiseta por cima da cabeça. Com a mesma rapidez, retirou também a camiseta e o sutiã dela, depois ajoelhou-se e desabotoou-lhe a calça, puxando-a para baixo juntamente com a calcinha. Deu um beijo bem abaixo do seu umbigo enquanto a fazia deitar-se no chão.

Movendo-se entre as coxas dela, ele se estendeu sobre ela e a penetrou. De uma vez. Porque, como fazia com tudo, ele agiu sem hesitação ou sem pedir desculpas, para se apossar inteiramente dela. Os olhos de Honor se arregalaram e sua respiração parou. Olhando para ela fixamente, ele enfiou o pênis mais fundo, quase não recuando antes de penetrar mais fundo ainda.

Ela adorou o peso do corpo dele sobre o seu, adorou o calor de sua pele limpa, o contato do tórax dele contra seus seios, a pressão que ele aplicava, entrando e saindo, o cheiro e a textura áspera de seu corpo, sua masculinidade. Com ousadia, ele empurrou o joelho dela contra o próprio peito, mudando o ângulo de sua penetração e aumentando a fricção, multiplicando a intensidade do prazer.

Era um prazer imenso. Quase insuportável. Ela mordeu o próprio lábio inferior. Cobriu os olhos com as costas de um antebraço, enquanto com a outra mão tentava se firmar no universo que girava, metendo os dedos com força no soalho de tábuas. Mas seu mundo continuava a escorregar, escorregar, escorregar, na direção de...

– Honor?

Arquejando, ela tirou o braço de sobre os olhos e o encarou.

– Coloque suas mãos sobre mim. Finja que isso significa alguma coisa para você.

Com um gemido, ela enlaçou-o com os braços e apertou-lhe as costas, depois deslizou as mãos até as nádegas dele e puxou-o ainda mais para dentro de si. Ele gemeu, enterrou-lhe o rosto na curva do pescoço e balançou o corpo contra o dela. Um orgasmo explodiu dentro dela e, ao mesmo tempo, ele ejaculou.

Ela não fingiu nada.

Capítulo 38

Para Clint Hamilton, a espera foi desesperadora.

Havia uma hora, um agente do escritório de Lafayette lhe telefonara para informar que o encontro marcado entre Honor Gillette e Tom VanAllen tivera um desfecho desastroso, com a explosão de uma bomba no carro.

Desde que recebera a espantosa notícia, Hamilton estivera andando, alternadamente, para cá e para lá em seu escritório de Washington, ou então, sentado com os cotovelos apoiados na escrivaninha, sustentando a cabeça enquanto massageava a própria testa. Pensou em tomar um gole de uma garrafa de uísque que guardava na última gaveta. Resistiu ao impulso. Quaisquer que fossem as novas notícias que chegariam de Tambour, ele precisava recebê-las com a mente clara.

Esperou. Andou de um lado para outro. Não era um homem paciente.

O esperado telefonema veio pouco depois da 1:00 h, e confirmava que, infelizmente, Tom VanAllen morrera na explosão.

– Meus pêsames, senhor – disse o agente em Louisiana. – Eu sei que tinha uma consideração especial por ele.

– Tinha sim, obrigado – replicou Hamilton, distraidamente. – E a esposa de Tom?

– Só VanAllen morreu.

Hamilton quase deixou cair o fone.

– O quê? Honor Gillette? Coburn? A criança?

– Paradeiro desconhecido – disse-lhe o agente.

Aturdido, Hamilton analisou o que ouvira, mas não conseguiu vislumbrar uma explicação. Perguntou:

– O que os bombeiros da cidade estão dizendo sobre a explosão?

Disseram-lhe que um inspetor de Nova Orleans, especialista em incêndios criminosos, fora convidado para ajudar na investigação. Também tinham sido convocados elementos da Agência de Armas, Tabaco e Explosivos. Havia muitas

perguntas não respondidas, mas de uma coisa as autoridades tinham certeza: somente um corpo fora descoberto no carro incendiado.

Hamilton perguntou se a esposa de VanAllen fora avisada.

– Eu mesmo quero telefonar para ela, mas não antes de ela ser oficialmente informada.

– Dois agentes foram enviados à casa de VanAllen.

– Mantenha-me informado disso. Quero também saber qualquer coisa que você ouça, oficial ou boato. Qualquer coisa. Especialmente sobre Coburn e Honor Gillette.

Ele encerrou a ligação e bateu na mesa com o punho fechado. Por que, diabos, Coburn não lhe telefonara para comunicar sua atual localização e situação? Maldito! Embora Hamilton, relutantemente, admitisse para si mesmo que uma bomba num carro não era exatamente algo que inspirasse a confiança de um agente na sua agência, era?

Ele decidiu que a situação lá na Louisiana não poderia mais ser controlada a distância. Precisava ir até lá, ele mesmo. Em retrospectiva, deveria ter voado para lá logo depois de receber o primeiro telefonema com SOS de Coburn. Depois daquilo, a merda não parara de engrossar.

Deu uma série de telefonemas e obteve permissão dos superiores. Solicitou uma equipe de agentes treinados em operações especiais.

– Nada menos do que quatro homens, não mais do que oito. Quero que eles estejam em Langley, todos equipados e prontos para embarcar no voo de 2:30.

Todos com quem falara perguntaram por que ele deslocava homens e equipamentos para lá, quando poderia usar o efetivo de pessoal da sucursal da agência em Nova Orleans.

Sua resposta para todos eles foi a mesma: “Porque não quero que ninguém saiba que estou indo para lá.”

Quando a campainha da porta tocou, Janice VanAllen correu para atender, consciente de que estava usando apenas a camisola de dormir, mas sem ligar para sua falta de recato. Segurava o telefone na mão e tinha um ar de preocupação quando abriu a porta da frente.

Duas pessoas estranhas olharam para ela. Uma era um homem, a outra, uma mulher, mas seus ternos escuros e expressões sérias eram praticamente idênticos.

– Sra. VanAllen? – A mulher pegou uma carteira de couro com a identidade e mostrou-a para Janice. O companheiro fez o mesmo. – Sou a agente especial Beth Turner, e este é o agente especial Ward Fitzgerald. Nós somos do escritório de Tom.

O peito de Janice subiu e desceu, a respiração entrecortada. – Onde está Tom?

– Podemos entrar? – perguntou a mulher, amavelmente.

Janice abanou a cabeça. – Onde está Tom?

Eles permaneceram em silêncio, mas seu mutismo falava alto.

Janice emitiu um intenso som de lamúria e agarrou o umbral da porta, como apoio.
– Ele morreu?

A agente especial Turner estendeu a mão para ela, mas Janice puxou com força o braço para trás antes que a mulher pudesse tocá-la.

– Ele morreu? – repetiu ela, dessa vez com um grito áspero. E depois seus joelhos cederam e ela desabou no chão.

Os dois agentes do FBI a levantaram e a conduziram, entre eles, meio que carregando-a para dentro da sala de estar, onde a colocaram no sofá. Durante todo o tempo, Janice gritava o nome de Tom.

Depois, os dois agentes começaram a lhe fazer perguntas.

Há alguém que possamos chamar para ficar com a senhora?

– Não – disse ela, soluçando, a cabeça nas mãos.

O seu pastor? Uma amiga?

– Não, não.

Há algum membro da família que deva ser avisado?

– Não! Apenas me digam o que aconteceu.

Podemos fazer um chá para a senhora?

– Não quero nada! Só quero o Tom! Quero meu marido!

O seu filho...

Era óbvio que eles sabiam da situação de Lanny, mas não sabiam elaborar uma pergunta a respeito dele.

– Lanny, Lanny – cantarolou ela, com pesar. – Ah, meu Deus. – Ela escondeu o rosto nas mãos e soluçou. Tom amara o filho. Mesmo sem esperança de que seu amor fosse algum dia retribuído. Tom nunca vacilara no seu amor por Lanny.

A agente especial Turner sentou-se ao lado de Janice e pôs um braço confortador por sobre os ombros dela. Fitzgerald se afastara e estava agora parado na sala, de costas para elas, falando baixinho no celular.

Turner disse: – A senhora terá todo o apoio da agência, sra. VanAllen. Tom era muito querido e respeitado.

Janice afastou o braço da agente e ficou com muita vontade de esbofeteá-la. Tom não era respeitado, em absoluto, e, segundo ele mesmo, poucos de seus colegas gostavam dele.

- Como aconteceu?
- Estamos tentando definir...
- Como aconteceu? – repetiu Janice, a voz áspera.
- Ele estava sozinho no carro.
- No carro dele?
- Estava estacionado perto de uma linha ferroviária abandonada.

Janice levou os dedos trêmulos aos lábios.

– Ah, meu Deus. Suicídio? Nós...nós tivemos uma discussão hoje à tarde. Ele saiu de casa perturbado. Eu vinha tentando telefonar para ele... para explicar. Para me desculpar. Mas ele não atendia o telefone. Ah, meu Deus! – ela deu um gemido e se pôs de pé num salto.

Turner agarrou a mão dela e puxou-a de novo para o sofá. Tocou-lhe de leve no braço.

– Tom não tirou sua própria vida, sra. VanAllen. Foi morto cumprindo seu dever. O relato inicial é que uma bomba foi plantada no carro.

Janice arquejou: – Uma *bomba*?

- Um dispositivo explosivo, sim. Já está sendo feita uma investigação completa.
- Mas quem... quem...
- Me entristece dizer à senhora que a pessoa suspeita de envolvimento é um outro agente federal.

– Coburn? – sussurrou Janice.

– A senhora já ouviu falar dele?

– É claro. Primeiro, por causa do massacre no armazém. Depois, Tom me contou que ele era um agente, trabalhando infiltrado.

– Eles fizeram contato?

– Não que eu saiba. Embora Tom me tivesse dito mais cedo hoje que ele talvez fosse convocado para fazer Coburn se apresentar. – Ela leu a expressão dolorosa no rosto da agente. – Era essa a missão que Tom estava cumprindo?

– Honor Gillette deveria estar na linha do trem. Tom foi lá para resgatá-la.

– Coburn armou o atentado contra ele?

– Estamos tentando determinar...

– Por favor, me diz que Coburn foi preso.

– Infelizmente, não.

– Meu Deus, por que não? O que é que vocês estiveram fazendo? É óbvio que Coburn é louco. Se ele tivesse sido preso antes desta noite, como deveria ter sido, Tom

ainda estaria vivo. – Soluçava. Não tinha mais compostura. – Essa merda dessa agência é incompetente, e, por causa disso, Tom está *morto*.

– Sra. VanAllen?

Janice se sobressaltou. Não percebera que Fitzgerald se juntara a elas até que ele pôs a mão no seu ombro e a chamou pelo nome.

Ele estendeu-lhe o telefone celular. – Para a senhora.

Ela olhou-o espantada, depois, para o aparelho, e por fim pegou o celular e colocou-o no ouvido.

– Alô?

– Sra. VanAllen? Aqui é Clint Hamilton. Eu acabo de saber sobre Tom. Queria dizer à senhora pessoalmente quão profundamente...

– Foda-se. – Ela desligou e devolveu o telefone ao agente.

Depois, esforçou-se para se recompor. Enxugou o rosto e respirou diversas vezes, profundamente, e quando se sentiu mais controlada, levantou-se e andou na direção da porta. Deixou a sala, dizendo: – Por favor, saiam. Preciso ver como está meu filho.

Capítulo 39

— Você gostou?

— Gostou de quê?

— Gostou do modo como eu... — Honor deixou a pergunta inacabada.

Coburn virou a cabeça e olhou para ela.

— Não. Eu estava fingindo. Você não percebeu?

Ela sorriu, envergonhada, e enterrou o rosto no peito dele.

Ele a puxou mais para si. — Eu gostei.

— É melhor do que espirrar ou tossir?

— Posso pensar nisso e depois dizer a você.

Ela riu baixinho.

Eles tinham ido do chão para a cama, e estavam deitados com as pernas entrelaçadas. Ela soprou de leve os pelos do peito dele que roçavam seu nariz. — Qual era o nome dele?

— Dele quem?

— Do cavalo que você precisou fuzilar. Você disse o nome dele. Qual era o nome?

Ele baixou o olhar para ela, e depois desviou-o. — Eu esqueci.

— Não, não esqueceu — disse ela baixinho.

Ele ficou completamente imóvel e não disse nada durante muito, muito tempo, e depois:

— Poeirento.

Ela apoiou o cotovelo no peito dele e descansou o queixo na mão, olhando para seu rosto. Ele sustentou aquele olhar por vários momentos, depois falou.

— Todo dia, quando eu chegava em casa da escola, ele vinha até a cerca, como se ficasse contente em me ver. Ele gostava de mim, acho eu. Mas somente porque eu o alimentava.

Ela estendeu a mão e correu o polegar pela linha do queixo dele.

– Eu duvido que essa fosse a única razão pela qual ele gostava de você.

Ele fez um movimento de indiferença com o ombro.

– Ele era um cavalo. O que sabia ele? – Virou-se para encará-la e disse: – Que assunto idiota nós estamos discutindo. – Pegou uma mecha do cabelo dela, estudou-a pensativamente enquanto esfregava os fios entre os dedos. – É bonito.

– Obrigada. Ele já viu dias melhores.

– Você é bonita.

– Obrigada, de novo.

Ele examinou todas as características do rosto dela e, por fim, seus olhos descansaram nos dela. – Você não esteve com ninguém desde Eddie?

– Não.

– Foi bom para mim. Mas acho que talvez eu tenha machucado você.

– Um pouquinho, no começo. Depois, não.

– Desculpe. Eu não pensei nisso.

Num sussurro rouco, ela disse: – Nem eu.

Era uma coisa difícil de admitir, mas era verdade. Ela estava contente de que pensamentos sobre Eddie não tivessem interferido naquele momento, embora, mesmo que tivessem, não teriam evitado que ela ficasse com Coburn.

Dois homens, duas experiências inteiramente diferentes. Eddie fora um amante maravilhoso e ardente, e ela acalentaria para sempre as doces lembranças que tinha dele. Mas Coburn tinha uma distinta vantagem. Ele estava vivo, viril e apaixonado por ela.

O beijo dele era lânguido e sensual. Suas mãos exploravam. Ela descobriu cicatrizes nele e as beijava, apesar dos seus leves protestos. Ele a chamou de depravada quando ela passou a língua no seu mamilo, mas também alegou ser um grande fã da depravação. A mão dela deslizou pelos rijos músculos de seu abdômen e seguiu a forma esguia de seu corpo até o sexo.

– Faça essa coisa com seu polegar – sussurrou ele. Ela fez o que ele pedia e, quando encontrou a umidade, ele gemeu uma litania de palavras.

As pontas dos dedos dele iam, sem errar, aos pontos mais sensíveis de Honor e, quando isso acontecia, ele deixava-a sem fôlego. Novamente excitada e dolorida em seu centro, ela se encostou nele, num apelo despudorado. Ele abaixou a cabeça até os seus seios, onde se deteve, amando-os com a boca.

Ele levantou o braço dela acima da cabeça e beijou-a na axila, depois continuou beijando-a pelo lado do corpo, virando-a gradualmente, até que ela ficou de bruços.

Afastou-lhe o cabelo para o lado, beijou-lhe suavemente a nuca, e seguiu para baixo, beijando ao longo da espinha.

A respiração dele era quente contra a pele dela, quando ele deu uma pequena risada.

– Ah, meu Deus. Quem adivinharia isso?

Sabendo o que ele descobrira, ela disse, formalmente:

– Você não monopolizava o mercado de tatuagens. – Ela gastara vários minutos admirando a tatuagem de arame farpado que circundava os bíceps dele.

– Não, mas uma tatuagem de vadia? Numa professora de ensino médio? Eu me lembro da minha professora do ensino médio, e duvido muito que ela tivesse uma assim. – Ele se inclinou e tocou o lóbulo da orelha dela com os dentes. – Mas fico todo excitado em pensar nisso. Qual foi a inspiração para fazer esse desenho?

– Um coquetel chamado Dois Furacões, no bar Pat O’Brien’s. Eu e Eddie passamos três dias de um fim de semana em Nova Orleans, enquanto Stan ficava com Emily.

– Você ficou bêbada?

– Meio tonta. Fui facilmente persuadida.

Coburn a beijara ao longo da espinha e agora sua língua traçava círculos tentadores em torno da tatuagem. – O que é isso?

– Um símbolo chinês. Talvez japonês. Não me lembro. – Ela gemeu de prazer. – Na verdade, com você fazendo isso, eu nem mesmo consigo pensar.

– Não? O que acontece quando eu faço isso? – Ele meteu a mão entre o corpo dela e o colchão e começou a massageá-la a partir da frente, enquanto se acomodava pesadamente nas costas dela. – Naquele dia no seu banheiro... – murmurou ele, os lábios roçando o ouvido dela. – Quando eu impensei o seu corpo contra a porta.

– Hum... hum.

– Era isso que eu queria estar fazendo. Tocando seu corpo... aqui.

O que ele fazia agora fez com que a respiração dela ficasse entrecortada, mas ela conseguiu dizer: – Eu estava com medo.

– De mim?

– Do que você faria.

– Machucá-la?

– Não, fazer com que eu me sentisse como estou agora.

Ele ficou parado. – É verdade?

– Tenho vergonha de dizer. É sim.

– Vire – rosnou ele.

Ele a ajudou a se virar para ele, depois se ajoelhou entre as pernas dela e esfregou-lhe os lábios na barriga. Pousou beijos suaves no osso do quadril e no vazio abaixo dele. Depois, aninhou o nariz mais embaixo.

– Coburn?

– Shhh...

A palma dele se posicionou entre os ossos do quadril e as pontas dos dedos acariciaram a barriga de Honor, enquanto o polegar mergulhava fundo, excitando-a. Então, beijou-a com ternura. A carícia dupla, com a boca e o polegar, logo a fez arquejar o nome dele e implorar-lhe, com o corpo arqueado, que não parasse.

Ele não parou. Mas estava dentro dela quando ela gozou, dentro dela quando ela sentiu que ele gozava, e, quando ela finalmente recobrou as forças para abrir os olhos, ele ainda estava ali, envolvendo o rosto dela entre as mãos e batendo de leve nas maçãs do rosto com os polegares.

A intensidade da expressão dele a fez perguntar, hesitante:

– O que foi?

– Eu nunca gostei muito da posição papai e mamãe.

Sem saber bem como responder àquilo, ela disse, simplesmente:

– Ah.

– Prefiro fazer de outra forma.

– Por quê?

– Porque não tem nada a ver com gozar.

– O que não tem nada a ver?

– Olhar para o rosto da mulher. – Ele murmurou a declaração como se estivesse intrigado com isso.

A garganta dela apertou. Ele estendeu a mão e bateu de leve no rosto dela.

– Você queria olhar para o meu rosto?

Ele continuou olhando fixo para os olhos dela por alguns instantes, depois desviou o olhar tão abruptamente que o recuo emocional foi tão definitivo quanto a separação física.

Relutante em deixar que aquilo acontecesse, ela o seguiu, virando sobre o lado do próprio corpo, na direção dele. Ele ficou deitado de costas, olhando para o teto, súbita, mas completamente alienado.

Ela pronunciou o nome dele.

Ele virou a cabeça lentamente na direção dela.

Em voz baixa, ela disse:

– Quando isso terminar, nós nunca mais vamos nos ver, não é?

Ele ficou calado um ou dois instantes, e depois deu uma abrupta negativa com a cabeça.

– Certo – sussurrou ela, com um sorriso triste. – Acho que não.

Ele voltou a estudar o teto, e ela pensou que seria o fim da conversa. Então, ele disse:

– Acho que isso muda sua ideia sobre isto.

– Isto, o quê?

– Transar comigo. Mas você sabia o que estava fazendo – disse ele, como se ela o houvesse contestado. – Ou deveria ter sabido. Eu não escondi de você o que sou, como sou. E, sim, eu desejei você nua no minuto que vi você, e também não fiz segredo disso.

“Mas não sou um cara de amabilidades. Nem mesmo sou um cara de ficar uma noite inteira com uma mulher. Não fico segurando a mão. Não sou de fazer carinho.” Ele fez uma pausa, disse um palavrão. “Não sou de fazer nada dessas coisas.”

– Não. Tudo que você fez foi arriscar a vida para salvar a minha. Mais do que uma vez.

Ele virou a cabeça e olhou para ela.

Ela prosseguiu.

– Você já me perguntou muitas vezes por que abandonei a garagem – disse ela. – Agora, eu quero perguntar a você uma coisa. Por que você estava voltando para lá?

– Hum?

– Você tinha-me dito que, se você não voltasse dentro de uns poucos minutos depois das dez horas, eu deveria fugir no carro e me afastar de Tambour o mais possível. Então, pelo que você sabia, isso era o que eu teria feito. Depois de quase morrer na explosão, com uma queimadura no ombro e o cabelo chamuscado, você poderia ter corrido em qualquer direção para fugir, mas você não fez isso. Quando me encontrou nos trilhos do trem você estava correndo de volta para a garagem. Para mim.

Ele não disse nada, mas seu maxilar ficou tenso.

Ela sorriu e se aproximou dele, alinhando seu corpo com o dele.

– Você não precisa me dar flores, Coburn. Você não precisa sequer me abraçar. – Ela descansou a cabeça no peito dele, logo abaixo do queixo. A mão dela curvou por sobre o pescoço dele. – Deixe-me abraçá-lo.

Capítulo 40

Diego encostou o fio da navalha no pomo de adão de Bonnell Wallace.

Wallace estava mostrando ser um filho da puta teimoso.

Entrar na casa fora mais fácil do que Diego esperava. O alarme não estava armado, portanto ele não precisou atacar e sair em disparada, antes que a polícia chegasse. Em vez disso, ele pôde se esgueirar para dentro da mansão e estudar a disposição dos aposentos antes que Wallace percebesse que ele estava ali.

Ele achou que já tinha tudo dominado quando percebeu que Wallace estava no estúdio na frente da casa, onde ele o vira na noite anterior, em plena vista de qualquer um que passasse por acaso pela rua.

A trilha sonora de um show na televisão encobria seus passos enquanto ele subia pela escada em curva. O segundo andar tinha quartos de ambos os lados do longo corredor, mas Diego logo descobriu aquele que pertencia ao dono da casa. O terno cinza listrado que Wallace usara para ir ao banco naquele dia estava pendurado nas costas de uma poltrona. Seus sapatos sociais, no centro do aposento, no chão, e a gravata jogada em cima de sua gigantesca cama.

Diego ficara à vontade dentro do closet. Uma longa hora e meia se passou antes que Wallace subisse.

De dentro do closet, Diego ouvira os ruídos do sistema de alarme quando Wallace apertou as teclas do código, armando o dispositivo para a noite. Isso representava um problema, é claro. Significava que Diego não poderia sair da casa sem que o alarme disparasse. Mas ele decidiu não se preocupar com aquilo até que chegasse a hora. Primeiro, ele precisava descobrir como dominar um homem que tinha duas vezes o seu tamanho.

Wallace facilitou as coisas para ele. Assim que entrou no quarto, foi até o banheiro anexo e abriu o zíper da calça. Usou ambas as mãos para dirigir o jato de urina.

Diego veio por trás dele, colocou-lhe uma das mãos na testa e puxou a cabeça para trás ao mesmo tempo que lhe encostava a navalha na garganta exposta. Wallace gritara, não tanto de medo, mas pelo choque. Num gesto reflexo, ele estendeu as mãos para trás e tentou girar o corpo para afastar o atacante, respingando urina na parede atrás da privada.

Diego lhe fizera um pequeno corte na mão para mostrar que estava disposto a tudo. – Você luta comigo, e eu corto sua garganta.

Wallace parou de lutar. Respirando forte, perguntou: – Quem é você? O que quer? Dinheiro? Cartões de crédito? Pode levar. Eu não vi sua cara. Não posso fazer a identificação. Apenas pegue o que quiser e vá embora.

– Eu quero a sua puta.

– O quê?

– A sua puta. Tori. Onde ela está?

Wallace ficou aturdido com a pergunta. Diego podia praticamente sentir os pensamentos percorrendo o cérebro do banqueiro enquanto o mantinha seguro contra o peito.

– El... ela não está aqui.

– Eu sei, seu cara de bunda. Por que você acha que eu tenho uma navalha encostada na sua garganta? Eu quero saber onde ela está.

– Por quê?

A mão de Diego moveu-se como um relâmpago e arrancou uma lasca de uns três centímetros do rosto de Wallace.

– Meu Deus!

– Ah, desculpe. Doeu? – Ele empurrou o joelho com força nas costas de Wallace, fazendo-o dobrar o corpo, mas sem ceder completamente. O homem era pesado e estava ficando difícil mantê-lo imobilizado. – Ajoelhe.

– Por quê? Estou cooperando assim. Não estou lutando com você.

– Ajoelhe – dissera Diego, enfatizando as palavras com os dentes.

Wallace obedeceu. Diego gostou mais desse ângulo. Dava-lhe mais flexibilidade e opções. Era também a posição de um mendigo, o que funcionava a favor de Diego.

– Me diga onde está Tori.

– Não sei. Não vi Tori nem tive notícias dela hoje.

Diego sacudiu a navalha e a metade inferior do lóbulo da orelha de Wallace caiu no ombro do homem. De novo, ele gritou.

– Vai ser a orelha toda da próxima vez. E aí, Tori não vai mais querer namorar você, seu monte de merda gordo. Por falar nisso, um outro golpe e você vai parecer

uma aberração.

O truque da orelha geralmente funcionava. Tipicamente, essa era a última coisa que ele fazia antes de a vítima contar-lhe o que ele precisava saber, e depois ele terminava o serviço com um profundo golpe na garganta. Houve um caso em que um homem aguentou ter suas duas orelhas e o nariz cortados, mas ele era excepcionalmente corajoso.

Diego tinha esperança de que o banqueiro não fosse aguentar tanto tempo. Não estava gostando de ficar dentro daquela casa. Ocorreu-lhe que Wallace podia ter ativado um alarme silencioso, algum tipo de botão do pânico, que alertava a polícia sobre a invasão de domicílio e sua captura. Ele achava que não, mas não vivera até aquela idade sendo descuidado.

Portanto, agora, depois de cinco minutos daquele tumulto, estava pronto para terminar o serviço com Wallace e dizer *adios* ao Contador para sempre. – Mais uma vez. É tudo que eu vou dar a você, porque sou um cara legal. Onde está Tori?

– Juro para você que não sei – disse Wallace. – Recebi uma mensagem de texto curta dela hoje de manhã, dizendo que tinha de sair da cidade imediatamente.

– Indo para onde?

– Ela não disse.

– Onde está seu telefone?

– Eu deixei o aparelho no escritório.

– Você acha que sou idiota! – O grito de Diego ecoou nas paredes de mármore do banheiro. Ele cortou um pedaço da outra orelha de Wallace.

Wallace inspirou forte, mas dessa vez ele não gritou.

– Eu joguei o telefone na cadeira quando vim urinar. Vá olhar. Você vai ver.

– Acho que você está me embromando.

– Não, não estou. Juro.

– Você quer que eu vá ver se seu telefone está no quarto de dormir? Muito bem. O problema é que eu vou ter que matar você primeiro, porque não vou tirar essa navalha do seu pescoço até que você me diga o que eu quero saber, ou até que você morra. – Ele deixou a frase fazer efeito. – Isso não faz diferença para mim, mas você podia facilitar as coisas para você mesmo.

– Eu acho que você vai me matar, de qualquer maneira.

– Me diga onde está Tori.

– Não sei.

– Onde ela está?

– Se eu soubesse, eu estaria com ela.

- Onde ela está?
- Não sei. Mas mesmo que soubesse, eu não lhe diria.
- Me diga, ou você morre nos próximos cinco segundos.
- Não estou dizendo mentira. Eu amo Tori.

Diego moveu-se como uma cobra dando o bote, mas não cortou a garganta do homem. Em vez disso, empurrou com força a cabeça de Wallace contra a privada. O homenzarrão caiu pesadamente no chão de mármore. Sua testa deixou escapar um curioso desenho de sangue na porcelana branca do vaso sanitário.

Diego usou uma toalha com monograma para limpar a navalha, depois dobrou-a e saiu do banheiro. O telefone celular estava exatamente onde Wallace dissera. Diego, do seu esconderijo no closet, não percebera que ele jogara o aparelho na poltrona quando se dirigia para o banheiro.

Rapidamente, ele desceu a escada, evitando as janelas da frente da casa. Entrara na casa pela cozinha. Havia somente uma luz acesa, e era aquela em cima do fogão. Levantou o celular de Wallace junto à luz e acessou as mensagens de texto. Tori. Oito e quarenta e sete da manhã. Ela dizia que estava saindo da cidade imediatamente, mas não dizia para onde ia. Em seguida, Diego deu uma olhada nas mensagens enviadas por Wallace. Muitas delas enviadas para o número de Tori. Nenhuma vindo dela. O gordo estava dizendo a verdade.

Diego usou o telefone para chamar o Contador.

- Eu tenho o número do celular de Tori Shira.
- Eu pedi a localização dela.

Diego disse o número e explicou o problema da mensagem de texto.

- Muito bem – disse o Contador, a voz tensa –, mas onde ela está?
- Wallace não sabe.
- Não conseguiu tirar a informação dele?
- Ele não sabe.
- Não sabe. Tempo presente?
- Que adiantaria eu matar o homem?
- O que há com você, Diego? Um homem morto não pode identificar ninguém.
- Wallace também não pode. Ele não me viu.

Depois de um longo silêncio, o Contador perguntou:

- Onde você está agora?
- Ainda dentro da casa.
- Então tente de novo. Ele tem dedos nas mãos e nos pés, tem um pênis.

– Não vai adiantar nada. – Acima de tudo, Diego confiava nos seus instintos, e Wallace parecia do tipo que morreria protegendo sua namorada. – Ele diz que não sabe onde ela está, e eu acredito nele – enfatizou ele para o Contador.

– Nada de pontas soltas, Diego.

– Eu estou lhe dizendo, ele não me viu e eu nunca fiz menção a você.

– Você nunca deixou uma vítima viva. Por que isso agora? Por que está ficando frouxo?

– Não estou. Mas também não perdi meu bom senso. Matar Wallace seria arriscado porque eu não poderia simplesmente cair fora da casa. No momento em que eu abrir a porta dessa mansão, vai acontecer o diabo. Se eu não puder fugir da polícia, não quero ser pego com um homem morto.

– Você está se recusando a fazer o que eu pedi?

– O que você pediu não pôde ser conseguido. Seria um desperdício matar um homem por causa de uma informação que ele não tem.

Houve um longo silêncio do outro lado da linha, e depois:

– Essa é a segunda vez nessa semana que você me desaponta, Diego. – A suavidade do tom de voz do Contador desencadeou um formigamento pela espinha de Diego.

Qualquer um que conhecesse alguma coisa sobre o Contador sabia o que acontecia com pessoas que o desapontavam ou fracassavam nas missões dadas. Diego não temia ser eliminado. Ele era por demais talentoso para ser desperdiçado. Não. O Contador usaria outros meios para puni-lo, alguma outra...

A percepção súbita da situação atingiu-o como uma tonelada de tijolos. *Essa é a segunda vez.*

Diego sentiu o estômago se contrair. Achou que ia vomitar. Desligou e, sem nem mesmo considerar as consequências, abriu a porta da cozinha. As sinetas do alarme dispararam. O barulho era ensurdecedor, mas Diego quase não reparou nisso. O medo gritando dentro da cabeça prenunciava coisa muito pior do que sua prisão.

Ele correu pelo terraço de pedra e atravessou o gramado. No momento que chegou ao muro externo da propriedade, estava sem fôlego, mas não parou sequer para recuperá-lo. Escalou o muro usando a trepadeira folhosa para apoiar os pés e agarrar com as mãos. Chegando ao topo, passou as pernas por cima do muro e saltou. Foi uma queda forte, de cerca de três metros. Os joelhos absorveram o impacto e a dor foi lancinante, mas isso não o fez retardar a fuga.

Ouviu o som agudo e intermitente das sirenes do carro-patrulha que se aproximava, mas tomou o caminho mais direto para o carro furtado, mesmo que isso significasse se expor em campo aberto em vez de se manter nas sombras.

Ninguém veio prendê-lo. Ao chegar ao carro, ele estava encharcado de suor e tremia de maneira tão incontrolável que quase não conseguiu dar a partida no motor. Sem se importar se era notado, afastou o carro do meio-fio com os pneus cantando.

Seguiu com o corpo inclinado sobre o volante que segurava com dedos brancos, de medo e fúria. Nunca lhe haviam ensinado a rezar e ele não conhecia nenhum deus, de modo que se aproveitou de abstrações e apelou fervorosamente para qual fosse o supremo poder, anônimo, que o estivesse ouvindo.

Quebrou sua regra, até então inviolável, e seguiu diretamente para o prédio onde morava. Os pneus cheiravam a queimado quando ele estancou o carro de súbito. Lançou-se para fora do veículo, nem mesmo se preocupando em desligar o motor ou fechar a porta.

Um maçarico fora usado para violar o fecho da porta externa, que estava entreaberta. Diego mergulhou por ela, em total escuridão. Como um louco, correu pelos corredores úmidos e desceu as escadas que conhecia pelo tato.

Quando chegou ao andar de baixo e viu a porta de seus domínios aberta, ele deu uma parada. Sua respiração produzia um som horrível, de algo sendo serrado, e aquele era o único som em todo o prédio. Achou que fosse morrer da dor que sentia no peito. Quase desejou esse fim, de modo que não precisasse saber.

Mas ele tinha de saber.

Forçou-se a caminhar até o umbral da porta iluminado e a olhar para o quarto que fora seu refúgio seguro. Até aquela noite.

Isobel jazia de costas na cama. Suas roupas haviam sido arrancadas e ela fora colocada numa posição obscena. O rosto fora brutalizado. Os membros apresentavam machucados e arranhões. Havia marcas de mordidas tão profundas que penetravam na carne dourada. Havia sêmen seco. E sangue.

Ele fora mantido afastado durante todo o dia, de modo que os “facilitadores” do Contador pudessem se demorar aterrorizando, torturando e matando Isobel, e, fazendo isso, dar a Diego uma lição de obediência cega.

Apenas o cabelo negro, lindo e sedoso, escapara da agressão. Quando se ajoelhou ao lado da cama, foi o cabelo que Diego tocou, o cabelo que ele tanto elogiava, e que manteve contra o rosto, e nele chorou.

Quando, finalmente, conseguiu se pôr de pé, seus joelhos estavam dormentes. Ele arrumou o corpo de Isobel, cobrindo as partes púbereas. Abriu delicadamente o fecho do crucifixo de prata. Beijou os lábios cortados e inchados, sendo seu primeiro beijo também o último. Finalmente cobriu-a com um cobertor.

Esquadrinhou o quarto, examinando tudo nele e decidindo que não havia nada ali que ele se importasse em salvar, nem mesmo o tapete caro. Verteu o peixinho dourado na privada e puxou a descarga. Era um assassinato de misericórdia. Melhor aquilo do que morrer na água fervente.

Fez uma pilha de seus pertences no centro do quarto, aproximou um isqueiro aceso ao material e esperou para ter certeza de que o fogo pegara. Quando virou as costas para o aposento, as chamas já estavam lambendo as cobertas da cama, o ataúde de Isobel.

Lenta e penosamente, ele seguiu o caminho da antiga fábrica até o nível da rua. Já podia sentir o cheiro da fumaça e calculou que o incêndio não demoraria em tomar conta de todo o prédio.

É claro que o carro fora levado. Ele não se importou. Seguiu pela calçada mantendo-se próximo aos prédios, a mão direita segurando a navalha no bolso da calça, pensando que possivelmente o Contador ainda não terminara de ajustar as contas com ele.

E ele, com a máxima certeza, não acabara de ajustar as contas com o Contador.

Capítulo 41

Quando recobrou a consciência, Bonnell Wallace estava deitado de costas no chão do seu banheiro. Alguém se inclinava sobre ele, dirigindo uma lanterna para seu olho, que a pessoa mantinha aberto com a mão enluvada.

– Sr. Wallace, o senhor pode me ouvir?

– Apague a porra dessa lanterna. – A luz atirava estilhaços de dor no alto do seu crânio, vindo de dentro. O paramédico não fez o que ele pedia. Em vez disso, forçou Wallace a abrir o outro olho e balançou a lanterna a poucos centímetros do seu globo ocular.

Wallace deu um tapa na mão metida numa luva azul. Ou tentou fazer isso. Ele não acertou em nada a não ser o ar, e percebeu que estava vendo em duplicidade e que fizera a mira na imagem errada.

– Sr. Wallace, por favor, não se mexa. O senhor teve uma concussão cerebral.

– Eu estou bem. Vocês pegaram o cara?

– Quem?

– O safado que fez isso comigo.

– A porta dos fundos estava aberta quando chegamos aqui. O seu assaltante fugiu.

Wallace lutava para sentar-se, enquanto dois paramédicos tentavam mantê-lo deitado. – Preciso falar com os policiais.

– Eles estão dando uma busca na propriedade, sr. Wallace.

– Vá dizer a eles para virem aqui.

– O senhor pode falar com os policiais mais tarde. Eles vão querer seu depoimento. Enquanto isso, nós vamos transportar o senhor para a sala de emergência e fazer uma radiografia...

– Vocês não vão me transportar para lugar algum. – Wallace afastou com rudeza o braço do jovem e, dessa vez, sua mira foi perfeita. – Me larguem. Eu estou bem. Tenho de avisar Tori. Traga meu telefone. Está na cadeira do quarto.

Os dois paramédicos se entreolharam. Um deles se levantou e desapareceu pela porta. Segundos depois, ele disse de lá: – Não há nenhum telefone na cadeira.

Wallace soltou um gemido baixo. – Ele levou meu telefone. Meu telefone tem o número dela.

– O número de quem?

– Meu Deus! De quem você acha? De Tori.

– Sr. Wallace, por favor, fique deitado e nos deixe...

Ele agarrou o jovem pela frente da camisa do uniforme. – Eu já disse a você. Eu estou bem. Mas se acontecer alguma coisa com Tori, eu vou atrás de vocês primeiro, e vou transformar a vida de vocês num inferno. Portanto, é melhor vocês trazerem um policial aqui agora!

Coburn fora treinado a dormir tão eficientemente quanto fora treinado em tudo mais. Ele acordou depois de duas horas sentindo-se renovado, se não completamente descansado.

Honor ainda estava deitada como que atrelada a ele. O braço direito dele ficara dormente. Sentia um formigamento, mas deixou-o ficar assim mesmo, apertado entre os seios dela. Não queria despertá-la até que precisasse. Além disso, seu braço se sentia bem ali.

A mão direita dela repousava no peito dele, e ele ficou chocado ao perceber que, no sono, ele a cobrira com sua mão esquerda, mantendo-a lá, diretamente sobre o coração.

Ele tinha que admitir; ela o conquistara. Sua postura de professora de curso secundário que fora fiel ao marido, mas que transara com ele com o mesmo fervor com que lutara contra ele há dois dias, penetrara na sua velha pele curtida.

As feições dela eram suaves e femininas, mas ela não era nenhuma inocentezinha, onde e quando interessava. Até mesmo naqueles momentos em que ele tivera vontade de a estrangular por ter feito algo descuidadamente, ele admirara sua coragem. Acreditava que ela o teria matado, ou teria morrido tentando fazê-lo, se ele fizesse mal à filha.

Pensar em Emily o fez sorrir. Aquela coisinha tagarela. Ficou aliviado em saber que ela estava em segurança, mas não ficou tão contente como pensara que ficaria livrando-se dela. Provavelmente nunca mais a veria, mas nunca mais olharia para uma daquelas coisas vermelhas de olhos de inseto sem pensar nela. Também sabia que, sempre que se recordasse do beijo que ela lhe dera no rosto, com tal incondicional confiança e aceitação, ele sentiria uma dorzinha na vizinhança do coração.

Já doía, agora.

Mas ele afastou esses pensamentos da mente. Ultimamente, vinha pensando uma porção de merda e não podia explicar esse sentimentalismo, a não ser que aquela estava sendo uma missão maluca, atrapalhada, e permanecera assim, desde que fugira do armazém. Não admira que tivesse ficado sentimentalóide. Não admira que, em vez de estar planejando o que faria em seguida, ele estava ali, deitado, mergulhado no calor da nudez de Honor, deixando a sensação penetrar no seu corpo como um bálsamo curativo.

Diabo, ela era doce. Rígida, excitada e suave, atraída por ele. Como imaginar?

E quando percebeu que era o primeiro amante que ela tivera desde a morte do marido, ele se sentiu como o Super-Homem. Mas isso aconteceu também quando ele ficou confuso, quando a coisa evoluiu de mera transa para algo mais, quando ele quis sentir as mãos dela em seu corpo, quando quis saber se não era uma lembrança ou um fantasma, mas um homem de carne e osso que estava balançando o mundo dela, fazendo-a gozar. Ele quis que ela soubesse que era ele que fazia isso.

E isso lhe metia medo.

Porque nunca ele necessitara ou quisera alguém precisando dele, ou o desejando.

Era uma coisa boa que aquela situação fosse a curto prazo, e que, quando tudo terminasse, ele pudesse ir embora sem laços que o prendessem. Os dois voltariam a suas vidas anteriores e nunca mais se veriam. Ele deixara claro que as coisas seriam assim, e ela aceitara.

Então, está bem, sim, ele a deixara ficar ali, aconchegada a ele, dormindo. Se ela quisesse segurá-lo, ótimo. Ótimo. Desde que ambos entendessem que a intimidade era temporária.

Mas não havia como negar que era bom tê-la encostada a seu corpo. Cada vez que ela respirava, o ar atravessava sua pele. A parte interior da coxa de Honor, suave, lisa, descansava em cima da coxa dele. Os seios serviam de travesseiro para seu braço. As costas da mão dele estavam metidas no V das suas coxas, e se ele virasse a mão e a apalpassem com a palma...

Seu pênis acordou e se esticou.

Eles poderiam fazer amor mais uma vez, certo? Qual seria o mal? Ele não iria contar a ninguém. Ela também não, com toda certeza. Se ele virasse a mão e comesse a tocá-la *ali*, ela acordaria sorrindo e sonolenta, pronta para ele de novo.

Eles se beijariam. Eroticamente. A boca de Honor era tão tentadora, ele mergulharia nela cada vez mais para captar o gosto que agora já lhe era tão familiar.

Ele levaria a língua até os mamilos dela, e ela esfregaria o polegar em torno da ponta de seu pênis, a ponto de ele sentir que ia gozar, e então ele entraria nela, mexendo.

Ou talvez não. Talvez ele fizesse alguma coisa que nunca fizera com mulher alguma. Talvez ele apenas... *ficasse*. Ficasse imóvel. Nenhum movimento, a não ser os batimentos dos corações. Não se mexer, querendo atingir alguma coisa, pois então a coisa acabaria e ele passaria à coisa seguinte, talvez fisicamente saciado, mas naturalmente.

Não, talvez dessa vez ele apenas saboreasse estar tão ligado a outra pessoa, tão unidos quanto podem estar duas pessoas. Ele saborearia estar ligado a Honor.

Talvez, enquanto eles ainda estivessem juntos daquela forma, ele a beijasse. E, se ela o beijasse do modo que geralmente fazia, ele provavelmente a perderia. Teria que ir embora. Não tinha escolha.

Mais tarde, ele caçoaria dela por ser uma mulher tão fácil, e ela fingiria objetar. Caçoaria da tatuagem dela colocada em lugar tão lascivo, entre duas covinhas, logo acima da sua linda bunda.

Ele diria que o artista que fizera a tatuagem fora um filho da puta feliz, por ter apreciado aquela visão exuberante enquanto fazia seu trabalho. *Aposto que ele demorou bastante*, diria ele. Depois, ele lhe diria qual seria sua vocação na próxima vida. Seria um artista tatuador, especializado em professoras que tomassem um porre no Hurricane e quisessem se tatuar em lugares...

Vistos simplesmente por ninguém.

Sua corrente de pensamento preguiçosa de repente descarrilhou.

Ele afastou Honor dele e saltou da cama.

– Honor, acorde!

Sobressaltada por ter sido tirada de um sono profundo, ela apoiou o corpo nos cotovelos e protegeu os olhos contra a claridade, quando ele acendeu a luz do teto. – O que há? Chegou alguém?

– Não. Vire.

– O quê?

– Fique de bruços. – Ele plantou o joelho ao lado dela na cama, e colocou-a de bruços.

– Coburn?

– Você disse “persuadida”?

– O quê? Deixe-me levantar.

Ele colocou a mão larga acima das nádegas dela e a manteve assim. – Sua tatuagem. Você disse que ficou meio bêbada e foi facilmente persuadida. Persuadida a

ser tatuada?

– Foi. Não gostei muito da ideia a princípio, mas Eddie...

– Insistiu?

– Eddie nunca insistiu para eu fazer nada.

– Muito bem. Ele *persistiu*.

– Mais ou menos. Ele meio que me desafiou. Finalmente eu cedi.

Coburn estava ajoelhado ao lado dela, examinando o intrincado desenho.

– E ele escolheu o lugar.

– Ele disse que era sexy.

– E é. O mais sexy possível. Mas eu acho que não foi por isso que ele queria a tatuagem aqui. – Coburn apertou os olhos e aproximou-se do desenho espiralado, enquanto o acompanhava com o dedo. – O que é que ele significa?

– Não significa nada. – Ela o observava por cima do próprio ombro. – Eu já disse a você, é um tipo de símbolo chinês.

– Tem que significar alguma coisa, ou então, por que razão você o escolheria?

– Não fui eu que escolhi. Na verdade, ele...

Coburn levantou a cabeça.

Os olhos dela encontraram os dele.

– Foi ele que desenhou a tatuagem.

Eles ficaram olhando um para o outro por diversos segundos, e depois Coburn disse:

– Acabamos de encontrar o mapa do tesouro.

Pela enésima vez, Tori olhou para seu celular vazio. E, pela enésima vez, ela ficou extremamente tentada a substituir a bateria e telefonar para Bonnell. Queria falar com ele. E o que importava se ele não era muito bonito nem tinha um físico perfeito? Ele não era um ogro. Ela gostava dele. Sabia que a adoração dele por ela era verdadeira, e talvez tivesse progredido de um simples encantamento – teria ela coragem de pensar assim? – para amor verdadeiro. Ele deveria estar preocupado com a sua súbita partida, imaginando por que ela teria ido para algum lugar desconhecido sem qualquer explicação, por que não respondia os telefonemas que certamente ele estava dando.

Se tivesse raciocinado certo, ele teria calculado que o fato de ela ter deixado a cidade deveria estar ligado à amiga da qual ela lhe falara, aquela que fora sequestrada. Talvez ele tivesse ouvido as últimas notícias sobre Honor e a busca que faziam por ela e Emily.

Depois de mandar uma pequena mensagem de texto para Bonnell, informando-o de que estava saindo da cidade, ela seguiu as instruções de Coburn ao pé da letra, embora questionasse a necessidade de tomar tais precauções. Meia hora depois de chegar à casa, ela e Emily estavam fazendo tortinhas de lama no playground perto da margem do lago. Ela estava se divertindo tanto que era fácil esquecer, por curtos períodos de tempo, a razão de estarem naquela excursão.

Mas, sempre que se lembrava das sinistras circunstâncias, Tori experimentava uma pontada de saudade da firme presença de Bonnell. Também sentia um toque de ressentimento contra Coburn e suas ordens severas. Tori tinha uma aversão inata a regras, e passara a maior parte da vida desafiando-as.

Seu ressentimento ia aumentando a cada hora que passava até que, agora, deitada sozinha na cama e ansiando pela excitante companhia de Bonnell, ela decidiu que não haveria mal em manter uma conversa curta com ele apenas para assegurar-lhe que estava bem, excitada como sempre e com uma enorme saudade dele.

Sentou-se na cama e estava prestes a pegar o telefone na mesinha de cabeceira, mas, em vez disso, deu um grito.

Um homem, usando uma máscara de esquiador, estava parado ao pé da cama.

Ele se jogou para a frente e colocou com força a mão enluvada sobre a boca de Tori, cortando seu grito. Ela lutou contra ele como uma onça, tirando a mão dele de seu rosto e depois arreganhando os dentes e as unhas, enquanto partia para a ofensiva. Seu corpo, incrivelmente musculoso e sarado, não era apenas para ser exibido. Ela era tão forte quanto a maioria dos homens e tinha os reflexos para utilizar aquela força com eficiência. O atacante mal conseguiu evitar um calcanhar dirigido aos testículos com o ímpeto de um batedor de estacas.

Ela tentou arrancar a máscara de esquiador do rosto do sujeito, mas ele segurou o pulso dela com os dedos e deu-lhe um puxão tão forte que ela ouviu os ossos se quebrando. Apesar de tentar se controlar, Tori gritou de dor.

Então, ele lhe deu uma coronhada na testa com o punho da pistola. A escuridão caiu sobre ela como um cobertor de veludo. Seu último pensamento foi para Emily e Honor, e como ela fracassara miseravelmente em proteger as duas.

Doral tirou a máscara e se curvou sobre a forma esparramada de Tori, as mãos nos joelhos tentando recuperar o fôlego e inspirando o sangue que escorria do nariz. A puta acertara nele pelo menos um bom golpe.

Ele mostraria para ela como era durão. Mostraria que não era o tipo de cara a ser tratado daquela maneira por uma mulher. Ele também tinha contas a ajustar com ela

do tempo do curso secundário, quando ela não apenas o esnobara como também fizera isto rindo das tentativas dele para seduzi-la.

O pensamento de ter finalmente dado a ela uma lição deu a Doral tanto prazer que ele chegou até a ter uma ereção. E ele levou a mão ao zíper da calça.

Entretanto, nesse exato momento, ele parou e reconsiderou. O Contador não gostaria daquilo. Não por causa de escrúpulos, mas por não ser o momento adequado.

O Contador estava esperando impacientemente por seu telefonema, e, dessa vez, as notícias que ele tinha eram boas.

O carro-bomba fracassara na tentativa de eliminar Coburn ou Honor. O Contador recebera aquela má notícia até com mais fúria do que Doral previra, e ele previra algo como Hitler recebendo a notícia da derrota do Terceiro Reich.

– Seu porra de imbecil! Você me disse que ele estava lá.

– Ele estava. Eu mesmo vi que ele estava.

– Então, como é que ele escapou?

– Eu não...

– E por que você não verificou, para se certificar de que ele estava morto antes de sair de lá?

– O carro estava em chamas. Não havia meio de...

– Eu estou cheio das suas desculpas, Doral.

A coisa continuou assim por vários minutos. Mas Doral preferia a repreensão ao tom distante e frio das palavras finais do Contador.

– Se você não consegue prestar melhor serviço do que esse, eu não preciso de você, não é?

Nesse momento, Doral percebeu que, a menos que entregasse Coburn e Honor, ele seria um homem morto.

Ou.

Ocorreu-lhe que ele, na verdade, tinha outra opção. Ele podia matar o Contador.

Esse pensamento traiçoeiro se esgueirara na sua mente e serpenteava na sua imaginação. Fantasiou a coisa, e viu que a perspectiva era enormemente atraente. Por que não?

O principal *por que não?* era que o fim do Contador significaria o fim de seu meio de vida. Mas, quem dizia que ele não podia se encarregar de toda a operação, agora que os alicerces já estavam tão meticulosamente dispostos?

Tendo em vista o tempo, Doral decidiu reservar aquele atraente pensamento para futura consideração, e, nesse ínterim, encontrar Coburn e Honor. Ele queria aquele canalha morto, tendo o Contador ordenado isso ou não.

Com esse objetivo em mente, ele telefonara para Amber, a recepcionista avoada da academia de ginástica de Tori. Reapresentou-se como o cara que ela encontrara na lanchonete, na véspera, e a convidara para um drinque.

A moça foi difícil de dobrar. Já eram mais de onze horas da noite, disse ela, impacientemente. Por que ele demorara tanto a telefonar? Ela tinha que abrir a academia às seis da manhã.

Doral disse a primeira coisa que lhe veio à mente:

- Eu simplesmente odeio ver uma boa garota como você ser passada para trás.
- O que é que você quer dizer com isso?
- Tori está entrevistando outras garotas para o seu lugar.

A mentira plausível funcionou como uma varinha mágica. Ele foi convidado à casa dela para um drinque, e tudo de que precisou foram duas tônicas com vodca para ela começar a enumerar todas as vantagens que Toni Shirah tinha sobre ela, inclusive uma casa no lago Pontchartrain, que ela extorquiria de um ex-marido.

Ele deixou Amber com a promessa de um jantar no Commander's Palace, dentro de pouco tempo, e transmitiu imediatamente sua descoberta ao Contador. Bajulando o chefe, ele se ofereceu espontaneamente para ir pessoalmente de carro até a casa de Tori no lago, e checar a informação.

Seus esforços mais do que compensaram. Ele não localizara Coburn e Honor, mas descobrira Emily dormindo num dos quartos de hóspedes, e isso foi quase tão bom quanto achar os dois outros. Quanto mais cedo ele comunicasse alguma coisa positiva ao Contador, melhor seria o clima no trabalho, e mais saudável para todo mundo.

Maldizendo sua própria avaliação perfeita, que evitou que ele realizasse seu sonho de luxúria de adolescente, fechou o zíper e depois se curvou sobre ela, sussurrando:

- Sua boceta nunca vai saber o que perdeu.

Recuou e mirou a pistola para a cabeça de Tori.

O jato de Hamilton aterrisou no Lafayette Aero às 3:40, hora local, ganhando uma hora. A seção de inspeção federal estava virtualmente fechada àquela hora da madrugada, de modo que as únicas pessoas lá eram da equipe de terra.

Hamilton foi o primeiro a deixar a aeronave. Cumprimentou amavelmente o homem com os calços e lhe disse que eram uma equipe avançada enviada pelo Departamento de Estado para montar o esquema de segurança de uma visita que um alto figurão do governo faria, dentro em pouco.

- Quem, na verdade? O presidente?

– Não tenho permissão para revelar – replicou Hamilton, sorrindo amavelmente. – Não sabemos quanto tempo vai durar nossa missão. Nossos pilotos permanecerão com o avião.

– Pois não, senhor.

Nesse ínterim, os seis homens que tinham desembarcado com Hamilton retiraram seus equipamentos do avião e os colocaram em duas caminhonetes pretas, com os vidros das janelas escurecidos, que Hamilton requisitara para que os esperassem na própria pista.

Se ficou imaginando por que um enviado do Departamento de Estado precisava de armas automáticas e equipamento da S.W.A.T., o jovem muito sabiamente conteve sua curiosidade.

Dentro de minutos da aterrissagem do jato, a equipe entrava rapidamente nas caminhonetes. Hamilton deu ao motorista o endereço da casa de VanAllen, e o homem programou o itinerário no GPS. Hamilton queria parar primeiro lá e apresentar suas condolências à viúva de Tom. Devia isso a Tom. Devia isso a ela. Afinal de contas, foi ele que enviou Tom para aquele encontro nos trilhos do trem abandonado.

Difícilmente alguém chegaria àquela hora da manhã, mas ele esperava que ela estivesse acordada, cercada de amigos, vizinhos e parentes que haviam corrido para ela ao receber a notícia da morte de Tom.

O que temia, entretanto, era encontrá-la sozinha. As circunstâncias do filho haviam deixado o casal extremamente isolado e, em grande parte, esse isolamento fora culpa deles mesmos. Baseado no que Hamilton sabia de Janice, não seria de estranhar que ela se afastasse completamente da sociedade agora que Tom estava morto.

Os agentes do escritório de Tom que levaram a trágica notícia comunicaram a Hamilton que eles foram convidados a se retirar logo depois de cumprirem sua triste missão.

Os enviados para interrogá-la a respeito do assassinato do marido encaminharam e-mails para Hamilton, em seguida, informando que a sra. VanAllen cooperara com eles, respondendo a todas as perguntas, mas lhes mostrara a porta de saída logo que a entrevista fora concluída, recusando o oferecimento de chamar um capelão ou uma conselheira psicológica para passar a noite com ela.

Ela repelira Hamilton ao telefone, xingando-o, e depois recusando-se terminantemente a falar com ele quando Hamilton telefonara para ela uma segunda vez. Ele suspeitava seriamente de que todas as manifestações de consolo tinham sido rejeitadas de maneira semelhante.

Hamilton esperava estar enganado. Contava encontrar a casa dela cheia de gente, tornando o encontro entre ele e Janice menos constrangedor, menos evidente e seu objetivo, menos óbvio.

Isso porque, embora a razão principal de ir até lá fosse apresentar seus pêsames, ele também tinha outro motivo. Vamos chamá-lo de expedição exploratória.

Havia uma pequena chance de que Janice soubesse algo sobre o Contador, mesmo que fossem fragmentos de informação que Tom houvesse deixado escapar, e que, com o passar do tempo, ela colecionara e reunira como as pessoas fazem com as peças embaralhadas de um quebra-cabeça. Mesmo incidentalmente, as peças se unem para formar pelo menos um quadro parcial.

Hamilton precisava saber que informações ocultas tinha Janice VanAllen.

Nesse ínterim, ele não perdeu tempo viajando na van. Telefonou para o escritório do xerife em Tambour e pediu que o conectassem com o detetive Crawford. Fora informado de que Crawford estava temporariamente no centro de comando, mas que fora até o toailete.

– Quando ele voltar, diga a ele para me telefonar. Para esse número.

Desligou e checkou o telefone de novo, para ver se Coburn tentara se comunicar com ele. Nada. Dois minutos mais tarde, o telefone vibrou na sua mão. Ele atendeu, secamente:

– Hamilton.

– Aqui é o detetive Crawford. Você me pediu para chamá-lo. Quem é você?

Hamilton se identificou.

– A agência perdeu um homem hoje à noite. Meu homem.

– Tom VanAllen. Meus pêsames.

– Você está investigando o caso?

– Eu estava, inicialmente. Depois que VanAllen morreu, seus homens assumiram o caso. Por que você não está falando com eles?

– Já fiz isso. Mas acho que há algo que você deveria saber, pois se relaciona com outros casos seus.

– Estou escutando.

– Tom VanAllen foi até aquela linha de trem abandonada, hoje à noite, com o único propósito de pegar a sra. Gillette e colocá-la sob a custódia de proteção da agência.

Crawford levou um momento para assimilar a informação, e depois, perguntou: – Como é que você sabe?

– Porque fui eu que intermediei o acordo com Lee Coburn.

– Percebo.

– Duvido – disse Hamilton. – Não leve a mal.

O detetive ficou calado por alguns momentos, mas se era por ressentimento ou concentração, Hamilton não soube. E não se importou com isso.

Crawford disse:

– Nós temos apenas um corpo no necrotério. Então o que aconteceu a Honor Gillette?

– Ótima pergunta, detetive.

– Coburn armou pra cima de VanAllen?

Hamilton riu baixinho.

– Se Coburn quisesse VanAllen morto, ele não se daria ao trabalho de usar uma bomba.

– Então, o que é que você está me contando, sr. Hamilton?

– Alguém, além de mim e de Coburn, sabia do encontro, e, quem quer que fosse, esse alguém queria a morte de Honor Gillette. Alguém plantou a bomba no carro, esperando matar dois coelhos com uma única cajadada, a viúva de um policial e um agente do FBI local. Alguém que ficou tremendamente nervoso com aquele encontro, de modo que agiu rápido e letalmente para evitá-lo.

– Alguém. Tem alguma ideia de quem?

– Alguém que esteja escutando essa nossa conversa.

– Não estou entendendo.

– Não está uma porra. O seu departamento é uma peneira só. Como também é o Departamento de Polícia, e eu, com tristeza, acho que o escritório de Tom, também. – Ele fez uma pausa para a contestação do detetive. Era claro que ele não ia fazer isso. Se Crawford estava envolvido ou não, ele não precisava negar essa alegação. – Não estou lhe dizendo como deve fazer seu trabalho, detetive...

– *Mas.*

– Mas, a menos que você queira mais gente morta do que já temos, duplique seus esforços e efetivo para encontrar Honor Gillette e Coburn.

– Ela está com ele voluntariamente?

– Está.

– Eu achei que sim. Coburn trabalha para você?

Hamilton ficou calado.

– Será que Coburn, sei lá, a *recrutou* por alguma razão? Parece-me isso. Em que coisa os dois estão metidos para que as pessoas quisessem a morte deles?

Hamilton também não respondeu a essa pergunta.

O detetive suspirou. Hamilton pôde imaginá-lo passando os dedos pelos cabelos. Se é que ele tinha cabelo.

– Eles vêm escapando com sucesso do radar há três dias, sr. Hamilton. Não sei o que mais posso fazer, especialmente desde que, como o senhor disse, outras forças parecem estar sempre alguns passos adiante de mim. Mas se eu tiver sorte e conseguir encontrá-los, o que acontece?

Hamilton respondeu, secamente:

– Sou a primeira pessoa para quem você deve telefonar.

Capítulo 42

Quando Coburn parou o carro junto ao meio-fio, defronte da casa de Stan Gillette, Honor disse: – Eu imagino que vamos penetrar na casa escondidos, como fizemos à tarde.

– Estou cansado de ficar me escondendo. Já é hora de eu e ele termos um encontro cara a cara.

À medida que percorriam o caminho de entrada, ela olhou para ele, nervosa: – O que você vai fazer?

– Você toca a campainha. A partir daí eu tomo a iniciativa.

Ele podia ver que ela estava em dúvida sobre o que eles precisavam fazer, mas Honor subiu resolutamente os degraus da entradinha coberta e tocou a campainha. Ouviram o tintilar característico dentro da casa. Coburn colocou as costas na parede adjacente à porta.

Honor viu que ele tirava a pistola da cintura, e isso a alarmou.

– O que você vai fazer com isso?

– Talvez ele não nos receba bem.

– Não machuque meu sogro.

– Não vou fazer isso, a menos que seja forçado.

– Ele toma remédio por causa da pressão alta.

– Então eu espero que ele pense duas vezes antes de fazer alguma coisa estúpida.

Ouvindo passos se aproximarem, ele cortou o ar com a mão livre. A porta se abriu, depois diversas coisas aconteceram em rápida sucessão.

O sistema de alarme iniciou o ruído de alerta.

Stan soltou uma exclamação de surpresa ao ver Honor, pegou o braço dela e puxou-a pelo umbral da porta.

Coburn pulou para o hall de entrada atrás dela e fechou a porta com um pontapé.

Mandou que Honor desarmasse o sistema de alarme.

Então, ele a tirou do caminho quando Stan Gillette lançou-se para a frente, e, com uma faca, deu um golpe contra a cintura de Coburn.

– Não! – gritou Honor.

Coburn curvou as costas, fazendo a barriga côncava, mas a ponta da lâmina cortou a camiseta, grande demais para ele, e achou a pele.

Coburn ficou mais espantado com a ferocidade do ataque do que com o fato de ter sido ferido, e imediatamente percebeu que Stan planejava tudo, aproveitando-se do espanto de Coburn para tirar-lhe a pistola da mão com um pontapé.

Coburn soltou um palavrão e tentou agarrar a mão que empunhava a faca. Não conseguiu, e Stan lançou outro golpe com a lâmina, dessa vez atingindo a pele do ombro de Coburn.

– Pare com isso, velho! – gritou Coburn, desviando-se de outro golpe. – Precisamos falar com você.

Gillette nem tomou conhecimento. Continuou a atacar Coburn com sede de vingança.

Honor, que fizera estancar o incessante som do alarme, estava praticamente chorando.

– Stan, por favor! Pare com isso!

Ou o velho estava enlouquecido a ponto de não ouvir nada, ou preferiu ignorar o apelo. Parecia determinado a matar ou a ferir seriamente Coburn, não lhe dando chance de ser igualmente agressivo. Ele esperava resistência, discussões acerbadas, talvez recebendo empurrões no peito por parte do ex-fuzileiro. Mas ele não esperava uma agressão violenta.

Cada homem lutava para vencer. Caíram sobre a mobília, derrubaram abajures, fizeram cair quadros das paredes. Agarravam-se, davam pontapés e socos. Coburn não conseguia ter uma trégua para localizar sua pistola e apontar para Gillette com ela sem dar um convite aberto a receber uma facada do outro. Portanto, lutou de mãos limpas, como ambos haviam sido treinados a fazer, como se fosse uma luta de vida ou morte.

E durante todo esse tempo, Honor implorava que parassem com aquilo.

– Desista – rosnou Coburn desviando mais um golpe da faca.

Mas Gillette não queria saber disso. Estava com sede de sangue, do sangue de Coburn. Quando a lâmina de sua faca atingiu o antebraço de Coburn, cortando até o osso, Coburn soltou um palavrão. Ele pensou, vá para o diabo a idade do homem, sua pressão alta e o lema dos fuzileiros, *Semper Fidelis*. Ele atacou o outro com toda a força e continuou atacando até que conseguiu colocar um forte soco na cabeça de Stan, fazendo com que ele perdesse o equilíbrio e cambaleasse para trás.

Coburn acompanhou-o e agarrou a mão que segurava a faca. Gillette não soltava a arma voluntariamente, nem iria jamais fazê-lo. Mas Coburn torceu o pulso dele até que o ex-fuzileiro gritou de dor. Seus dedos em torno do punho da faca se abriram e a arma caiu de sua mão.

Coburn colocou-o de bruços no chão, plantou um joelho nas costas do velho e puxou as mãos dele para cima, entre as omoplatas.

Honor estava em prantos.

Coburn disse a ela:

– Há um rolo de fita isolante na bancada de trabalho na garagem. Vá lá buscar.

Ela saiu para fazer o que Coburn pedia, parecendo compreender que discutir só prolongaria tanto o sofrimento de Stan quanto o dele. De qualquer modo, Coburn ficou contente de não ter que explicar a ela, porque mal tinha fôlego para fazer isso.

Deitado, com o rosto encostado no chão, Gillette rosnou: – Você é um homem morto.

– Ainda não. – Mas o corte no braço espirrava sangue.

Honor voltou com o rolo de fita isolante. Coburn pediu que ela cortasse um pedaço e usasse para amarrar as mãos do sogro. Ela olhou para o homem que partilhava seu sobrenome, depois para Coburn, e abanou a cabeça, se recusando.

– Olhe aqui – disse Coburn, respirando forte, de dor e exaustão. – Eu preciso dele como testemunha, de modo que a última coisa que quero é machucá-lo muito ou matá-lo. Mas nós não podemos fazer o que viemos fazer aqui se eu tiver que ficar lutando com ele, e ele vai continuar lutando comigo, se eu não o amarrar.

Coburn não tinha certeza se conseguiria dominar Gillette, caso ele recobrasse o fôlego e partisse de novo para o ataque. Precisava conter o velho teimoso enquanto tinha forças para tal, e antes que seu braço ferido ficasse completamente inútil. O suor escorria pelos olhos e ele levantou o olhar para Honor.

– Amarrar seu sogro é o único meio garantido de que um de nós não fique muito ferido ou morto. Não fique de frescura comigo agora, Honor. Corta um pedaço da porra da fita.

Ela hesitou, mas, por fim, tirou um pedaço da fita do rolo e cortou-o com os dentes, depois enrolou-o em torno dos pulsos de Stan. Os dois o amarraram numa cadeira de espaldar reto que Coburn mandou Honor trazer da cozinha.

O rosto do velho era uma massa inchada, sangrenta, mas ele dirigiu para Honor toda sua animosidade.

– Eu pensei que conhecesse minha nora.

– Você conhece, Stan.

– Como você pode fazer uma coisa dessas?

– Eu? Você avançou contra Coburn como se quisesse matá-lo. Você não me deu, não nos deu outra escolha.

– Sempre há uma escolha. Você vem fazendo escolhas muito ruins.

Nesse ínterim, Coburn amarrava com força a fita isolante em torno do ferimento de faca no braço, numa tentativa de estancar o sangramento.

Honor se ajoelhou diante do sogro e encarou-o, implorando. – Stan, por favor...

– Mesmo que você não preserve a memória de Eddie, como teve coragem de colocar em risco a vida de minha neta?

Coburn pôde ver que o tom de escárnio de Stan Gillette a deixou afrontada, mas ela respondeu numa voz calma.

– Na verdade, Stan, eu estive protegendo Emily e a mim mesma.

– Aliando-se a ele?

– Ele é um agente federal.

– Que tipo de agente faz um sequestro?

– Eu sabia que isso o deixaria morto de preocupação. Eu queria telefonar e contar a você o que havia realmente acontecido, mas não podia fazer isso sem colocar nossa segurança em risco. A minha. A de Emily. Também a de Coburn. Ele vem trabalhando infiltrado numa posição altamente perigosa, e...

– E ele surtou – disse Stan, lançando um olhar de desprezo para Coburn, de alto a baixo. – Pirou. Isso acontece todo o tempo.

Coburn já perdera a paciência com o homem, mas Honor continuou a se dirigir a ele num tom de voz tranquilo.

– Ele não pirou. Eu falei com o supervisor dele em Washington, um homem chamado Clint Hamilton. Ele tem confiança absoluta em Coburn.

– Então você achou que também podia ter?

– A verdade é que eu coloquei minha confiança nele mesmo antes de falar com o supervisor dele. Coburn salvou nossas vidas, Stan. Ele protegeu Emily e a mim de gente que nos queria fazer mal.

– Como quem?

– Os gêmeos Hawkins.

Stan Gillette soltou um riso áspero, mas, vendo a expressão séria de Honor, continuou:

– Com certeza você está brincando.

– Asseguro a você que não estou.

– Isso é ridículo. – Ele lançou um olhar furioso para Coburn. – Que tipo de idiotice você andou metendo na cabeça dela? – Virando-se para Honor, ele disse: – Esses homens não tocariam num fio de seu cabelo. Doral não parou de procurar por você e Emily desde que vocês desapareceram. O irmão dele está morto, mas ele vem...

– Extraíndo de você informações sobre elas, sobre onde poderiam estar, quem poderia estar lhes dando abrigo? – perguntou Coburn, colocando-se junto a Honor, de modo a poder falar diretamente para Stan.

O queixo de Stan desceu sensivelmente.

– Doral tem sido um amigo leal. Ele não tem feito refeições nem dormido. Está procurando vocês por toda parte.

– Obtendo informações com seus olheiros no departamento de polícia?

Gillette ficou calado. Coburn prosseguiu.

– Doral usou essas informações para estar sempre um passo à frente das autoridades, não tenho razão? Enquanto deveria estar pranteando o irmão, ele está nos procurando desesperadamente antes que qualquer órgão do governo o faça. Por que isso?, pergunto eu. – Ele deixou que Gillette absorvesse isso por alguns segundos antes de continuar. – Doral e Fred Hawkins fuzilaram Marset e os outros seis.

O velho olhou para Coburn, depois deu uma risada seca, sem alegria.

– Você diz. Você que está sendo acusado do assassinato em massa.

– Fred teria matado Honor, e provavelmente Emily também, se eu não o tivesse baleado antes. Desde a noite de domingo passado, Doral vem tentando limpar a bagunça que ele e o irmão fizeram naquele armazém. E foi realmente uma bagunça. Sam Marset e os outros não tiveram a menor chance. Os gêmeos liquidaram com eles.

– E você foi o único que sobreviveu para contar a história.

– É isso aí.

– Não acredito em você. Eu conheço esses garotos praticamente desde que nasceram.

– Está certo de que conhece mesmo? Tem certeza que sabe do que são capazes? Por exemplo, Doral contou a você que invadiu a casa de Tori Shirah e armou uma emboscada para ela? É – disse ele, quando viu um lampejo de surpresa nos olhos do velho.

– E então, quando ela disse a ele que não tinha notícias de Honor, ele a ameaçou se ela não telefonasse para ele assim que tivesse notícias. Doral mencionou isso para o senhor? Não interessa, eu vejo que ele não mencionou.

– Como é que você sabe que isso é verdade?

– Como é que o senhor sabe que não é?

– Bem, se você ouviu isso daquela vagabunda, eu diria que a fonte não é de confiança. – Ele voltou a atenção de novo para Honor. – Emily está com ela?

– Emily está em segurança.

– Não está livre da corrupção moral.

– Vamos deixar o caráter de Tori de lado – disse Coburn. – Não temos tempo para isso.

– Nisso eu concordo com você, Coburn. Seu tempo acabou.

– Verdade? – Coburn inclinou-se, colocando o rosto a centímetros do rosto de Gillette. – Você diz isso com muita convicção. Como é que você sabe que meu tempo se esgotou?

Os olhos de Gillette se estreitaram ligeiramente.

Coburn continuou: – Os gêmeos Hawkins são espertos, mas não me parecem bastante espertos para dirigir uma organização tão sofisticada quanto a do Contador.

Gillette dirigiu o olhar para além de Coburn, para Honor.

– De que é que ele está falando?

– Ei – Coburn cutucou o joelho do homem fazendo com que ele voltasse a prestar atenção nele. Quando os olhos ferozes do ex-fuzileiro encontraram de novo os seus, Coburn continuou: – Alguém com uma personalidade autoritária e um complexo de Deus vem dando a Fred e Doral ordens de ação. Estou apostando todas as minhas fichas nisso.

– Eu não faço ideia do que você está falando.

Coburn fez uma encenação de consultar o relógio de pulso.

– Ou você está ficando acordado até muito tarde, ou levantando muito cedo. Por que você não estava meio tonto de ter sido acordado quando a campainha tocou? Por que você não estava metido no seu pijama ou só de cueca? Em vez disso, você estava completamente vestido. Até mesmo usando sapatos. Como é que pode? Por que você estava todo arrumado a essa hora da manhã?

Gillette ficou apenas olhando para ele.

– Você sabe o que isso me parece? – continuou Coburn. – Parece que você estava pronto, esperando alguma coisa. Esperando o quê? Um confronto comigo, o agente federal que criou dificuldades para sua cadeia criminosa?

A expressão de Gillette irradiava hostilidade, mas ele permaneceu em silêncio.

Coburn endireitou lentamente o corpo, mas continuou encarando o homem. E prosseguiu.

– A única razão que me fez considerar a possibilidade de estar enganado é que eu realmente não o vejo ordenando o assassinato de seu próprio sangue. Não porque você

talvez tivesse qualquer escrúpulo moral em fazer isso, mas porque o seu ego desmedido não deixaria você destruir seu próprio DNA.

Gillette não aguentou mais. Começou a lutar contra a fita que o imobilizava, rilhando os dentes por frustração e raiva.

– Você fez pouco do meu caráter. Me insultou como homem e como patriota. E, além do mais, você é um lunático. – Seu olhar se voltou para Honor. – Pelo amor de Deus, por que fica aí parada, sem dizer nada? Será que ele fez uma lavagem cerebral em você, para você acreditar nessa besteirada?

– Ele me convenceu de que o desastre com o carro de Eddie não foi um acidente.

Stan Gillette parou de se debater tão rapidamente quanto começara. Seus olhos foram rapidamente dela para Coburn, parando nele. Coburn abanou a cabeça.

– Eddie morreu porque tinha provas incriminando muita gente. Não apenas peixes pequenos, mas figurões importantes, cidadãos destacados, como Sam Maset e gente das agências de segurança do governo que azeitava o tráfico de drogas, armas e até mesmo de seres humanos.

Honor disse: – Eles mataram Eddie antes que ele apresentasse essas provas.

– Ou – retrucou Coburn –, antes que ele começasse a chantageá-los.

– Tráfico de drogas? Chantagem? Meu filho era um policial condecorado.

– É, era sim. Eu sou um agente do governo federal, mas cinco minutos atrás você me acusou de ter surtado. Isso acontece todo o tempo, como você disse.

– Não a meu filho! – gritou Stan com tal ferocidade que chegou a cuspir saliva. – Eddie não era um canalha.

– Então prove isso – desafiou Coburn. – Se você tem tanta certeza da honra de Santo Eddie, se *você é* tão inocente de qualquer atividade criminosa, deveria estar ansioso para nos ajudar a encontrar o que quer que fosse que Eddie escondeu antes de ser morto.

Honor aproximou-se um passo mais do sogro.

– Eu acredito que Eddie tenha morrido como um herói, não como vítima de um acidente. Minhas ações nesta semana podem ter parecido não condizentes com meu caráter, até mesmo estranhas. Mas, Stan, tudo que eu fiz, eu fiz com um único propósito, e esse propósito foi o de dissipar qualquer dúvida de que Eddie era corrupto.

– Esse homem – disse Gillette, indicando Coburn com o queixo – em quem você diz *confiar* é o que levantou dúvidas sobre a reputação de Eddie. Isso não lhe parece um paradoxo?

– Coburn questiona tudo e todos. É o trabalho dele. Mas, não importa o que ele diga ou de que suspeite, eu não perdi minha fé em Eddie. – Ela fez uma pausa e depois perguntou, em voz baixa: – Você perdeu?

– É claro que não!

– Então me ajude a provar como ele era valoroso. A descobrir o que estamos procurando.

Stan expirou o ar com força. Desviou a atenção dela para Coburn, com uma evidente aversão no olhar fuzilante.

Coburn sentiu que o velho precisava ser um pouco instigado.

– Por que você me odeia tanto?

– Você precisa perguntar?

– Nós já explicamos por que eu levei Honor e Emily comigo, por que eu mantive as duas longe de você. Agora, que você já sabe que não sou um sequestrador, agora que você sabe que elas estão em segurança, eu acho que chegou a hora de mostrar um pouco de gratidão por eu ter salvado a vida delas.

“Em vez disso, você me atacou, quase decepou meu braço. Você nem mesmo teria falado comigo se não estivesse amarrado nessa cadeira. Por princípio, você me despreza, Gillette. Por quê?” Esperou um momento e depois disse: “É porque você acha que minhas suspeitas sobre Eddie são muito fortes? Ou porque tem medo que elas sejam *verdadeiras*?”

O olhar de Gillette ficou ainda mais malévolo, mas finalmente ele fez a pergunta. – Que diabos *é* essa coisa que você está procurando?

– Nós não sabemos, mas temos uma pista – Coburn apontou para Honor. – Mostra a ele.

Ela virou de costas para Gillette, levantou a camisa e abaixou-se para expor a tatuagem. Então, ela explicou quando e como o desenho fora feito. – Aquele longo fim de semana aconteceu apenas duas semanas antes de Eddie ser morto. Ele mesmo fez o desenho para o artista da tatuagem. Não queria me colocar em perigo e dizer diretamente o que era, então me deixou com uma pista de onde eu podia achar.

– Você ainda não sabe o que é essa coisa aí? – perguntou Stan.

– Não, mas Coburn achou que a tatuagem diz “Hawks8”.

Fora preciso algum tempo para decifrar as figuras escondidas nas espirais e arabescos de um desenho aparentemente aleatório. A importância do tempo e a intimidade necessária para desvendar o enigma não passaram despercebidas a Gillette.

– Você foi para a cama com esse cara.

Embora o velho mostrasse raiva e censura na voz ao rosnar essas palavras, Honor não se perturbou.

– Sim, fui.

– Com o propósito de defender a integridade de seu marido. É nisso que você quer que eu acredite?

Ela deu uma olhada para Coburn, depois voltou a atenção para o sogro, encarando-o diretamente.

– Francamente, Stan, eu não me importo com o que você acredita. A única razão pela qual eu dormi com Coburn foi porque eu quis. Não teve nada a ver com Eddie. Julgue-me como quiser, mas eu vou lhe dizer diretamente, agora, que a sua opinião sobre esse assunto não faz absolutamente qualquer diferença. Eu não preciso da sua permissão para dormir com ele. Não preciso justificar essa minha atitude. Não me arrependo de ter feito isso. Não vou me desculpar, nem agora nem nunca. – Ela empinou os ombros. – Agora, o que significa “Hawks8”?

Coburn viu imediatamente que Gillette estava derrotado. O orgulho diminuído transformou-o fisicamente. O queixo caiu, assumindo uma postura menos agressiva. Os ombros relaxaram um pouco, mas o suficiente para se notar. A ferocidade dos olhos atenuou-se alguns graus, e surgiu um cansaço na voz, quando ele falou: – Os Hawks eram um time de futebol lá em Baton Rouge. Eddie jogou uma temporada no time. Era o número 8.

Coburn perguntou:

– Ele tem uma fotografia emoldurada do time? Uma relação dos jogadores? Algum troféu? Uniformes?

– Nada disso. Era uma liga de segunda categoria, e logo foi dissolvida. O que eles faziam mais era se reunir nas tardes de sábado e beber cerveja depois dos jogos. Jogavam de short e camiseta. Nada sofisticado. Nem fotos do time.

– Fique de olho nele – disse Coburn a Honor, e depois deixou-os e foi até o quarto de dormir de Eddie, onde ele se lembrava de ter visto um par de chuteiras no closet. Examinara cada uma delas, mas talvez não tivesse percebido alguma coisa.

Tirou as chuteiras do closet, meteu os dedos na chuteira direita e arrancou o revestimento interno. Nada. Virou a chuteira para baixo, examinou a sola, e percebeu que precisava de uma ferramenta para arrancá-la. Da mesma forma, deu uma busca na chuteira esquerda, mas, quando arrancou o revestimento interno, um minúsculo pedaço de papel caiu no seu colo.

O papel tinha sido dobrado uma vez de modo a ficar achatado debaixo do revestimento, sem provocar nenhuma ruga. Ele desdobrou o bilhete e leu uma única

palavra impressa: BOLA.

Ao sair apressado do quarto, ele passou pelo umbral da porta tão rapidamente que raspou o ombro, ferindo o braço machucado e lançando uma dor lancinante até o cérebro. Doía tanto que seus olhos ficaram marejados de lágrimas, mas ele continuou correndo.

– O que é? – perguntou Honor ao vê-lo correr pela sala de estar.

Ao passar por ela, ele colocou o pequeno bilhete na mão dela.

– A bola de futebol.

– Eu coloquei a bola de volta na caixa, no mezanino – gritou Gillette para ele.

Coburn passou direto pela cozinha e entrou na garagem em segundos. Acendeu a luz, depois contornou o carro de Gillette e rapidamente subiu a escada de mão até o mezanino. Abriu a caixa e virou-a de cabeça para baixo, pegando a bola antes de ela quicar no mezanino e cair no chão da garagem. Balançou-a, mas não ouviu nada se movendo lá dentro.

Com a bola debaixo do cotovelo, ele refez o caminho até a sala de estar. Com Honor e Gillette o observando, ansiosos, ele comprimiu a bola como se faz para ver se um melão está maduro. Notando que uma das emendas tinha a costura mais rudimentar, visivelmente diferente das outras costuras do restante da bola, feitas industrialmente na fábrica, ele pegou a faca de Gillette caída no chão e a usou para cortar a emenda. E puxou o pedaço de couro que se soltou.

Um pendrive caiu na palma da sua mão.

Ele trocou olhares com Honor. O conteúdo do pendrive poderia isentar o falecido marido dela de qualquer culpa ou, ao contrário, incriminá-lo, mas Coburn não podia levar em conta o impacto que isso poderia ter sobre ela. Ele gastara um ano de sua vida trabalhando como carregador de caminhão na empresa de Marset, procurando isso, e agora ele o tinha nas mãos.

Gillette estava exigindo uma explicação para o pendrive e seu significado. Coburn o ignorou e foi rapidamente até o quarto de dormir principal, ligou o computador e instalou o pendrive. Eddie não se preocupara em bloquear o acesso ao arquivo com uma senha e, quando Coburn clicou em cima dele, o arquivo se abriu imediatamente.

Ele examinou o conteúdo e, quando Honor veio se juntar a ele, ele não podia conter sua excitação. – Contém os nomes das pessoas e empresas mais importantes em todo o corredor I-10 entre esta cidade aqui e Phoenix, onde é distribuída a maior parte da droga que vem do México. Mas, melhor do que isso, também tem os nomes de policiais corruptos.

“E eu sei que essa informação é de confiança porque reconheço alguns dos nomes. Marset mantinha negócios com eles.” Ele apontou para um dos nomes da lista. “Este é o cara que garante o posto da balança de pesagem dos caminhões e faz parte da gangue. Este aqui é um revendedor de carros usados, em Houston, que fornece as vans. Dois policiais em Biloxi. Meu Deus, olhe para tudo isso.”

– Eddie deve ter levado muito tempo para reunir essas informações. Como é que ele teve acesso a elas?

– Não sei. E não sei se o motivo dele era nobre ou criminoso, mas vamos ficar com a melhor hipótese. Alguns são apelidos, como Pudge, Rickshaw, Shamu. Diego tem um asterisco ao lado do nome. Deve ser muito importante para a organização.

– Isso aí identifica o Contador?

– Não, até onde estou vendo, mas já é um ótimo ponto de partida. Hamilton vai se mijar de contentamento. – Ele tirou o celular do bolso e tentou ligar, mas viu que a bateria estava descarregada. – Merda! – Rapidamente, pegou o telefone de Fred do bolso e colocou nele a bateria. O telefone acendeu e, quando viu a mensagem, ele cerrou as sobrancelhas.

– O que foi? – perguntou Honor.

– Doral telefonou três vezes. E tudo isso na última hora.

– Não faz sentido. Por que ele estaria telefonando para Fred?

– Não estava – disse Coburn, pensativo. – Ele está telefonando para mim. – Subitamente assaltado por uma premonição que esvaziou o contentamento que ele sentira havia poucos momentos, ele apertou o ícone de chamada.

Doral atendeu no primeiro toque. Com voz alegre, ele disse: – Alô, Coburn. Que bom que você finalmente telefonou de volta para mim.

Coburn ficou calado.

– Alguém aqui quer dizer oi para você.

Coburn esperou, o coração na boca.

A cantiga de Emily chegou a ele alta e clara.

Capítulo 43

Quando ouviu a cantiga, Honor pôs as mãos na boca e começou a gritar atrás delas.

Coburn não deu um grito agudo, mas sentiu como se o tivesse feito. O medo, emoção que lhe era estranha, atingiu-o em cheio, e a força desse sentimento o deixou aturdido. Subitamente, estava claro para ele por que o medo era um elemento de motivação tão eficiente, por que ele reduzia homens calejados a crianças choronas, por que, face ao medo, os indivíduos tinham vontade de entregar seu deus, sua pátria, *qualquer coisa*, para que a ameaça fosse removida.

Sua mente transformou-se numa sucessão de imagens horrendas que ele vira em zonas de guerra, os corpos de crianças queimadas, espancadas, retalhadas até que não mais mantivessem a sua forma humana. A juventude e a inocência delas não as protegeram de um inimigo irracional, egomaníaco, exigente e absoluto. Tal como o Contador.

E o Contador tinha Emily.

– Está bem, Doral, você tem a minha atenção.

– Eu achei que ia ter.

A risadinha presunçosa dele era exasperante. – Ou você está blefando?

– A seu dispor.

– Bonecos que cantam são fáceis de achar. Como é que eu vou saber que é Emily?

– Casa bacana aquela que Tori tem no lago.

O punho de Coburn se fechou. Através dos dentes que rilhavam, ele disse:

– Você machuca essa garotinha e...

– O destino dela está nas suas mãos, não nas minhas.

Honor ainda tinha os dedos tapando a boca. Acima deles, os olhos cheios de lágrimas, arregalados e reluzindo de angústia. Entrar numa discussão inócua com Doral não traria Emily de volta para ela, ilesa. Embora isso doesse, Coburn dispensou as ameaças e perguntou quais eram os termos para Doral entregar Emily.

- Simples, Coburn. Você desaparece. Ela vive.
- Por desaparecer, você quer dizer morrer.
- Você é bem esperto.
- Esperto o bastante para sobreviver ao carro-bomba.

Doral o ignorou.

- Esses são os termos.
- Seus termos finais.
- Não negociáveis.

Ciente do tempo que ele estava num telefone que poderia ser rastreado, Coburn perguntou:

- Onde e quando?

Doral lhe disse aonde ir, a que horas ele deveria estar lá, e o que fazer quando chegasse.

– Você segue essas instruções, Honor sai dirigindo com Emily. Então, ficamos só você e eu, amigo.

- Nem posso esperar – disse Coburn. – Mas, uma última coisa.

- O quê?

– Depois de ter feito tanta cagada, por que você ainda está respirando? O Contador deve ter um motivo para manter você vivo. Pense nisso.

Doral desligou, murmurando uma torrente de palavrões. Coburn estava querendo meter-lhe medo. Tinha plena consciência disso. Mas Coburn era bom nesse jogo.

Porque ele tocara no pior medo de Doral: Ele não era mais do que um incompetente, e, depois de tudo que dera errado nas últimas 72 horas, era um elemento descartável.

Doral olhou por cima do ombro para o banco traseiro do carro, onde Emily dormia, dopada com o Benadryl que ele lhe dera para que a garota não sentisse medo e fizesse um estardalhaço quando entendesse que o tio Doral mentira sobre o motivo de tê-la tirado no meio da noite da casa do lago de Tori.

Exatamente no momento em que ele puxava o gatilho para terminar com a vida de Tori, uma vozinha cantante veio de trás dele:

- Oi, tio Doral.

Ele se virara e lá estava Emily, parada no umbral da porta do quarto de Tori, usando uma camisolinha, segurando seu cobertorzinho e, o mais desconcertante de tudo, contente de vê-lo.

– Eu e tia Tori fizemos tortinhas de lama. E sabe o que mais? Amanhã ela vai me deixar brincar com a caixa de maquiagem dela. Por que você está usando luvas? Não está frio lá fora. Por que a tia Tori está no chão?

Ele levou diversos segundos para processar a inesperada aparição da garota. Ela começou a andar mais para dentro do quarto e, com apenas segundos para pensar, ele teve um lampejo de inspiração.

– Ela está escondendo os olhos e contando, porque nós estamos brincando de esconde-esconde.

Em completa confiança, Emily acreditara. Esgueirando-se escada abaixo com ele, e depois entrando no carro que ele pedira emprestado ao primo para usar naquela noite, Emily, no banco traseiro, contivera suas risadinhas conspiratórias. Eles já estavam a vários quilômetros da casa quando o cansaço a venceu.

– Eu acho que a tia Tori não vai nos achar se nos escondermos tão longe. – E depois: – Você vai me levar para mamãe? Onde está Coburn? Ele vai me comprar um sorvete. Quero ver mamãe e Coburn.

As perguntas se tornaram numerosas e enervantes, e ele ficou contente de lembrar que uma de suas irmãs certa vez observara a eficiência da anti-histamina líquida para sedar crianças. Ele parou numa loja, comprou um refrigerante de cereja e um vidro do medicamento, e, logo depois de beber a mistura, Emily dormia profundamente.

Foi então que ele telefonou para o Contador para relatar seu sucesso. Não foi elogiado pelo serviço bem-feito, mas pensou ter ouvido um suspiro de alívio.

– Vê se você consegue que Coburn atenda ao telefone de seu irmão. Arma pra cima dele.

Agora as coisas tinham se arrumado, e tudo que ele tinha a fazer era esperar até a hora aprazada. Olhava para a frente, incapaz de encarar o rosto angelical de Emily e reconhecer o canalha que era por ter explorado a afeição da garota por ele. Pelo amor de Deus, aquela era Emily, a filha de Eddie. Ele matara o pai dela. Teria também que matar a mãe. Com amargura, Doral pensou que tornar órfã uma garotinha doce como Emily era uma porra de profissão, não era?

Ficou imaginando como descera a um nível tão baixo sem notar. Estava mergulhado tão fundo que nem conseguia mais enxergar a superfície.

Escolhera aquele caminho, e não havia como voltar. Inicialmente, ele achara que fechar todas as suas vias de escape era uma coisa boa. Abandonara sua antiga vida do mesmo modo com que uma cobra muda de pele. Tendo ficado farto de puxar o saco dos clientes que levava para as pescarias, e de seu credor agiota, ele sujara as mãos

naquele negócio, e trocara o serviço para clientes por aventura e violência. Gostara de ter licença para ameaçar e intimidar, e, se necessário, para matar.

Entretanto, olhando em retrospectiva, ele se lembrou daqueles dias do seu barco de aluguel como sendo muito menos complicados do que os dias atuais. O trabalho era estafante e a renda dependente de fatores que fugiam ao seu controle, mas ele se lembrava daquele tempo com uma nostalgia que beirava a compaixão.

Mas, quando se pôs a serviço do Contador, ele fizera um pacto com o demônio, e esse pacto era para a vida toda. Não havia como desistir. Não podia dar marcha a ré na sua vida.

Quanto à sua grandiosa ideia de eliminar o Contador e assumir o controle da operação, a quem que ele queria enganar? Isso nunca aconteceria. Até mesmo se tivesse a coragem de tentar, ele cometeria algum erro crasso e, de qualquer forma, terminaria morto.

Não, ele teria que continuar no caminho que escolhera até que chegasse a um beco sem saída.

Mas antes de se retirar, fosse dali a vinte anos ou vinte minutos a partir daquele momento, ele ia matar Lee Coburn como vingança pela morte de Fred.

Imediatamente depois de encerrar o telefonema de Doral, Coburn teclou o número da casa do lago de Tori, e só obteve uma mensagem da secretária eletrônica.

– Qual é o número do celular de Tori? – perguntou ele a Honor, esperando que Tori houvesse desobedecido às suas ordens e recolocado a bateria no telefone.

Ela tirou as mãos da boca. Os lábios estavam brancos da pressão dos dedos aplicada contra eles. Eles quase não se moveram quando ela obedeceu e disse o número.

A chamada também foi direto para a caixa postal.

– Merda!

Trêmula, ela perguntou:

– Coburn? Emily está viva?

– Se tivessem matado a menina, eles ficariam sem nada para negociar.

Ele pôde ver que ela queria acreditar nisso. *Ela* queria acreditar nisso.

Ela deu um soluço.

– Ele está com Emily como refém na casa do lago?

– Pelo som, pareciam estar no carro dele.

– Você acha que Tori está... – Ela não conseguiu concluir a pergunta e terminou com uma lamúria.

Coburn teclou o número 911 e, quando a telefonista atendeu, ele deu a ela o endereço da casa de Tori no lago.

– Houve um assalto na casa dessa mulher. Mandem a polícia e uma ambulância. Tomou nota? – Ele fez a telefonista repetir o endereço, mas, quando ela começou a fazer perguntas, ele desligou.

Honor tremia.

– Será que ele vai matar minha garotinha?

Por pior que fosse a verdade nua e crua, ele se recusou a mentir para ela.

– Não sei.

Ela fez um som de tão abjeto desespero, que ele a enlaçou com o braço bom e a puxou com força para si, descansando o lado do rosto no alto da cabeça dela.

– Nós precisamos chamar a polícia, Coburn.

Quando ele não disse nada, ela levantou a cabeça e olhou para ele. – Podemos – disse ele, calmamente.

– Mas você acha que não devemos.

– Ela é a sua filha, Honor. Você tem que tomar a decisão. Seja ela qual for, vou aceitar. Mas eu acho que, se você puser a polícia nisso, o Contador vai saber em questão de minutos.

– E Emily será morta.

Ele balançou a cabeça, gravemente.

– Provavelmente. O Contador não vai recuar. Ele precisa seguir em frente com a ameaça ou parecerá fraco. Ele não vai deixar que isso aconteça. Eu sei que não é isso que você quer ouvir, mas não vou ficar mentindo para você.

Ela mordeu o lábio inferior.

– A agência do FBI?

– Não é melhor do que a polícia. Veja o que aconteceu a VanAllen.

– Então a coisa depende de nós?

– Eu vou fazer o que for preciso para salvar a vida dela.

– Seja o que for. – Ambos sabiam o que isso implicava. – É uma troca, não é? Você por Emily.

– É esse o acordo. – Mas ele não disse isso com o habitual dar de ombros. Agora, ele não era tão indiferente a sua própria mortalidade como fora até uns poucos dias antes. A morte não era mais um resultado possível que ele encarava com despreocupação.

– Eu não quero que você morra – disse ela, a voz rouca.

– Talvez isso não aconteça. Eu tenho outro bom trunfo para trocar.

Ele a soltou, sentou-se na bancada do computador e acessou o conteúdo do pendrive.

– Nós não temos tempo para isso. – Honor estava parada atrás dele, torcendo as mãos. – Onde eles estão com Emily? Você a ouviu chorando?

– Não.

Ela fez um som choroso.

– Isso é bom ou mau? Ela deve estar amedrontada. Por que ela não estava chorando? Você acha que isso quer dizer... O que você acha que isso significa?

– Estou tentando *não* pensar nisso.

O estado quase histérico de Honor era justificado, mas ele tentou mantê-la controlada o bastante para deixar que ele se concentrasse no que precisava fazer com pressa, mas sem cometer quaisquer erros. Ele abriu o navegador da web de Gillette, entrou num programa de e-mails e usou a senha dele para acessar a conta dele. Depois, enviou o arquivo do pendrive como anexo a um e-mail, e reverteu o processo, fazendo rapidamente o log-off e fechando o navegador, mas não antes de se lembrar de apagar o histórico do browser, de modo que ninguém pudesse descobrir, de maneira rápida, pelo menos, que ele visitara o programa de e-mail.

O endereço do e-mail para o qual ele mandou o arquivo era exclusivo de um único computador, e só podia ser aberto com uma senha conhecida por ele e por Hamilton. A localização desse computador também só era do conhecimento dos dois.

Feito o serviço, ele tirou o pendrive da porta USB, ficou de pé e colocou as mãos nos ombros de Honor.

– Se não fosse por mim, você poderia ter morrido de velhice sem saber o significado dessa tatuagem. Nada disso teria acontecido.

– Você está pedindo desculpas?

– Pode entender que sim.

– Coburn – disse ela, abanando a cabeça freneticamente. – Eu não quero saber de desculpas agora.

– Não pelo que eu fiz, e sim pelo que eu vou pedir a você que faça agora. Se você quer Emily de volta viva...

– Você sempre usa minha filha como alavanca.

– Porque isso sempre funciona.

– Me diga o que preciso fazer.

Em seguida à conversa com Hamilton, Crawford saíra do prédio cujas paredes tinham ouvidos, e usou seu celular para chamar os policiais e os auxiliares do xerife, em que

ele depositava total confiança. Pediu imediata assistência. Era imperioso ampliar a busca pela sra. Gillette, sua filha e Lee Coburn.

Crawford teve um encontro rápido e secreto com os homens que arregimentara, e enfatizou a necessidade de manter sigilo. A alguns, ele pediu para patrulhar áreas que já tinham sido patrulhadas.

– Voltem ao barco, ao apartamento de Coburn, à residência de Honor Gillette. É possível que tenhamos deixado escapar alguma coisa.

Despachou outros para seguir as várias pistas, desde a mulher maluca da rua Cypress, que telefonava pelo menos uma vez por dia dizendo ter visto Mussolini, Maria Callas e Jesus. E quem diria se ela não teria confundido Coburn com uma dessas figuras? Outra pista era relativa a um casal residente na zona rural que voltara para casa de um cruzeiro de duas semanas no Mediterrâneo. O casal descobriu que, durante sua ausência, um carro fora roubado da garagem trancada, a cozinha fora revirada e, no apartamento sobre a garagem, pelo menos duas pessoas haviam dormido, ao que parecia. A ocupação parecia recente. As toalhas no banheiro ainda estavam úmidas.

Provavelmente, essas informações não dariam em nada, mas pelo menos eram ações proativas, não reativas, e ele não gostara de apanhar de Hamilton, do velho e perverso FBI. Ele decidiu entrevistar pessoalmente Stan Gillette.

Stan Gillette, que surgia de repente sempre onde havia ação, tinha ao que parece uma linha direta com os agentes da lei locais. Sua associação deveria ter terminado quando seu filho morrera. Não terminara. E isso aborrecia Crawford. Muito. Quanto saberia Stan Gillette sobre o chamado sequestro de Honor? O que ele estava escondendo?

Ele não quis esperar até o amanhecer para fazer essas perguntas a Gillette. Iria tirá-lo da cama e pressioná-lo. Logo que acordam, as pessoas ficam tontas e desorientadas, e mais propensas a cometer erros, como dar informações que, normalmente, não forneceriam.

Mas quando chegou à casa de Stan Gillette e viu que estava toda iluminada como uma árvore de Natal, Crawford sentiu uma pontada de apreensão. Um fuzileiro naval veterano podia ter o hábito de acordar cedo, mas *tão* cedo?

Crawford saltou do carro e seguiu pelo caminho de entrada. A porta da frente estava entreaberta. Ele tirou do coldre a arma de serviço.

– Sr. Gillette?

Não tendo resposta, Crawford bateu de leve na porta com o cano da pistola, e, continuando sem resposta, empurrou a porta, abriu e entrou numa sala de estar que

parecia ter sido varrida por um ciclone. Gotas e manchas de sangue salpicavam de um vermelho vivo o carpete bege.

No centro da sala, bem amarrado a uma cadeira de espaldar reto, estava Stan Gillette. A cabeça caída sobre o peito. Parecia inconsciente. Ou morto. Deslocando-se rapidamente, mas com cuidado, entre as manchas de sangue, Crawford caminhou até Stan, chamando-o pelo nome.

O homem deixou escapar um gemido e levantou a cabeça no momento em que Crawford chegava junto dele.

– Há alguém na casa? – sussurrou o delegado.

Gillette abanou a cabeça e respondeu, a voz áspera.

– Eles foram embora.

– Eles?

– Coburn e Honor.

Crawford pegou o telefone celular.

– O que você está fazendo? – perguntou Gillette.

– Comunicando isso.

– Esqueça. Desligue isso. Não quero minha nora presa como uma criminosa comum.

– Você precisa de uma ambulância.

– Eu disse para esquecer. Estou bem.

– Coburn o espancou?

– Ele levou a pior.

– Sua nora foi cúmplice?

Os lábios de Stan se fecharam numa linha firme, reta.

– Tinha suas razões.

– Razões honestas?

– Acho que sim.

– O que o senhor acha?

– Você vai me tirar dessa cadeira ou não?

Crawford recolocou a pistola no coldre. Enquanto cortava a fita adesiva com a ponta afiada de seu canivete, Stan Gillette contou-lhe o que acontecera. Quando terminou sua história, ele estava livre da cadeira, batia os pés para tirar a dormência, flexionava e estendia os dedos para melhorar a circulação.

– Eles levaram o pendrive com eles? – perguntou Crawford.

– E também a bola de futebol.

– O que havia no pendrive?

– Eles se recusaram a me dizer.
– Bem, deve ter sido algo importante, ou seu falecido filho não teria tido tanto cuidado em esconder.

Gillette não fez nenhum comentário.

– Eles lhe disseram aonde iam?
– O que você acha?
– Não deram nenhuma dica? O senhor não pescou alguma coisa?
– Eles estavam na maior pressa quando saíram. Quando passaram correndo por aqui, eu exigi saber o que estava acontecendo. Coburn parou, inclinou-se para mim e me encarou, olho no olho.

“Ele me lembrou de que quando um fuzileiro tem uma missão a cumprir, não deixa que nenhum obstáculo se interponha no caminho para o cumprimento dessa missão. ‘Bem, eu sou um ex-fuzileiro, e tenho uma missão a cumprir. Intencionalmente ou não, você pode se constituir num obstáculo. Portanto, você deve compreender por que eu tenho que fazer isso.’ Então o filho da puta me socou. Me pôs a nocaute. Quando acordei, você estava aqui.”

– Seu maxilar está ferido. Está doendo?
– Você já recebeu um coice de mula?
– Acho que o senhor não viu que tipo de carro...
– Não.
– Onde está seu computador?

Gillette levou-o pelo corredor até o quarto de dormir principal.

– Provavelmente está no modo stand by.

Crawford aproximou-se da bancada funcional e ligou o computador. Checou o programa de e-mail, a home-page do navegador da rede, e até mesmo o arquivo de *Meus Documentos* de Gillette. Não encontrou nada, nem esperara encontrar.

– Coburn não nos deixaria uma pista que fosse assim tão fácil de seguir – disse ele.
– Mas eu gostaria de levar o seu computador comigo. E entregá-lo aos técnicos do departamento para ver se podem descobrir o que havia naquele pendrive. Acho que é tudo que podemos fazer, agora...

Ele parou de falar ao levantar e se virar. Stan Gillette segurava um rifle de caça numa das mãos e, com a outra, apontava um revólver de seis tiros para ele.

Capítulo 44

— É Coburn.

Hamilton gritou com ele pelo telefone. — Porra, Coburn! Já era hora! Você ainda está vivo? E Honor Gillette? A criança? O que aconteceu com VanAllen?

— Honor está comigo. Ela está bem. Mas eles pegaram a filha dela. Acabei de falar com Doral Hawkins. O Contador quer trocar. Emily por mim.

Hamilton expirou com força.

— Bem, isso resume tudo.

— É verdade.

Depois de um tempo, Hamilton perguntou: — VanAllen?

— Honor não se encontrou com ele. Eu fui no lugar dela. Eu suspeitava de uma emboscada, mas pensei que era ele que estava armando. Mas aconteceu que...

— Tom estava limpo.

— Talvez.

— Talvez? Eu fui informado de que ele foi praticamente vaporizado.

— Bandidos também são traídos. De qualquer modo, ele atendeu o celular antes que eu o pudesse prevenir.

— Onde é que você está agora?

— Mais tarde. Ouça, eu descobri o que vinha procurando. Era um pendrive cheio de informações que incriminam pessoas.

— Quem?

— Muita gente. Gente daqui. Alguns não. Uma montanha de informações.

— Você realmente viu esse pendrive?

— Estou com ele na minha mão.

— Para trocar por Emily.

— Se for isso, acho que não vai funcionar.

— O que você quer dizer com isso?

– Quero dizer que eu acho que não vai funcionar assim.

– Para com a porra de enigmas, Coburn. Me diga onde você está, e eu...

– Eu mandei o arquivo por e-mail para você há uns poucos minutos.

– Não chegou nada no meu celular.

– Eu não mandei para o endereço regular do e-mail. Você sabe onde procurar.

– Então é coisa importante?

– É.

– Mas não identifica o Contador.

– Como é que você sabe?

– Se identificasse, você me teria dito isso em primeiro lugar.

– Tem razão. Não tivemos tanta sorte. Mas as informações que temos permitirão que o rastreemos. É quase certo.

– Bom trabalho, Coburn. Agora me diga...

– Não tenho tempo. Preciso ir.

– Espere! Você não pode fazer isso sem apoio. Pode estar caindo em outra emboscada.

– É um risco que tenho que correr.

– De jeito nenhum. E não vou ficar discutindo isso com você. Falei com o detetive Crawford. Acho que você pode confiar nele. Telefone para ele...

– Não enquanto Emily não estiver de volta com Honor. Então, ela vai avisar às autoridades.

– Você não pode se confrontar com essas pessoas sozinho.

– Essa é a condição da troca.

– Essa é a condição de qualquer troca! – gritou Hamilton. – Ninguém se prende a essa condição.

– Eu me arego. Dessa vez, eu me prendo.

– Você pode causar a morte da garotinha.

– Talvez. Mas é certo que ela morra se a polícia e os federais chegarem em peso ao local.

– Não precisa ser dessa forma. Nós podemos...

Coburn encerrou a ligação e desligou o telefone.

– Aposto que ele ficou me xingando – disse ele a Honor, jogando o telefone no assento traseiro do carro.

– Ele acha que você devia convocar reforços.

– Exatamente como nos filmes. Deixe ele agir, e vamos ter os caras da S.W.A.T., helicópteros, todo policial num raio de oitenta quilômetros convergindo para o local

da troca, um exército de Stallones que só vão foder com a coisa toda.

Depois de um momento, com voz calma, ela disse:

– Eu fiquei com muita raiva de você.

Ele lançou um olhar para ela, numa expressão interrogativa silenciosa.

– Quando você estragou a bola de futebol de Eddie.

– É, eu sei. Minha cara ainda dói onde recebi o bofetão.

– Eu achei que você estava sendo cruel, sem raciocinar. Mas na verdade, a sua intuição estava certa. Você só pegou o esporte errado.

Não fora a intuição que o fizera meter a faca naquela bola. Fora o ciúme. Ciúme puro, feroz, animalesco, pela expressão facial dela quando acariciou o amarrado da bola, e, amorosamente, lembrara de seu falecido marido. Mas ambos estariam em melhores termos se ele não tivesse corrigido a má interpretação do ato. Deixe-a pensar que ele agira num impulso intuitivo, e não como um amante ciumento e invejoso.

Honor esfregava a parte superior dos braços num sinal de ansiedade.

– Honor. – Quando ela virou a cabeça na direção dele, Coburn disse: – Posso telefonar para Hamilton de novo. Para ele mandar reforços.

– Dois dias atrás, você não me teria dado qualquer alternativa – disse ela, o tom de voz rouco e íntimo. – Coburn, eu...

– Não. Seja o que for que você ia dizer agora, não diga. – A expressão enevoada dos olhos dela o alarmara mais do que se ela lançasse um rojão contra ele. – Não me olhe com essa expressão de mocinha apaixonada. Não acalente quaisquer ideias românticas a meu respeito só porque eu lhe disse que você é bonita ou lhe contei uma história tocante sobre um cavalo velho.

“O sexo? Estranho e excitante. Eu a desejava e você me desejava, também, e eu acho que, mesmo antes de nos beijarmos no barco, nós dois sabíamos que a coisa ia acontecer, que era só uma questão de tempo. E foi espetacular. Mas não se iluda comigo, pensando que sou uma pessoa diferente daquela que chegou rastejando ao seu quintal. Ainda sou mau. Ainda sou eu mesmo.”

Ele fez o tom de sua voz soar duro, porque era importante que ela entendesse isso. Dentro de uma hora, talvez menos, de um modo ou de outro, ele sairia da vida dela tão rapidamente quanto entrara. Ele queria tornar essa separação menos dolorosa para ela, mesmo se isso significasse magoá-la agora.

– Eu não mudei, Honor.

Ela lhe lançou um sorriso lânguido.

– Eu mudei.

Os olhos de Tori recusavam-se a abrir, mas ela recebia impressões intermitentes de movimento, luz e ruídos, tudo amplificado a um nível torturante, seguido de uma escuridão tão absoluta que engolia todo estímulo até que ela voltou ao nível consciente.

– Sra. Shirah, não desmaie. A senhora foi seriamente ferida, mas está a caminho de um centro de tratamento de traumas. Consegue me ouvir? Apertar minha mão?

Que pergunta estúpida. Mas ela obedeceu e foi congratulada por uma voz que disse:

– Ela está reagindo, doutor. Estamos a dois minutos do hospital.

Ela tentou lambe os lábios, mas a língua parecia grossa e inerte.

– Emily.

– Emily? Ela está perguntando por Emily. Alguém aí sabe quem é Emily?

– Não havia mais ninguém na casa.

A escuridão desceu sobre ela de novo, fazendo com que as vozes desconectadas surgissem e desaparecessem.

– Não, sra. Shirah, não tente se movimentar. Vamos ter que prender a senhora na maca. A senhora resistiu a um ferimento de bala na cabeça.

Ferimento de bala? Doral usando uma ridícula máscara de esquiador. Uma luta com ele...

Emily! Ela precisava alcançar Emily.

Tori tentou sentar-se, mas não conseguiu. Tentava se manter consciente, mas não conseguia. *Ah, meu Deus, aí vem essa escuridão de novo.*

Quando voltou a si de novo, as luzes eram brilhantes contra suas pálpebras fechadas, e havia muita confusão e atividade em torno dela. Estranhamente, tinha a sensação de estar flutuando sobre tudo aquilo, observando a cena a distância.

E, será que aquele era Bonnell? Por que ele estava usando aquela atadura ridícula na cabeça? E suas orelhas, estavam cheias de sangue?

Ele apertava a mão dela.

– Meu bem, quem quer que tenha machucado meu bem...

Por que ele estava chorando? Bonnell Wallace? O Bonnell Wallace que ela conhecia estava *chorando*?

– Tudo vai ficar bem. Juro a você. Vou fazer tudo ficar bem. Você vai superar isso. Você precisa superar isso. Eu não posso perder minha Tori.

– Sr. Wallace, nós precisamos levá-la para a sala de observação.

Ela sentiu os lábios de Bonnell roçando nos dela.

– Eu a amo, meu amor. Eu a amo.

– Sr. Wallace, por favor, afaste-se.

– Ela vai sobreviver?

– Vamos fazer o possível.

Ela estava sendo levada para longe dele, mas ele continuou segurando a mão dela até que foi forçado a se afastar.

– Eu a amo, Tori.

Ela tentou lutar contra a escuridão que descia sobre ela, mas quando isso aconteceu, sua mente ainda gritava. *Eu também amo você.*

Como Coburn estava disposto a enfrentar sozinho a situação, Hamilton precisava achar um meio de pará-lo antes que a coisa se transformasse num desastre total nas suas mãos. A morte de Tom VanAllen não convencera Coburn da inocência do agente, de modo que era mais vital do que nunca que Hamilton falasse com a viúva recente para avaliar o que ela sabia, se é que sabia de algo.

Mas quando ele e sua equipe chegaram à casa de VanAllen, como Hamilton previra, não havia outros veículos lá. A viúva passava a noite sozinha. Mas não estava dormindo. Havia luzes no interior da casa.

Hamilton saltou da caminhonete, seguiu pela entrada, tocou a campainha e esperou. Quando ela não respondeu, ele ficou imaginando se talvez ela não tivesse adormecido, depois de tudo. Talvez, porque, como o filho precisava de cuidados durante 24 horas, as luzes da casa de VanAllen nunca se apagavam.

Tocou a campainha de novo, depois bateu à porta.

– Sra. VanAllen? Sou Clint Hamilton – chamou ele através da porta de madeira. – Sei que é uma hora extremamente difícil para a senhora, mas é importante que eu fale com a senhora neste momento.

Ainda sem obter resposta, ele tentou girar a maçaneta. A porta estava trancada. Pegou o celular, passou pela relação de contatos e encontrou o número do telefone fixo da casa. Apertou a tecla e ouviu o telefone tocar dentro da casa.

Depois do quinto toque, ele desligou e gritou para os veículos estacionados junto ao meio-fio.

– Tragam o aríete.

A equipe da S.W.A.T. juntou-se a ele na entradinha coberta.

– Isso não é uma invasão. A sra. VanAllen está num delicado estado de espírito. Há também um garoto deficiente. Tomem cuidado.

Dentro de segundos, eles tinham arrombado a porta da frente. Hamilton entrou, os outros se distribuindo pelos quartos atrás dele.

Hamilton encontrou o quarto de Lanny no final do largo corredor central. O quarto estava saturado do cheiro adocicado exclusivo de pessoas acamadas por longo tempo. Mas, a não ser pela cama de hospital, e outros equipamentos médicos, tudo estava perfeitamente normal. A televisão estava ligada. Abajures forneciam uma luz ambiente tranquilizante. Havia quadros nas paredes, um tapete colorido no centro do quarto.

Entretanto, o quadro do garoto imóvel deitado na cama adaptada para ele era quase gótico. Os olhos dele estavam abertos, mas o olhar era vazio. Hamilton foi até o lado da cama para se certificar de que o garoto respirava.

– Senhor?

Hamilton virou-se para o agente que o chamava do umbral da porta aberta. O homem não disse nada, mas sua expressão comunicava SITUAÇÃO, enquanto, com a cabeça metida no capacete, ele indicava outra parte da casa.

Doral viu os faróis do carro se aproximando da rua transversal. Hora do show.

Sentado no carro emprestado, ele deu a última tragada no cigarro, depois jogou-o pela janela aberta. O cigarro descreveu um arco incandescente na escuridão, antes de cair na calçada e se apagar.

Ele ligou o telefone e chamou o Contador.

– Ele chegou bem no horário.

– Eu chego aí logo.

O coração de Doral saltou. – O quê?

– Você ouviu o que eu disse. Não posso me dar ao luxo de você fazer merda de novo. – E o telefone ficou mudo.

Era um tapa na cara. Mas, supôs ele, a colaboração com o cartel mexicano estava em jogo, de modo que o Contador tomava precauções para que nada desse errado.

E isso não era mais apenas um negócio. Não, como o caso de Marset, que estava atrapalhando o funcionamento do esquema. Não, como o guarda rodoviário que reclamou de ter que cumprir uma ordem. Não, como todos os outros. Esse, agora, era diferente. O Contador tinha contas pessoais a ajustar com Lee Coburn.

Coburn estacionara o carro a cerca de quarenta metros, o motor em marcha lenta, um ruído desigual na quietude debaixo das arquibancadas do estádio de futebol, local escolhido por Doral. Naquela época do ano, o lugar era deserto. Ficava nos arredores da cidade. Localização ideal.

Coburn acendera o farol alto. O carro propriamente dito mais parecia um calhambeque, mas, de alguma forma, tinha aparência ameaçadora, fazendo Doral se

lembrar de uma história de Stephen King sobre um carro que endoidou e matava pessoas. Ele afastou da mente o pensamento ridículo. Coburn mexia de novo com sua mente.

Mas o federal também não se aproximaria mais até que visse que Doral estava realmente com Emily.

Doral se certificara de que as luzes internas do seu carro não se acenderiam quando ele saísse do veículo. Agachando-se para ficar mais baixo do que o teto do veículo, ele abriu a porta traseira, deslizou as mãos debaixo dos braços de Emily e levantou a menina. O corpo dela estava flácido, a respiração profunda, e o sono, calmo, quando ele a colocou no ombro esquerdo.

Que tipo de homem usaria 18 quilos de uma doce menininha para salvar sua própria pele?

Ele usaria. Ele era esse homem.

Coburn foderia sua mente, fazendo-o sentir-se pior do que o cocô do cavalo do bandido, deixando-o nervoso e inseguro de si mesmo. Mas ele não podia deixar que esse sentimento o dominasse, ou então estava morto. Tudo que ele queria era acertar as contas com Coburn. Se precisasse usar Emily para atrair Coburn, a vida era assim mesmo e ninguém jamais disse que a vida era justa.

Ele colocou a mão direita – a mão da arma – no centro das costas de Emily para que pudesse ser vista. Então, levantou-se e deu a volta pelo capô do carro, tentando parecer que tinha o comando, o controle, e estar perfeitamente relaxado, embora na realidade as palmas de suas mãos estivessem molhadas de suor e seu coração batesse acelerado.

O carro de Coburn começou a se mover lentamente para a frente. Doral sentiu a barriga se contrair. Apertou os olhos defendendo-se dos faróis altos. O carro chegou a cinco metros dele e parou. Ele ordenou, alto: – Apague os faróis.

O motorista saiu do veículo, mas, a despeito da luminosidade, ele percebeu a forma de Honor.

– Que *diabo* é isso? Onde está Coburn?

– Ele me mandou no lugar dele. Disse que você não atiraria em mim.

– Ele estava enganado. – *Merda!* Doral não contava em ter de matar Honor ali, cara a cara. – Afastede-se do carro e levante as mãos para que eu possa ver onde elas estão. Que tipo de truque Coburn está aprontando pra cima de mim?

– Ele não precisa de truques, Doral. Ele nem mesmo precisa mais de mim. Ele pegou você graças ao Eddie.

– O que Eddie tem a ver com isso?

– Tudo. Coburn descobriu as provas que Eddie reuniu.

A boca de Doral ficou seca. – Não sei de que você está falando.

– É claro que sabe. Foi por isso que você o matou.

– Você está com um gravador escondido?

– Não! Coburn já tem o que procurava. Agora, não se importa mais com o que acontecer comigo ou com Emily. Mas eu me importo. Quero minha filha.

Doral segurou a pistola com mais força.

– Eu disse para você se afastar do carro.

Ela saiu de trás da proteção da porta aberta, as mãos levantadas.

– Não vou fazer nada, Doral. Estou deixando você entregue à justiça. Ou a Coburn. Não me interessa. Tudo que me interessa é Emily. – A voz falhou ao pronunciar o nome da filha. – Ela ama você, Doral. Como pôde fazer uma coisa dessas com ela?

– Você ficaria surpreendida com o que uma pessoa pode fazer.

– Ela está...?

– Ela está bem.

– Ela não está se movendo.

– Você só tem de culpar seu amigo Coburn por isso. Por tudo isso.

– Por que Emily está tão parada?

– *Onde está Coburn?*

– Ela está *morta*? – Honor soltou um grito histérico.

– Onde está...

– Você já matou Emily, não é?

Os gritos de Honor acordaram Emily. Ela se mexeu, depois levantou a cabeça e murmurou: – Mamãe?

Doral começou a recuar na direção do próprio carro. – Desculpe, Honor. Coburn fez uma cagada.

– *Emily!*

Ao ouvir a mãe, Emily começou a se contorcer no ombro dele.

– Emily, fique parada – sibilou ela. – Esse é o tio Doral.

– Quero minha mãe! – gemeu ela, e começou a esmurrar Doral com os pequenos punhos fechados, dando-lhe pontapés nas coxas.

Honor continuou a gritar o nome dela. Emily gritava dentro do carro.

Ele a soltou. Ela deslizou para a calçada, depois correu na direção do carro de Honor, bem contra os faróis brilhantes.

Doral mirou a pistola no peito de Honor.

Antes que pudesse disparar o tiro, algo bateu com toda força na sua nuca, fazendo seus ouvidos zunirem.

Simultaneamente, os faróis do carro se apagaram, seus dois feixes de luz substituídos por dois círculos de um roxo brilhante num fundo negro.

Ele piscava alucinadamente, tentando restaurar a visão, ao mesmo tempo que percebia qual fora a estratégia de Coburn. Cegá-lo, golpeá-lo, ensurdecê-lo e depois atacá-lo por trás. Ele se virou a tempo de pegar todo o peso do ímpeto de Coburn enquanto se curvava sobre o capô do carro, aterrissando em cima dele como uma rocha de cimento e o forçando a cair de costas na calçada.

– Agente federal! – gritou ele.

O impacto de Coburn deixara Doral sem respirar, mas ele estivera lutando toda a sua vida. O instinto agiu com uma descarga de adrenalina. Ele levantou a pistola.

Um tiro foi disparado.

Coburn afastou-se de Doral.

Na verdade, não havia muito sangue porque Coburn atirara à queima-roupa, no peito. Morto, Doral não parecia absolutamente sinistro, apenas espantado, como que imaginando como alguém tão esperto quanto ele poderia ter sido derrotado por uma bola de futebol. Doral espreitara a presa. Seu alvo estava sempre à sua frente. Ele não pensara em verificar a retaguarda.

– Você devia ter aprendido com seu irmão. Eu não negocio – sussurrou Coburn.

Ele apalpou o corpo e encontrou o celular de Doral. Temia que o aparelho desaparecesse convenientemente quando a polícia investigasse, de modo que ele o meteu no bolso antes de se levantar e caminhar rapidamente para o carro onde Honor estava, no assento do motorista, apertando Emily contra si, balançando-a para cá e para lá, cantarolando para ela.

– Ela está bem?

– Mole como um pano de prato e já dormindo de novo. Ele deve ter dado alguma coisa a ela. Ele está...

– No inferno.

– Ele se recusou a render-se?

– Mais ou menos. – Ele fez uma pausa, depois disse: – Você trabalhou bem.

Ela sorriu, trêmula.

– Eu estava apavorada.

– Eu também.

– Não acredito. Você não tem medo de nada.

– Tudo tem sua primeira vez. – Suas palavras telegrafaram uma mensagem muito mais significativa do que ele se permitia dizer. Mas Honor pareceu entender tanto a mensagem quanto a razão de ele não dizer mais nada. Entreolharam-se por um longo tempo, e depois ele disse bruscamente: – Leve Emily a um médico e peça um checkup.

Ele pegou a menina dos braços da mãe e, com suavidade, colocou-a no banco traseiro.

– O que você vai fazer? – perguntou Honor.

– Comunicar a Hamilton o que houve. Ele vai querer um relatório. Vai querer que eu espere aqui até os agentes chegarem. E depois...

– Lee Coburn?

A voz calma vindo por trás dele surpreendeu os dois. Honor olhou para além de Coburn e mostrou espanto. Coburn virou-se.

A mulher não demonstrava qualquer emoção quando puxou o gatilho.

Capítulo 45

Coburn agarrou o meio do corpo e desabou na calçada.

Honor gritou.

Coburn ouviu Emily reagir ao barulho, perguntando, meio tonta, onde estava seu boneco Elmo.

Mas o som parecia chegar a ele vindo de um minúsculo ponto de luz na extremidade de um túnel muito comprido. Lutou para permanecer consciente, mas era uma luta inglória.

Ele já fora baleado duas vezes antes daquela ocasião. Uma vez no ombro e outra, na panturrilha. Agora, era diferente. Era ruim. Ele vira tanto aliados como inimigos serem baleados na barriga, e a maioria deles morreu. Uma bala de pequeno calibre podia matar você tanto quanto uma de grosso calibre.

Com esforço, ele conseguiu se colocar numa posição meio sentada, mas manteve a palma da mão comprimindo a buraco que sangrava na barriga. Encostou as costas na lateral do carro e tentou focalizar a mulher de aspecto comum que o baleara.

Ela estava ordenando a Honor, ameaçando-a com a pistola, que ficasse quieta dentro do carro. Já desarmara Coburn. Ele podia ver sua pistola ali, na calçada, a pouca distância dele, mas era a mesma coisa que estar a um quilômetro. A pistola .357 de Fred estava debaixo do assento do motorista do carro, mas Honor não poderia pegá-la sem ser baleada também.

Ela soluçava, perguntando à mulher: – Por quê, por quê?

– Por causa de Tom – replicou a outra.

Então. A esposa de Tom VanAllen. Viúva. Pelo menos ele não morreria sem saber por quê. Mas para uma mulher que acabava de cometer um crime de vingança, ela parecia ter extremo sangue-frio. Nem mesmo parecia enraivecida, e Coburn ficou imaginando por que isso não acontecia.

– Se Tom não tivesse ido àquela linha de trem para encontrar Coburn – disse ela –, ainda estaria vivo.

Ela culpava Coburn pela morte do marido, hoje à noite. *Ontem à noite*, corrigiu-se Coburn. No leste, o céu já anunciava a aurora. Ele ficou pensando se viveria para ver o sol nascer no horizonte. Observar mais um nascer do sol seria uma coisa bonita.

Ele não estava gostando nada de ficar ali sangrando enquanto Honor o observava. E, se Emily acordasse e visse sangue jorrando dele? Ela ficaria amedrontada, quando até aquele momento ele fizera tudo ao seu alcance para protegê-la e evitar que sentisse medo.

Ele já arrastara Honor e Emily por situações perigosas suficientes. O que era mais estranho, ele achava que ambas as mulheres gostavam dele. Pelo menos, um pouquinho. E agora, ele ia fazê-las passar por mais um trauma, e não estaria sequer presente para pedir desculpas.

Ele sempre pensara que, quando chegasse sua hora, já estaria mais do que em tempo, e que ele aceitaria bem a coisa. Mas, meu Deus, aquilo era demais.

Que hora mais azarada. Ele acabara de saber o que era fazer amor com uma mulher. Não apenas satisfazer uma ereção, mas realmente unir-se à pessoa a quem pertencia o corpo. Era muito bom ele ter conhecido a diferença, agora que ele ia morrer baleado.

Sim, aquilo era uma merda, uma grande merda.

Eram pensamentos idiotas que lhe passavam pela mente enquanto tentava imaginar alguma coisa. Alguma coisa apenas além do seu alcance. Diabo, o que era isso? Alguma coisa importante, mas tentadoramente ilusória. Alguma coisa piscando para ele como aquela última estrela que ele podia ver no céu que clareava, além da cabeça de Janice VanAllen. Alguma coisa que ele devia ter apanhado antes. Alguma coisa...

– Como é que você sabe? – Foi só quando ele conseguiu fazer a pergunta, arquejando, que percebeu o que era aquela coisa.

Janice VanAllen abaixou o olhar para ele. – O quê?

A voz saiu num murmúrio entre os lábios. Ele piscou de novo contra a escuridão da inconsciência que avançava. Ou a morte. – Como é que você sabia que eu estava na linha de trem?

– Tom me disse.

Isso era uma mentira. Se Tom tivesse contado a ela alguma coisa antes de partir para aquele encontro, ele teria dito que iria encontrar Honor, porque era ela que Tom

esperava encontrar lá. E Tom não vivera depois para contar a ela que a coisa fora diferente.

Ela soubera aquilo de alguém mais. Quem? Não pelos agentes que foram mandados para avisá-la da morte do marido. Eles não teriam sabido. Até mesmo Hamilton não soubera disso até cerca de meia hora atrás, quando o próprio Coburn lhe contara o que acontecera nos trilhos de trem.

As únicas pessoas que poderiam ter contado a ela seriam aquelas que ele localizara perto dos trilhos, aquelas que plantaram a bomba e que estavam lá para se certificar de que o dispositivo funcionara como fora planejado: eliminar VanAllen e Honor.

Honor estava implorando a ela para pedir ajuda. – Ele vai morrer – soluçou ela.

– É isso mesmo que eu quero – disse Janice VanAllen, friamente.

– Não sei como você pode culpar Coburn. Ele é um agente federal, como era seu marido. Tom estava somente fazendo seu trabalho, como Coburn. Pense no seu filho. Se Coburn morrer, você irá para a prisão. O que acontecerá com seu filho, então?

De repente, Coburn inclinou-se para a frente e gemeu por dentre os dentes cerrados.

– Por favor, ajude Coburn – implorou Honor.

– Não adianta ajuda. Ele está morrendo.

– E então o que vai acontecer? Você vai atirar também em mim? Em Emily?

– Não vou machucar a criança. Que tipo de pessoa você pensa que sou?

– Não é melhor do que eu. – Dizendo isso, Coburn deu um selvagem golpe em círculo com a faca de Stan Gillette que ele tirara da sua bota de caubói enquanto mantinha o corpo encolhido. A lâmina atingiu o tornozelo de Janice VanAllen, e, pensou ele, provavelmente cortara o tendão de Aquiles. Ela gritou. A perna cedeu e, quando isso aconteceu, ele encontrou força bastante para derrubá-la com um empurrão dos pés.

– Honor! – Ele tentou gritar, mas mal conseguiu emitir um murmúrio áspero.

Ela praticamente caiu do carro, agarrou a pistola que Janice soltara ao cair e apontou a arma para ela, mandando que não se movesse.

– Coburn? – perguntou ela, a respiração suspensa.

– Mantenha ela na mira. Chegaram os reforços.

Honor percebeu viaturas de polícia aproximando-se velozmente na direção deles vindo de umas dez direções diferentes. A primeira a chegar tinha o emblema do xerife. Ao parar o veículo bruscamente, o motorista deixou marcas de borracha no

chão. Ele e seu passageiro, Stan, saltaram do carro num segundo. O homem uniformizado segurava uma pistola. Stan trazia um rifle de caça.

– Honor, graças a Deus você está bem – disse Stan, correndo para ela.

– Sra. Gillette, eu sou o subxerife Crawford. O que aconteceu?

– Ela atirou em Coburn.

Crawford e dois auxiliares assumiram a guarda de Janice, que se contorcia no chão, segurando o tornozelo e alternando gemidos de dor com xingamentos contra Coburn. Outros, que agora já haviam saído de seus carros, correram até o cadáver de Doral.

Stan estendeu as mãos para Honor e a abraçou. – Eu forcei Crawford a me trazer, ameaçando-o com uma arma.

– Estou contente de você estar aqui, Stan. Veja como está Emily, por favor. Ela está no banco traseiro. – Honor livrou-se do abraço de Stan e gritou para os paramédicos, que saíam da ambulância às pressas, ajoelhando-se ao lado de Coburn.

Ela tocou o cabelo dele, tocou-lhe o rosto.

– Não morra, não se atreva a morrer.

– Hamilton – disse ele.

– O quê?

Ele balançou a cabeça e ela se virou. Duas caminhonetes pretas despejavam policiais com equipamento de assalto, juntamente com um homem que parecia ainda mais amedrontador do que seus auxiliares, embora envergando terno e gravata.

Ele veio direto para ela e Coburn, embora seus olhos esquadrinhassem tudo em volta, assimilando os diversos elementos da cena sinistra.

– Sra. Gillette – disse ele, se aproximando.

Ela balançou a cabeça para ele.

– Coburn está muito ferido.

Hamilton concordou com a cabeça, triste.

– Por que você não está em Washington? – rosnou Coburn para ele.

– Porque eu tenho um agente que é um pé no saco trabalhando para mim, e ele não cumpre ordens.

– Eu tenho tudo sob controle.

– Lamento discordar. – O tom dele era belicoso, mas Honor pôde perceber que a seriedade do ferimento de Coburn era clara para ele. – Desculpe não ter podido chegar a tempo para interromper essa operação. Nós estávamos na casa dela – disse ele, balançando a cabeça na direção de Janice, que estava sendo atendida por outros paramédicos.

“Nós descobrimos provas de que ela ia fugir. Até mesmo para o exterior. Encontramos anotações, textos e diversos telefones celulares, indicando que ela tinha sede de vingança contra Coburn por causa do que acontecera com Tom. Fiz contato com Crawford, que acabara de receber relatos de tiros nessa área. Deixei um homem lá na casa para fazer companhia para o filho dela, e vim para cá o mais rápido que pude.”

– Deixe pra lá – Coburn rosnou para o paramédico que tentava dar-lhe uma injeção intravenosa no braço. Ele lutou com os paramédicos e conseguiu deslizar a mão para dentro do bolso da calça, a calça cáqui que já pertencera ao pai de Honor, agora ensopada de sangue.

Ele tirou um telefone celular e levantou-o para que Hamilton o pudesse ver. – É de Doral. Momentos antes de ele sair do carro, deu um telefonema.

Enquanto falava, parando a cada instante, sua voz foi ficando cada vez mais fraca. Coburn usara o polegar manchado de sangue para fazer funcionar o aparelho. Teclou um número iluminado e disse: – Ele telefonou para o Contador.

Segundos depois, todas as cabeças se voltaram para o som de um celular chamando que vinha do bolso da jaqueta impermeável de Janice VanAllen.

Para Honor, a hora e meia seguinte decorreu como que num nevoeiro mental. Depois de fazer a espantosa revelação de que Janice VanAllen era o Contador, Coburn perdeu a consciência, o que tornou muito mais fácil para a equipe de paramédicos verificar quais eram suas necessidades imediatas e colocá-lo no helicóptero que já fora chamado.

Honor considerou um milagre que Emily continuasse a dormir durante todos aqueles acontecimentos traumáticos. Por outro lado, um sono assim profundo era preocupante. A menina foi transportada numa ambulância para a sala de emergência de um hospital.

Honor teve permissão para seguir na ambulância com a filha, mas, chegando lá, sua insistência em permanecer ao lado de Emily foi ignorada.

Enquanto a menina estava sendo examinada por uma equipe pediátrica, Honor e Stan esperavam ansiosamente com xícaras de café morno que ele comprou numa máquina automática. Havia um constrangimento entre os dois que nunca existira antes.

Finalmente, ele disse: – Honor, eu devo a você um pedido de desculpas.

– Deixe disso. Depois do que eu fiz na sua casa? Depois de deixar você amarrado naquela cadeira? Depois de deixar Coburn pegar sua “faca mágica”?

Ele deu um leve sorriso para ela, mas aparentemente tinha alguma coisa a dizer.

– Você tentou explicar seus motivos, mas eu não quis ouvir. Eu descartei suas razões.

– Era muita coisa para assimilar.

– Era sim, mas o meu pedido de desculpas vai além do que aconteceu nos últimos dias. Desde que Eddie morreu – disse ele, constrangido –, eu a venho mantendo no meu controle cerrado. Não. Não tente negar isso, se nós dois sabemos que é verdade. Eu tinha medo de que você encontrasse um homem, se apaixonasse por ele, casasse e eu fosse alijado de suas vidas. Da sua vida e da vida de Emily.

– Isso nunca teria acontecido, Stan – disse ela, amavelmente. – Você é nossa família. Emily tem paixão por você. Eu também.

– Obrigado por isso – disse ele, a voz rouca.

– Não é só isso que eu estou querendo dizer. Honestamente, eu não sei o que teria feito sem o seu apoio nesses dois últimos anos. Você sempre esteve presente, e eu nunca fui capaz de lhe agradecer o bastante por tudo que você tem feito por nós.

– Eu tenho a tendência a ser um pouco autoritário demais.

Ela sorriu e disse, a voz baixa: – Às vezes.

– Fiz uns comentários maldosos antes sobre sua vida pessoal. Desculpe.

– Eu sei que você ficou ofendido em pensar em mim e Coburn juntos.

– Como você disse, não é absolutamente da minha conta...

– Não, deixe-me terminar. Ocorreu-me que Eddie sabia que a tatuagem só seria descoberta por um amante. Quem mais a teria visto? Ele confiou em mim, para que eu escolhesse acertadamente quem seria esse homem. Eddie sabia que teria que ser um homem íntegro, ou eu não teria intimidade com ele.

Ela fez uma pausa antes de continuar. – Eu amava Eddie. Você sabe disso, Stan. Ele continuará guardado no meu coração até o meu último suspiro. Mas... – Ela pegou a mão dele e apertou-a suavemente, acrescentando: – Mas ele não pode ser colocado num relicário. Eu tenho que deixar isso para trás e seguir em frente. E você também.

Ele balançou a cabeça, mas possivelmente não confiou em si mesmo para dizer algo. Seus olhos estavam visivelmente úmidos. Honor ficou agradecida pela sua forte presença. Ela ainda segurava a mão dele, quando o subxerife se aproximou.

– É sua amiga, a sra. Shirah? A polícia atendeu ao seu chamado para o 911. Eles chegaram e a encontraram sozinha na casa. Tinha sido baleada na cabeça.

– O quê? Oh, meu Deus!

Ele fez um pequeno gesto com a mão.

– Ela foi submetida a uma cirurgia para a retirada da bala. Eu falei com um amigo dela, um homem chamado Bonnell Wallace, que está lá com ela. O estado dela é grave, mas estável. O cirurgião disse ao sr. Wallace que a bala parece não ter causado danos irreparáveis. Ele está cauteloso, naturalmente, mas previu uma recuperação total para a sua amiga.

Fraca e aliviada, Honor descansou a cabeça no ombro de Stan.

– Graças a Deus.

– O sr. Wallace me deu o número do celular dele. Disse para telefonar para ele quando quiser. Há muita coisa que ele quer lhe dizer, e muita coisa que quer ouvir. Mas ele quer que a senhora saiba que a sra. Shirah o reconheceu e que trocaram algumas palavras. A primeira preocupação dela foi com a senhora e Emily. Ele disse a ela que as duas tinham sido resgatadas e estavam em segurança.

– Vou telefonar para ele logo. O senhor ouviu alguma notícia sobre a sra. VanAllen?

– Ela está recebendo tratamento, sob vigilância.

– E Coburn? – perguntou ela, a voz rouca. – O senhor sabe de alguma coisa?

– Acho que não – replicou Crawford. – Tenho certeza de que Hamilton entrará em contato conosco assim que houver alguma notícia.

A espera pareceu interminável, mas foi atenuada depois que o pediatra que examinara Emily chegou com boas novidades. Ele confirmou que a menina ingerira uma dose excessiva de anti-histamínico.

– Vou colocá-la num quarto e deixar que durma até a droga se esvair. Vai ser monitorada. Mas não deve sofrer nenhum efeito duradouro. – Ele tocou o braço de Honor, transmitindo confiança. – Não vi sinal nenhum indicando que ela tenha sido machucada, de qualquer modo que seja.

Deixaram que ela e Stan acompanhassem a menina ao ser transferida para um quarto particular. Ela parecia pequena e indefesa deitada ali naquela cama de hospital, mas, comparando com o que poderia ter acontecido, Honor estava agradecida pelo simples fato da filha estar lá.

Ela estava inclinada sobre Emily, tocando seu cabelo, adorando sentir a menina, quando Stan chamou-a pelo nome, em voz baixa. Ela se levantou e se virou.

Hamilton estava parado bem na porta do quarto. Olhando para ele, firmemente, ela foi até lá. – Eu achei que eu mesmo deveria contar-lhe.

– Não – gemeu ela. – Não. Não.

– Sinto muito – disse ele. – Coburn não resistiu.

Epílogo

S eis semanas mais tarde.

— *Você parece surpreendido, sr. Hamilton. Tom nunca disse para o senhor que eu sou muito inteligente? Não? Bem, eu sou. A maioria das pessoas não sabe, mas, antes do nascimento de Lanny, quando me tornei uma virtual prisioneira na minha própria casa, eu tinha um futuro brilhante, atuando na consultoria de negócios e planejamento financeiro. Todos os meus planos de carreira tiveram que ser abandonados. Depois, há alguns anos, quando eu já esgotara minha capacidade de viver uma vida à sombra, decidi aplicar meu know-how em outro campo, bem, outro campo de empreendimento.*

— *E eu estava numa posição perfeita para fazê-lo. Quem suspeitaria da pobre Janice VanAllen, mãe de uma criança com graves deficiências e esposa de um homem carecendo totalmente de autoconfiança e ambição para iniciar e dirigir uma organização tão bem-sucedida quanto a minha?”*

Aqui, ela riu.

— *Ironicamente foi Tom que, na realidade, teve a ideia. Ele falava muito do tráfico ilegal, dos lucros ilimitados a serem auferidos, das tentativas fúteis do governo para estancar a maré que crescia. Na maioria das vezes, ele falava sobre os “intermediários”, cujo risco de serem presos é limitado porque geralmente se escondem atrás de uma cortina de respeitabilidade. Aquilo me pareceu muito inteligente e atraente.*

— *Tom era uma fonte não controlada e insuspeitada de informação. Eu fazia perguntas, ele me dava as respostas. Ele me explicava como os criminosos são apanhados. Tudo que eu precisava fazer era chegar aos homens que prendiam os criminosos e, por meio de gente como Fred e Doral Hawkins, oferecer-lhes uma atraente soma para virarem o rosto para o outro lado.*

— *Os contrabandistas me pagavam para lhes fornecer proteção. E aqueles que não concordavam não viviam para se arrepender. A maioria deles está presa. Não podiam me*

denunciar para obter os benefícios da delação premiada porque ninguém sabia quem eu era, pois sempre havia “amortecedores” humanos entre nós.

“Basta dizer, sr. Hamilton, que minha pequena indústria doméstica se ampliou e se tornou extremamente lucrativa. Eu não tinha, virtualmente, despesas fixas, a não ser as contas de meus telefones celulares. Doral e Fred distribuía as quantias uma semana sim, outra não, ou quando Tom estivesse trabalhando.

“Eu pagava bem a meus empregados, mas, mesmo assim, os lucros superaram minhas expectativas. Isso era importante. O senhor vê, eu tinha que economizar para o dia em que Lanny não constituísse mais um empecilho. Depois que ele morresse, eu não estava disposta a continuar com o negócio. Eu terminaria com aquela casa, com Tom, com a vida que levava. Eu gozaria de uma aposentadoria fácil e luxuosa. Eu nunca reclamei de Lanny, mas me ressentia de ter que trocar-lhe as fraldas, das refeições que tinha de injetar-lhe no estômago, dos cateteres...

“Bem, o senhor não precisa ficar ouvindo tudo isso. O senhor quer saber sobre o Contador. Escolha inteligente do nome, o senhor não acha? De qualquer modo, milhões de dólares me esperavam nos bancos, distribuídos por todo o mundo. É espantoso o que se pode fazer via internet.

“Mas então surgiu Lee Coburn, e eu precisei acelerar o passo para fugir do país. Lanny...” Nesse momento a voz dela ficou espessa. “Lanny nunca teria percebido a diferença. Não é como se ele fosse ter saudades de mim, não é? Em troca de eu me declarar culpada, o senhor jura que o colocará na melhor instituição do país?”

– Eu lhe dou a minha palavra de honra que farei isso!

– E que ele ficará com a pensão do Tom?

– Cada centavo servirá para pagar os cuidados com o filho dele.

– Tom iria querer isso. Ele era devotado a Lanny. Muitas vezes, eu invejava a sua capacidade de amar o filho de uma maneira que eu tentava, mas...

Depois de uma pequena pausa, ela disse: – Aquela coisa de sexo...aquela não era eu. Eu quero que o senhor saiba que eu acho isso nojento. Era simplesmente um meio de comunicação codificado. Eu não mandaria para Doral ou Fred Hawkins um texto indecente. Meu Deus. Por favor. Não, aquele era apenas um meio de explicar toda aquela atividade telefônica, no caso de Tom levantar suspeitas. O senhor compreende?

– Compreendo – replicou Hamilton, sem emoção. – Você não teve nenhum remorso em matar Tom?

– É claro que tive! Foi a coisa mais difícil que eu precisei fazer como o Contador. Doral tentou me convencer a não fazê-lo, mas simplesmente não havia outro meio. Além disso, eu fiz um favor a Tom. Ele era muito infeliz. Até mesmo mais do que eu. Estava aprisionado

ao trabalho, da mesma forma que eu, em casa. Ele não era bom no trabalho. Vocês todos deviam saber disso, sr. Hamilton. Vocês contribuíram para a infelicidade dele. Ele sabia que nunca conseguiria alcançar o que o senhor esperava dele.

– Eu achei que Tom tinha potencial e que apenas lhe faltava confiança para realizar aquele potencial. Eu achei que com a minha orientação e encorajamento...

– Na verdade, essas são alegações de fachada, não são, sr. Hamilton?

– Acho que sim.

– Me dói falar sobre ele. Eu fiquei triste com sua morte. Honestamente, fiquei. Mas, dessa forma, Tom morreu com honra. Até mesmo com um pouco de heroísmo. Eu acho que ele teria preferido isso a morrer na obscuridade.

Depois de uma pausa, ela disse: – Eu acho que isso é tudo. O senhor quer que eu assine alguma coisa?

Hamilton estendeu a mão por sobre a mesa e apertou um botão para parar a gravação.

Honor e Stan, que tinham sido convidados pelo escritório de Nova Orleans para ouvir a gravação com a confissão de Janice VanAllen, permaneceram imóveis todo o tempo, espantados com a calma com que ela confessara seus crimes para Hamilton, alguns dias antes.

– Ela mandou matar Eddie – disse Honor, a voz baixa.

– Bem como muitas outras pessoas – disse Hamilton. – Baseados nas informações contidas naquele pendrive, nós estamos fazendo muito progresso nas investigações. Mas – disse ele, com um suspiro –, como eu disse, é quase um esforço vão. Os criminosos estão se multiplicando a uma velocidade muito mais rápida do que aquela com que os prendemos. Mas vamos continuar trabalhando.

– Não há nada naquele arquivo que comprometa Eddie – asseverou Stan. – E ninguém foi mais ludibriado do que eu pelos gêmeos Hawkins. Sim, eu usei Doral para conseguir informações, sabendo que ele tinha informantes no departamento de polícia, mas nunca tive a menor suspeita do que eles estavam fazendo. Eu fui fiel ao meu currículo. Pode checar.

– Já fiz isso – disse Hamilton, dando-lhe um sorriso de compreensão. – O senhor está completamente limpo. E nada naquele arquivo implica o seu filho na participação de malfeitos. De acordo com o superintendente do departamento de polícia de Tambour, que eu acho ser um homem honesto, Eddie se ofereceu para fazer um trabalho secreto de investigação. É possível que ele tenha percebido alguma coisa errada ao fazer trabalho noturno na empresa de Marset.

“De qualquer modo, o superintendente concordou, mas quando Eddie foi morto, ele não ligou o acidente de carro com aquela investigação, que, segundo ele, não produzira nenhuma prova. Eddie tinha deixado essas provas com você”, disse ele diretamente a Honor.

Ela lançou um olhar para o sogro, depois colocou a mão no braço dele e o apertou. Depois, ela balançou a cabeça na direção do gravador. – Quanto tempo depois da gravação a senhora VanAllen foi...

– Foi morta? – perguntou Hamilton.

Honor balançou a cabeça.

– Minutos depois. O advogado dela insistiu em que o depoimento fosse feito numa sala particular no centro de reabilitação onde ela fazia fisioterapia por causa do ferimento no tornozelo. Havia dois guardas na porta. Ela estava numa cadeira de rodas. Eu e outro agente seguíamos cada um de um lado. O advogado empurrava a cadeira.

“Quando saímos da sala para levá-la para seu quarto, um jovem apareceu como que do nada. Cortou o rosto do guarda com uma navalha reta, num ferimento profundo. O outro agente do FBI estava tentando sacar a arma quando o jovem cortou-lhe a garganta. O agente morreu uns poucos minutos depois.

“Janice VanAllen recebeu um corte rápido, mas cruel. A navalha seccionou seu pescoço até quase a coluna vertebral, e de orelha a orelha. Foi uma morte terrível. Ela teve tempo de perceber que estava morrendo. O jovem, no entanto, morreu instantaneamente, quando recebeu um tiro fatal.”

Havia sido noticiado que Hamilton o baleara duas vezes no peito e uma na cabeça.

– Foi uma missão suicida – disse Hamilton. – Ele sabia que não haveria meio de escapar. Eu não tive alternativa.

– O jovem foi identificado?

– Não. Não tinha identidade, nem qualquer informação sobre ele. Ninguém se apresentou para reclamar o corpo. Nós não sabemos qual era sua ligação com o Contador. Tudo que temos é sua navalha reta e um crucifixo de prata numa correntinha.

Depois de um momento em silêncio, Hamilton levantou-se, indicando que a reunião terminara. Ele apertou as mãos de Stan. Depois, ele pegou a mão de Honor entre as suas. – Como vai sua filha?

– Vai bem. Ela não se lembra de nada que aconteceu naquela noite, graças a Deus. Fala constantemente sobre Coburn e quer saber para onde ele foi. – Depois de um silêncio constrangedor, ela continuou: – E Tori recebeu alta do hospital. Nós já a

visitamos duas vezes. Ela está sendo atendida por enfermeiras particulares na casa do sr. Wallace.

– Como vai ela?

– Está levando as enfermeiras à loucura – disse Stan, secamente.

– Está mesmo – disse Honor, rindo. – Ela vai ficar bem, o que é um milagre. Pela primeira vez na vida, Doral não atingiu seu alvo.

– Fico contente em saber que ambas se recuperaram – disse Hamilton. – E eu elogio a senhora pelas numerosas vezes em que mostrou incrível coragem e força.

– Obrigada.

– Cuide-se bem e também de sua filha.

– Vou fazer isso.

– Obrigado por ter vindo até aqui hoje.

– Nós agradecemos o convite – disse Stan. Ele se virou e foi andando para a porta.

Honor ficou para trás, os olhos fixos nos de Hamilton. – Logo vou ter com você, Stan. Me dê um minuto, por favor.

Ele saiu da sala e quando ela ouviu a porta fechar atrás dele, disse: – Onde ele está?

– Desculpe?

– Não se faça de bobo, sr. Hamilton. Onde está Coburn?

– Não tenho certeza a que a senhora está se referindo.

– Não sabe, porra nenhuma.

– A senhora deseja saber onde ele foi enterrado? Não foi. O corpo foi cremado.

– O senhor está mentindo. Ele não morreu.

Ele suspirou. – Sra. Gillette, eu sei como a senhora ficou triste...

– Não fale comigo como se eu não fosse mais velha do que Emily. Até mesmo ela percebe a sua mentira. Onde ele está? – repetiu ela, enfatizando cada palavra.

Ele vacilou por alguns instantes, depois ofereceu-lhe a cadeira que ela ocupava antes, e tomou seu lugar atrás da mesa.

– Ele me disse que, se você viesse a perguntar...

– Ele *sabia* que eu perguntaria.

– Ele me ordenou não contar à senhora que ele sobrevivera. De fato, ele me ameaçou me atacar fisicamente se eu não lhe dissesse que ele morrera. Mas também me fez jurar que, se a senhora viesse a duvidar da informação, eu deveria lhe dar isso.

Abrindo a gaveta do seu lado da mesa, ele retirou um envelope branco simples. Hesitou, durante o que pareceu a Honor uma eternidade antes de deslizá-lo por cima da mesa na direção dela. O coração de Honor batia tão forte e rápido que ela quase não conseguia respirar. As mãos ficaram geladas e úmidas, de modo que seus dedos

escorregavam enquanto introduzia o polegar debaixo da aba e abria o envelope. Dentro havia apenas uma folha de papel dobrada com uma única linha escrita à mão, com rabiscos bem nítidos.

Aquilo significou bastante para mim.

Um sopro de ar escapou dos lábios dela. Fechou os olhos com força e apertou a folha de papel contra o peito. Quando abriu os olhos, eles estavam molhados de lágrimas.

– Onde ele está?

– Sra. Gillette, ouça meu conselho e compreenda que eu o estou dando com a verdadeira preocupação pela senhora e sua filha. Coburn...

– Diga onde ele está.

– Vocês dois passaram por uma terrível provação juntos. É natural que a senhora tenha se afeiçoado emocionalmente a ele, mas esse relacionamento nunca iria funcionar.

– Onde ele está?

– A senhora estaria apenas se expondo a um grande sofrimento.

Ela se levantou, plantou as palmas abertas em cima da mesa, e inclinou-se até ficar a centímetros dele.

– ONDE ESTÁ ELE?

Ele viera ao aeroporto todo dia, durante as duas últimas semanas desde que pôde deixar a cama mais do que uns poucos minutos de cada vez. Na terceira vez que fora observado perambulando pela área de resgate das bagagens, um segurança o encurralara e lhe perguntara o que fazia por ali.

Ele mostrara seu distintivo ao cara. Embora não se parecesse muito com a fotografia – agora, estava um bocado mais pálido, quase dez quilos mais magro e seu cabelo estava mais comprido e mais desgrenhado –, o cara pôde ver que, realmente, se tratava dele. Ele inventou uma história fantasiosa sobre estar trabalhando como agente infiltrado, e disse que se o cara não caísse fora e o deixasse em paz, seu disfarce iria para o espaço, e então o cara iria se dar mal por ter estragado a operação.

Desse momento em diante, eles o deixaram em paz.

Ainda usava uma bengala, mas calculou que, com sorte, largaria a maldita coisa dentro de uma semana, mais ou menos. Naquela manhã, ele conseguira ir do seu quarto de dormir até a cozinha sem ela. Mas ainda não tinha confiança para caminhar até a área de resgate das bagagens, onde as pessoas eram conhecidas por agarrar suas valises e partirem correndo para os balcões onde se alugavam carros, abraçando com

alarido parentes que chegavam, ou simplesmente não prestando atenção enquanto andavam. Depois de tudo por que passara, ele não queria ser atropelado por um civil.

Mesmo com a bengala, ele estava suando no momento em que alcançou o banco no qual costumeiramente ficava sentado esperando a chegada do avião de Dallas, porque, se você estivesse viajando de Nova Orleans para Jackson Hole, com toda a probabilidade seu itinerário o levaria ao aeroporto daquela cidade.

O banco lhe permitia ver os passageiros saindo do saguão. Xingou a si próprio por estar fazendo papel de bobo. Provavelmente ela acreditara na mentira de Hamilton, que sabia ser bem convincente. Lee Coburn estava morto para ela. Fim de papo.

Um dia, num futuro distante, ela estaria com seus netos pulando nos joelhos e lhes contaria sobre a aventura que certa vez tivera com um agente do FBI. Emily guardaria uma vaga lembrança do que acontecera, mas isso era duvidoso. Quanto uma criança de quatro anos se lembra? Provavelmente, ela já terá se esquecido dele.

Ao contar sua história para os netos, Honor provavelmente omitiria a parte em que fizeram amor. Ela podia ou não mostrar-lhes a tatuagem... se ela já não tivesse mandado apagar.

E, mesmo se ela tivesse posto em dúvida sua morte e recebesse seu bilhete, talvez não tivesse captado a mensagem. Talvez nem mesmo lembrasse que, enquanto faziam amor, ele disse: “Ponha suas mãos em mim. Vamos fingir que isso significa alguma coisa importante.”

Se tivesse que repetir tudo, ele provavelmente diria mais coisas. Deixaria claro para ela que aquilo significava alguma coisa importante, ou ele não se importaria se as mãos dela estivessem sobre ele ou não. Se houvesse outra oportunidade, ele lhe diria...

Diabo, ele não teria que dizer nada a ela. Ela simplesmente saberia. Ela olharia para ele daquele jeito, e ele saberia que ela sabia como ele se sentia. Exatamente igual a como se sentiu quando lhe contou sobre ter sido obrigado a matar o cavalo chamado Poeirento.

Qual era o nome?

Eu esqueci.

Não, não esqueceu.

Sem precisar que ele pusesse aquilo em palavras, ela saberia que o dia em que ele precisou abater o cavalo fora o pior dia de suas lembranças. Toda a matança que viera depois não o afetara tanto quanto aquela morte. E Honor sabia disso.

Pensar nela, nos olhos, na boca, no corpo, trouxe-lhe uma sensação de dor. Era uma dor muito mais profunda até do que aquela que sentia na barriga, onde fora suturado com bastante perícia para evitar que se esvaísse inteiramente em sangue, e

prevenir contra o risco de ter uma hemorragia interna no intestino por qualquer esforço, durante pelo menos seis meses.

Tomava fortes analgésicos à noite para conseguir adormecer, mas não havia nada que fizesse passar a dor de desejar Honor, de querer tocá-la, prová-la, senti-la contra seu próprio corpo, dormir com a mão dela sobre seu coração.

E, mesmo se ela tivesse entendido o que ele tentara dizer naquele bilhete enigmático, será que ia querer estar com ele? Ia querer Emily junto dele 24 horas, sete dias por semana? Ia querer sua meninazinha influenciada por um homem como ele, que conhecia as táticas de guerrilha, sabia como matar com as mãos nuas, mas que não conhecia sequer os brinquedos favoritos da menina?

Para esquecer tudo isso, ela teria que ver algo nele que talvez nem ele mesmo soubesse que tinha. Teria mesmo que o querer. Teria que amá-lo.

O sistema de alto-falantes estalou, arrancando-o do devaneio. A chegada do 757 que vinha diariamente de Dallas foi anunciada. Suas entranhas estavam bem costuradas, apertadas, mas isso não evitava que se mexessem. Ele enxugou as palmas úmidas nas pernas da calça jeans e se levantou sem muita firmeza, apoiando-se fortemente na bengala.

Pensou que era masoquismo permitir-se passar por aquela tortura, dia após dia.

Tensionou o corpo para a decepção de ter que voltar para casa sozinho.

Tensionou o corpo para uma felicidade que nunca conhecera na vida.

E ficou vigiando a porta por onde elas passariam.

Agradecimentos

Os telefones celulares tornaram quase impossível que uma pessoa desapareça. Isso é bom se alguém se perde numa região inóspita e precisa ser resgatado. Mas é ruim se você é um escritor de ficção tentando evitar que seus protagonistas sejam encontrados.

É por isso que quero agradecer a John Casbon, que me forneceu informações que se mostraram inestimáveis. Enquanto escrevo isso, a tecnologia nesse romance reflete o estado da arte. Isso não quer dizer que não estará obsoleta amanhã. Nessa indústria, os progressos são diários. Assim, se na época em que você estiver lendo este livro, a tecnologia já estiver totalmente ultrapassada, por favor, não seja tão rigoroso comigo. Fiz o melhor que pude, chegando até a comprar meu próprio aparelho apenas para testar o que eu podia e não podia fazer com ele.

Também desejo agradecer ao meu amigo Finley Merry, que, em mais de uma ocasião, me indicou alguém que pudesse me ajudar e fornecer informações. Se não fosse por ele, eu não teria encontrado o sr. Casbon, que veio a ser conhecido como o “meu cara do telefone”.

Obrigado a ambos.

Sandra Brown

Título original

LETHAL

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora, foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com acontecimentos reais, localidades ou pessoas, vivas ou não, é coincidência.

Primeira publicação nos EUA por Grand Central Publishing, Nova York.

Copyright © 2011 by Sandra Brown Mangement, Ltd.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com
Maria Carvainis Agency, Inc e Agência Literária Riff Ltda.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
Y. A. FIGUEIREDO

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub

ANNA EMÍLIA SOARES

Edição digital: fevereiro, 2019.

B897L

Brown, Sandra

Letal [recurso eletrônico] / Sandra Brown ; tradução Sergio Moraes Rego. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2019.

recurso digital

Tradução de: Lethal

ISBN 978-85-8122-761-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Ficção suspense. 3. Livros eletrônicos. I. Rego, Sergio Moraes. II. Título.

18-53402

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A Autora



SANDRA BROWN, autora americana campeã de vendas do *New York Times*, tem sua obra traduzida em mais de 30 idiomas. Recebeu importantes prêmios literários e, desde seu primeiro romance, em 1981, escreveu mais de 70 livros, entre os quais *A troca*, *Inveja*, *O álibi*, *Obsessão*, *Tiro indireto*. Todos publicados pela Rocco. A autora vive com o marido em Arlington, no Texas.

SANDRA BROWN

Uma cliente inesperada



ROCCO EDITORE

Uma cliente inesperada

Brown, Sandra

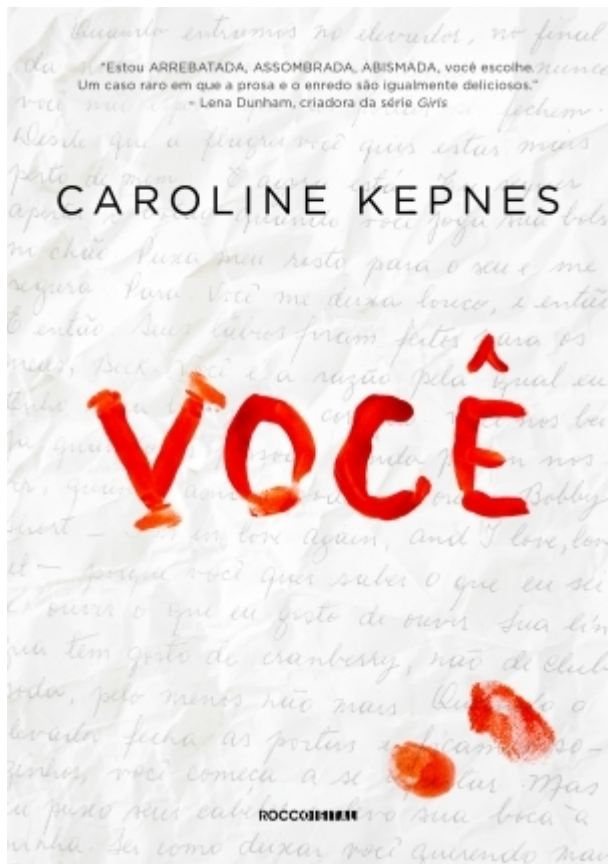
9788581222219

432 páginas

[Compre agora e leia](#)

Colegas, amigos e namoradas conhecem Dodge Hanley como um detetive particular que não deixa que as regras o atrapalhem, tanto na vida pessoal como na profissional. Se parte um coração ou se distorce a lei para pegar um criminoso, faz isso sem hesitar e sem se desculpar. Por isso ele é a primeira pessoa a quem Caroline King - que depois de uma separação de trinta anos continua a povoar os sonhos dele - pede ajuda quando um desequilibrado tenta assassinar a filha deles... a filha que Dodge nunca viu. Ele tem muitas desculpas amarguradas para não atender ao pedido dela, e um motivo muito forte para largar tudo e pegar um avião para o Texas: sentimento de culpa. A cabeça de Dodge pode ser uma névoa de lembranças perturbadoras e decisões erradas, mas ele chega em Houston sabendo com clareza absoluta que sua filha, Berry, está em perigo, sendo ameaçada de morte por um ex-colega de trabalho, para quem ela se tornou objeto de desejo. Dodge une forças com o delegado local Ski Nyland, mas a situação piora quando o louco começa a fazer outras vítimas e deixa um tenebroso rastro de pistas enquanto pavimenta seu caminho até Berry. Sentindo que o assassino está se aproximando, Dodge, que sobreviveu aos piores criminosos e aos próprios impulsos autodestrutivos, descobre que está enfrentando a batalha da sua vida. Da aclamada escritora de bestsellers Sandra Brown, autora com mais de 70 milhões de exemplares vendidos, Uma cliente inesperada é uma história emocionante sobre obsessão e assassinato, a natureza frágil dos relacionamentos e segundas chances.

[Compre agora e leia](#)



Você

Kepnes, Caroline

9788581227221

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando uma aspirante a escritora linda e atraente entra na livraria do East Village onde Joe Goldberg trabalha, ele faz o que (quase) qualquer pessoa interessada faria: pesquisa no Google o nome que consta em seu cartão de crédito. Para a sorte de Joe, existe apenas uma Guinevere Beck na cidade de Nova York, e ela posta incessantemente nas redes sociais tudo o que ele precisa saber: que ela é apenas Beck para os amigos, que frequentou a Brown University, mora na Bank Street e estará em um bar no Brooklyn esta noite - o lugar perfeito para um encontro ao acaso. Ela ainda não sabe, mas é a mulher perfeita para Joe. E quando Joe começa a orquestrar obsessivamente uma série de eventos para garantir que Beck caia em seus braços, ela acaba não resistindo às suas investidas. Passando do papel de stalker para namorado, Joe transforma-se no homem perfeito para Beck, ao mesmo tempo em que remove sorrateiramente todos os obstáculos no caminho dos dois. Mas também há muito mais em Beck do que sua fachada perfeita, e o relacionamento mutuamente obsessivo do casal rapidamente se desdobra em um turbilhão de consequências mortais. Um relato devastador de uma farsa implacável, Você é um suspense arrebatador sobre vulnerabilidade e manipulação na era das redes sociais, capaz de provar que o amor também pode ferir. E muito.

[Compre agora e leia](#)

ROCCONIAN

LUIZA TRIGO



AS VALENTINAS

• UMA HISTÓRIA DE MEUS 15 ANOS •

As Valentinas

Trigo, Luiza

9788581223926

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

Bia é uma menina de catorze anos que detesta o dia dos namorados. Ela implica com a data, diz que é apenas um dia comercial, sem nenhuma razão histórica para existir, uma desculpa para se comprar presentes. Porém, Bia, no fundo, não gosta desse dia apenas porque nunca teve um namorado para comemorar a data. Ela e suas amigas são as nerds da escola e acham que nunca irão namorar. No dia dos namorados ela acorda de mau humor e TPM, mas ainda assim decide fazer uma surpresa romântica para seus pais: preparar, com a ajuda da melhor amiga, uma jantar para os dois, com direito à decoração romântica. Na ida para o colégio ela é surpreendida por seu melhor amigo, Bruno, que a entrega uma rosa de presente. Ela fica irritada com a provocação e eles discutem sobre a irritação dela. Bia explica por que gosta do Dia de São Valentim e conta a história do santo. Ela não vê sentido em comemorar o dia dos namorados, mas gosta do Dia de São Valentim. Na escola, Bia e suas melhores amigas – Amanda, Priscila, Carol e Roberta – decidem afogar as mágoas do dia dos namorados fazendo uma "noite das solteiras". Ou seja, passar a noite juntas jogando jogos, comendo muitos doces e conversando. As meninas se reúnem, se divertem, falam de garotos e acabam conversando sobre a festa de 15 anos de Bia, que será realizada dentro de um mês. Todas querem saber os detalhes da grande festa, mas Bia mantém segredo e vai dormir feliz e de bom humor por ter a amizade de suas "valentinas".

[Compre agora e leia](#)

A CAIXINHA MÁGICA

Luiza Trigo



ROCCOSENAR

A caixinha mágica

Trigo, Luiza

9788581223285

23 páginas

[Compre agora e leia](#)

Priscila tem uma vida bem diferente de todas as outras meninas de sua idade. Quando mais nova, perdeu os pais e passou a viver em um orfanato, afastada de tudo e todos com quem teve contato um dia. Mas aos doze anos, na noite de Natal, uma surpresa muda a sua vida e a maneira de lembrar o passado e de imaginar o futuro, fazendo-a ser ainda mais especial. O que será que aconteceu naquele Natal? A caixinha mágica é um conto especial da autora Luiza Trigo que traz fantasia e diversão; assim como todo Natal deve ser.

[Compre agora e leia](#)

THALITA REBOUÇAS

FIQUEI COM UM FAMOSO



ROCCO

Fiquei com um famoso

Rebouças, Thalita

9788581224954

22 páginas

[Compre agora e leia](#)

A história é narrada por Camila Fernanda, fã ardorosa de uma banda adolescente que teve sucesso fulminante, mesma banda que protagoniza a história do livro 360 dias de sucesso. Camila Fernanda acompanhou toda a história da banda, desde o primeiro clipe, assistiu a inúmeros shows e conheceu seus ídolos pela internet e também ao vivo. Apaixonada por Pedro, o guitarrista, Camila realiza o sonho de ficar com ele. No entanto, esse sonho trará muita dor de cabeça para ela e para Pedro, que namora Babi.

[Compre agora e leia](#)